



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro Biomédico
Instituto de Medicina Social

Angélica Valentina Motta Ochoa

Sexualidade e gênero na Amazônia urbana do Peru

Rio de Janeiro

2010

Angélica Valentina Motta Ochoa

Sexualidade e gênero na Amazônia urbana do Peru

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Luiza Heilborn

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CBC

M921 Motta Ochoa, Angélica Valentina.
Sexualidade e gênero na Amazônia urbana no Peru /
Angélica Valentina Motta Ochoa. – 2010.
199f.

Orientadora: Maria Luiza Heilborn.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Mulheres – Comportamento sexual – Peru – Teses. 2.
Sexo – Peru – Teses. 3. Sexo – Amazônia – Teses. 4. Mulheres da
cidade – Peru – Teses. 5. Sociologia urbana – Peru – Teses. I.
Heilborn, Maria Luiza. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 159.922.1-055.2(85)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Angélica Valentina Motta Ochoa

Sexualidade e gênero na Amazônia urbana do Peru

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde

Aprovada em 4 de maio de 2010

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Luiza Heilborn (Orientadora)
Instituto de Medicina Social / UERJ

Prof.^a Dra. Maria Claudia Coelho
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / UERJ

Prof. Dr. Sergio Carrara
Instituto de Medicina Social / UERJ

Prof.^a Dra. Adriana Vianna
Museu Nacional / UFRJ

Prof.^a Dra. Myriam Moraes Lins de Barros
Escola de Serviço Social / UFRJ

Rio de Janeiro
2010

AGRADECIMENTOS

A Maria Luiza Heilborn, minha orientadora nesta empreitada. Por sua confiança, guia acertada, cruciais sugestões ao longo da elaboração desta tese e por ter possibilitado minha imersão em um novo mundo acadêmico, com inteligência e hospitalidade. Agradeço especialmente seu suporte, ao lidar com múltiplos desafios – em diversas frentes – envolvidos no caminho de levar a cabo uma pesquisa com idas e vindas entre Peru e Brasil. Este apoio generoso é merecedor de meu especial apreço e gratidão, pois está situado além de suas responsabilidades acadêmicas de orientadora.

Tive uma oportunidade rara de contar com duas qualificações, prática que ainda não é usual no Instituto de Medicina Social: uma prévia ao meu trabalho de campo e outra posterior, já com os dados parcialmente elaborados. Agradeço aos professores Sérgio Carrara, Adriana Vianna e Maria Claudia Coelho, integrantes da banca de ambas qualificações por seus comentários iluminadores em momentos chave do processo de elaboração do projeto de pesquisa e do texto aqui apresentado. Além disso, minha gratidão a eles, por sua participação como membros da banca de defesa, assim como à professora Myriam Lins de Barros. Meu reconhecimento à professora Fabíola Rohden, por ter participado da minha primeira qualificação, com valiosos aportes.

Aos professores das disciplinas que cursei no doutorado no PPGSC/IMS/UERJ, pela oportunidade de convívio acadêmico e pelas reflexões promovidas, aspectos fundamentais na formação de um pesquisador.

À CAPES, pelo apoio financeiro indispensável para a viabilidade de meus estudos de doutorado.

Ao Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM), pelo amplo suporte institucional e pelas oportunidades oferecidas. Agradeço especialmente aos coordenadores do projeto HEXCA (Heterossexualidades, Contracepção e Aborto: Colômbia, Argentina e Brasil) e do diagnóstico e mapeamento de direitos e políticas sexuais no Peru: Maria Luiza Heilborn e Sergio Carrara, respectivamente, pela possibilidade de participação nestas investigações e pelos valiosos aprendizados. Aos colegas com quem compartilhei essas experiências, em especial: Rachel Aisengart, Cristiane Cabral, Elaine Reis Brandão, Fabíola Cordeiro, Horacio Sívori e Maria Elvira Diaz Benitez. Minha gratidão a todos que integram a secretaria do CLAM, destaco especialmente o apoio de Jacqueline Costa, que auxiliou minha vida acadêmica em todas as providências administrativas necessárias, com paciência, dedicação e inextinguível boa vontade.

Aos funcionários da secretaria acadêmica do PPGSC do IMS/UERJ, em especial à Márcia Cristina Fernandez, pelo suporte institucional. Também agradeço a ajuda dos funcionários da biblioteca do IMS/UERJ.

Aos novos amigos em minha estada no Brasil: Maria José Freire, Laura Vescina, Ole Stapelfeld, Ana Paula Cavalcante, entre outros, pelo carinho e amizade que

constituíram um suporte crucial para a realização deste projeto em um país diferente do meu. Entre os amigos, quero destacar com especial gratidão, Livi Faro que, além da amizade e carinho, me acolheu com hospitalidade em sua casa, sempre que precisei.

À Julia Martinez, Verita Ramos, Liz Carol Panduro e Alicia Hidalgo, amigas e guias na difícil tarefa de instalação no campo. Elas facilitaram o contato com a maioria das mulheres amazônicas participantes deste estudo. Um especial reconhecimento a Julia, que cuidou de mim quando estive doente.

Aos membros das ONGs *Manuela Ramos*, em Pucallpa e *Restinga*, em Iquitos, por compartilharem suas experiências e proporcionarem contatos com possíveis informantes.

A todas as mulheres participantes deste estudo que, com honestidade e generosidade, compartilharam suas experiências comigo.

Aos meus pais, por seu carinho e suporte ao longo deste processo, como sempre.

A Philipp, porque com amor, paciência e generosidade, esteve sempre presente em tudo que precisei, que foi muito.

Peço desculpas por possíveis omissões a tantas pessoas que me ajudaram no caminho de elaborar esta tese: a todas elas, minha gratidão.

RESUMO

MOTTA, Angélica. *Sexualidade e gênero na Amazônia urbana do Peru*. 2010. 199f. Tese (Doutorado) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

O tema da sexualidade na região amazônica do Peru tem sido objeto de diversas elaborações discursivas desde os tempos coloniais, destacando-se certas ideias, como intensidade e desordem. Tais concepções sedimentaram-se em representações de ampla difusão e permanência no país, sendo a *charapa ardiente*, representação hipersexualizada da mulher amazônica, a mais paradigmática. A existência desses discursos e a escassez de literatura acadêmica sobre o tema da sexualidade nesta região motivaram esta pesquisa, que objetivou explorar o lugar da sexualidade na construção de si, entre mulheres da Amazônia urbana do Peru. Para tal foi efetuada uma revisão de fontes secundárias, dirigida a rastrear a origem desta representação e sua recriação, na história do país. A seguir, a partir de informações obtidas em entrevistas em profundidade com mulheres da região investigada, foram exploradas suas opiniões acerca desta representação e a maneira como lidam com ela, em circunstâncias concretas da vida cotidiana. Os relatos evidenciaram tanto processos de negação como de reprodução e resignificação, em um jogo complexo e flexível, que varia de acordo com o contexto em que as mulheres se encontram. Por outro lado, foram apreendidas as trajetórias afetivo-sexuais das informantes, por intermédio de entrevistas em profundidade, a partir de indagações sobre diversos temas, como iniciação sexual, infidelidade feminina, valoração da atividade sexual e trocas econômico-sexuais, entre outros. Foram identificados eixos estruturantes da vida sexual destas mulheres. Destaca-se um discurso relacional, que enaltece a reciprocidade como marco da vida sexual e, em segundo plano, comparece também uma retórica fisicalista, que considera a atividade sexual como necessidade corporal. Por fim, o estudo evidenciou um importante papel da sexualidade como recurso feminino, no plano econômico, em estreita articulação com dimensões afetivas e considerações familiares. Trata-se de trocas econômico-sexuais que integram a dinâmica cotidiana de reciprocidade nos vínculos afetivo-sexuais.

Palavras-chave: Sexualidade. Gênero. Amazônia. Peru.

ABSTRACT

Since colonial times, the topic of sexuality in the Peruvian Amazon region has been the object of diverse discursive elaborations in which ideas as intensity and disorder have been highlighted. Those conceptions have crystallized in pervasive and persisting representations all around Peru, being the most paradigmatic the *charapa ardiente* – a hypersexualized representation of the Amazonian women. These ubiquitous discourses and the lack of academic literature about sexuality in the region have motivated this research. Its main objective is to explore the place of sexuality in the construction of personhood, among women of the Peruvian urban Amazon. In order to reach that purpose a review of secondary sources was carried out, where the origin of this representation and its process of recreation through the country's history was tracked. After that, on the basis of information obtained throughout in-depth interviews with Amazonian women, their opinions regarding the representation were explored, and also the ways to cope with it in concrete circumstances of their everyday lives. Their narratives showed processes of denial, as well as reproduction and resignification, in a complex and flexible interplay that vary according to the context. On the other hand, sexual and affective trajectories of these women were also elaborated through the in-depth interviews. Diverse topics were explored: sexual initiation, feminine unfaithfulness, valuation of sexual activity and sexual-economic exchange, among others. On the basis of them, the structuring axes of these women's sexual lives were identified. Among them the most important was a relational discourse that highly values reciprocity as the frame of sexual life. On a secondary level, it was found a rhetoric that considers sexual activity as an important corporeal necessity. Finally, this research evidences an important role of sexuality as a feminine resource, in the economic level, intimately intertwined with affective dimensions and family considerations. It is the realm of sexual-economic exchange that constitutes the ordinary dynamics of reciprocity in relationships between men and women involving sex and affection.

Keywords: Sexuality. Gender. Amazon. Peru.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	“TRÓPICOS LUXURIOSOS” E “MULHERES ARDENTES”: HIPERSEXUALIZAÇÃO DA AMAZÔNIA PERUANA	24
1.1	Introdução	24
1.1.1	<u>As divisões regionais no contexto peruano</u>	24
1.2	A charapa ardiente: origem e vigência desta representação	27
1.2.1	<u>Séculos XVI-XVII: a descoberta do “outro”, entre a fantasia e o espanto</u>	29
1.2.1.1	As Amazonas.....	29
1.2.1.2	Sociedades indígenas: nichos do vício.....	32
1.2.2	<u>Século XVIII: os naturalistas e a degeneração do indígena</u>	33
1.2.3	<u>Século XIX- início do século XX: racismo científico</u>	34
1.2.4	<u>Meados do século XX - século XXI</u>	38
1.3	Sobre “outros” hipersexualizados	41
1.4	A charapa ardiente e seu lugar na nação: ensaio comparativo com a “mulata” brasileira	46
1.5	Reflexões finais	50
2	A CHARAPA ARDIENTE E A SEXUALIDADE AMAZÔNICA: DISCURSOS E EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES DA REGIÃO	52
2.1	Introdução	52
2.2	As mulheres interpelam a representação	53
2.3	Experiências com a representação	64
2.4	Reflexões finais	70
3	SEXUALIDADE E CONSTRUÇÃO DA PESSOA	73
3.1	Introdução	73
3.2	Sexualidade na Amazônia urbana: um olhar sobre as particularidades	74
3.3	Sexualidade e construção da pessoa	76
3.3.1	<u>Individualismo x holismo</u>	78
3.4	Relacionamentos conjugais e familiares em Iquitos e Pucallpa	80
3.4.1	<u>Particularidades regionais</u>	83

3.5	Sexualidade feminina: experiências e reflexões	84
3.5.1	<u>A primeira relação sexual</u>	85
3.5.2	<u>Infidelidade feminina</u>	92
3.5.2.1	Discursos hegemônicos sobre infidelidade / relacionamentos paralelos.	94
3.5.2.2	Discursos alternativos sobre a infidelidade / avaliações situacionais.....	97
3.5.2.3	Experiências de infidelidade feminina.....	99
3.5.3	<u>Importância do sexo</u>	118
3.5.3.1	Discursos relacionais.....	119
3.5.3.2	Discurso fiscalista.....	122
3.6	Reflexões finais	127
4	SEXUALIDADE FEMININA COMO RECURSO: TROCAS ECONÔMICO-SEXUAIS	129
4.1	Introdução	129
4.2	Um olhar transcultural sobre as trocas econômico-sexuais	131
4.3	Troca de dons: algumas aproximações teóricas	137
4.4	Trocas econômico-sexuais em Iquitos e Pucallpa	141
4.4.1	<u>Homem como provedor</u>	141
4.4.2	<u>Trajetórias laborais femininas</u>	145
4.4.3	<u>Significados culturais associados aos aportes masculinos no contexto conjugal</u>	149
4.4.3.1	Para além da transação.....	149
4.4.3.2	Comida: expressão de afeto e lealdade.....	152
4.4.4	<u>Relacionamentos intergeracionais e trocas econômico-sexuais</u>	156
4.4.4.1	O “interesse”.....	156
4.4.4.2	Sexualidade juvenil feminina como recurso negociado pelos pais.....	160
4.5	Reflexão final: para além da prostituição	163
5	CONCLUSÕES	167
	REFERÊNCIAS	177
	GLOSSÁRIO	184
	APÊNDICE A - Perfis das informantes.....	188
	APÊNDICE B - Representações hipersexualizadas de mulheres amazônicas.....	195
	APÊNDICE C - Aguaje.....	199

INTRODUÇÃO

O tema da sexualidade na região amazônica do Peru tem sido objeto de elaborações discursivas nas quais o exótico ocupa um lugar central desde tempos coloniais, destacando-se certas idéias, como intensidade e desordem. Estas concepções se sedimentaram em representações que chamam a atenção por sua ampla difusão e permanência no país, ao longo do tempo. Assim, até hoje, as representações mais comuns sobre a sexualidade na região amazônica oscilam entre a “liberalidade” (no sentido de maior liberdade, espontaneidade e naturalidade – evocando ao “bom selvagem”) e a “libertinagem” (como depravação, falta de civilização e imoralidade).

Este caráter hipersexualizado atribuído à região amazônica se concentra particularmente na sexualidade feminina. Atualmente as mulheres desta região são vistas pelo restante do país como possuidoras de grande voracidade sexual e sensualidade, características que se sintetizam na figura da *charapa ardiente*¹. Trata-se de uma representação social amplamente generalizada a nível nacional e que, dada a moralidade dominante no país – que postula para as mulheres um ideal de modéstia e recato sexual – com frequência sustenta sua desqualificação moral.

O interesse por dialogar com representações tão fortemente difundidas no espaço e tempo, aliado à escassez de pesquisas que aprofundem no tema da sexualidade nesta região motivam o principal objetivo deste estudo: explorar o lugar da sexualidade na construção de si², no caso das mulheres da Amazônia urbana³ do Peru.

¹ *Charapa* é um termo utilizado para designar a pessoa originária da selva, e *ardiente* se refere ao suposto ardor sexual que as caracteriza.

² As reflexões antropológicas, desde o trabalho pioneiro de Marcel Mauss “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do eu” (1974), têm percorrido um extenso caminho no entendimento das ideias sobre “pessoa” / “indivíduo” em diversas sociedades. Nesse sentido, passou a ser consenso na antropologia que tais concepções são produto de processos históricos e culturais particulares e, portanto, podem apresentar grandes diferenças no tempo e no espaço. Tal como explica Louis Dumont (1978), o termo indivíduo comporta duas acepções: uma primeira que se refere à qualidade de representante da espécie humana, realidade empírica por excelência; e a segunda como categoria, valor que constrói a representação mesma da humanidade. Como parte da tarefa antropológica de relativização das categorias, busca-se aqui delinear o lugar da sexualidade para a pessoa, conforme esta é entendida no contexto pesquisado. Este empreendimento segue, em grande parte, o caminho teórico traçado por Duarte (1987) e enriquecido em posteriores estudos da antropologia urbana brasileira dedicados aos temas de família, gênero e sexualidade. (HEILBORN, 1999; HEILBORN; GOUVEIA, 1999; SALEM, 2006).

³ Cabe ressaltar que esta pesquisa enfoca a população mestiça urbana, que é a majoritária na região, especificamente nas cidades de Pucallpa e Iquitos.

No que tange ao tema da sexualidade de mulheres amazônicas mestiças ou urbanas (heterossexuais), para além das representações corriqueiras de hipersexualidade, estudos precedentes apontam uma particularidade desta dimensão para a identidade feminina, comparativamente às outras regiões do âmbito nacional. Assim, Cáceres et al. (2002) indicam maior autonomia e recursos em torno da sexualidade entre as mulheres deste contexto. Fuller (2004a), por sua parte, aponta que, diferentemente de outras regiões do país – em que o recato sexual é um eixo central da identidade feminina –, neste contexto, as mulheres “se percibirían como sexuadas.” (p. 123). O estudo de Fuller e os achados de outros autores (BANT; MOTTA, 2001; RUIZ-BRAVO et al., 1998), no entanto, se distanciam da proposta de Cáceres et al., por situarem a sexualidade mais claramente em relações de poder desigual, transpassadas pelo gênero, etnicidade, idade, entre outros aspectos, relativizando a referida autonomia e liberdade das mulheres neste terreno. Contudo, para além destas divergências, persiste um elemento comum nesses estudos: a sexualidade é apontada como aspecto destacado da identidade feminina neste contexto, em comparação com o plano nacional. Em função da indicação desta particularidade e na busca por entendê-la, esta pesquisa possui um primeiro objetivo específico: delinear os princípios estruturantes que pautam a vida sexual destas mulheres.

A maioria dos autores que têm tratado do tema, em alguma medida (ARIAS; ARAMBURU, 1999; BANT; MOTTA, 2001; FULLER, 2004a; RUIZ-BRAVO et al., 1998) coincidem em apontar, como característica central da sexualidade feminina heterossexual, o fato desta se constituir como recurso para conseguir fins específicos. A apresentação atraente do corpo e o desempenho sexual seriam atributos prioritários, por exemplo, nas estratégias de mulheres jovens, para alcançar estabilidade econômica (ao atraírem um companheiro provedor). No caso de mulheres unidas, a possibilidade de oferecer prazer sexual é priorizada em seus relatos, como elemento através do qual buscam conseguir estabilidade em seus relacionamentos, num contexto descrito como de uniões “instáveis” e de relativamente “intensa circulação sexual”.⁴ (BANT; MOTTA, 2001; FULLER, 2004a).

A ideia de um contexto em que a sexualidade parece ser considerada como recurso visivelmente acionado pelas mulheres no plano econômico – entre outros –

⁴ Em termos do número de parceiros na trajetória sexual e recorrência de infidelidade.

tem acarretado uma atribuição imprecisa de significados. Assim, por exemplo, Arias e Aramburu (1999), concluem que isto “supone una **visión prostituida**⁵ de la entrega femenina”. (p. 205). Para além de qualquer posição moralista sobre a prostituição, cabe esclarecer a dimensão das trocas econômico-sexuais – aparentemente tão preeminente para a sexualidade feminina – em toda sua complexidade. Nesse sentido, outro objetivo específico deste estudo é abordar o tema das trocas econômico-sexuais e os significados culturais que lhes dão forma neste contexto, a partir da perspectiva das próprias mulheres da região.

Adicionalmente ao objetivo principal e aos objetivos específicos que dele se desdobram, este trabalho possui uma meta secundária, avaliada como relevante: analisar a representação hipersexualizada da mulher amazônica. Tal finalidade será efetuada em dois planos: o primeiro, que corresponde ao traçado de uma genealogia da dita representação, ao longo de distintos períodos históricos, desde o século XVI, com as primeiras incursões de conquista hispânica na região. No segundo é abordada a maneira como a representação é recriada na atualidade pelas próprias mulheres.

O tratamento da representação, como proposta, é pertinente por dois motivos: o primeiro é por ajudar a situar esta pesquisa. Uma das motivações que conduziram ao tratamento do tema da sexualidade na região amazônica é a possibilidade de entender um aspecto sobre o qual múltiplos discursos têm sido formulados, com frequência associados a julgamentos morais negativos, com uma persistência notável ao longo da história. Portanto, considera-se importante desconstruir este dispositivo, revisando analiticamente seus conteúdos, o modo como surgiu e se mantém ao longo do tempo.

O segundo motivo é o fato de que, sendo uma representação tão persistente no tempo, da qual as mulheres da região seriam cientes, poderia acarretar algum impacto no entendimento da própria sexualidade. As atribuições coletivas externas não constituem elementos que possam ser ignorados pelos grupos sobre os quais incidem (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998) e, certamente, neste caso não o são. Portanto, avalia-se aqui a importância de explorar a forma como elas lidam com as referidas atribuições sobre sua sexualidade, o que consiste em uma parte do

⁵ Grifo nosso.

objetivo mais abrangente, de compreender o lugar da sexualidade na construção de si.

Além de buscar um entendimento no campo das representações e das experiências das mulheres em torno da sexualidade e, assim, efetuar uma contribuição no plano acadêmico; esta pesquisa conta com outra motivação. Trata-se da possibilidade de realizar um aporte no terreno das políticas e intervenções em torno do tema – particularmente em sua interseção com a esfera da saúde. Fornecer conhecimento sobre o tema da sexualidade na região é relevante, pois se trata de um contexto cultural que se tem configurado como preocupante do ponto de vista da saúde pública, pela ocorrência de cifras relativamente altas de algumas situações, consideradas como “problemas de saúde sexual e reprodutiva”. Esta região, por exemplo, conta com taxas de gravidez em adolescentes (24,9%) que ultrapassam significativamente as correspondentes ao nível nacional (13.6%) (INSTITUTO..., 2009) e, aliás, as duas cidades mais importantes (Iquitos y Pucallpa) estão entre as que apresentam maior prevalência de VIH / SIDA no país. (MOLINA, 2008). Além disso, esta região tem sido identificada como “paraíso sexual”, por ser destino crescente de turismo sexual com menores de idade. (CODENI et al., 2005). Dado este contexto, as intervenções neste campo, de ONGs e do Estado, precisam contar com um conhecimento aprofundado da cultura sexual da região, especialmente frente à profusa produção discursiva de sentido comum sobre isto, que pode escurecer sua compreensão.

Metodologia

Esta pesquisa é de caráter exploratório e qualitativo. Exploratório, pela escassez de investigações sobre o tema. A abordagem qualitativa, por sua vez, se justifica por estar dirigida a um âmbito vinculado às esferas das relações sociais e da construção cultural de significados.

Tendo em vista o principal objetivo deste estudo – explorar o lugar da sexualidade na construção de si, entre as mulheres da Amazônia urbana – passei a

residir nas cidades de Pucallpa e Iquitos, por oito meses⁶ – entre maio de 2008 e agosto de 2009. A principal técnica utilizada para a coleta de dados durante a permanência no campo foi a entrevista em profundidade, a partir de roteiro semi-estruturado. As informantes foram mulheres de camada popular deste contexto, e se exploraram suas trajetórias sexuais e afetivas, a partir de relatos biográficos, que permitiram capturar os princípios estruturantes da sexualidade em suas vidas, assim como identificar as tramas de relações e significações culturais em que adquire realidade.

Além das entrevistas em profundidade com mulheres de camada popular, que se trata do material aqui analisado, foram efetuadas entrevistas com homens de inserções sociais semelhantes, além de homens e mulheres de classe média⁷. Também foi realizada observação participante em vários contextos das mencionadas cidades e conversas informais com outros atores sociais. O presente trabalho não inclui a análise deste extenso material, dadas as condições de tempo disponível. Somente em certos trechos foram referidos alguns dados deste conjunto mais amplo, considerados como pistas importantes. Esta tese pode ser considerada a primeira parte de um processo, que terá continuidade no futuro⁸, incluindo a análise do material aqui mencionado.

O objetivo secundário da tese, referido à aproximação da representação hipersexualizada da mulher amazônica, foi abordado em dois planos que correspondem a diferentes técnicas metodológicas. O primeiro, referido à elaboração da genealogia histórica da representação, foi efetuado a partir de reflexão em torno de fontes secundárias. O segundo plano, concernente à maneira como esta representação é recriada na atualidade pelas próprias mulheres a ela vinculadas, é abordado a partir das entrevistas em profundidade com as informantes, como parte das trajetórias sexuais e afetivas já mencionadas.

⁶ Com interrupções por motivos de saúde.

⁷ O total de entrevistas realizadas foi 64 (32 em cada cidade): 40 com mulheres e 24 com homens, de diferentes gerações e classes sociais. Embora o foco da pesquisa tenha sido a sexualidade feminina, entrevistei homens, com a ideia de capturar o tema, sob uma perspectiva relacional, dada a importância da dimensão relacional do gênero. No entanto, por motivos de doença durante a realização do trabalho de campo, e o tempo necessário para minha recuperação, só foi possível trabalhar sobre uma parcela limitada do material, que corresponde aos dados das mulheres populares, jovens e adultas.

⁸ Sob a forma de artigos e um livro.

Informações gerais sobre as entrevistadas

As entrevistas aqui analisadas foram efetuadas com um total de 20 mulheres de setor popular (10 em cada cidade). Elas pertencem a duas faixas etárias: jovens entre 18 e 25 anos e adultas com 36 a 46 anos, o que se justifica pela intenção de registrar possíveis mudanças segundo diferentes momentos do ciclo vital, assim como diferenças geracionais.

O grupo de mulheres jovens entrevistadas, um total de dez, tem idades entre 20 e 25 anos (cinco entre 20 e 22 e cinco entre 23 e 25). No que concerne à escolaridade, a maioria (oito) possui nível secundária completo. Dentre elas, uma concluiu curso superior e as outras duas não completaram o nível secundário. Além destes dados concretos, é importante mencionar que elas valorizam muito a educação, como meio de ascensão social. A maioria declarou possuir aspirações educacionais, que pretende realizar.

Entre os critérios de seleção não se considerou a presença (ou não) de filhos. Contudo, a maioria das entrevistadas (oito) tem entre um e três filhos (cinco têm um filho, duas possuem dois filhos e uma, três filhos). Todas residem com algum membro ou com toda a família de origem (nuclear ou extensa), sendo que três convivem com seus parceiros e, nesses casos, o espaço da casa é compartilhado, mas não necessariamente as despesas com a alimentação.

Todas mencionaram que realizaram, em algum momento, atividades laborais remuneradas, seja como empregadas domésticas, seja em vendas ou também, com frequência, em atividade comercial na própria habitação. Esta atividade é muito comum na região, entre mulheres com filhos pequenos, pois permite a permanência em casa, cuidando deles.

Finalmente, no que tange à religião, oito se definem católicas, mais pelo fato de terem recebido o batismo na infância do que por frequentarem a igreja ou participarem de alguma atividade religiosa. Neste grupo, três declararam contatos com outros grupos religiosos cristãos. As duas mulheres que não se definem católicas afirmaram não possuírem qualquer religião.

O grupo das mulheres adultas entrevistadas, num total de dez, têm idades de 36 a 46 anos. Quatro possuem entre 36 e 40, enquanto seis têm entre 42 e 46. A maioria delas (oito) alcançou o nível secundário de escolaridade, mas somente a

metade completou este curso. Do restante (dois), uma concluiu o primeiro grau, e a outra chegou apenas até o quinto ano primário.

Todas têm filhos: cinco delas tem três, e as outras, entre quatro e sete. A maioria (sete), no momento da entrevista estava inserida em uma relação de coabitação com parceiro. As outras residiam com alguns dos filhos e, em um caso, com o irmão (na casa dele). Todas elas referiram entre duas e quatro uniões com coabitação em suas trajetórias, além de namoros e relacionamentos menos estáveis.

As trajetórias laborais destas mulheres são bastante diversas e incluem atividades como: serviço doméstico, cozinheiras, limpeza em empresas (petroleiras ou madeireiras), trabalho em bares ou restaurantes, vendedoras em lojas, ambulantes, vendas em casa, entre outras.

No que se refere ao aspecto religioso, da mesma forma como no caso das jovens, a maioria (sete) se define católica, com pouca frequência na igreja ou participação em atividades religiosas. Duas também vão – eventualmente – a outras igrejas cristãs. Por fim, uma é batista e a outra evangélica.

Contato com as informantes

As informantes foram contatadas para conceder as entrevistas a partir de pessoas de minha rede social, nas cidades mencionadas. O trabalho de campo foi iniciado em Pucallpa, cidade na qual conto com um número razoavelmente significativo de pessoas conhecidas, por ter trabalhado ali em projetos de desenvolvimento com uma ONG. Os contatos foram efetuados por intermédio destas pessoas. Solicitei contatos com mulheres nas faixas etárias referidas, que fossem de camada popular (o que deveria ser definido fundamentalmente a partir do lugar de moradia – *asentamientos humanos*⁹ –, o que significa uma situação educativa-laboral pouco favorecida e baixa renda). Além disso, foi condição importante que estas pessoas não tenham frequentado capacitações ou outras experiências de

⁹ Forma de denominação dos lugares de moradia que são produto de invasões de terrenos ou, em menor medida, de programas do governo, em áreas periféricas com facilidades de transporte e serviços públicos escassos ou inexistentes. Seriam equivalentes às favelas, no contexto urbano brasileiro.

transmissão de discursos associados a projetos nas áreas da sexualidade ou da saúde sexual e reprodutiva. Esta condição foi destacada pelo fato de que a maioria dos meus conhecidos nesta cidade está vinculada a uma ONG (*Movimiento Manuela Ramos*), com um projeto dirigido a estes temas e preferi evitar que contatassem às mulheres participantes do projeto já que elas, com alta probabilidade, responderiam à entrevista com uma lógica na qual os discursos estariam contemplando algumas visões do trabalho empreendido pela ONG. De maneira geral, as entrevistadas são parentes, vizinhas, trabalhadoras do setor doméstico ou conhecidas das pessoas referidas.

Minha rede social na cidade de Pucallpa também foi importante no caso de Iquitos, cidade em que não contava com quaisquer contatos antes do trabalho de campo. Algumas das minhas conhecidas de Pucallpa me apresentaram a suas parentes em Iquitos e, por meio delas efetuei a maioria dos contatos para as entrevistas. Além desta via, que foi a principal, recebi apoio de uma ONG local (*La Restinga*), com referência de alguns contatos. Do mesmo modo que com a ONG de Pucallpa, sempre com a restrição de que as possíveis informantes não tenham passado por atividades de capacitação, ou outras, vinculadas à temática desta pesquisa, pois isto as colocaria em contato com discursos dos projetos de desenvolvimento sobre a sexualidade, alterando sua percepção mais cotidiana, que é a que interessa aos fins desta pesquisa.

Contexto social da pesquisa

O Peru é percebido pelos peruanos – tanto no senso comum como no plano acadêmico – como uma entidade formada por três regiões geográficas e culturais: costa, serra (Andes) e selva (Amazônia). Apesar da enorme complexidade que cada uma contém, e do caráter flexível das fronteiras culturais, dados os crescentes fluxos migratórios e de comunicações entre elas, a divisão tripartite persiste como a descrição mais aceita pelo conjunto do país. Em capítulo posterior serão apresentadas mais informações sobre esta diferenciação regional peruana, porém cabe mencioná-la na introdução, por tratar-se de um marco comparativo relevante, a partir do qual se definem as particularidades regionais mencionadas.



Ilustração 1: *Mapa del Perú con sus regiones principales*
 Fonte: www.satrapa1.com/articulos/media/peru/mapa

A Amazônia peruana é concebida, sob o ponto de vista geográfico e cultural, como dividida em dois espaços: alta e baixa Amazônia. A primeira é formada pelos territórios próximos ao lado oriental da cordilheira dos Andes e possui uma geografia montanhosa. As dinâmicas sociais, econômicas e culturais desta região foram fortemente influenciadas por sucessivas ondas migratórias de população andina, que teria se deslocado, sobretudo, nas últimas décadas do século XX, em busca de novas terras para atividade agrícola.

A segunda, a baixa Amazônia – ou, em terminologia geográfica, a floresta úmida tropical – é uma região com dinâmicas históricas e culturais distintas. Ela alberga a grande maioria da população nativa (indígena) e sua produção econômica é caracterizada pela exploração intensiva de recursos, como borracha, petróleo, madeira e ouro. A borracha influenciou profundamente a configuração atual da região, já que foi na época de exploração intensiva deste produto que se fundaram os principais centros urbanos. A dita exploração propiciou, aliás, intensos fluxos migratórios (de outros lugares do país e do exterior) e mobilizou grande parte da população nativa para fora de seus territórios originais, o que deu origem ao vasto

processo de mestiçagem desta região. No entanto, sua configuração cultural é fortemente marcada pelas culturas indígenas nativas. É neste espaço, a baixa Amazônia, que foi desenvolvida a pesquisa.

Historicamente, a região amazônica permanece afastada da dinâmica nacional. Uma prova expressiva deste dado é o fato de que a maior cidade desta região (Iquitos) seja uma ilha, acessível apenas por via fluvial e aérea, pois não possui rodovias que a conectem com outros centros urbanos importantes. A integração à economia nacional sempre foi muito instável e baseada na exploração intensiva de alguns recursos naturais, demandados pelos mercados internacionais – legais e ilegais – como a borracha, o petróleo, o ouro, a madeira, a folha de coca, entre outros.

O trabalho de campo foi realizado nas duas principais cidades da baixa Amazônia: Pucallpa (204,772 habitantes¹⁰) e Iquitos (370,962 habitantes) – que, por sua vez, são as mais importantes da Amazônia peruana em geral. Estes centros urbanos são caracterizados por uma dinâmica econômica baseada em atividades extrativas, e por contar com uma população com alto nível de mobilidade social, dado o caráter sazonal do trabalho disponível. Aliás, são lugares com fluxos migratórios importantes. Por um lado, segmentos mais educados da população emigram e, por outro lado, há imigração da população rural ribeirinha e indígena, além de grupos de outras regiões do país, atraídos pela promessa de abundância, até hoje associada ao território. (FULLER, 2002). Ambos os centros urbanos apresentam características sócio-culturais e econômicas análogas, de modo que a escolha não foi efetuada com uma intenção contrastiva, mas por pretender expor um panorama que possibilitasse uma certa generalização regional.

Considerações sobre as características étnicas da população

A Amazônia alberga uma grande diversidade de população. Por um lado, grupos étnicos indígenas (há 11 famílias linguísticas e 52 grupos étnicos diferentes¹¹); por outro lado, a população rural ribeirinha (camponeses de origem

¹⁰ Dados populacionais de ambas as cidades: INEI (2008).

¹¹ Rodriguez (2003)

mestiça e indígena), a “colona” (migrantes andinos com atividades agrícolas) e uma vasta população urbano-mestiça com origens em todos os grupos mencionados, além de outros, tanto do interior quanto do exterior do país, que migraram para estas cidades. Este último grupo, a população urbano-mestiça, foi selecionado para empreender o estudo, por ser majoritário na região. Algumas considerações sobre esta população serão aqui apresentadas.

As cidades da baixa Amazônia são de formação relativamente recente. Iquitos se consolida como centro administrativo de importância como resultado do *boom* da borracha, que tem lugar desde 1870 até 1914 (SANTOS; BARCLAY, 2002), período em que esta cidade atinge seu maior esplendor. Pucallpa começou a se formar também nesta época, mantendo-se como uma cidade menor até a construção da rodovia que a conectou a Lima, em 1943. A partir deste ano ela sofreu um rápido crescimento, de modo a passar a rivalizar com Iquitos.

Em ambas as cidades, inicialmente, as elites eram formadas por empresários da borracha, depois também vinculados à atividade agro-extrativa, que migraram de outras regiões do país e do exterior, e se estabeleceram nestes lugares, atraídos pelas possibilidades econômicas. Altos funcionários estatais e das forças armadas, que chegaram à região também integraram este grupo. Este segmento da população estava associado a um estilo de vida europeu e etnicamente definia-se como mais próximo do pólo “branco”. Embora as atividades extrativistas tenham variado ao longo do tempo, esta descrição continua sendo válida para as elites locais. Diferentemente do início do surgimento destas cidades, a população com maior nível educacional e com melhores condições sociais tende a sair da região.

Outro grupo populacional que inicialmente foi minoritário nas cidades e, com o passar do tempo (e, sobretudo, após a queda da economia da borracha) se tornou a maioria da população, foi constituída pelos “mestiços-ribeirinhos”. Este é um contingente de população que se formou em torno da exploração da borracha, nas áreas rurais. De acordo com Santos e Barclay (2002), eles foram “resultado de la inmigración y mestizaje de gente de ascendencia europea, andina y amazónica” (p. 365). Ao mencionarem a ascendência amazônica, os autores se referem aos indígenas amazônicos, deslocados de seus territórios originais para se inserirem nesta atividade. Eles constituíram o grupo majoritário do que se conhece como ribeirinhos. Além da migração da população mestiço-ribeirinha, as cidades também receberam contingentes indígenas.

Atualmente há processos de migração para as cidades, de populações rurais indígenas e ribeirinhas. O grupo formado por esses migrantes ou por pessoas com ascendência próxima a essa população constitui a maioria da população urbana. Ele ocupa as posições mais baixas da escala social, o que se conhece como população urbano-marginal. Em Iquitos este grupo é denominado *cholo*: categoria étnica de uso difundido no país para se referir à pessoa que, sem ser indígena, revela em sua forma de falar, vestir ou no fenótipo, uma proximidade com esta população. Esta designação possui uma conotação pejorativa. Em Pucallpa este mesmo termo é também utilizado, além de *chama*, que se remete particularmente à proximidade com o indígena amazônico. Considera-se aqui que tal especificidade na cidade de Pucallpa pode estar associada a um interesse em diferenciar a população de origem indígena andina daquela com origem indígena amazônica. Esta distinção parece ser mais importante nesta cidade do que em Iquitos pelo fato de que, pela construção da rodovia Lima-Pucallpa, ela recebeu maior migração de origem andina.

Para além de *cholos* e/ou *chamas*, nestas cidades há um grupo que não se identifica etnicamente com estes segmentos e que, como aponta Fuller (2002), “exacerbam diferenças mínimas”. (p. 49). Auto-percebidos como mestiços também, mas *trigueños* (categoria étnica utilizada nacionalmente em referência à pessoa “mestiça”, por sua “cor escura”, sem a mesma conotação negativa do termo *cholo*, na medida em que não alude a qualquer origem indígena). Este grupo teria uma melhor condição socio-econômica que o anteriormente descrito e geralmente seus membros se dedicam a certas atividades, como pequeno comércio, burocracia estatal menor, funcionários de empresas de serviços, etc.

Este panorama de classificações étnicas, para além de certas particularidades regionais, reflete a maneira como funciona o sistema classificatório nacional mais abrangente. De modo geral, pode-se afirmar que o Peru, como outros países latino-americanos, se identifica como o produto de uma mistura de “raças”. Na versão peruana da mestiçagem duas categorias ocupam uma posição preeminente: o branco e o indígena. O branco é associado à situação socio-econômica de maior privilégio, enquanto o indígena corresponde à mais desfavorecida. O país conta com população afro-descendente, mas, em função de seu número limitado, não é percebida como elemento importante no panorama étnico nacional. Entretanto, cabe referir que sua posição é de subalternidade.

No marco descrito há, ainda, uma série de categorias, referidas a graus / modalidades de mestiçagem, de grande complexidade. De maneira geral, o acionamento das categorias étnicas na vida cotidiana depende da percepção de componentes fenotípicos e, sobretudo, de marcadores sociais, como uso da língua, modo de vestir, educação, posição econômica, etc. Tais categorias são flexíveis, pois são definidas de acordo com a situação e em função do interlocutor. (BARTH, 1998).

Organização da tese

Este trabalho está organizado em duas partes: a primeira é dedicada ao tema da representação hipersexualizada da mulher amazônica, a *charapa ardiente*, enquanto que a segunda se refere às trajetórias sexuais e afetivas das informantes. A escolha por iniciar o trabalho com o tema da representação é justificada por possibilitar uma contextualização histórica nacional mais abrangente, na qual o tema da sexualidade amazônica se insere.

Esta primeira parte conta com dois capítulos. No primeiro é oferecido um panorama geral acerca de diversos períodos históricos, desde as primeiras incursões de conquista até os dias atuais. Diversos personagens e registros são mencionados, de modo a permitir uma compreensão dos processos de surgimento e recriação desta representação. Não se trata de uma revisão exaustiva, mas da apresentação de algumas fontes representativas, que permitem a elaboração de um panorama geral. O segundo capítulo contém a esfera da negociação de significados dos atores sociais na vida cotidiana, no momento atual ou no histórico mais circunscrito à trajetória pessoal das informantes.

A segunda parte da tese corresponde à análise das trajetórias afetivo-sexuais das informantes. No capítulo três, a partir da análise de três temáticas abordadas nas entrevistas (iniciação sexual, infidelidade feminina e importância do sexo), procura-se definir os eixos estruturantes da vida sexual destas mulheres e, a partir disso, visitar algumas afirmações de estudos anteriores sobre as mesmas. No quarto capítulo, por sua vez, aborda-se o tema das trocas econômico-sexuais tentando esclarecer os significados culturais associados a estas e seu lugar na

interação entre os gêneros, tema que tem sido amplamente destacado como específico desta região.

Para finalizar assinalo que a presente tese resulta de um processo de influências diversas. O interesse inicial surgiu a partir de experiências laborais, em projetos de desenvolvimento referidos ao tema de saúde sexual e reprodutiva, que me possibilitaram um contato com a região e, particularmente, com mulheres dali e com suas experiências, em torno dos temas de gênero e sexualidade. A revisão da literatura peruana sobre o assunto e minhas próprias observações neste contexto despertaram algumas inquietações e perguntas. Além disso, ao longo do curso de doutorado, o contato crucial com literatura antropológica brasileira sobre os temas de família, gênero e sexualidade e também sobre a imbricação entre “raça” e sexualidade, auxiliou na articulação e formulação das ideias aqui apresentadas. Cabe enfatizar, novamente, que esta tese constitui uma primeira etapa de um trabalho que terá continuidade no futuro.

PARTE 1

1 “TRÓPICOS LUXURIOSOS” E “MULHERES ARDENTES”: HIPERSEXUALIZAÇÃO DA AMAZÔNIA PERUANA

A mí me sucede siempre: llegar a la selva y empezar a respirar fuego, sentir que la sangre hierve”
“Tigre Collazos” personaje de “Pantaleón y las Visitadoras.”
Mario Vargas Llosa

A lo mejor es verdad y el clima tiene que ver mucho, quiero decir en eso de que las mujeres sean terribles, ya ves como Panta pisó la selva y se volvió un volcán.
“Pochita” personaje de “Pantaleón y las Visitadoras.”
Mario Vargas Llosa

1.1 Introdução

O objetivo deste capítulo é apresentar a representação da *charapa ardente*, tentando entender as condições que permitiram seu surgimento e recriação ao longo do tempo e sua vigência na atualidade. Para tal fim é fornecido um panorama geral sobre o lugar da Amazônia, na maneira em que se imagina a nação peruana, por ser este o pano de fundo que contextualiza a dita representação. Depois se revisita sua origem e recriação ao longo da história, desde o surgimento do mito das Amazonas, no século XVI, até os dias atuais. Em seção posterior situa-se esta representação em um panorama mais amplo, considerando outros casos de hipersexualização dentro e fora do Peru. Finalmente, a modo de ensaio, apresentamos algumas reflexões sobre o lugar que teria tido esta representação para a nação peruana, a partir de uma análise comparativa com o caso da “mulata” brasileira.

Antes de abordar o assunto apresenta-se aqui uma breve aproximação teórica ao conceito de representação que orienta a nossa reflexão. A presente abordagem parte de um entendimento da representação que retoma aspectos centrais da proposta teórica de Laplantine (1991), que oferece a seguinte definição:

[La représentation] C’est la reencontré d’une expérience individuelle et de modèles sociaux dans un mode d’appréhension particulier du réel: celui de *l’image-croyance* qui [...] a toujours une tonalité affective et une charge irrationnelle. C’est un savoir que les individus d’une société donnée ou d’un groupe social élaborent au sujet d’une segment de leur existence. C’est une

interprétation qui s'organise en relation étroite au social et qui devient, pour ceux qui y adhèrent, la réalité elle-même. (p. 278).

O destaque que o autor atribui às dimensões individual e social para aproximar-se do campo das representações é de particular utilidade para este estudo, por ele lidar com ambas as dimensões. No primeiro capítulo colocamos a ênfase no processo de produção coletiva de conhecimento, ao descrever o processo de criação e recriação da mesma ao longo da história, por meio de diversos registros. No segundo capítulo a ênfase recai sobre as apropriações e reapropriações que, no nível individual, as informantes fazem dos conteúdos associados à representação.

A utilidade da proposta de Laplantine não se limita a permitir a abordagem da dimensão propriamente cognitiva da representação, tem um aspecto adicional, particularmente interessante e pertinente para este trabalho, que diz respeito ao campo de vinculação entre representação e ação: “une représentation n'est pas réductible à ses aspects cognitifs et évaluatifs. Simultanément expressive et constructive du social, elle consiste non seulement en un moyen de connaissance, mais en un instrument d'action.” (p. 278). O dito campo é abordado neste trabalho, sobretudo na parte final do segundo capítulo, em que tentamos apresentar um panorama do tipo de interações que tem lugar em torno da representação.

Os processos de configuração e negociação de significados em torno da representação que aqui vamos tratar inserem-se num contexto abrangente, no amplo e complexo terreno das definições identitárias étnico-regionais da nação peruana. Neste terreno são negociados posicionamentos socio-econômicos e políticos, entre regiões e entre indivíduos (a partir da identificação regional), de caráter hierárquico, através – entre outros - de jogos simbólicos de representações do “outro”, que podem ser entendidas como integrando o que Escobar chama de “regímenes de representación.”

Los “regímenes de representación” pueden analizarse como lugares de encuentro en los cuales las identidades se construyen pero donde también se origina, simboliza y maneja la violencia [...] lugares de encuentro de los lenguajes del pasado y del futuro (tales como los lenguajes de “civilización” y “barbarie” de la América Latina posindependentista), lenguajes externos e internos, y lenguajes de sí y de los otros. (ESCOBAR, 1998, p. 31-32).

Este conceito é pertinente para este trabalho, já que concede destaque às dinâmicas de luta no terreno simbólico que estão em jogo ao se abordar a

representação, evocando um terreno social e político mais amplo. Além disso, chama a atenção para a dimensão dinâmica da representação, ao colocá-la num campo em movimento, que envolve o encontro de linguagens e atores diversos. Finalmente, chama a atenção sobre a dimensão de violência, que pode envolver as representações, como é o caso aqui, em que constam intenções de acesso, controle e inferiorização do “outro”.

1.1.1 As divisões regionais no contexto peruano

O Peru é percebido pelos peruanos – tanto no senso comum como no plano acadêmico – como uma entidade formada por três regiões geográficas e culturais: costa, serra (Andes) e selva (Amazônia). Estas três regiões envolvem enormes complexidades e nuances, em cada uma há áreas urbanas com diferentes dimensões: desde pequenas cidades até grandes conglomerados urbanos, com segmentações em termos étnicos e socio-econômicos; além de contar também com povoados rurais, com população com variadas origens étnico-culturais. Contudo, apesar desta diversidade, a dita divisão tripartite não deixa de ser a descrição geral mais aceita pelo conjunto do país.

A cada uma das entidades mencionadas têm sido associadas características culturais particulares: a costa é tida como o pólo mais moderno do país, associada à herança hispânica-europeia. Para isto tem um papel importante o fato de que Lima, a capital do país (um país de marcada tradição centralista), se situe nesta região. Isto acontece, embora já desde meados do século passado a cidade de Lima tenha passado por substanciais ondas migratórias do interior do país, que fazem dela um lugar de convergência das diversas tradições nacionais.

A serra, por sua parte, é associada com o complexo cultural andino, entendido como o herdeiro da tradição cultural do Império dos Incas. Ao longo da história, seja para o bem ou para o mal, o andino tem sido percebido como a representação mais pura de peruanidade. É fundamentalmente ao redor da dinâmica entre estas duas regiões que se percebe a história da nação peruana. Os debates sobre mestiçagem e nação, ao longo da história republicana do Peru, tem se

centrado na relação entre o branco e o índio, onde este é invariavelmente entendido como andino.

A selva, por sua vez, embora compreenda quase sessenta por cento do território nacional, não tem tido maior presença na dinâmica nacional. Ela tem se apresentado nos discursos oficiais das elites como uma fronteira vasta e vazia, à espera da penetração pela civilização. Desenvolveremos as representações sobre esta região de maneira mais extensa na próxima seção, mas cabe apontar alguns dados de importância. Diferentemente da área andina, que na época pré-hispânica contou com centros urbanos com grandes concentrações de população e complexas formas de organização social – que foram também centros administrativos dos colonizadores hispânicos –, a região amazônica foi povoada por grupos indígenas, dispersos em um grande território de florestas, com um tipo de organização social e uma forma de relação com o meio ambiente que foi entendido, desde as primeiras incursões dos colonizadores, como característico de uma sociedade “desordenada”, “primitiva”, pouco ou nada “civilizada”. A imagem de uma alteridade “selvagem” foi então criada e vem sendo reinventada ao longo da história, em um processo colonialista complexo.

Este lugar da Amazônia no regime de representações da nação faz parte de uma história profundamente hierárquica, na qual, como aponta Fuller (2002): “las clases sociales, los géneros, los grupos étnicos y las regiones se vincularon entre sí de acuerdo a una escala de subordinaciones” (p. 38-39).

1.2 ***A charapa ardiente: origem e vigência desta representação***

As representações sobre a Amazônia produzidas desde a chegada dos colonizadores hispânicos têm sido múltiplas, porém a maioria articula-se em torno de certos tropos, que têm estruturado historicamente as concepções sobre a região. No começo, o tropo da “pródiga abundância” amazônica foi o que incitou as primeiras incursões europeias na região, propiciando a imagem de uma “terra prometida” cheia de riquezas, aguardando serem conquistadas. Com o tempo, o tropo da abundância tem sido reeditado a partir dos sucessivos *booms* extrativos de recursos

naturais, com forte demanda nos mercados nacionais e internacionais, como ocorreu com a borracha, e vem ocorrendo com a madeira e os hidrocarburetos, entre outros.

Um segundo tropo, associado com persistência à região amazônica, é o de “âmbito do selvagem”, fronteira da civilização ou espaço habitado por seres “primitivos”. Seres que, sejam considerados como: pecadores / inferiores / degenerados / freio para o desenvolvimento ou, na condição menos frequente e mais valorizada, como: espontâneos / naturais / “bons selvagens”, são deslocados para o que McClintock (1995) denomina de *anachronistic space*¹². Este tipo de ideia alimenta a concepção do território amazônico como “vazio” ou “virgem”, outro tropo recorrentemente associado a esta região, apesar de contar com uma história antiga de povoamento, anterior à ocupação hispânica ou portuguesa.

O conjunto de tropos antes mencionados tem configurado um tipo de aproximação à região amazônica fortemente marcado por um caráter colonialista, que se manifesta numa dinâmica sócio-econômica de incessante extração de recursos naturais e exploração da população nativa.

Em conjugação com os tropos referidos – em íntima relação com eles – apresentam-se as representações sobre a sexualidade na Amazônia. Este tema desempenha papel relevante no conjunto de imagens da região amazônica peruana. O assunto, no âmbito nacional, é usualmente articulado às noções de excesso e confusão. Tais características são coerentes com a percepção vigente de primitivismo, que, de uma ou de outra maneira, são associadas a esta região até os dias atuais.

O caráter sexual excessivo tem sido atribuído especialmente à mulher amazônica, ideia sintetizada na representação emblemática da *charapa ardiente*. Segundo esta representação, amplamente difundida no contexto nacional, “a mulher” dessa região teria uma “sexualidad exuberante, capaz de satisfacer las más altas exigencias masculinas.” (PAREDES, 2005, p. 19). Além disso, estaria “dispuesta al juego erótico con liberalidad.” (CHIRIF, 2004, p. 62).

As pesquisas desenvolvidas sobre o tema convergem ao assinalar que a figura da mulher amazônica hipersexualizada é o resultado de um processo histórico, nutrido por um leque de diferentes e sucessivos olhares masculinos – de

¹² Conceito segundo o qual: “colonized people do not inhabit history proper but exist in a permanently anterior time within the geographic space of the modern empire as anachronistic humans, atavistic, irrational, bereft of human agency – the living embodiment of the archaic ‘primitive’.” (p. 30).

personagens externos à região: os missionários e expedicionários da colônia, os naturalistas e viajantes em investigações científicas, os trabalhadores dedicados às atividades extrativas, os militares, entre outros. Nas próximas seções será apresentado o processo pelo qual estes personagens influenciaram a definição de hipersexualidade da mulher amazônica, a partir de alguns registros representativos.

1.2.1 Séculos XVI-XVII: a descoberta do “outro”, entre a fantasia e o espanto

1.2.1.1 As Amazonas

Desde as primeiras incursões no território amazônico a região foi descrita a partir de relatos carregados de um halo de mistério e fantasia. A imaginação dos conquistadores, alimentada pelas ideias europeias da época acerca das terras desconhecidas e do novo mundo, propiciou uma imagem da Amazônia como um “espacio paradisíaco e infernal, [...] poblado de riquezas a considerar y de seres que pertenecen a una zoología fantástica. Un mundo endemoniado proclive a la locura.” (PIZARRO, 2005, p. 66). Nesse sentido, as primeiras expedições em terras amazônicas foram promovidas pela vontade de encontrar paraísos perdidos, plenos de grandes riquezas, como *la tierra de la canela* ou a cidade de *El Dorado*.

É no contexto dessas primeiras expedições em um novo mundo incógnito, ao mesmo tempo assustador e prometedor, que emerge uma das primeiras – e, sem dúvida, a mais emblemática – representações das mulheres da região: as Amazonas. A crônica¹³ do missionário dominicano Fray Gaspar de Carvajal sobre a expedição de Gonzalo Pizarro e de Francisco de Orellana – iniciada em 1541 – à procura de “El Dorado”, que resultou no “descobrimento” do “río das Amazonas”, é uma das mais precoces e, sem dúvida, a mais vívida das referências a estas mulheres no “Novo Mundo”. O texto aborda o enfrentamento bélico entre conquistadores e indígenas, no qual o autor justifica a intensa resistência dos últimos, em relação aos estrangeiros, a partir da presença das Amazonas:

¹³ Relación del Nuevo Descubrimiento del famoso Río Grande que descubrió por muy gran ventura el Capitán Francisco de Orellana (1542).

Han de saber que ellos son sujetos y tributarios a las amazonas y, sabida nuestra venida, vanles a pedir socorro y vinieron hasta diez o doce, que éstas vimos nosotros, que andaban peleando delante de todos los indios como capitanes, y peleaban ellas tan animosamente que los indios no osaban volver las espaldas, y al que las volvía, delante de nosotros le mataban a palos, y esta es la causa por donde los indios se defendían tanto. Estas mujeres son muy altas y blancas, y tienen el cabello muy largo y entrenzado y revuelto a la cabeza: son muy membrudas, andaban desnudas en cueros y atapadas sus vergüenzas, con sus arcos y flechas en las manos, haciendo tanta guerra como diez indios, y en verdad que hobo muchas de éstas que metieron un palmo de flecha por uno de los bergatines, y otras menos, que parecían nuestros bergatines puerco espín. (HERNÁNDEZ apud RIVERA, 2007, p. 4-5).

Mais adiante, neste relato, o capitão Orellana interroga um índio sobre as Amazonas. Muitas das indagações e das respostas recebidas se dirigem especificamente a aspectos vinculados à vida sexual dessas mulheres:

El capitán le tornó a preguntar que si estas mujeres eran casadas y tenían marido; el indio dijo que no. [...] Y el capitán le preguntó si estas mujeres parían; él dijo que sí, y El capitán dijo que cómo, no siendo casadas ni residiendo hombres entre ellas, se empareñaban; el indio respondió que estas mujeres participaban con hombres a ciertos tiempos y que cuando les viene aquella gana, de una cierta provincia que confina junto a ellas, de un muy gran señor, que son blancos, excepto que no tienen barbas, vienen a tener parte con ellas, y El capitán no pudo entender si venían de su voluntad o por guerra, y que están con ellas cierto tiempo y después se van. Las que quedan preñadas, si paren hijo dicen que lo matan y lo envían a sus padres, si hembra, que la crían con muy gran regocijo, y dicen que todas estas mujeres tienen una por señora principal a quien obedecen, a quien dicen Coroni. (HERNÁNDEZ, p. 95-98, p. 103-107 apud RIVERA, 2007, p. 5-6).

O primeiro fragmento da crônica de Gaspar de Carvajal aqui citado fornece uma imagem de mulheres guerreiras, fortes e decididas. Por um lado, elas dominam os homens nativos, devido à sua superioridade na guerra. Por outro lado, elas enfrentam, em cruéis batalhas, os europeus. No segundo fragmento da crônica aqui citado, a fortaleza e capacidade de comando de suas ações, demonstrada na guerra, desloca-se para as áreas da sexualidade e reprodução. Como assinala o autor, são mulheres que vivem independentemente dos homens, buscando contato sexual com eles de forma temporária e segundo sua própria vontade: “*cuando les viene aquella gana*”. O trecho também evidencia a autonomia feminina nas decisões concernentes à reprodução, na maneira em que dispõem da vida da prole.

De acordo com Mannarelli (2004), este relato das Amazonas revela as “motivações íntimas” dos conquistadores. A imagem de mulheres guerreiras, que dominam os homens, utilizando-os sexualmente para fins de procriação e, além

disso, o descarte da prole masculina, seriam uma projeção das mais viscerais ansiedades masculinas dos conquistadores. Tais ansiedades seriam ativadas pela constatação de diferentes modos de expressão da sexualidade feminina, nas novas terras. Formas desafiantes, pela aparente ausência de sujeição feminina ao controle patriarcal, uma verdadeira afronta ao código de honra masculino, tão apreciado pela sociedade conquistadora da época. A literatura europeia do século XVI, provavelmente como modo de lidar com as ditas ansiedades, apresenta histórias que: “often ended with the warrior women abjuring their martial ways. Converted to Christianity, they cheerfully surrendered not only their religion but also their matriarchal culture to become model wives and mothers.” (SLATER, 2002, p. 91).

Por outro lado, além de revelar os temores dos homens europeus, em face de diferentes organizações sociais – no que se refere à submissão feminina – a figura das amazonas poderia ser um símbolo de outro tipo de ansiedades dos conquistadores: da *terra incognita*, dos perigos do desconhecido, da ameaça de ser derrotado e da incapacidade de conquista. De acordo com McClintock (1995), este tipo de ansiedade e de paranóia geralmente consiste na outra face da “megalomania masculina” (p. 26) do conquistador. A persistência do tropo do canibalismo ao descrever as terras incógnitas e a constante presença de sereias, monstros ou outras imagens míticas nos mapas dos conquistadores, para assinalar os limites da civilização, seriam expressão dos temores presentes na empreitada colonizadora. Segundo esta autora, as figuras mais recorrentes para denotar as fronteiras da civilização têm sido femininas:

As European men crossed the dangerous thresholds of their known worlds, they ritualistically feminized borders and boundaries. Female figures were planted like fetishes at the ambiguous points of contact, at the borders and orifices of the contested zone. (McCLINTOCK, 1995, p. 24).

As Amazonas parecem ter funcionado como uma figuração da fronteira da civilização, no processo de colonização da Amazônia. Segundo Slater (2002), em decorrência da associação semântica entre o ato sexual e o de comer – tanto na língua espanhola quanto na portuguesa – as Amazonas seriam consideradas como um tipo particular de canibal: “Although they did not actually eat people, their unnatural appetites made them apt containers for an all-consuming nature.” (p. 90-91). Contudo, apesar de sua ferocidade, o fato de serem mulheres poderia ter

funcionado como um desafio ao cumprimento do “dever” colonizador sobre estas terras desconhecidas.

Seja qual for a origem da figura mítica das Amazonas nestas latitudes, trata-se de uma representação extremamente relevante, o que pode ser constatado pelo uso de sua designação tanto para o rio mais importante da região como para o próprio território geográfico. Para Pizarro (2005), as Amazonas se constituem em “uno de los centros del imaginario sobre el área.” (p. 26). Em concordância com Chirif (2004), consideramos que esta representação tão potente deva ser tomada como um ponto de partida para compreender a representação contemporânea sobre a mulher amazônica no Peru.

1.2.1.2 Sociedades indígenas: nichos do vício

Uma figuração como as Amazonas indica um estranhamento particular dos conquistadores com os códigos que regravam a sexualidade feminina. No entanto, cabe assinalar que este estranhamento atingiu o conjunto das sociedades indígenas amazônicas. As crônicas coloniais, geralmente, contêm uma ótica da vida indígena como plenas de vício, ócio e sensualidade. (CHIRIF, 2004). Nessa perspectiva, os aspectos da cultura nativa associados à sexualidade, como a nudez, a poligamia, a transitoriedade das relações conjugais e as diferenças de idade entre os cônjuges constituem importantes aspectos na definição de um caráter excessivo, vicioso e pecaminoso dessas sociedades. (BARLETTI, 2004; CHIRIF, 2004). As narrativas de missionários são exemplares, como o texto do jesuíta Pablo Maroni, sobre o casamento e o comportamento das mulheres indígenas:

Tocante a los casamientos, es parecer común de nuestros misioneros, que esta gente bárbara no contrae verdaderos matrimonios en su gentilismo, por que no los celebran con ánimo de perseverar en ellos inseparablemente, guardarse fidelidad y cuidar de la crianza de los hijos, que son, como todos saben, requisitos tocantes a la substancia del verdadero contrato matrimonial. Algunos tienen más de una mujer [...] Comúnmente falta por **las mujeres**, que **repudian con facilidad a los maridos, si las maltratan o las desagradan u otro les ofrece casarse con ellas**. A veces también truecan entre sí las mujeres o se las quitan por la fuerza hasta matarse por ellas. (MARONI apud BARLETTI, 2004, p. 101, grifo nosso).

O caráter vicioso atribuído aos indígenas é justificado, em grande parte, por uma “natureza corrupta” identificada à Amazônia.

[...] durante la época de las misiones coloniales se graba la imagen de un medio caliente, húmedo, que se pudre a sí mismo y corrompe las cosas y por cierto las personas, ambiente del cual se sirve el demonio para inducir al pecado. (2004, p. 75).

Neste período é estabelecida a ideia do calor como elemento corruptor. Assim, por exemplo, o missionário franciscano Joseph Amich descreve os defeitos dos indígenas amazônicos que justificariam o fracasso das missões, observando que: “[...] debe agregarse el sensualismo de los infieles, dimanado sin duda de la ociosidad a que se abandonan y del clima abrasador en que viven.” (CHIRIF, 2004, p. 72). Contudo, o poder degenerativo do calor seria de tal monta que também atingiria os próprios espanhóis. Assim, Figueroa, um cronista jesuíta, descreve o clima social gerado entre os moradores (espanhóis) da cidade de San Francisco de Borja da seguinte maneira:

[...] andaba el vicio suelto y de manifiesto, preciándose de él los vecinos, en especial el de la torpeza y amancevamientos, por la licencia que para él ocasionan las tierras calientes, remotas y de guerra, principalmente quando es sujetando indios, sobre quienes se toman muchas licencias contra todas leyes divinas y humanas. (FIGUEROA apud CHIRIF, 2004, p. 74).

1.2.2 Século XVIII: os naturalistas e a degeneração do indígena

No século XVIII, a abordagem da região incorpora uma perspectiva mais racionalizada, marcada por um interesse de caráter científico, associado aos naturalistas que ali chegaram com o objetivo de produção de conhecimento. Segundo Chirif (2004), exploradores como Buffon, Raynal e De Pauw, além dos missionários, seguiram afirmando a corrupção moral e material das terras americanas. Contudo, tais concepções não mais se fundavam em critérios religiosos, como a noção de pecado, mas seriam resultantes de uma tentativa “objetiva” de construção de saberes sobre a geografia e a natureza humana dessas latitudes.

Nesse contexto, as descrições do indígena americano foram marcadas pela ideia de degeneração que, em algumas versões, incluía algum tipo de degradação sexual. Assim, George Buffon afirma que: “[...] es débil y pequeño en cuanto a sus órganos de generación. No tiene vello ni barba y carece de ardor para su hembra.” (GERBI apud CHIRIF, 2004, p. 74-75). Cabe referir que a degradação sexual seria colocada, exclusivamente, como atributo masculino. De acordo com Mannarelli (2004), ocorria então uma mudança de paradigma, em torno das concepções da biologia humana, com a passagem do modelo de sexo único para o de dois sexos. (LAQUEUR, 1991). A autora aponta que “es posible que la apreciación sobre la insignificancia de los genitales masculinos de la población nativa respondiera a los cambios en la autopercepción de lo masculino ante la novedad ontológica del cuerpo femenino.” (MANNARELLI, 2004, p. 121).

O desempenho sexual, a degeneração e a insignificância dos genitais eram mencionados somente em relação aos homens. Chirif (2004) considera que essa diferença de gênero poderia ser justificada pelo fato da “superioridade” do homem ocidental ser construída em oposição ao “outro” – e não à outra. Por outro lado, segundo Mannarelli, no século XVIII – com a ascensão dos estados absolutistas e definição das nações – se impõe um processo de retirada das mulheres do âmbito da sensualidade, para se concentrarem nos cuidados do lar e da família: “la mujer asociada a la naturaleza, a la casa que no se cierra, que no se domestica [...] debe desaparecer para el bien de la patria.” (2004, p. 121). Esta autora sugere que a Amazônia e suas mulheres se tornam símbolos da barbárie, um modelo negativo de identidade feminina, a ser evitado pelas mulheres ocidentais. Assim, não teria sentido incluir as mulheres da região amazônica na representação de insignificância sexual.

1.2.3 Século XIX- início do século XX: racismo científico

As representações de desordem sexual / promiscuidade, associadas a populações supostamente “primitivas” sedimentam-se no século XIX, a partir dos discursos do racismo científico, nos quais os índios sul-americanos foram considerados como um dos povos mais primitivos da terra. (CARRARA, 2004). Cabe

salientar que, historicamente, no contexto peruano, os habitantes originais da região amazônica têm sido considerados como os mais “primitivos”.

À época, o surgimento das teorias do racismo científico é convergente com a ascensão da sexualidade para um lugar privilegiado no mundo científico. Cabe lembrar que se trata do contexto de emergência de múltiplos desvios sexuais. Neste cenário, a degeneração sexual do primitivo será objeto de explicações científicas, especialmente associadas ao calor e às condições das regiões tropicais. Nas palavras de Carrara:

Na passagem do século (do XIX ao XX), muitos médicos ainda acreditavam que os climas quentes favoreciam a licenciosidade e a decadência física. Para muitos, o calor trazia uma puberdade precoce, despertando poderosos impulsos sexuais. Para alguns, o calor podia até mesmo aparecer o que era então conhecido como ‘frenesi tropical’ (tropical frenzy). (2004, p. 433).

O autor cita *Sexual Life of Our Time*, do influente sexólogo alemão Iwan Bloch, para ilustrar como tal concepção era afirmada pelo discurso médico:

Devido talvez ao intenso calor, seguem-se distúrbios do metabolismo e, pela formação de toxinas, o sistema nervoso central e a psique são prejudicados e, assim, há uma ‘insanidade tropical’ induzida, uma impulsividade mórbida associada a uma total perda de entendimento dos princípios éticos e morais comuns. (2004, p. 433-434).

Nesta época, últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, ocorreu um processo na região amazônica peruana que marcou fortemente sua configuração: o *boom* da borracha. Foi um período de marcada exploração dessa resina, com intenso movimento migratório para a região amazônica, de grandes contingentes de trabalhadores (principalmente homens) de diversos lugares do país e também de outros países, que buscavam fazer fortuna nesse negócio. Organizou-se um sistema econômico no qual se estabeleceram relações hierárquicas e de exploração com a população nativa, que constituiu mão-de-obra privilegiada para a exploração da borracha. Nesse contexto surge e alcança seu máximo esplendor Iquitos, a cidade mais importante da baixa Amazônia peruana até hoje. Começa a se configurar também Pucallpa, que chega a ser a segunda em importância, em período posterior.

Os novos centros urbanos e o conjunto da região contaram com um grave desequilíbrio demográfico entre o número de homens e mulheres, pois a população era constituída majoritariamente por homens. Não há dados significativos sobre as

relações de gênero nesta época, mas é possível levantar a hipótese de que uma grande proporção das relações conjugais / sexuais foi estabelecida entre mulheres nativas e homens forasteiros. Esta situação teria favorecido o encontro de pessoas com diferentes códigos culturais, o que certamente fez com que esta região tenha se tornado um palco privilegiado para a geração de discursos sobre a sexualidade feminina nativa.

A hipersexualização destas mulheres ter-se-ia vinculado, novamente, com o estranhamento frente a distintos códigos de conduta sexual aparentemente mais relaxados, em comparação com aqueles em vigor nos lugares de origem dos trabalhadores da borracha. Há, ainda, outra hipótese, de que a ênfase em certas ideias, como a disponibilidade sexual feminina, poderia ter sido reforçada por um contexto no qual havia um comportamento sexual predatório dos homens forasteiros, relativamente às mulheres nativas¹⁴, neste tipo de cenário a representação se colocaria como uma mediação¹⁵ justificatória de tal comportamento. Além disso, tal representação poderia ter sido complementada pelos discursos médico-científicos da época, sobre os efeitos nocivos do calor sobre a sexualidade. Assim, a conduta sexual desenfreada dos homens dessas latitudes seria explicável, bem como a maior disponibilidade das mulheres.

A imagem de excesso e imoralidade, que a partir do século XVI foi vinculada às sociedades indígenas amazônicas, se estendeu em solução de continuidade para as novas cidades da baixa Amazônia e seus habitantes. Por exemplo, David P. Werlich, norteamericano que chegou ao Peru na segunda metade do século XIX como membro da equipe do Almirante John Randolph Tucker (chefe de uma missão exploratória hidrográfica na bacia amazônica, encomendada pelo governo peruano), a partir de uma análise dos escritos de vários integrantes da expedição, refere-se à cidade de Iquitos da seguinte maneira:

Los habitantes de la Iquitos en sus primeros tiempos se sentían chocados por el predominio de la embriaguez pública, el concubinaje y otros vicios entre sus habitantes. “Sodoma habría brillado junto a Iquitos en materia de

¹⁴ Na época da borracha é criada a categoria *cholas civilizadas*: “indígenas capturadas por los caucheros en sus correrías y convertidas en sus concubinas. Cuando estos eran “patrones” europeos, antes de regresar a sus países, las vendían junto con sus demás propiedades.” (SANTOS; BARCLAY, p. 384 apud CHIRIF, 2004, p. 64).

¹⁵ O conceito de mediação é usado aqui no sentido formulado por Jordanova (1989, p. 2): “a general, flexible term which is intended to carry no moral or political overlay but rather to draw attention to the intricate transformations and multiple meanings of fundamental ideas in our cultural traditions”. Ela propõe tal formulação como alternativa a “ideologia”, conceito carregado de sentido de intencionalidade política. Considera-se aqui que a representação possa ter sido “funcional” ao dito comportamento masculino mas não em um sentido de elaboração propositadamente produzida com esse intuito.

moralidad y temperancia” escribió el Profesor James Orton. El doctor Galt (meteorólogo y etnólogo), un experimentado viajero por el mundo, estimó que la moralidad del Marañón era “probablemente la peor del globo”. El problema no estaba confinado a los residentes peruanos de la ciudad; el lugar se distinguía por la “extrema inmoralidad... entre todas las naciones y razas, extranjeras y aborígenes. (WERLICH apud RIVERA, 2007, p. 233).

Ele assinala, no que tange à conduta sexual das mulheres:

Poco después de su llegada a Iquitos, Galt confiaba a su diario que las concubinas eran “a menudo completamente fieles”. Pero después de mayor tiempo en la ciudad, él descartó las palabras “a menudo” y las reemplazó por “raramente”. Tres décadas más tarde un prefecto de Loreto explicaría que el matrimonio “inspira temor... casi repugnancia” entre las mujeres comunes de Loreto. “Amor libre, unión transitoria... mientras la armonía durase y los lazos de afecto no se rompan,... esto es lo que ellas buscan y aceptan. (WERLICH apud RIVERA, 2007, p. 233).

Na primeira metade do século XX, particularmente nas décadas de 1930 e 1940, surge, no contexto peruano, um renovado interesse do governo, no sentido de integrar a Amazônia à nação, por meio da implementação de políticas específicas para a região¹⁶. No campo da saúde pública, um marco importante consiste na criação da *Supervisión Sanitaria del Oriente* (1940), serviço com o objetivo de organizar as intervenções de saúde em toda a região amazônica do país. A responsabilidade por esta instância é assumida por um médico alemão e pesquisador associado ao Instituto de Medicina Social da Universidade Nacional Mayor de San Marcos (Lima). Este personagem, nos quatro anos dedicados a esta atividade, desenvolveu intenso trabalho de campo, a partir do qual publica um livro, que é uma das obras mais importantes sobre a Amazônia: *La vida en la Amazonía peruana. Observaciones de un médico* [1944] (2004). Ele avalia da seguinte maneira a sexualidade da população amazônica:

La monotonía de los puestos, las noches largas que comienzan a las 7 u 8 se extienden hasta las 5 ó 6 de la mañana, explican la importancia que se da a la vida sexual. Si la vagancia crea la poligamia y el libertinaje, ciertos individuos, por su carácter o su posición, no pueden escapar de este modo del aburrimiento de su vida; entonces, a veces, resultan situaciones trágicas, como, por ejemplo, la de un maestro de escuela que tiene una esposa leprosa, mutilada e invalida, lo que no le impidió para que la hiciera madre de 5 hijos, algo increíble desde todo punto de vista. (KUCZYNSKI-GODARD, 2004, p. 99).

¹⁶ Os conflitos na fronteira com o Equador, que desencadearam a guerra de 1941; baseados, sobretudo, em interesses na exploração de petróleo na região; assim como a segunda guerra mundial, que incita o interesse dos Estados Unidos na Amazônia, como região geopolítica chave; são os fatores que permitem um entendimento desta renovada tentativa de integração, que fazia parte dos projetos modernizadores recentemente implementados. (SANTOS; BARCLAY, 2002).

Se ha hablado mucho de la influencia del clima luminoso y caluroso, sobre la sexualidad. Observando bien los diversos grupos humanos, dentro y fuera de la Selva, no me puedo convencer de la justificación de tal concepto rigurosamente “cósmico”, para el hombre. [...] Lo que estimula la sexualidad del colono (y de los viajeros) es más bien el “clima social y moral”, un ambiente cargado de sensualidad sin freno, un grupo humano en cuyo seno ya niños de tierna edad asisten a la vida conyugal, no sólo de sus padres, sino de otra que procede de la promiscuidad frecuente. No es de sorprenderse que el niño se “adapte” a tal “vida social”, que el adolescente muy joven, hasta el colegial, tengan contactos, y que empleados jóvenes de lanchas se masturben de la manera más desvergonzada casi bajo los ojos de los pasajeros. (KUCZYNSKI-GODARD, 2004, p. 103).

Embora o discurso desenvolvido por Kuczynski se afaste das explicações naturalistas ao rejeitar, por exemplo, os temas do calor e do clima tropical, favorecendo o “clima social” como motivo do suposto “desenfreamento sexual” próprio da região, sua obra possui nuances de um determinismo ambiental, pois em várias ocasiões este autor se refere aos habitantes da Amazônia como uma população “zoística”. (DEAN, 2004, p. 19).

As referências à sexualidade feminina também passam a ser associadas à noção de uma sexualidade caótica. No entanto, cabe notar que o autor estabelece uma diferença entre as mulheres indígenas e as mestiças, sendo estas últimas avaliadas como possuidoras de uma sexualidade na fronteira da patologia. Em sua diferenciação das mulheres segundo a “raça” apresenta-se novamente uma posição determinista, claramente em consonância com os princípios do racismo científico.

Si la india pura por naturaleza es sumisa y pasiva (hecho que resalta de algunos recuerdos del conde de Wavrin, de su vida entre los Jíbaros), la mujer mestiza, frecuentemente, y por lo menos antes de agotarse en repetidos embarazos, es impetuosa y llena de “libido”. Así se explican otras observaciones de gran interés para nosotros, como, por ejemplo, la conducta de una leprosa que en plena reacción febril, se unió con un joven sano quien, muy enamorado de ella, no hizo caso de su enfermedad o condición. (La enferma, por supuesto, enseguida fue evacuada e internada; mostró durante casi 3 meses una reacción catatónica, intermitente, y se restableció después de haberse unido, una vez más, con un hombre de su agrado). (KUCZYNSKI-GODARD, 2004, p. 100).

1.2.4 Meados do século XX - século XXI

Na contemporaneidade, tanto a ideia da desordem sexual da Amazônia, quanto a noção de que as mulheres da região são “ardentes”, ambas baseadas no

tema do meio ambiente como elemento corruptor, permanecem em vigor no imaginário nacional.

O romance *“Pantaleón y las visitadoras”*, de Mario Vargas Llosa (2004), obra da literatura nacional contemporânea, oferece um exemplo emblemático das versões atuais das representações referidas. A história central deste romance gira em torno da implementação de um serviço de profissionais do sexo (visitadoras), pelo próprio exército peruano, para atender as “urgências sexuais” dos militares que servem na região amazônica. Em um diálogo, em que o “Tigre Collazos” oficial do exército peruano – artífice do serviço de visitadoras – explica ao capitão Pantaleón Pantoja – encarregado de viajar a Iquitos para implementá-lo – a necessidade de tal serviço, afirma: “A mí me sucede siempre: llegar a la selva y empezar a respirar fuego, sentir que la sangre hierve”. Mais adiante, ele acrescenta a importância de resolver o problema “de los reclutas condenados a vivir como castas palomas en ese calor pecaminoso.” (p. 22).

O romance oferece uma eloquente descrição da representação das mulheres da região pelos olhos de Pochita, esposa do capitão Pantoja, uma limenha que acompanha o marido, passando a residir em Iquitos. Em carta para sua irmã, Pochita escreve que:

¿Qué te estaba contando enantes, cuando paré para ir a almorzar? Ah sí, de las loretanas. Uy, Chichi, todo lo que dicen había sido cierto y todavía mucho más, cada día descubro algo nuevo, me quedo mareada y digo qué es esto. Iquitos debe ser la ciudad más corrompida del Perú, incluso peor que Lima. [...] las mujeres (... son...) tan terribles [...]. Lo peor es que las bandidas son guapísimas, los charapas tan feos y sin gracia y ellas tan regias. No te exagero, Chichita, creo que las mujeres más bonitas que hay en el Perú [...] son las de Iquitos. Todas, las que se las nota decentes y las del pueblo y hasta te digo que quizá las mejores sean las huachafitas¹⁷. Unas curvilíneas, hija, con una manerita de caminar coquetísima y desvergonzada, moviendo el pompis con gran desparpajo y echando los hombros para atrás para que el busto se vea paradito. Unas frescas, se ponen unos pantaloncitos como guantes ¿y tú crees que se chupan cuando los hombres les dicen cosas? Qué ocurrencia, les siguen la cuerda y los miran a los ojos con una frescura que a algunas provoca jalonearlas de las mechas. (VARGAS, 2004, p. 82).

A situação do personagem do romance de Vargas Llosa, isto é, de um forasteiro (no caso, de Lima) que se desloca por motivo de trabalho para a Amazônia, é um caso que se repete, incessantemente, desde o período do *boom* da borracha até os dias de hoje. Como afirma Chirif (2004), o estilo de inserção da

¹⁷ “En el sustantivo –asegura Martha Hildebrandt en su *Diccionario de peruanismos* - predomina el femenino: *huachafa* es la mujer de mal gusto, sobre todo en el vestir, y *huachafita* es la muchacha de origen modesto que presume de una situación social y económica que no tiene.” (BARRIG, 1996, p. 93).

região na economia nacional (exploração intensiva de recursos naturais) tem incentivado a incursão de contingentes de trabalhadores do sexo masculino¹⁸. Para Chirif, este fator explica a vigência contemporânea da representação da sexualidade feminina aqui abordada. Segundo o autor:

El hecho de que el tema de sus relaciones sexuales se solucione por intermedio de **servicios especializados**, [...] o el enamoramiento o estupro de las mujeres de caseríos y comunidades cercanas ha favorecido la generación de cuentos y fantasías en torno a las mujeres de la región. (CHIRIF, 2004, p. 64-65, grifo nosso).

É nesse sentido, que foi afirmado anteriormente – ao mencionar o período da borracha – que a representação da mulher “ardiente”, que gosta do sexo, teria se sedimentado neste período, sendo compatível com o comportamento sexual masculino predatório que foi corrente.

O tipo de inserção da região amazônica na economia nacional, o que significa a reiteração do papel de lugar dedicado à exploração e extração de recursos naturais e humanos, reforça a imagem de um *espacio de usufructo*: um espaço com uma natureza exuberante e pródiga, que se oferece aos que se aproximam, ficando à sua disposição. Esta imagem da região teria sido transposta para as mulheres que nela habitam. A percepção análoga de mulher e natureza/território/geografia - amazônicas - é evidente em grande parte da iconografia produzida sobre a região. São frequentes as imagens e os textos nos quais representações altamente sexualizadas da mulher amazônica se misturam com aquelas concernentes à natureza do território¹⁹. Além disso, características naturais e geográficas da região são descritas a partir do corpo feminino. Tal como aponta Paredes (2005), esta representação pode ser considerada uma analogia condensadora do que se pensa sobre o território amazônico.

Para concluir esta seção sobre a hipersexualização da Amazônia na contemporaneidade, cabe referir a importância da identificação de novos nichos, a partir dos quais esta representação segue em processos de recriação e reprodução. Um tema central é o comércio sexual, em especial, concernente à “exploração sexual de crianças”. Atualmente, à região vem sendo atribuída a reputação de "paraíso sexual", assunto divulgado em reportagens na mídia, que destacam o envolvimento de menores em atividades de comércio sexual local e, também, de

¹⁸ Ao que se soma, o contingente militar, em vista da importância geopolítica da região.

¹⁹ Ver anexo 2.

turismo sexual. Por exemplo, em 2002, a revista *Caretas*²⁰ publicou um artigo intitulado “*Iquitos: Bangkok latinoamericano*”, em referência à crescente prática do turismo sexual infantil na cidade de Iquitos. De acordo com a publicação, esta situação seria incitada por uma série de práticas sexuais, descritas como comuns na cidade, como: iniciação sexual precoce, permissividade local em relação ao sexo de menores com adultos e, até, participação ativa dos pais na promoção de encontros entre suas filhas e homens mais velhos que, eventualmente, poderiam resultar em benefícios econômicos para toda a família. A reportagem é concluída por uma advertência no campo da saúde pública, observando os possíveis riscos de contágio do HIV / SIDA e de doenças sexualmente transmissíveis: “Cuidado: A este ritmo el supuesto paraíso del sexo está camino a convertirse en un verdadero infierno de SIDA.” (AGURTO, 2002).

Por ocasião de minha estadia na cidade de Iquitos para empreender esta pesquisa, pude perceber um marcado discurso de preocupação com os temas do turismo e do comércio sexual com menores, propagado por ONGs e organizações estatais. Uma expressão desta preocupação consiste na presença de uma enorme placa no centro do *boulevard* (lugar que, com a *Plaza de armas*, constituem os pontos centrais, de maior afluência turística e de mais ampla visibilidade da cidade), com advertência sobre a interdição do sexo com menores de idade (em inglês). A afirmativa sobre a visibilização dos temas do turismo e do comércio sexual não sugere qualquer avaliação sobre o trabalho realizado pelas instituições envolvidas – questão não vinculada aos objetivos desta investigação –, mas trata-se da constatação da existência de novos discursos, a partir dos quais a sexualidade desta região continua sendo construída como problemática.

1.3 Sobre “outros” hipersexualizados

O tema da hipersexualização de grupos subalternos não é restrito à Amazônia peruana. Caracterização de “outros”, recentemente “descobertos” a partir de imagens de sexualidade exacerbada, tem sido comum em diversas regiões que

²⁰ Uma das mais prestigiadas publicações periódicas nacionais.

abrangem o processo de expansão colonialista europeu, sobretudo em territórios tropicais. Estas representações resultaram de processos nos quais sexualidade, etnicidade e gênero se associaram e imbricaram intimamente, delineando novas configurações de poder. McClintock denomina tal processo como uma tradição de “porno-tropics”:

For centuries, the uncertain continents - Africa, the Americas, Asia - were figured in European lore as libidinally eroticized. Travelers' tales abounded with visions of the monstrous sexuality of far-off lands, where, as legend had it, men sported gigantic penises and women consorted with apes, feminized men's breasts flowed with milk and militarized women lopped theirs off. [...] Africa and the Americas had become what can be called a **porno-tropics** for the European imagination – a fantastic magic lantern of the mind onto which Europe projected its forbidden sexual desires and fears. (McCLINTOCK, 1995, p. 22, grifo nosso).

As regiões da América Latina e do Caribe possuem uma ampla literatura com exemplos de configurações sociais particulares, nas quais a interseção entre raça, gênero e sexualidade produziram representações hipersexualizadas de categorias étnicas subalternas, em decorrência de processos de colonização. Estas imagens transcenderam os contextos de conquista e colonização, marcando também as dinâmicas sociais posteriores dessas nações. Podem ser mencionados os casos de hipersexualização de população afrodescendente no Caribe (KEMPADOO, 2004), na Colômbia (VIVEROS, 1998, 2008) e no Brasil (MOUTINHO, 2004, 2008); entre outros.

A população indígena, no entanto, não tem sido marcada da mesma maneira pela hipersexualização. (CANESSA, 2008; WADE, 2008). Embora o acesso sexual a mulheres indígenas, por homens dos grupos dominantes também tenha sido frequente (especialmente em países com contingentes importantes de população indígena, como o Peru), este fato parece ter se baseado menos em sua figuração como sensuais e atraentes, e mais em sua disponibilidade sexual (em oposição à escassez ou inacessibilidade das mulheres brancas das elites). Canessa (2008), em estudo desenvolvido na Bolívia, constata este fato, afirmando que: “Aquí el deseo sexual parece estar construído no de una estética sensual, sino de una erótica del poder” (p. 74), o que assinala também em relação à Guatemala. A descrição de Weismantel (2001) sobre o tratamento sexual para mulheres controladas por fazendeiros das regiões andinas do Equador, Peru e Bolívia é análoga. O tratamento é marcado pelo abuso e pela violação, sem qualquer menção à sensualidade, mas à

“indianidade” (entendida como condição de inferioridade e animalidade), como justificativa de acesso sexual irrestrito, isto é, como expressão de dominação.

No contexto peruano a ausência de sensualidade é associada, sobretudo, aos indígenas da área andina. Diferentemente do apontado para a região amazônica, este grupo das montanhas tem sido representado historicamente como duro e de escassa sensibilidade, à semelhança da dura geografia local. Cabe destacar que o discurso sobre o “andino” é hegemônico, quando se pensa no indígena, no contexto nacional. Canessa (2008) oferece uma descrição das representações sobre o temperamento andino vigentes na Bolívia, que também procede para o caso peruano:

En la Bolivia actual a menudo he escuchado a mestizos y criollos maravillarse de la fuerza de los indios, su impermeabilidad al dolor y a la incomodidad, su insensibilidad al frío y a la lluvia, así como su carencia de cualquier tipo de sensibilidad emotiva o física. Esto forma parte de una larga tradición de ver a los indios del altiplano como encarnaciones telúricas del duro e implacable ambiente andino. En buena parte del siglo XIX y comienzos del XX los indios aparecen como parte del paisaje físico, generalmente a la distancia y a menudo tan fríos e inmóviles como una roca. (p. 87).

Contudo, figuras femininas sensuais e erotizadas não são totalmente ausentes no território andino, mas estão vinculadas a segmentos mestiços da população. É o caso da uma versão da *chola*²¹, referida por Weismantel (2001):

Unlike the idealized and inaccessible white girl, the chola and the mulatta attract attention through displays of vulgar sexuality. One poem implores the “little chola, very pretty chola” of Cuzco to “lift your skirt a little... show me how you like to move your buttocks”. What is at work here is less the championing of nonwhite women as beautiful than the fascination of a woman who is desirable because, she is almost white, and available because she is not. (p. 158-159).

No que tange à afirmação de Weismantel aqui citada, consideramos que seria mais apropriado, ao invés de afirmar que a *chola* é desejável por ser *almost white*, que ela o é, por não ser tão indígena, pois no Peru uma mulher “quase branca” dificilmente é considerada *chola*. Além disso, acreditamos que a figura da *chola* possa ser eventualmente caracterizada como sensual, apesar de sua “*choledad*” e não por ela. Diferentemente da mulher amazônica, que é considerada sensual precisamente pela marca regional.

²¹ Esta é uma categoria que surge nas áreas urbanas, como referência pejorativa ao migrante de zonas rurais, de procedência indígena, que se instala em centros urbanos, adquirindo hábitos da cidade, mas que mantém marcas de sua origem rural-indígena (seja no fenótipo, seja no uso do espanhol, modo de vestir, etc.).

Para completar este breve panorama nacional faz-se necessário mencionar que, no contexto da costa, também constam personagens femininos erotizados, abordados pela literatura acadêmica. Barrig (1996), ao analisar obras da literatura nacional das primeiras décadas da segunda metade do século XX, destaca dois tipos de mulheres limenhas: as “pitucas” e as “marocas”. São figuras de classes sociais diferentes e, portanto, etnicamente distintas, que, entre outros aspectos, se distinguiriam por suas qualidades sexuais. As “pitucas” são descritas por Barrig da seguinte maneira:

El mechón, las naricitas o los ojitos de las pitucas nos hacen evocar rápidamente muchachitas comparables a aquellas figuras de querubines, tan en boga hace un par de décadas, que representaban una graciosa cara de ángel con un par de alas que asomaban por detrás de sus orejas. Los ángeles son asexuados; con nuestras pitucas casi no hay necesidad de describir lo que ocurre debajo del cuello. (1996, p. 95).

As “marocas” são mulheres de camadas médias, situadas em seus estratos mais baixos, que usam sua capacidade de atração e voluptuosidade sexual para buscar um bom casamento, assim descritas:

Las marocas a diferencia de las pitucas, no son lindas sino apetitosas. Habitualmente las marocas son “mujerones”, atractivas y deseables por su físico y su presunta liberalidad; la de relajar los vetos del pudor de esa época y permitirse una cierta libertad sexual –que sólo en ocasiones llegaba a culminar en el coito- para atraer a los jóvenes burgueses, incapaces de tomar mucho más que la mano de las muchachas de su clase social. (p. 92)

Enquanto as “pitucas” são invariavelmente brancas, as “marocas” possuiriam as características étnicas associadas aos grupos mestiços de camadas sociais menos favorecidas da cidade de Lima. Barrig (1996) não se refere diretamente à questão étnica, ao diferenciar os dois tipos de mulheres em questão, mas trata o tema em referência aos ideais de beleza, apontando que:

El ideal de belleza en el Perú es, igual que en cualquier parte del mundo, lo exótico frente a lo común. Y lo común son las morenas, azambadas²², aindiadas, de piel gruesa y prominente nariz y lo exótico, no por casualidad, el tipo de mujer en la que se adivinan el antepasado colonizador: español o anglosajón. (p. 95-96).

A referência a mulheres *azambadas* adverte sobre a presença de população afro-descendente na área da costa do Peru. Na representação nacional, esta categoria étnica possui uma posição circunscrita e de restrita relevância. Entretanto,

²² Esta palavra deriva de *zambo/a*, categoria que designa a mistura entre preto e índio.

assim como em outros contextos, também é associada a representações de hipersexualidade.

Tal como apresentado, personagens femininos erotizados também existem em outras regiões do país, mas nenhum possui tanto destaque nacional nem é objeto de tamanha elaboração discursiva em torno de sua carga erótica como a *charapa ardiente*. Aliás, em nenhum deles (à exceção das mulheres afrodescendentes) o tema da sexualidade se vincula tão explicitamente com uma definição regional-étnica como neste caso. Aqui é preciso abordar as implicações étnicas desta representação. Quando a representação da *charapa ardiente* é acionada, a evocação mais imediata concerne a uma sensualidade tropical, associada às características geográfico-climáticas da região amazônica. Esta conotação possui maior peso do que qualquer identificação de cor ou “raça”. No entanto, como em todos os casos anteriormente referidos, as identificadas como mais sensuais e atraentes consistem nas mulheres mestiças urbanas. Embora na contemporaneidade os indígenas amazônicos não tenham sido tão desinvestidos de qualquer conteúdo sexual quanto os andinos, a representação se sedimenta em torno da população mestiço-urbana, mais próxima dos ideais de beleza dominantes no país²³.

Cabe ressaltar que a categoria “mestiço” abrange um amplo espectro, no qual é possível a inserção de muitos tipos de pessoas. A erotização atinge tanto mulheres das elites, mais próximas ao pólo “branco”, como aquelas de setores populares, cujas características fenotípicas revelam maior contiguidade do grupo indígena. Estas últimas, tidas como “típicamente amazônicas”, são mais valorizadas do que seus pares da região andina, no que concerne aos padrões estético-eróticos. Em conversas informais com pessoas de outras áreas do país, no contexto da pesquisa, foi frequente o comentário sobre a “boa conformação” do corpo das mulheres da região amazônica, sobretudo quando jovens, antes de “acabar-se” com os filhos. Estas opiniões geralmente se referiam a aspectos como magreza, cintura estreita e a forma das cadeiras e da bunda, além de uma postura considerada

²³ Em termos gerais pode-se afirmar que o Peru é um país no qual os padrões estéticos dominantes privilegiam a beleza “branca”, embora a maior parte da população do país não se encaixe neste ideal. O indígena se situa no pólo oposto, ocupando o último lugar na escala de valoração estética, enquanto os diferentes graus de mistura ocupam posição intermediária. A esta escala estética se associam, de modo geral, as preferências no plano erótico.

coquete. Um trecho do romance de Vargas Llosa (2004), já citado, é ilustrativo deste tipo de comentário:

[...] las bandidas son guapísimas, los charapas tan feos y sin gracia y ellas tan regias. No te exagero, Chichita, creo que las mujeres más bonitas que hay en el Perú [...] son las de Iquitos. Todas, las que se las nota decentes y las del pueblo y hasta te digo que quizás las mejores sean las huachafitas. Unas curvilíneas, hija, con una manerita de caminar coquetísima y desvergonzada, moviendo el pompis con gran desparpajo y echando los hombros para atrás para que el busto se vea paradito. (p. 82).

1.4 A *charapa ardiente* e seu lugar na nação: ensaio comparativo com a “mulata” brasileira

O uso do caso da mulata brasileira para refletir sobre a *charapa* é de utilidade para uma percepção dos arranjos étnicos e de gênero em cada contexto. Não se trata aqui de efetuar uma comparação sistemática nem exaustiva – tarefa que poderia ser tema de um outro estudo – mas de apontar alguns aspectos, no sentido de situar a representação em pauta. Esta comparação tem uma inspiração ensaística, não é possível apresentar formulações contundentes sobre o tema, dada a ausência de uma historiografia nacional em que a região amazônica ou a população nativa desta região se coloquem nos debates sobre mestiçagem e identidade nacional. No Peru este tema sempre tem sido pensado em referência à região andina e à população indígena a ela associada (seja na versão positiva, de “herdeiros do grande império dos Incas”, seja no sentido negativo do indígena, considerado inferior, atrasado e um problema da nação), e sua relação com a costa (tida como o pólo moderno e herdeiro da tradição europeia).²⁴ Na aproximação aqui proposta para o caso da mulata será utilizada a revisão realizada por Moutinho (2004), acerca dos clássicos da historiografia dedicada ao tema, enquanto para o caso da *charapa* serão usadas as ideias identificadas neste estudo.

A “lúbrica” mulata brasileira, à primeira vista, é uma figura semelhante à *charapa ardiente*. Ambas são mulheres subalternas, hipersexualizadas, diante das

²⁴ Para informação sobre os temas de gênero, etnicidade e identidade nacional ver: de la Cadena (1996) e Henríquez (2000).

quais homens dos grupos dominantes se arrogam o direito de acesso sexual. No entanto, para além desta analogia, há relevantes diferenças.

A primeira diferença importante é a posição ocupada por estas representações na maneira como se tem concebido as imagens de nacionalidade dos dois países. No caso da mulata, Moutinho (2004) constata que, nas obras dos clássicos da historiografia, a mestiçagem é temática central para discutir sobre o futuro ou viabilidade da nação. Nas propostas desenvolvidas, para além das diferentes posturas em torno do valor atribuído à mestiçagem, apresentam-se duas figuras privilegiadas: o homem branco e a mulher mestiça, sobretudo a mulata. Este par desempenha papel de particular importância, no que tange à reprodução da nação.

Na literatura revisada por Moutinho a mulata possui um lugar ambíguo, que oscila entre uma posição ameaçadora e outra, de redenção da raça mestiça. A posição de ameaça é desenvolvida por Nina Rodriguez (apud MOUTINHO, 2004), que a descreve como “solvente” da “civilização” e da família. Nas palavras de Moutinho:

[...] a mulata opera uma espécie de complexo de Dalila, para usar uma metáfora de Mary Douglas (1966), uma mulher que tem o poder de enfraquecer e iludir. Sua `excitação genésica` acaba por ser elevada a um lugar que coloca em perigo tanto a família quanto, por conseguinte, a própria sociedade brasileira.” (p. 71).

Nina Rodrigues considera que a mestiçagem contém uma tendência degenerativa e, portanto, se trata de ameaça à ordem social. Das ideias deste autor depreende-se que “seu caminho para a `boa ordem` parece pressupor a própria contenção do sexo `inter-racial`.” (MOUTINHO, 2004, p. 72).

Por outro lado, em autores como Oliveira Vianna e Gilberto Freyre (apud MOUTINHO, 2004), a consideração da mulata é muito diferente, assim como a avaliação sobre sua mistura com o “homem branco”. O par mulata / homem branco é considerado como fundador da “boa” nação. Assim, ao abordar a posição de Oliveira Vianna, Moutinho afirma:

Creio não ser exagero supor, que com sua sexualidade controlada através do casamento, ordenada a partir das regras de “purezas raciais” e sexuais, a “mulata” pôde ser alocada em outra posição. Não mais, como dito, como ameaça à nação e à virilidade do homem “branco” – como em Nina Rodrigues, por exemplo –, mas como o pólo oposto complementar, ainda que hierarquicamente inferior, que funda a (boa) nação. (p. 78).

Seja como proposta positiva de mestiçagem “redentora”, na qual a mulata e o homem branco formariam o casal civilizador ideal, seja a perspectiva negativa da mulata, tida como “solvente” da família e da “civilização”, a mulata se posiciona no centro dos debates sobre mestiçagem e nação.

No caso do Peru, a *charapa ardente* é vinculada a uma região específica da nação, historicamente considerada como o território mais extremo, a fronteira de demarcação política do país e da civilização. Além de longínqua, esta região sempre foi pouco associada à dinâmica nacional e, portanto, não é percebida como integrante cabal da mesma. Diferentemente da mulata, em torno da representação da *charapa ardiente* não se apresentam elaborações que destaquem a dimensão reprodutiva²⁵. Dada sua circunscrição geográfica e posição simbólica, ambas periféricas, a representação da *charapa ardiente* não demanda tanta preocupação em torno de sua atividade reprodutiva, no sentido da qualidade da prole que possa surgir, a partir de sua atividade sexual descontrolada. Os filhos que resultariam pertenceriam, de qualquer modo, à população de uma região não qualificada como parte importante da nação.

No terreno reprodutivo, sob a perspectiva de colonização que tem marcado a aproximação a esta região, as preocupações poderiam ter se centrado no preenchimento de um território considerado vazio, que, aliás, por ser região fronteira, seria importante preencher, para assim fortalecer as “fronteiras vivas” da nação. Contudo, esta preocupação seria mais de ordem quantitativa do que qualitativa. Ela não tem sido objeto de reflexões, no que concerne à representação aqui abordada.

No entanto, ainda que longínqua, a presença da *charapa* é considerada como um perigo para a reprodução da nação. Consiste em ameaça à ordem familiar, por ser considerada “rouba maridos” de mulheres de outras regiões. Nesse sentido, esta figura se assemelha às versões de Nina Rodriguez e Paulo Prado (apud MOUTINHO, 2004) acerca da mulata. Esta característica passa a ser preocupante, por se tratar de uma região com afluência significativa de homens sós de outras regiões, conforme referido neste capítulo. Assim, são frequentes as recomendações dadas aos homens que viajam, por exemplo, de Lima para alguma parte da selva

²⁵ Vigora uma concepção da Amazônia como lugar de mulheres com muitos filhos, que se reproduzem desde muito cedo e que são, com frequência, mães solteiras, mas a esta dimensão não é concedida ênfase como parte da representação da *charapa ardiente*.

(por vezes em tom jocoso e em outras seriamente), sobre não se deixar seduzir pelas *charapas*. Ula, uma informante, fala desta situação como assunto conhecido na região.

[...] muchos por ejemplo dicen que alguien que viene de afuera y tiene su familia en Lima y trabaja por acá ellas ya piensan o lo dan por hecho que acá ya ese hombre va a venir a conseguir mujer y que le van a dejar a su familia y en muchos casos ha sucedido ¿no? entonces la charapa está siempre como para ser “la trampa” dice te puede quitar el marido y así también lo ven las mujeres, [...] escuchaba un comentario de limeñas “ni vayas a dejar que tu marido vaya a la selva porque te vas a quedar sin marido” supuestamente acá ya lo pierden y como te digo conozco casos en que sí ha sucedido[...] (Ula/37).

Em conversa informal com um homem limenho, com muitas experiências de trabalho na região amazônica, a menção à *charapa*, como ameaça à estabilidade familiar, é expressa de maneira muito ilustrativa, quando relata as políticas acerca da sexualidade dos empregados forasteiros, de uma empresa em que trabalhava:

En la obra [...] cuando estaba en Iquitos [...], los gerentes repartieron condones a todo el mundo y nos daban 200 soles para que paguemos a una puta el fin de semana porque habían muchos matrimonios que se diluían en la selva ¿te imaginas? Mi primo, que era el dueño de la empresa trajo una asistente social, dieron charlas y dijeron “si van a tirar²⁶ usen preservativos porque no queremos enfermedades ni hijos que no tengan padre, ni matrimonios [en peligro]” porque todos los ingenieros [...] salíamos el sábado a vacilar²⁷ con “Explosión”²⁸, a vacilar en Iquitos y todo el mundo encontraba pareja, o sea todo el mundo, de los 14 éramos 10, los 10 encontrábamos con quien tener una relación sexual esa noche, bailando y toneando²⁹, de los 10 a 5 les cobraban y otros 5 era por vacilón. Entonces este primo, que era el dueño de la empresa en una de las visitas dijo “yo veo que algunos están saliendo con una chica más de una vez, me he enterado y que es constante, entonces ustedes tienen buena posición, ganan muy buen sueldo aquí y sus esposas están en Lima ¿no? ha habido casos en que después de 45 días de trabajo les tocaban sus 10 días de descanso y no han querido irse por quedarse con la hembra de acá y yo no quiero joder matrimonios”. (Sandro/41).

Diferentemente do lugar ambivalente da mulata; que pode ser considerada como “agente destruidor do lar” em algumas versões, mas que é principalmente tomada como integrante do casal civilizador ideal da nação; a *charapa*, por ser figura mais periférica, é menos ambígua, seu caráter de ameaça é expresso de maneira mais unívoca.

Por fim, também cabe apontar que, assim posicionada, a *charapa*, além de ameaçar a nação, marca as fronteiras do comportamento sexual feminino ideal. Ela é o oposto do que as outras mulheres – localizadas geograficamente no coração do

²⁶ Ter relações sexuais.

²⁷ Divertir-se.

²⁸ Banda de música local de maior popularidade.

²⁹ Participando de atividades de divertimento festivo.

território, que se percebe como constituindo o corpo da nação – devem se afastar. Este aspecto é referido por Portocarrero (2004) da seguinte maneira:

[...] la mujer loretana aparece como un modelo negativo de identidad, como una mujer promiscua y peligrosa, como una mujer amenazante. Pero fuera del vínculo protector del varón terminará mal. Sin afecto, ni estabilidad. Entonces se trata de una mujer que representa una mala imagen para el resto de las mujeres del país. Su degradación funciona como un elemento de control de la sexualidad femenina. (p. 15).

O controle da sexualidade de outras categorias de mulheres consiste em característica que a *charapa* compartilha com outras classificações subalternas erotizadas, como é o caso das figuras apresentadas na seção anterior.

1.5 Reflexões finais

Este capítulo apresentou inicialmente uma revisão de diferentes registros e personagens a partir dos quais, ao longo da história, se teriam gerado as representações hipersexualizadas da Amazônia e das mulheres que ali habitam. Tal revisão evidenciou tratar-se de concepções construídas em um complexo processo histórico de caráter colonialista, em que sucessivos olhares masculinos convergem em um território e população, cuja natureza tem sido retratada a partir de categorias fortemente marcadas pelo gênero e a etnicidade. Estes discursos contêm mudanças de argumentos, segundo as noções hegemônicas da época. Assim, passam de retóricas religiosas para o racismo científico, e deste para a saúde pública, entre outros. Contudo, tais transformações mantêm um núcleo semântico: a sexualidade é tida como assunto problemático, em uma aproximação colonialista, que ainda marca a relação entre esta região e o restante do país.

Conforme aqui apontado, este caso se insere em um panorama mais amplo. Há diversos casos de hipersexualização de população subalterna, em distintas regiões com uma história de colonização, mas cabe mencionar que grande parte da literatura sobre o tema, pelo menos na América Latina e Caribe, chama a atenção para população afro-descendente. Segundo Wade (2008), há uma ênfase nas relações branco-negro em contextos de escravidão, nos quais a exploração sexual

escravocrata é o pano de fundo destas representações erotizadas. O autor afirma que parece não haver um imaginário tão sexualizado da mulher e do homem indígenas, lembrando que “depois da referência obrigatória ao grabado famoso de Amerigo Vespucci mirando uma mulher indígena desnuda, este tema recibe relativamente poca atención en la literatura sobre raza-sexo.” (p. 44). Considerando esta carência, as reflexões aqui expostas seriam um aporte sobre a temática, apesar de que a representação ter transitado na história desde a população indígena amazônica, para sedimentar-se atualmente na população tida como mestiça.

Este capítulo termina com reflexões, com caráter de ensaio, sobre o lugar da representação da *charapa ardiente* para a nação peruana. Para tal reflexão utilizou-se a referência à mulata brasileira, em um exercício comparativo. A principal diferença entre ambas concerne ao lugar central da mulata nos debates sobre a mestiçagem no Brasil, pensado como uma totalidade, enquanto a *charapa* se refere a um lugar periférico, geograficamente circunscrito e desligado de preocupações sobre a reprodução dos cidadãos da nação, enquanto a região é considerada de pouca importância para um país profundamente cindido, no qual “los referentes del nosotros han correspondido tradicionalmente a un *locus* cercano, de proximidad comunal o regional.” (HENRIQUEZ, 2000, p. 335). As ideias aqui apresentadas ainda são incipientes, e são colocadas como pistas que merecem análises mais aprofundadas em pesquisas futuras.

2 A CHARAPA ARDIENTE E A SEXUALIDADE AMAZÔNICA: DISCURSOS E EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES DA REGIÃO

2.1 Introdução

O capítulo anterior apresentou a representação da *charapa ardiente*, usualmente associada às mulheres da região amazônica, a partir de registros que demonstram a vigência desta representação, em diversos períodos históricos; o foco se centrou nas definições exógenas. Neste capítulo serão exploradas as concepções endógenas acerca desta representação, considerando as opiniões e experiências das informantes sobre o tema, o que é justificado por duas razões.

Como parte da reflexão sobre a representação hipersexualizada da mulher amazônica, o exame das definições endógenas é aqui avaliado como central, em concordância com Poutignat e Streiff-Fenart (1998), que postulam que as definições endógenas e exógenas estão em relação de oposição dialética, cada uma alimentando a outra. Portanto, para a compreensão de uma definição, necessariamente é preciso abordar sua oposta.

Por outro lado, uma vez que o principal objetivo desta pesquisa consiste em entender o lugar ocupado pela sexualidade na construção da pessoa, no caso das mulheres desta região, a apreensão de sua perspectiva sobre uma representação que justamente se refere à sua sexualidade coloca-se como elemento importante para se aproximar deste tema. Cabe destacar que as mulheres participantes da pesquisa são cientes sobre o que é dito sobre elas em outros contextos e se posicionam a respeito do assunto. De acordo com os autores mencionados: “Um grupo não pode ignorar o modo pelo qual os não membros o categorizam e, na maioria dos casos, o modo como ele próprio se define só tem sentido em referência como essa exo-definição”. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 143).

2.2 As mulheres interpelam a representação

Ao conversar com as mulheres da região sobre a representação da *charapa ardiente* surgiram várias opiniões, passíveis de agrupamento em três posicionamentos: negação, aceitação e aceitação a partir de uma resignificação. Para além desses posicionamentos foi possível delinear algumas ideias em torno da realidade regional. De certo modo, tais concepções aproximam tanto aquelas que rejeitam a representação quanto as que a aceitam. Este quadro indica a existência de um campo semântico compartilhado pela maioria das mulheres abordadas, acerca de certas características do ambiente sexual da região e do comportamento feminino.

A partir da provocação do tema da *charapa ardiente*, as entrevistadas efetuaram descrições da vida sexual na região e, particularmente, da sexualidade feminina, que seguem dois movimentos. O primeiro consiste em recusar qualquer particularidade regional referente à esfera da sexualidade. Isto é um desdobramento da posição de forte negação da representação de ardente, que consideram pejorativa, pois as retrata como mulheres “fáceis” e “rouba maridos”.

Mi opinión es que a veces, muchas veces, están errados porque tanto la mujer de la selva como la mujer de la sierra o la costa es igual, yo te hablo esto con experiencia porque yo tengo sus familiares del papá de mis hijos, ellos son de la sierra, sin embargo, mi cuñada ¿Cuántos hijos ha tenido? ¿De cuántas parejas? y de cada uno ha tenido hijos y de igual manera las hijas de ella y por eso cuando hablan diciendo que eso de que la mujer de la selva es más liberal, es ardiente que es fácil... hay de todo, hay lo fácil, hay lo difícil, no es para decir que porque es de la selva es así, muchos se equivocan. (Ursula/45)

Yo no sé en qué sentido le hacen ardiente señorita, ¿Tú crees que todos no tenemos el mismo orgasmo? bueno, por ejemplo, las personas de la sierra, la serranita ¿Ellos no tienen ese mismo, cómo dicen, esa misma química de querer comer a un hombre? o las señoras limeñas, por ejemplo, de tener esa relación, se tiene todo, no sé porqué... porque aquí hay que tolerar mucho el sol así, ya le han puesto ya su... (risos) yo pienso eso, pero todos conocemos que somos iguales. (Noemí/36)

Em segunda instância, esta negação drástica de qualquer diferença (em bloco) com as mulheres de outras regiões do país passa a ser matizada, a partir da afirmação de certas particularidades locais que teriam gerado esta representação, segundo elas percebem. A partir deste posicionamento apresentam-se discursos que oscilam entre ideias de liberdade/soltura, por um lado, e de libertinagem/falta de controle, por outro. Não se trata de visões excludentes, mas de perspectivas que

são acionadas em distintos momentos, de acordo com as circunstâncias. Considera-se aqui que tais ideias, embora diversas, integram um mesmo campo semântico. Além disso, a maneira como as informantes se posicionam – seja individualmente ou como coletivo “regionalizado” – a respeito destas ideias também denota significativas distinções segundo a circunstância.

De modo geral, as informantes referem uma concepção de liberdade nesta região. No sentido positivo, seria um espaço de soltura e tranquilidade, no qual a interação pessoal é amigável e afetuosa. Assim, haveria maior possibilidade de movimento no espaço geográfico e social.

[...] siempre había esa libertad de...de cómo decir ¿no? de expresar, de conversar y más diálogo; y en cambio, en otros sitios no... las casas están cerradas...las personas...ni con sus vecinos tienen comunicación ¿No?, en cambio acá no, hay esa libertad de conversar con el vecino, con la vecina, tú sales por ahí ya estás conversando. Tienes más esa libertad de expresión con...con tu comunidad. ¿No?; o sea, de estar más unidos a veces; a veces, grupo de juegos...de bingos que no sé qué paran ahí ¿no? Y ahí ya pues son más sociables entre...entre ellos ¿no? en...en el barrio...ah eso...en cambio en otros sitios uno no ve eso. Más se dedican los chicos o las señoras al trabajo, al estudio...en otro aspecto, poco están conversando con los vecinos o con el amigo solo en lo que tú te centres ¿No? en eso ¿no?...yo le puedo observar eso ah. (Sonia/38)

As mulheres se descrevem, desde uma afirmação coletiva, como amigáveis, alegres, divertidas, coquetes e sensuais. Além disso, destacam o uso de roupas mais leves e decotadas, o que justificam pelo clima quente da região. De acordo com seus depoimentos, as pessoas de outros contextos do país confundiriam este comportamento com uma expressão de oferecimento ou de facilidade de acesso sexual.

[...] las mujeres de acá de la región...qué te digo, pues ¿No? son así algo...sensuales, alegres, dinámicas y...y cómo te puedo decir...ellos no ven; de repente, a veces, no...no se dan cuenta que con su actitud, pues, están ca...causando un...un atractivo a esa persona que te está calificando ¿no?; pero, la verdad...pues...no, no es ese tipo de persona sino es la característica...la mayor parte de las mujeres de acá, de...de buscar diálogo...conversar ¿no? Y ser amigables sobretudo las chicas. (Sonia/38)

[...] acá una cosa que llega de moda ya está exhibiéndose ya y entonces pues se ponen los shortcitos chiquitos y ya pues, ¿di?, es algo que...como llamar la atención, como provocar a los chicos todo eso, ¿di? por eso yo digo que...porque en Lima tú vas a ver que se visten así todo eso, entonces de acá pues ya un poco más [...] es algo, cómo te explico es un...algo como, algo... que ellas quieren mostrar, ¿di? o sea son más, cómo te digo, son más este...las chicas son más, más abiertas, más este...que, que, que llamar la atracción quieren llamarte la atención no sé algo, algo especial que uno se siente ¿di? Acá. (Fátima/40)

[...] de repente lo asocian en eso cuando nos ven a nosotras con ropa muy pequeña de repente ¿no? con la calor nosotros los pucallpinos tenemos la costumbre de usar ropa muy

chiquita, pegada, que de repente se muestra mucho las... se ciñen bastante nuestros gluteos, nuestras piernas y hace que los hombres ya le asocien con eso "están con calor, se ponen ropa chiquita entonces podemos tener relaciones sexuales", ajá, "mucho más fácil sacarle la ropa", pero no tiene nada que ver con eso. (Liliana/24)

Ao serem indagadas acerca destas características consideradas positivas, a maior parte das mulheres não demonstra qualquer dificuldade em assumi-las, como parte de uma identidade feminina "regionalizada", que se distingue claramente do temperamento das mulheres do restante do país. A fala de Talia é ilustrativa: ela afirma o fato de ser "ardente" enquanto categoria identificada com este tipo de caracterização:

Yo, antes decía que ardientes eran [...] que llamaban así ardientes a lo que las chicas de repente se entregaban al hombre, pero no, me he dado cuenta que no es así sino a lo que somos divertidas, en la forma de baile, no sé, estar con alguien, cariñosas digo yo, sí, he escuchado que así nos llaman, a las charapas (risos)
 ¿Y tú crees que es cierto?
Sí, porque somos bien divertidas. (Talia/20)

Conforme se observa nesta declaração, Talia tem o cuidado de retirar as conotações sexuais da categoria ardente, de maneira a identificar-se com ela. No entanto, a maioria opta por recusar esta categoria, precisamente por estar associada com o outro extremo do campo semântico, em terreno tido como desviante: o da sexualidade. Nesse território, elas não admitem diferenças em relação às outras mulheres, pois isso resultaria na produção de um estigma: o ardente é associado a serem "fáceis" e "roubamaridos". Wendy traça claramente esta fronteira no seguinte depoimento:

[...] yo digo que la mujer de la selva es igual que todas las personas de otros lugares, esa es mi manera de pensar, claro que sí en otras cosas, lo que son muy hospitalarias, muy alegres, muy coquetas, no todas ¿no?, pero hay algunas así, pero después ardientes, libres, creo que no somos así. Claro que somos libres en tener ideas y decir pero libres de meternos con el que se cruce en nuestro camino eso creo no [...] somos igual que cualquier mujer de otro lugar. (Wendy/25)

Em um primeiro momento as mulheres rejeitam a identificação com a ardente, por ser marca de uma sexualidade desviante. Contudo, quando se referem a terceiras e à região em geral, de modo impessoal, o discurso passa a incluir ideias de falta de controle e comportamentos sexuais femininos que julgam inadequados. Elas se distanciam pessoalmente dessa imagem, apesar de considerarem sua existência como parte da dinâmica desta região. Então, efetua-se um movimento

para o extremo negativo do campo semântico em questão. De acordo com as entrevistadas, seriam comportamentos mais ou menos frequentes, que poderiam ter provocado a produção da representação existente sobre a mulher desta área do país. Entre as atitudes mencionadas, destacam-se a iniciação sexual precoce, a busca ativa e rápida de envolvimento sexual com forasteiros, além da frequência de infidelidade feminina.

[...] es que acá...acá en Pucallpa es un sitio donde hay bastante liberación es...¿no?...a donde te vayas vas a ver huambras...eh...chibolas en la disco como si no tuvieran papá, mamá que les pongan freno. En Pucallpa son...como dice la perdición. Pero, creo que es depende de uno ah. Y de ser ardientes, no todas somos ardientes (risos). (Daniela/23)

[...] le dice que son ardientes, porque conocen un chico que venga de afuera ya se desviven las chicas, señoras, ¿dí? [...] En el trabajo donde estaba, ahí venían colombianos, ¿ya? venían de Tabatinga todo eso, de acá cerca nomás, la frontera. Las chicas ya, se conocían ahí en la mesa, un grupo de puras mujeres así en un bar y los hombres acá que han llegado de todo eso, de ahí estaban...se miraban, les miraban y entonces dos chicos vienen, ¿no? se acercan “una cervecita, ¿podemos unir la mesa?” ya ahí, amistad, lo que yo he visto, ¿ya? ahí... De ahí ya, al rato que están conversando con la cerveza todo eso, ya están ahí abrazándose, besándose, citándose, ¿ya? Ya...normal, ahora en el caso de mi trabajo, han experimentado los chicos, se van a las discotecas, conocen chicas y ya...y ya está todo ya. Al día siguiente vienen los chicos están comentando lo que hicieron ya “Sinceramente, realmente aquí las chicas son ardientes, porque anoche me comí a dos” ¡así! (Fátima/40)

[...] será por, por el mismo ambiente que hay acá señorita [...] están sueltas, no es como una parte que tú estás cerrada, no puedes, pero acá las cosas todas son libres, puedes irte por acá, por allá, por allá y tantas cosas a veces que penetran en el mundo ya y hacen que sea así, digo yo

¿Y por qué el ambiente es más suelto?

Porque quizás acá, acá siempre en Iquitos es, es este, las cosas no, no son como por otro sitio ¿Dí? no es este, no es tan, este, no es tan, este, como se puede decir, tan oprimido, siempre es tranquilo, te vas a donde quieres, vienes cuando quieres, no es como otras partes, en los que estás bastante protegido, cuidado, pero acá pues, la vida es en otra forma, tú puedes ir a dónde tú quieres a un lado a otro lado puedes ir. (Giovanna/44)

[...] por lo que son sacavuelteras³⁰, no quieren estar con uno. Dice hay que buscar con lupa una mujer que sea ardiente pero para un solo hombre (risos) [...] porque, la mayoría están viviendo con el marido pero tienen dos o tres por ahí escondidito. Y eso yo digo, “qué buscan – yo les digo así – ¿qué pues buscan?, igual no más ahí tienen”; “No tienen igual” me dice la otra (risos) “No tienen” [dice], “O sea, tú vas por el tamaño – le digo – no vas porque realmente quieres a ese hombre” (risos) estas locas [...] yo así les pregunto de broma en broma. (Nancy/45)

O aspecto mais radical desse tipo de percepção consiste na afirmação de alta prevalência de prostituição, como indicado por Sonia. Destaca-se o fato de que mulheres muito jovens e menores de idade se envolveriam neste tipo de atividade,

³⁰ Sacar la vuelta é uma maneira de se referir a “ser infiel”. Então, ser sacavueltera é alguém frequentemente infiel.

em decorrência da falta de controle dos pais e das necessidades econômicas, conduzindo a um quadro de libertinagem, segundo descrição desta entrevistada:

¿Eso quería preguntarte, tú por qué crees que tienen esa imagen o esa idea de las personas de la...?

Bueno...sabes, de repente; porque, [...] más se debe acá, como yo te digo, muchas niñas adolescentes, que se han dado a lo que es la prostitución ¿No?; o sea, más que en cualquier otro sitio, acá. Qué...que se ha dado acá...esto es...qué te digo...casi el 90%.

¿Ah sí, tanto así?

Ajá, así y entonces, y ese creo que es...como está conocido a nivel nacional, internacional, creo y por eso piensan que todas estamos en el mismo, en el mismo saco que digamos ¿no?

¿Y por qué crees que se ha dado tan fuerte esto de la prostitución acá?

¿Por qué? porque no hay control de los...de los padres a los hijos, a las hijas mujeres; y también el problema económico. Y muchas madres solteras, ¿por qué? porque se da muchas madres solteras, porque como yo le volví a recalcarle; porque, los hijos se vuelven rebeldes, no hacen caso ya lo que los padres dicen, el padre ha perdido autoridad. Entonces, los hijos hacen lo que les dá la gana, salen...discotecas y todo eso, y ahí es donde que...se pierden las personas ¿no?...mucho este...ser liberales.

[...] y por lo que más influye es el factor económico, ya...una señorita ya está...necesita vestirse...un zapato, tú sabes una señorita ya quiere ¿no? vestirse...y no...y su padre no le puede dar; se rebela, sale y se buscan ¡ah no! y en sus andanzas encuentran pues, personas de afuera y van a veces como dama de compañía y así...an...y así empiezan a hacer su vida sexual ¿no? y así van entrando a la prostitución. Así a poquito a poquito y se ve bastante, y personas de edad también he visto (risos)...se ve bastante, yo creo por eso ¿no sé? o de repente habrá otro...otro motivo ¿no?

[...] eso para mí como malo, yo lo veo que no es correcto, yo también soy pobre...he crecido en un hogar muy humilde... muy pobre; pero, por el hecho...yo no quiero que mis hijos sean pues así ¿no?; al contrario, quiero que sean mejores. (Sonia/38)

[...] yo pienso ¿no? así muy entrecortado que las personas que vienen de afuera, piensan así de las chicas porque... porque realmente se encuentran con chicas... al paso por decir así como lo he pasado yo y son personas que vienen de afuera y contactan a alguien y encuentran chicas que están dispuestas a tener relaciones sexuales por dinero ¿no? y lo hacen por dinero, y lo hacen por necesidad, no es porque les gusta el sexo o porque son ardientes o porque les dicen "vamos a la cama" y ya lo hacen, o sea no es tanto por el sexo sino por la necesidad que hay aquí en esta población ¿no? en la mayoría de las chicas por lo general tienen relaciones por eso, por el dinero y son los adultos, las personas adultas las que de repente tienen esos conceptos de las chicas que son así bien ardientes, que les gusta el sexo y todo eso ¿no? pero yo diría más que todo que no es por eso ¿no? (Liliana/24)

As informantes que identificam a região como um espaço desordenado, sem controle sobre o exercício da sexualidade, apesar de constituírem uma minoria³¹, não hesitam em afirmar que a qualidade de ardente se apresenta entre a maioria das mulheres. Contudo, apenas uma que integra este grupo se incluiu pessoalmente:

Bueno señorita, eh, como te puedo decir, al 100% sí es verdad [que la mujer de la selva es ardiente]

³¹ Cinco de um total de vinte.

¿Tú, tú crees que es cierto?

Sí, que es cierto, porque aquí hay niñas chiquitas ya están ya, ellas ya no, ya no esperan ya ni su edad ya, de chiquitas ya se le ve que están, por eso yo pienso que sí. (Giovanna/44)

[...] cuando he vivido en Lima, sí decían, pues ¿no? “Esa charapa, esa charapa, ahí vive una charapita, cuidado con tu marido”. Yo decía “¿A quién estarán diciendo?”, “Negro, así hablan ahí – le digo yo – ahí dicen que las charapas son ardientes y que quitan marido y yo soy charapa” le decía yo (risos); “No, tú eres diferente”. No serán todas, pero sí son así [...] Vete a Iquitos vas a ver que de 12, 11 años ya saben ya [...] Peor en este tiempo ya, ellas mismas ya buscan ya, el que le agrada ahí ya. (Nancy/45)

Será verdad pues que sucede, bueno, les dicen así a las chicas, porque, porque la mayor parte de personas que vienen de fuera, las chicas pues, se, se desviven por ellos, es capaz de entregarse ahí, en ese rato mismo, o si los jóvenes que vienen de fuera, por ejemplo, de Piura³², de Trujillo, de Lima, las chicas se van en sus encimas, por ejemplo, si se va a una fiesta y viene una orquesta, las chicas están ahí como las moscas. (Telma/42)

Entre as informantes que afirmam a característica de mulheres ardentes na região, as explicações concernem ao ambiente excessivamente livre, ao tesão incitado por fatores externos, como o clima quente ou, ainda, aos efeitos de uma fruta regional, denominada *aguaje*³³.

Duas mulheres mencionaram o calor, sendo uma jovem e a outra adulta. O seguinte depoimento é ilustrativo:

Porque acá hay... el 100% hace bastante calor acá, yo pienso que también será por eso.

¿De qué manera el calor afecta esa parte de la, de la sexualidad?

Porque sí pues, porque la persona misma se, con la misma calor se, se mantiene caliente, qué será (risos). (Giovanna/44)

Gilda explica a ação do calor sobre a sexualidade, a partir de seu impacto sobre o funcionamento hormonal. Ela aponta que, no clima quente, as hormonas se *alborotan* e como resultado disso haveria um comportamento sexual mais ativo. Embora ela defina o “ardente” a partir do sentido negativo que lhe atribui a definição exógena, ela utiliza esta noção de modo estratégico, para se eximir de qualquer responsabilidade em situações previamente vivenciadas, avaliadas como problemáticas: a iniciação sexual “precoce” e a gravidez na adolescência. Em seu relato a responsabilidade por estes eventos seria decorrente de causas externas, que gerariam maior atividade hormonal.

[...] dicen que por ser más calientes eso nos hace que de repente a temprana edad nosotros tengamos nuestras experiencias sexuales y pues consigo un bebé; pues eso es lo que piensan todos y llegando a analizar las cosas yo pienso que es así, porque si no lo fuera... de repente yo sola hubiera sido la que he tenido un hijo a los 15 años y no, somos un montón

³² Tanto Piura como Trujillo são cidades da costa norte do país.

³³ Fruto pequeno, de consistência oleosa, que cresce em um tipo de palma do pantano.

de niñas por acá que hemos tenido, de diferentes edades pero nadie ha llegado a los 20 años.

¿Y tú por qué crees que se da esto así?

O sea dicen que la calor hace que te hagas caliente, que tus hormonas se... [...] cómo te digo, se alborotan y eso pues hace ya que de repente sucedan las cosas, peor cuando estás de repente con tu chibolo (risos) ya pues las cosas se dan, yo pienso así no sé si estaré equivocada o estaré dando la razón a una cosa que no es. (Gilda/24)

Este tipo de argumento é desqualificado por Beatriz, que ressalta a importância da vontade individual, em detrimento dos condicionamentos externos, como o clima. Esta posição é compartilhada pela maioria das mulheres entrevistadas:

*[...] dice que de la selva son más ardientes, que de otro sitio no son así [...] dice porque hay muchas adolescentes que son madres solteras ¿no? adolescentes que tienen bebe y a donde vayas hay adolescentes que tienen niños, que tienen hijos, ¿Cuál es la diferencia? Porque son ardientes todas. Así que no, para mí es igual. **El clima no lo hace, el que le hace es uno...uno mismo a la persona.** (Beatriz/46)*

O *aguaje*³⁴, uma das frutas de maior consumo local, também é utilizado como explicação do comportamento feminino ardente na região. Considera-se que esta fruta contenha certos elementos em sua composição com efeitos sobre os hormônios, resultando na produção de desejo sexual mais intenso. Assim, Telma explica que:

A ver explícame un poco esto del aguaje

Así me dice mi marido también, su papá de él (señala a su hijo en brazos), este, que mucho, este [...] contiene mucho aceite, el aguaje, dice que de ahí, este, provoca muchas hormonas, el aguaje y acá pues, en la región se come mucho aguaje, en todas las esquinas ves las agujeras con su salcita más el aguajina le toman, eso dice que provienen muchas hormonas a las señoritas, por eso son ardientes y acá se come bastante el aguaje, y a mi hija le encanta, yo cuando estaba embarazada de mi hija pues, anoche le estaba contando [a mi marido], justamente le digo, anoche, este, “Cuando estaba embarazada de mi hija”, le digo, “Yo comía bastante aguaje”, me dice “Con razón tu hija ha salido con bastante hormona”, me dijo, “Por eso tu hija es así”, me dice, “Le gustan los hombres” y mi hija es así. (Telma/42)

Esta ideia em torno do *aguaje* é recusada por Wendy, uma participante que reivindica a “pessoalidade” e recusa as justificativas baseadas em fatores externos, como bebida ou comida.

[...] la gente de afuera, la gente foránea especula mucho sobre la mujer pucallpina, ¿por qué? Porque siempre se basan a los... a las bebidas, dicen que cuando toman... sobre todo la aguajina, que te aumenta las hormonas, creo que eso es mentira, en mi manera de pensar creo que eso es totalmente falso, no tiene nada que ver nada una cosa con otra. Tener sus

³⁴ Ver anexo 3.

cosas, sus comidas sus bebidas no tiene que ver nada con la personalidad de alguien.
(Wendy/25)

A concepção referente à presença de hormônios femininos no aguaje também é usada para explicar uma suposta maior presença de homossexualidade masculina na região. Este assunto foi mencionado em algumas conversas informais, por vezes jocosamente e, em outras ocasiões, como fato real. Telma explica o tema da seguinte maneira:

¿Y alguna vez has oído una idea como esto de que las chicas son ardientes, has oído para el caso de los hombres, que se diga que los hombres de la selva son ardientes?

Sí, sí.

¿Ah, sí?

De los homosexuales pues.

A ver, cuéntame un poco eso.

De eso pues, de ellos también, ellos también no ves que comen el aguaje, mis hijos... mi marido no les deja comer mucho aguaje a mis dos hijos porque en eso de lo que comen harto aguaje los hombres, los varones pues más que todo ¿Di? de ahí dicen que les provoca las hormonas, por eso es que se hacen homosexuales, porque contiene mucho aceite, no ves hay unos aguajitos que le dicen el shambo, bien rojito [...] Bien rojito es, es aceitoso, eso dice que tiene bastante hormona y aparte de eso se toman la aguajina, o sea el aguaje le disuelven, lo machacan y se hace cremolada [...] eso es lo que malogra últimamente a los jóvenes y acá en Iquitos hay cantidad de homosexuales, que dios no lo permita, mis hijos, yo le cuido mucho a mis hijos [...] por ejemplo, en su colegio de mis hijos hay cantidad de homosexuales, colegiales, de 9 años, 12 años, ya son homosexuales. Pero eso es lo que dicen los, los, las personas "Porque comen mucho aguaje" dice. (Telma/42)

Este tipo de representação sobre os homens da região se aproxima do argumento de Chirif (2004) sobre as origens históricas da representação da mulher ardente, em que o contraponto desta figura feminina seria a figura de homens incapazes de satisfazê-la sexualmente. No entanto, a presumida maior presença de homossexualidade masculina (entendida como feminização) na região não consiste em representação tão generalizada quanto a *charapa ardiente*.

Até aqui foi visto que a maioria das informantes nega a representação de ardentes e qualquer particularidade regional associada à sexualidade, já que o tema é considerado como terreno perigoso, vinculado a significados negativos. Uma posição minoritária também se apresenta, aceitando a qualidade de ardente, no sentido negativo de sexualidade desenfreada. Tal posicionamento assume tratar-se quase de uma fatalidade, associada a fatores que escapam à vontade pessoal. Além destas, há, ainda, uma terceira posição. Algumas das entrevistadas, embora se trate de uma minoria, aceitam uma particularidade regional em torno da sexualidade, sob uma perspectiva afirmativa, salientando a liberdade e o atrevimento, sem conexão

com quaisquer dimensões negativas. Assim, Bertha aceita, inclusive abertamente, a qualidade de ardente.

*¿Por qué crees que la gente dice eso de las mujeres de, de aquí de la Selva?
Yo no sé por qué, porque somos coquetas quizás, eh, somos libres, entonces, no estás cohibida en nada pues, te gusta un hombre, te vas, bailas, comes, tomas, no sé qué haces tú, te mueves y eres libre, y eres coqueta, y tienes ganas de hacer el amor, pues lo haces (Noemí/36)*

Bueno... sí somos ardientes; porque... no sé [...] porque así somos natural de la Selva que somos calientes, que somos... como dicen... arrechas (risos) sí pues, bueno... yo digo así ¿dí? yo que soy de la Selva, netamente de la Selva soy... como prácticamente... ardiente ¿dí? (Bertha/43)

O presente trabalho é dedicado às camadas populares. Contudo, neste ponto específico é de utilidade desenvolver algumas ideias colocadas por mulheres de camadas médias, já que entre elas foi identificado um discurso reivindicatório acerca da sexualidade, de contornos bastante definidos. A vivência mais aberta e menos “hipócrita” da sexualidade nesta região, em comparação com outros lugares do país, constitui uma ideia central nesta retórica:

Es un estereotipo muy marcado en casi todas las partes del país creo que porque las mujeres acá tienden a decir que sí se sienten bien con su sexualidad entonces si sienten placer lo dicen y si quieren tener relaciones sexuales también lo dicen [...] y creo que eso hace que las demás personas de otros lugares del país piensen que son muy ardientes que son muy calientes o muy liberales sexualmente pero no es así, si no que simplemente que se sienten muy bien con su sexualidad y lo manifiestan en cambio en otros lugares la gente tiende a ser muy hipócrita quizás de un modo, entonces las mujeres se sienten que ellas son solamente un objeto para sus maridos, sus maridos si pueden decir que sí y decir que sí que uy la pasaron muy bien y todo y ellas si lo dicen es un pecado o algo así, y eso se siente ¿no? y lo dicen las mujeres de otros lugares, lo dicen los hombres de otros lugares. (Yola/20)

Em sua declaração, Yola busca invalidar o estigma, ao desqualificar as pessoas que atribuem tal característica. Ela não parte de um questionamento radical da conotação negativa do “ardente”, mas se centra na exaltação dos valores da honestidade/expressividade, na forma de viver a sexualidade das mulheres da região, elementos que categoriza como positivos. Ela situa no pólo oposto a hipocrisia sexual das pessoas de outras regiões do país.

O depoimento mais radical em torno da valorização do tema da sexualidade como integrante de uma identidade feminina “regionalizada” foi o de Nubia, mulher adulta de classe média. Ela afirma enfaticamente a qualidade de ardentes das mulheres amazônicas e propõe uma profunda resignificação desta representação.

Para ela, o ardente é postulado a partir de noções como intensidade, liberdade e energia vital, às quais atribui um efeito sumamente positivo para a identidade feminina:

A mí me encanta que piensen que las mujeres de la selva son ardientes (risos) pero te diré que a mí no me ofende en lo más mínimo, al contrario (risos) me llena de orgullo (risos) de verdad, dirás que estoy conversando como una loca pero a mí me encanta que digan que somos ardientes, porque a veces nos encontramos y dicen “Nubia mira lo que están diciendo que somos ardientes”, “¿y? – le digo – mejor, eso nos da un valor agregado a las mujeres de la selva”; sí a mí me encanta, me encanta que digan que somos ardientes

¿Por qué te encanta exactamente?

Me encanta porque ser ardiente significa tener mucha vida, tener energía, darlo todo y así somos las mujeres de la selva, cuando amamos lo damos todo y de las formas en que queremos darlo, eso es, para mí eso es y a mí me encanta, por eso cuando dicen “las mujeres de la selva son ardientes”; “Sí somos ardientes, sí que somos ardientes y eso nos hace mucho más apetecibles, mucho más atractivas” le digo; a mí me encanta de verdad a mí ni me ofende más bien me encanta que lo digan. (Nubia/44)

Nubia confronta a representação de “ardente” abertamente no plano simbólico. Aponta que é uma ideia criada originalmente pelo olhar masculino, como meio de desqualificação das mulheres, e por isso reverte o estigma, por intermédio da atribuição de significados que considera positivos, e a incorpora como parte constituinte de sua identidade:

[...] aquellos que han dicho, que han inventado, que han creado que las mujeres de la selva son ardientes lo han hecho desde su punto de vista machista, con el fin de desprestigiar, con el fin de decir “mira ve las ardientes se las levanta cuando queramos [...] lo ardiente lo relacionan con la putería, con la pishcotería como decimos aquí [...] en el término ardiente está la satanización que ha intentado de perjudicar a la mujer [...] pero los que han querido hacer eso, conmigo por lo menos, no lo han conseguido porque yo me siento orgullosa (risos) de que somos ardientes (risos). (Nubia/44)

Ao justificar as razões da existência de mulheres “ardentes”, em seu discurso comparece novamente o calor, como elemento específico da região, promotor de um estilo de vida mais aberto, que permite às mulheres mais espaço de liberdade. Contudo, neste discurso, o calor, longe de ser uma fatalidade, figura como aspecto positivo, que possibilitaria maiores níveis de autonomia feminina.

¿Y por qué crees que las mujeres de la selva tienen este carácter, son de esta manera?

A ver ¿por qué? Porque... de cierta forma, a pesar de lo conservadas que son algunas familias, a pesar de eso tenemos ciertas libertades, ciertas libertades, desde muy pequeñas, por el clima mismo te permiten usar ropas escasas ¿no? te permiten salir a la plaza, no te van a tener todo el rato en tu casa porque el calor, el calor mismo nos obliga a ser menos reservadas en nuestra manera de vestir, los lugares que frecuentamos; por ejemplo nosotras podríamos estar adentro ¿verdad? Escondiditas, pero estamos aquí por el calor, por el sol y entonces a pesar de todo nos han dejado un poco más de espacio para ser un poco más nosotras, creo que sí. (Nubia/44)

A intenção de apresentar aqui depoimentos de mulheres de segmentos médios é apontar pistas acerca de possíveis processos de resignificação, que poderiam estar em pauta no espaço regional, para além das camadas populares, que são aqui estudadas. Trata-se de uma pista, e não de uma afirmativa concludente, sobre o que se dá nas camadas médias.³⁵ Embora seja nestes segmentos sociais em que discursos libertários em torno da sexualidade sejam abraçados (SALEM, 2007), tal posição não é necessariamente majoritária entre as mulheres desta camada social no contexto regional estudado. Assim, ao mesmo tempo, destacam-se entre elas discursos de distinção a respeito das mulheres populares, em torno do comportamento sexual, em que o recato constitui uma marca de uma posição de maior privilégio. Nesse sentido, Martha, jovem estudante universitária de classe média, afirma que a qualidade de “ardente” atribuída às mulheres da selva em geral seria mais apropriada para as mulheres de camadas populares. Ela se distancia delas, em termos educativos e de “formação familiar”, como evidencia seu depoimento:

[...]ese estereotipo ya se dio desde muchos años atrás todo eso ¿no? ese concepto que tienen para las de la selva ¿no? y que un poco fastidia porque en sí como hay chicas que les gusta, pero se nota que en sí es de distintos lugares, por ejemplo acá en Pucallpa tú tienes la gente del centro, la gente que está cerca al centro y la gente que vive en los asentamientos humanos o sea distintas clases de familias ¿no? entonces tú te das cuenta que a una chica que tal vez, que vive cerca del centro que quizás tenga otra educación, no tanto le va a agradar esto, ese concepto que tengan para las chicas de la selva; pero para una chica que vive en un asentamiento humano más popular, le va a encantar te van a decir “uy sí yo soy ardiente, me encanta” así te contestan.

[...]

¿Y porqué crees que las chicas de los asentamientos humanos dicen “si normal yo sí soy ardiente”?

No sé yo pienso mucho por la preparación de los estudios, la educación de la familia; el valor que te enseña tu mamá y tu papá para valorarte como mujercita, como varoncito.[...] yo hacía encuestas en los asentamientos humanos la mayoría de gente a veces es analfabeta, la mayoría de las personas no tienen estudios y tienen distinta forma de expresarse a lo que tu ves... pero te acoplas ¿no? porque tampoco... depende de cómo eres ¿no? yo normal, yo puedo convivir con ellos ¿no? pero es distinta la forma de expresión que ellos tienen, la risa, la grosería, como dicen las viejas chismosas, o sea la... un montón de cosas y veo en las chiquitas que les dicen “cuando seas grande tú vas a ser una pishcota” y pishcota acá es una loca, una cualquiera, una coquetona y entonces ahí tú vez eso pero en mi casa si tu escuchas eso o mi papá escucha eso “Cómo te atreves a decir eso” o “como vas a hacerle crecer a tu hija diciendo que sí es eso ¿no?” pero para ellos es risa. (Martha/24)

³⁵ O tempo disponível não permitiu uma revisão integral do material coletado com este grupo e incluí-lo como parte deste trabalho.

Quando indagada sobre sua opinião acerca da representação da mulher da selva como ardente, outra informante de segmentos médios se remeteu à mulher indígena (a quem se refere como *nativa*) como a mais próxima desta representação:

Por eso nosotros acá decimos ¿no? está bien la mujer de la selva; pero, también en la costa, en la sierra, se da. Por ejemplo, yo he notado, para mi concepto, la mujer nativa es la más prostituta que puede haber.

¿Ah sí? ¿Por qué?

Yo digo así, pues. Estuve trabajando por diferentes lugares...la mujer nativa, el hombre nativo vive en una sola casa, vive la tía, el tío, el cuñado, el compadre...esto y todos esos hombres tienen relaciones con esas mujeres y tienen hijos con esas mujeres. Entonces, yo digo pues... ¿no?, la mujer nativa es la más prostituta que puede haber (risos). (Nidia/46)

As pistas aqui apresentadas apontam um panorama no qual a representação, além de funcionar marcando as dinâmicas de relacionamento entre as regiões do país, parece também funcionar como marcador de diferenças entre mulheres de distintos segmentos sociais, na região investigada.

2.3 Experiências com a representação

Os cenários de interação com pessoas de outras regiões são os contextos privilegiados em que as mulheres da região se confrontam com a representação da *charapa ardiente*. Estas situações são frequentes, por se tratarem de mulheres urbanas que, em sua maioria, vivenciaram experiências migratórias ou viagens – por motivo de trabalho, estudo ou questões pessoais – para outras regiões do país. Além disso, as cidades de Iquitos e Pucallpa são espaços urbanos de importância nacional e ali transitam pessoas com diversas origens.

As experiências mais frequentemente relatadas pelas informantes possuem um tom de queixa, pois se referem a eventos com tentativas ou concretização de abusos, ofensas ou maus tratos. Contudo, a descrição destas situações apresenta uma atitude assertiva de autodefesa. Todos os depoimentos – sem nenhuma exceção – expressaram tal posicionamento que, segundo as entrevistadas, conduziu os envolvidos a “seu lugar”. Noemí cita o caso da irmã, abandonada por um namorado de outra cidade, que a deixou grávida, sem assumir qualquer responsabilidade pela criança, afirmando que não tinha como saber se o filho era

dele, já que na selva *no hay chicas decentes*. Para ela, este argumento é muito ofensivo. Neste caso, foi Noemí quem defendeu a irmã.

[...] aquí ha pasado un caso también, se ha enamorado este chico de Huaraz³⁶ de mi hermana, mi hermana era virgen, tenía sus 20 años, o sea, en la casa, todas las chicas eran decentes [...] ella todavía era niña [...]. Qué ha pasado, que el hombre se ha enamorado, se ha enamorado, la ha embarazado y no quiso nada saber ya, de ella, no quiso nada, eso, por eso me da cólera y se fue, y mi mamá le hizo llamar al hombre pues de quien está embarazada, le fue a buscar mi mamá, le trajo y el bendito hombre qué dijo “¿De quién estará embarazada? Porque aquí no hay chicas decentes”, dijo señorita así

¿Ah sí?

Ajá, así dijo así, “Acá no hay chicas decentes y de quién estará embarazada, eso no es mío”, le dijo, cuando él le ha agarrado virgen a ella, “Tú eres el único”, yo me metí señorita, “Tú eres el único responsable de ella, ya la has comido, ya la has hueveado, ya la has cachado, ya la has, ahora te lavas las manos”, le he dicho, “Así son todos los afuerinos que vienen y se burlan las chicas de acá, traen mal concepto”, le he dicho, “Pero tú sabes muy bien que tú le has hallado virgen a mi hermana” [...]

¿Y qué pasó después?

Se largó hermana, se largo, se largo el hombre

¿No se hizo cargo?

No se hizo cargo dijo “¿De quién será?”, es algo ofensivo pues. (Noemí/36)

Sonia relata o caso de sua filha, que foi estudar em outra cidade. Ali enfrentou os comentários dos colegas, por ser uma mulher da selva. Sonia descreve os conselhos dados à filha para se defender, propondo uma atitude assertiva e de confronto, estratégia bem sucedida, já que a filha conseguiu *hacerse respetar*.

[...]cuando ella pues se fue a Huánuco³⁷ a estudiar. “Ah tú eres de la Selva, las mujeres de allá son bien calientes ah sí, que por acá...son bien fáciles” así y ella, pues, me contaba, así “mami - llorando me decía - mami así dicen”; “pero, tú demuéstrole lo contrario hijita - le decía - demuéstrole que no es así, ponles en su sitio a esa clase de gente - le decía yo - hazte respetar para que sepan que no todas las mujeres somos así y díles también que las serranas también son iguales...así que no se metan contigo” le decía yo (risos), así y se reía de lo que estaba llorando... “ay mami como hablas” me dice...y así... “no sólo las mujeres de la selva ¡de todo el Perú! son así - le digo - no serán todas; pero, hay” le digo así. Y ella me....y verdad, pues, y como dice ella... “y de verdad se han equivocado mamá...ya les he puesto en su sitio...ya no me molestan” me dice. (Sonia/38)

Alguns relatos destacam situações nas quais homens de outras regiões buscaram contatos sexuais, instigados pelo suposto ardor das mulheres, além de terem se baseado na ideia de que elas seriam disponíveis. O roteiro é sempre o mesmo: elas os confrontam com recusas drásticas, defendendo-se vigorosamente de tais imputações.

Fue una situación muy incomoda cuando “oye flaca” que te digan “tú... las mujeres de la selva son muy ardientes a ver vamos a comprobar” y todo eso.

³⁶ Cidade da serra norte do Peru.

³⁷ Cidade da serra central do Peru.

¿Acá en Pucallpa o cuando has estado en otro sitio?

Acá en Pucallpa pero con personas que no eran de acá entonces yo lo que dije ¿No? primero saber, sobre todo conversar con alguien, por eso le he dicho “¿De dónde sabes de que todas las mujeres somos así?, ¿De dónde sabes?, te dejas llevar por los comentarios de otros” esa fue mi respuesta. Pero fue horrible, horrible de que gente, personas de otra parte tengan ese... como te puedo decir, tengan esa manera de expresarse con uno de acá que somos de la selva, yo digo que es una cosa que no tiene sentido alguno. (Wendy/25)

Quando me fui a Huánuco, cuando o sea me han escuchado de otra forma³⁸ y como la señora había dicho “ella pues es de Pucallpa”...y habían unos señores... “asu...una charapita” y me he molestado pues y solamente a uno, me ha dicho “serás bien fuertota” [...] Y cuando vine en el carro también un señor me había dicho, me ha preguntado de donde soy y le he dicho y me dice...lo mismo, lo que dicen que las chicas de la selva son así de ardientes, son calientes, y así lo mismo le he dicho...“eso depende de cada mujer” [...] se subió de tono, este o sea tuvo ya otra clase...o sea pensaba que yo como... era fácil, como cualquiera que te habla de cosas más...más íntimas y yo le dije pues... “si vas a estar sentado aquí en mi lado, a mí háblame bonito, preguntame de otras cosas; pero no de esas, esos creo que no te interesa”. Me ha dicho “ya...entonces vamos a platicar”.

¿Ah...te quería hablar de cosas íntimas tuyas?

Sí, sí, sí, quería saber de mí, de cómo soy, me había dicho “cómo eres haciendo el amor” [...] y es que él estaba sentado atrás, seguía sentado a mi lado y yo estaba sola y ya me empezó a acechar.

¿Y él de dónde era?

Era parte... yo venía de Huánuco, no sé de dónde me había dicho, pero hablaba como serranito. (Nadia/24)

Em diversas entrevistas há referências a discussões em torno da representação, quando elas utilizam como defesa a menção de situações ou características, supostamente próprias das mulheres “ardentes”, mas que são refutadas ao salientarem que não são diferentes de quem profere a acusação.

[...] la persona que me decía ay que las charapas son así...las charapas...yo le digo “si nosotras fuéramos así; entonces, por qué ustedes tienen hijos” ¿No?; porque, las charapas si somos como dice “¡ay! las charapas son ardientes”, que las charapas son así, que son así, en...en todo sitio.

¿Qué te decía exactamente esta persona que...?

Que las charapas este...este...son bien...dice que nos gusta estar con hombres...eh somos provocativas y yo le digo “ya pues, si somos así, si nosotras fuéramos así; ya pues, nosotras nomás tuviéramos hijos, no tuvieran esas personas también”. (Carla/22)

Casualmente donde yo trabajaba ahí decía un señor...que las mujeres de acá...las mujeres de la selva, mayormente las pucallpinas son ardientes... ¿por qué?...porque existe mucha prostitución [...] y entonces yo le digo “un momentito, yo soy pucallpina, pero la prostitución hay en todos sitios y de todos sitios van... ¿de dónde eres?”; o sea el señor era de Huánuco...y ahí yo conocí a una chica que era prostituta, que era prostituta la chica y era de Huánuco y por eso yo le decía que la prostitución existe a donde vayas, “no porque son calientes, ardientes, las de la Selva...”, “y de ahí de Huánuco, de Huancayo, y todo eso, son...de Lima, todas son prostitutas, ¡hay! la prostitución y adolescentes, quiere decir que no” y duro discutí yo con ese señor.

¿Y qué te respondía él?

“No que las pucallpinas...”, “¡no!” yo...yo le hacía ver “fulano de tal es prostituta y es de tu sitio, de tu barrio, de tu...de tu posadita” y le...le hacía callar pues. (Beatriz/46)

³⁸ Refere-se ao sotaque próprio da região.

“Acá somos ardientes, son ardientes” le digo así, “Son ardientes quizás poco pero en Lima abundan más, ¿por qué?” le digo “Al fin acá tú les llevas a un hotel, pero en Lima no, en otras partes no, tú verás lo que hacen ver ahí en la...en la noticia, hasta en la plaza” no solamente marginen a Iquitos, marginen a su lugar de ustedes también” hasta yo discuto con los señores que vienen, así. (Fátima/40)

O humor também é usado como arma neste tipo de situação:

Estábamos ¿no? en la reunión...así estaban tomando mis amigas...creo que era en la universidad creo, no me acuerdo bien; pero, me acuerdo que me dijeron “¿y...y las mujeres son ardientes y usted cómo es?” me dijo; “yo quemo” le he contestado así, “yo quemo y te puedes quemar así es que conmigo no te metas” le dije así ¿no? (Sonia/38)

... te voy a contar un caso...mi hermana la mayor está casada...está casada con su hermano de mi esposo, entre hermanos nos hemos casado. La mayor; entonces, las cuñadas [que son de Tarma] dice le fastidiaban; o sea, le trataba de menospreciar a...a mi hermana ¿no?, le decían, “ay que las de la selva donde sea se bajan su calzón para tener relaciones”; o sea, ya le tenían hasta acá a mi hermana; entonces, que mi hermana ya pues aprendió a defenderse, cuando un día le dijeron, le dijo “bueno... de la selva siquiera, al menos nos bajamos el calzón... pero de la Sierra, las serranas ya están sin calzón” les dijo (risos...) [...] Ay... mi hermana es la muerte (risos) y ella pues me dijo...me dijo así ¿no?...yo pues le digo...es que realmente nosotros acá somos tan sinceras, lo decimos tal como es y no ocultamos y de repente ellos lo ven “ya los de la selva son así”, ¿no? sino lo que le expresamos es directamente, lo decimos como es...pero no estamos ocultando que otros lo ocultan ¿no? [...] Y en todas partes es igual, de todo hay... sino que acá te expresas, algo ha sucedido, pa, pa, pa lo dices, todo directo. (Zoila/39)

Uma entrevistada afirma nunca ter sido confrontada com esta representação fora da região, mas observa-se em sua narrativa que ela foi confrontada por negação: as pessoas não acreditavam que ela era de selva, pelo fato de não se encaixar nas características associadas a esta região. Ela indica sua “boa” educação sexual como um dos fatores a causar dúvidas sobre sua origem.

Yo he estado en la sierra, yo he estado en Junín y por Huancayo en un pueblito llamado el Tambo, he estado por esos lugares y nunca me han dicho “tu eres de la selva, eres así” mas bien creían que no soy de la selva (risos) [...] “mentirosa” me decían, [...] porque siempre paraba en el trabajo, más me dedicaba al trabajo, de lleno al trabajo, muy poco a las diversiones de repente será por eso. También por la crianza de nuestros padres que nos dan ¿no? porque mi papá sabía decir ¿no? “bueno hijita así nomás no se le baja el calzón a nadie”. (Ursula/45)

Além dos casos aqui descritos, nos quais há um confronto com afirmações tidas como ofensivas, consta também o relato de uma informante, no qual a suposta particularidade sexual das mulheres da selva é expressa por um parceiro eventual, para destacar sua boa *performance* sexual, o que para ela seria um cumprimento. Trata-se de uma situação particular, mas que indica certa fluidez dos significados desta representação.

[...] en esa ocasión cuando yo estaba fuera [en Huancayo], me gustó ¿no?, me gustó un chico y lo vi en dos ocasiones en la primera sólo nos vimos, nos besamos y lo toqué así como locos los dos así pero no tuvimos relaciones... nos quedamos medio enfermos pero no tuvimos relaciones sexuales y la siguiente vez que lo vi, sí ya tuvimos relaciones y me sentí tan motivada que hice cosas que normalmente se hacen en la cama cuando estás muy motivada ¿no? y le gustó bastante, le gustó mucho que se quedó sorprendido, se sentó y pensó y me dijo “¿así son ustedes?” me dijo “me gusta como lo haces” ¿no? o sea refiriéndose tal vez a que allá son un poco más calmadas ¿no? “¿Así lo hacen todas?” me dice, como queriendo saber si somos extrañas las mujeres... nosotras ¿no? “bueno, ¿no hacen así acá?” “no, acá las mujeres son más calmadas” me dice “no tanto hacen eso, esperan de nosotros” “no es eso” le digo “sino que de repente lo quieren hacer pero no lo dicen porque tienen vergüenza pero sí nosotras somos así en especial yo pero sí hay chicas que así como acá no les gusta o de repente no lo dicen también por vergüenza, en todo lugar hay indiferentes” le digo. Sí me han dicho, me han hecho esa pregunta Pero tú, digamos, en lo que me cuentas tú no te molestaste por eso No, no me molesté para nada, mientras que no me lo digan de una manera que me haga sentir de repente culpable ¿no? o que me haga sentir ofendida, no para nada, nunca me han dicho así “así son ustedes, ardientes, locas” ¿no? “les gusta el sexo!” no, nunca me lo han dicho de esa manera, solamente me lo han dicho de la manera que se quedan sorprendidos cuando tienen... cuando se tiene relación sexual ¿no? y cuando se quedan así mirándonos de placer ¿no? pero no así como para que me ofenda. (Liliana/24)

Algumas mulheres se utilizam da representação de modo flexível, em contextos nos quais assumir este elemento como integrante da própria identidade poderia acarretar algum benefício. Encontrou-se aqui seu uso por possíveis benefícios econômicos e no terreno do divertimento. Este tipo de gerenciamento flexível em torno de certas características tem sido nomeado pela corrente situacionista dos estudos sobre etnicidade como “saliência” ou “realce”. Segundo esta perspectiva, as características étnicas seriam uma modalidade de “recursos disponíveis para a ação social” que o indivíduo poderia assumir, de acordo com a situação. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998). O caso de Liliana é ilustrativo. Ela considera rentável o uso desta característica no comércio sexual. Trata-se de uma estratégia que a permitiu produzir maior satisfação dos clientes forasteiros e, conseqüentemente, a possibilidade de maior pagamento ou gorjeta:

De repente como las chicas que tenemos acá que se venden por el dinero, por necesidad, siempre cuando nos dedicamos a esto ¿ya? Tratamos de hacer que la pareja se complazca ¿ya? Por decir somos muy... muy fingidoras en ese momento, fingimos bastante para que piense que es el super hombre o que sí la complace, le gusta lo que estoy haciendo ¿no? y para que él sienta que sí somos así pero no es por eso sino que nosotras cuando nos dedicamos a esto, como son la mayoría de la población juvenil, adolescente que se dedica a esto, lo hace de esa manera para que sienta que es muy sensual, que es muy ardiente pero no es porque lo siente ¿no? no es porque le gusta de repente ¿no? porque sabe que el fin de esto es un... para tener su propina ¿no?, para tener su dinero que le va a servir para hacer sus gastos que necesita por que no tienen

¿En tu caso, en tu experiencia digamos tú que has trabajado en esto, has tenido experiencias con hombres que venían de fuera, de Lima de repente o de otros lugares del país?

Sí

¿Y ellos en algún momento te hablaban de estas ideas?

Sí

Y digamos tú sabías que ellos estaban esperando que tú fueras la ardiente...

Sí, ajá, sí, en algunas ocasiones cuando tenía ese tipo de parejas me han dicho ¿no? “acá dicen que las chicas son así, son bien ardientes, son bien sensuales, son bien calientes, ¿así son todas ustedes?” me dicen ¿no? nos preguntan y supongo que a la mayoría de las chicas que han hecho esto o que hacen esto les preguntarán lo mismo los que vienen de afuera y sí me lo han hecho la pregunta

¿Y tú qué les decías?

Que sí (con gesto coqueto) (risos). (Liliana/24)

Martha, por sua parte, também refere um contexto de afirmação desta característica: entre amigas, em situação de divertimento. No entanto, Martha é enfática ao explicar que isto somente seria legítimo na medida em que é parte de uma dinâmica interna. Nesse sentido, julga negativamente o fato de que algumas mulheres da região (das quais se distancia em termos de classe social e cidade de procedência) afirmem este atributo como parte de uma identidade regional, em contextos em que a opinião de pessoas externas poderia estar em jogo.

[...] para una chica que vive en un asentamiento humano más popular, le va a encantar te van a decir “uy sí yo soy ardiente, me encanta” así te contestan y tú vez, en la tele vemos con mis hermanas, con mis primas, “ay qué vergüenza, cómo van a decir eso” y así nos ponemos a hablar ¿no?

¿En la televisión has visto eso?

Sí y a veces cuando estamos así... más que todo las que les dicen volubles son las que viven en Iquitos, más que todo por allá en Iquitos. Y cuando estamos con mis primas entre nosotras sí nos decimos ¿no? “somos sexis, somos esto...” pero entre nosotras, pero que venga alguien y hable así no, el concepto de eso no nos gusta; no nos gusta a la gente que más o menos nos preparamos ¿no? (Martha/24)

Nelly declara ter afirmado esta característica como uma estratégia de flerte com um forasteiro, quando estava com um grupo de amigas, em contexto lúdico.

A ver, te cuento, un día cuando estaba en el pedagógico nos hemos escapado ¿no? no nos hemos ido... no hemos entrado a clase porque no nos gustaba el profesor, nos vamos un grupo de chicas, nos vamos por ahí a la restinga [...] ahí nomás hay un localcito [...] nos vamos pues a tomar y ahí pues había... el dueño era un gringo [...] él era francés, francés y su amigo era de Estados Unidos, no hablaban bien... y normal pues nos hacíamos amigos “oye ya pues una chela” ya nos pusimos a tomar con mis amigas y como todas somos así pues alegres “oye ya pues ven siéntate acá” (risos) molestándole pues ¿no? vienen a nuestro costado uno se sienta acá otro más allá donde mi amiga; “Oye ¿y cómo es?” estábamos preguntándoles pues de donde viene, porqué ha venido por acá, si tiene pareja, tiene hijos, mamá, papá, todas esas cosas “No, yo buscar una peruana” dice; “¿Qué, porqué una peruana, somos tan bonitas?” le digo yo así (risos) y se ríen pues; “No, también bonitas, bien bonitas... ardientes también”; “¿Qué?” le digo yo; “ardientes también” me dice, no hablaban bien, bola bola como se dice acá, y ya pues “¿Por qué ardientes? – le digo yo – en qué sentido – me hago la loca – ¿En qué sentido ardientes?”; “No, así moverse bien”; “¿Cómo que moverse?... ah ya pon la música voy a moverme!” (risos), mis amigas “que se mueva!, que se mueva!” y ya pues ahí me he puesto a bailar y me voy y le hago así! le hago (hace gesto sexy) “¿Así?” le digo, molestándole ¿no?; “Bien bonita eres” me dice; “Tranquilo me puedes llevar, ya llévame” le digo yo (¡¡risos!!) molesta pues soy... (Nelly/25)

A possibilidade de assumir esta representação de forma relaxada, em atividades de lazer, nos dois últimos casos, está vinculada ao fato de elas controlarem a situação e, portanto, manipularem seu significado. No primeiro caso não se apresenta qualquer possibilidade de confronto, pois é uma dinâmica interna. Já no segundo caso trata-se de um contexto grupal, em que ela e as amigas constituem uma maioria, diante de dois estrangeiros. Eles estariam em desvantagem, não apenas por serem minoria, mas pelo limitado uso da língua. A situação está nas mãos delas, eles tornam-se objeto de brincadeiras. Além disso, o atributo de ardente, neste contexto, é avaliado positivamente.

Os casos aqui apresentados demonstram que “a etnicidade, enquanto repertório de rótulos e de estereótipos, é um elemento de um saber cultural compartilhado, ativado pelos atores em ocorrências situadas e com objetivos interacionais específicos.” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 172).

2.4 Reflexões finais

Este capítulo apresentou as opiniões e experiências das informantes em torno da representação da *charapa ardiente*. Os depoimentos evidenciam uma variedade de posicionamentos: negação, aceitação, resignificação; não necessariamente excludentes e que vão se alterando, de acordo com as circunstâncias.

Os autores que têm tratado a representação, objeto do presente estudo, como Barletti (2004) e Chirif (2004), concentram sua atenção unicamente na atribuição externa, no que concerne ao processo de sua criação. Chirif, por exemplo, assinala que seria uma produção da “sociedade dominante” e, como tal, a *charapa ardiente* seria um personagem vigente na costa e na serra, mas não na própria Amazônia. Já Barletti afirma que a representação seria uma invenção produzida em Lima, motivada por uma suposta inveja da cidade de Iquitos, devido ao seu sucesso, no ápice da exploração da borracha.

Embora concorde com a tese de que se trata de uma representação oriunda do olhar externo, expressão de relações de poder atravessadas pelo gênero e pela

etnicidade, na qual a região ocupa um lugar subordinado, considero esta perspectiva um tanto estática. As complexas e dinâmicas relações entre as definições exógenas e endógenas estão aí ocultas. Nesse sentido, a capacidade de negociação dos significados, por parte dos atores envolvidos, é negligenciada. No presente estudo concorda-se com Vance (1989), quando afirma que:

Dar por hecho que los símbolos tienen un significado unitario, el que les da la cultura dominante, significa dejar de estudiar la experiencia y el conocimiento de los símbolos en los individuos, así como la capacidad individual de transformar y manipularlos de una forma compleja que se nutre del juego, la creatividad, el humor y la inteligencia. (p. 33).

A partir dos discursos e das experiências das informantes, este capítulo evidenciou que a produção de representações não é unidirecional, pois elas participam de seu processo de recriação, a partir de posicionamentos diversos.

Por fim, cabe enfatizar que as oscilações contidas nos discursos das mulheres investigadas demonstram que a própria entrevista consiste em uma interação, com uma dinâmica específica de negociação de significados e de formas de apresentação de si. Para elas era evidente que a entrevistadora não era da região. Diante da abordagem do tema – na maioria dos casos – elas reagiram, inicialmente, com uma atitude de defesa regional, expressa numa negação contundente. Contudo, conforme a conversa se desenrolava, surgiram outras concepções, sobretudo considerando-se que esta pergunta foi a última, após bom tempo de diálogo, já com uma confiança estabelecida entre a pesquisadora e a entrevistada.

PARTE 2

3 SEXUALIDADE E CONSTRUÇÃO DA PESSOA

3.1 Introdução

A segunda parte desta tese que aqui é iniciada apresenta os achados da pesquisa sobre o lugar da sexualidade na construção de si, entre mulheres da Amazônia urbana do Peru, para além do tema da representação que tem sido tratado até aqui, já no plano vivencial de suas interações sexuais-afetivas mais cotidianas.

Neste capítulo o foco incide sobre os princípios estruturantes da vida sexual das mulheres investigadas. As entrevistas fornecem diversos caminhos para a exploração do tema. Optou-se pela apresentação de uma ideia geral, a partir da análise de três aspectos: relatos acerca da primeira relação sexual, discursos e experiências de infidelidade feminina e reflexões sobre a importância da atividade sexual. A pertinência desta escolha será explicada em seção posterior.

Os achados desta pesquisa serão apresentados, considerando os resultados de estudos anteriores sobre o tema, que fornecem informações valiosas, sob o marco de análises comparativas dos três âmbitos culturais do país³⁹. Assim, começamos o capítulo, precisamente, com uma apresentação dos aspectos recorrentemente indicados como específicos da região investigada. A seguir serão apresentadas algumas aproximações teóricas de utilidade. Depois, um breve panorama sobre as relações conjugais e familiares no contexto estudado, mais uma vez ressaltando as particularidades regionais em contraste com o contexto nacional. Por fim, serão examinados os achados sobre os três temas mencionados.

³⁹ Apresentadas em capítulo anterior.

3.2 Sexualidade na Amazônia urbana: um olhar sobre as particularidades

A formulação do país como uma entidade tripartida, conforme referido, tem marcado os rumos da pesquisa em ciências sociais no país – sobretudo os estudos antropológicos. A produção dedicada ao exame da sexualidade na região amazônica urbana revela tal ênfase. A maioria das investigações e artigos sobre o tema envolve uma comparação entre cidades das três regiões. (ARIAS; ARAMBURU, 1999; CÁCERES et al., 2002; FULLER, 2002; 2004a). Ao se tratar da Amazônia, a referência tem sido a cidade de Iquitos, que também consiste em um dos cenários do presente estudo.

Ao dialogar com os achados das pesquisas, a dimensão comparativa é retomada, na medida em que propicia um delineamento das particularidades da região, relativamente ao contexto nacional. Trata-se aqui de aprofundar as pistas de investigações anteriores e, em alguns casos, de discuti-las.

A literatura acadêmica sugere que a sociedade amazônica seria um cenário social em que a sexualidade desempenha um lugar preponderante e onde é vivida de maneira mais aberta, o que seria evidenciado pela maior tolerância à homossexualidade e infidelidade feminina. Assim, segundo Cáceres et al. (2002):

La población de Iquitos y de la Amazonía sería, comparativamente a la de otras ciudades del interior del país, o incluso a la de Lima, más positivamente dispuesta hacia lo sexual en general y más tolerante hacia la infidelidad femenina o hacia manifestaciones de diversidad sexual. (p. 110).

Fuller (2002) refere que:

El intercambio sexual homosexual como desfogue se encuentra entre los jóvenes de las tres ciudades aunque es notoriamente más común en Iquitos, ciudad donde la sexualidad ocupa un lugar prominente en el estilo de relaciones entre mujeres y varones y entre varones jóvenes. (p. 114).

No caso específico das mulheres, a importância da sexualidade e a abertura para o tema poderiam ser constatados, segundo Fuller (2004a): “en el lenguaje corporal de las mujeres, en su libertad para hablar sobre temas sexuales y en su disposición para aceptar y afirmar que el placer erótico es una dimensión indispensable de la vida.” (p. 123-124).

Esta autora indica que, diferentemente de mulheres limenhas ou de regiões andinas urbanas, nas quais “la pureza de la mujer joven y la castidad en la esposa

son ejes centrales de la identidad femenina” (p. 123), os traços que distinguiriam as amazônicas seriam que: “ellas se percibirían como sexuadas y usarían sus habilidades eróticas para conseguir sus fines.” (p. 123). No entanto, Fuller ressalta que “ello no supone que sean ‘libres’ sexualmente” (p. 125), já que sua atividade sexual seria constituída a partir de hierarquias de gênero, classe, idade e de raça/etnia – eixos em torno dos quais se estruturam os cenários em que a mulher negocia este recurso, que é sua sexualidade.

Por outro lado, esta importância da sexualidade ativa, como marca regional da identidade feminina, também é afirmada por Cáceres et al. (2002). Entretanto, sua interpretação se distancia do proposto por Fuller, no que tange à ênfase das margens de autonomia. Em suas palavras, contrastando com uma cidade da área andina:

En Ayacucho⁴⁰, por ejemplo, la mujer es percibida pasiva y un tanto resignada a su única función: servir al esposo. En Iquitos, entretanto, la mujer se percibe como provocativa y provocadora. Esto se debe a que la sexualidad y el placer de la mujer se valoran más. La mujer en la selva posee más conocimientos, autonomía y recursos, lo cual impide, de alguna manera, que el hombre controle su sexualidad. (CÁCERES et al., 2002, p. 59).

Cáceres et al. afirmam que, neste contexto, a mulher é percebida como “sujeito sexual”, na medida em que ela efetuará uma busca ativa pelo prazer:

[...] se concibe como algo natural que la mujer desee disfrutar sexualmente y que pueda actuar para conseguirlo. Hay en ellas una cualidad de sujetos sexuales que no está presente en el discurso de los otros ámbitos. (p. 102).

Em suma, a literatura sobre o tema sugere tratar-se de um contexto no qual a sexualidade ocupa uma posição preeminente, tanto para homens quanto para mulheres. Diferentemente de outras regiões do país, se propõe que haveria maior liberdade e tolerância a certas práticas, como homossexualidade e infidelidade feminina, e que as mulheres se pautariam menos pelos valores do recato e da castidade, ao se reconhecerem como sexuadas. Aponta-se também que sua sexualidade seria por elas utilizada como recurso para alcançar fins específicos, aspecto sobre o qual os estudos contêm divergências em suas interpretações, com atribuição de diferentes níveis de autonomia.

⁴⁰ Cidade da Serra sul do Peru.

3.3 Sexualidade e construção da pessoa

O presente estudo endossa a postura teórica do construtivismo, segundo a qual a sexualidade seria o resultado de processos históricos, sociais e culturais que a configuram de maneiras muito diversas, segundo cada contexto.

O construtivismo faz referência a um vasto e complexo campo, no qual convergem diversas vertentes teóricas. Weeks (1999) chama a atenção sobre três correntes de pensamento: o interacionismo simbólico (sobretudo associado aos estudos de Gagnon e Simon), a psicanálise (principalmente a reinterpretação de Freud por Lacan) e a teoria discursiva de Foucault. Os princípios básicos a partir dos quais estas correntes teóricas convergem, segundo o autor, seriam: a oposição à compreensão da sexualidade como uma força “natural”, campo autônomo, passível de controle pelo social – postura que tem sido denominada de “essencialismo”; o reconhecimento de fontes sociais das definições sexuais; e a noção de que a história da sexualidade não pode ser entendida segundo o conceito de repressão, mas a partir de regulamentações específicas (este pressuposto é ponto de acordo entre interacionistas e Foucault).

O avanço nas implicações dessas ideias centrais tem propiciado a constatação de diferenças fundamentais da experiência sexual humana, que ultrapassam as simples variações normativas. Por exemplo, o estatuto das práticas homossexuais, em distintos contextos históricos e culturais, oferece uma demonstração paradigmática acerca da variação de significados em torno da percepção de atos semelhantes. Além de eles consistirem em objeto de interdição/aceitação muito variada, podem possuir significações sociais profundamente diversas. Eles podem se constituir desde mais uma variante no leque dos atos sexuais possíveis em determinado contexto, até a origem da definição de identidades específicas, que marcam as dimensões mais fundamentais da subjetividade humana. Acrescente-se, ainda, a possibilidade de integrarem atos rituais, sem conotação propriamente sexual. (HERDT, 1996; VANCE, 1999; WEEKS, 1999). A partir destas considerações, depreende-se que a definição do sexual, assim como a posição atribuída à sexualidade na constituição da pessoa, varia segundo a configuração cultural.

Uma das referências mais relevantes na demonstração do caráter construído da sexualidade é a *Historia da sexualidade* de Foucault [1977] (2006). Nesta obra o autor apresenta a genealogia – ocidental – do próprio constructo que chamamos de sexualidade, explicitando como chega a se configurar como um ente isolável e dispositivo crucial na formação da subjetividade da pessoa moderna.

Este lugar de preeminência da sexualidade e a maneira específica como se posiciona na construção da pessoa moderna não podem ser considerados universais. O artigo “Pouca vergonha, muita, vergonha: sexo e moralidade entre as classes trabalhadoras urbanas” (1987), é pioneiro, ao questionar, nas palavras do autor, “o privilégio ontológico” do campo do sexo/sexualidade, no entendimento da identidade dos sujeitos em geral. Duarte aponta a necessidade de que este privilégio, próprio de ocidente dada sua particular história, seja relativizado em outros contextos.

Além de rechaçar a universalidade da preeminência do campo sexo/sexualidade como verdade última da identidade dos sujeitos, este autor também recusa a ideia de se tratar de uma esfera isolável e portadora de sentido em si mesma, o que denomina como “desentranhamento”⁴¹ (DUARTE, 2004), evidenciando que tal intenção de fragmentação da sexualidade, em relação a outras esferas da vida, também seria resultante de desdobramentos específicos da historia ocidental.

Cabe ressaltar que, como afirma Duarte (2004), o construtivismo concerne a um modo “desentranhado” de referir-se ao “entranhamento da sexualidade”, uma vez que, segundo tal perspectiva teórica:

[...] os significados sexuais e, sobretudo, a própria noção de experiência ou comportamento não seriam passíveis de generalização, dado que estão ancorados em teias de significados articuladas a outras modalidades de classificação, como o sistema de parentesco e de gênero, as classificações etárias, a estrutura de privilégios sociais de distribuição de riqueza, etc. (HEILBORN; BRANDÃO, 1999, p. 9).

Duarte levanta questionamentos amplos – a nível teórico – sobre o tema, mas os desenvolve a partir da análise em torno do caso específico das camadas populares urbanas da cidade de Rio de Janeiro no Brasil. A seguir será apresentada, brevemente, sua proposta.

⁴¹ Noção que se remete ao conceito de *disembeddedness* de Polanyi (1980).

3.3.1 Individualismo x holismo

Duarte (1987), baseado no modelo teórico de Dumont (1966), sobre sociedades holistas e individualistas, oferece um marco interpretativo-analítico acerca das diferenças em torno do lugar da sexualidade na construção da pessoa, em camadas médias e populares da cidade de Rio de Janeiro. Esta linha de análise inaugura uma importante corrente de pensamento na antropologia brasileira, em especial, nos estudos sobre gênero e família.

Para descrever o que caracteriza as camadas médias, Duarte refere-se à “ideologia sexo-verdade”, na qual a sexualidade, isolada de outras dimensões da identidade, em articulação com a ideia de igualdade, serão os eixos centrais para entender o ser humano, sob uma perspectiva altamente racionalizada. O autor sintetiza tais características do modelo, postulando uma representação individual-psicológico-sexualista. (1987, p. 214).

Por outro lado, as camadas populares são identificadas com uma lógica holista–hierárquica, na qual é concedida ênfase à totalidade, em detrimento das partes. Tal configuração tem como fundamento estruturante valores como relacionalidade, reciprocidade e complementaridade. As principais referências da identidade constituem a família e a localidade. O autor frisa que:

A fonte de significação em uma tal configuração nunca poderia ser a sexualidade ou o sexo, enquanto endo-verdade; mais sim uma **moralidade** ou exo-verdade. Em tais circunstâncias o próprio discurso sobre o sexo deveria ganhar contornos diversos do que ganha entre nós [camadas médias]. Nem mais silencioso, nem mais estrídulo; apenas diverso. (DUARTE, 1987, p. 215, grifo nosso).

Para Heilborn e Gouveia (1999), a “moralidade” consiste em traço característico das camadas populares, o que não significa ausência de regras no que tange à sexualidade em camadas médias. Trata-se de outra ordem, entre este segmento social: suas normas vinculam-se a valores associados a instâncias que a transcendem e a englobam, como a família. “Nos termos da lógica holista, o sexo está subsumido a uma ordem moral-familiar organizadora do mundo – que se expressa na dimensão verdadeiramente moral – e de gênero, da gramática sexual.” (p. 180).

A escolha pelo trabalho de Duarte com as camadas populares urbanas no Brasil, como exemplo da necessidade antropológica de relativizar o lugar da sexualidade em distintos contextos culturais não é casual. Tal opção é particularmente relevante para o estudo aqui empreendido, na medida em que se constata semelhanças entre os dois contextos de investigação. Ambos são dedicados a camadas populares em âmbito urbano, em uma sociedade com herança europeia-mediterrânea (entre outras). Além disso, observa-se um marcado padrão matrifocal de família, em que a circulação sexual masculina tende a ser uma norma. Nesse sentido, esta linha de análise possibilita elucidação de diversos aspectos, na nossa aproximação dos dados.

O modelo ideal descrito sinteticamente poderia ser complexificado, com a inclusão de matizes vinculados a momentos do ciclo vital de homens e mulheres. Além disso, apresenta-se uma tensão intrínseca neste modelo, em decorrência de uma divisão no *ethos* masculino, entre uma vocação relacional (valor família) e outra de exterioridade (rua – mundo público – circulação sexual entre mulheres), que fazem do homem um ser “individuado”⁴², no que tange à sexualidade. (SALEM, 2006). Passando para o nível etnográfico, o tema se torna mais complexo, com variáveis geracionais, regionais, entre outras. Acrescentam-se as negociações situacionais e *performances* individuais, em que os roteiros femininos e masculinos podem ser recriados, de maneiras dinâmicas e flexíveis. No entanto, apesar destes fatores terem sido advertidos, considera-se tal abordagem elucidativa sobre o campo de investigação.

⁴² Salem propõe o conceito de individuação, para referir-se à condição dos homens populares, quando segmentam o campo da sexualidade de valores como relacionalidade e família, o que segundo a autora não os aproxima dos “modernos”, isto é, não os torna pessoas individualistas. Para a autora, duas representações, dominantes entre homens populares, expressam a distância entre eles e os modernos, impedindo que sua segmentação da sexualidade possa ser interpretada como uma influência moderno-igualitária de caráter individualista:

Primeiro, na de se perceberem e/ou de se apresentarem como governados, no domínio da sexualidade, pela natureza; ou seja, pelo ‘sexo pulsional’ (Salem, 2004). Esta perspectiva determinista e ‘naturalista’ contrasta vivamente com o voluntarismo e o ‘culturalismo’ preferencialmente abraçados pelos ‘modernos’. Segundo, no endosso à lógica hierárquica de gêneros; ou seja, no consentimento de que homens e mulheres apresentam naturezas e vocações díspares, e que são elas que fundam, e legitimam, suas competências e domínios exclusivos”. (SALEM, 2006, p. 422).

3.4 Relacionamentos conjugais e familiares em Iquitos e Pucallpa

Nos relatos das mulheres, jovens e adultas, participantes deste estudo, a atividade sexual comparece, geralmente, inserida em relacionamentos conjugais ou de namoro, de tipo heterossexual. Como será mostrado ao longo deste capítulo, os valores de relacionalidade, reciprocidade e de família são eixos estruturantes da vida sexual destas mulheres. Dada sua importância, faz-se necessário um breve panorama das relações conjugais / familiares.

O ideal conjugal prevalente neste contexto é de caráter profundamente hierárquico. Homens e mulheres são entendidos como entidades associadas a esferas claramente diferenciadas e, ao mesmo tempo, interdependentes. A mulher deve cumprir as responsabilidades domésticas (cozinhar, limpar e suprir com o que for preciso para a vida cotidiana dos filhos e do marido), além de fornecer satisfação sexual a seu parceiro. Já ao homem cabe a provisão de bens e dinheiro, que permita a manutenção da unidade familiar. Em segundo plano, ele deve satisfazer sexualmente sua parceira. O princípio de troca é fundamental, para que homens e mulheres sejam viáveis social e materialmente. Assim, de maneira resumida, é possível afirmar com Fuller que: “La unión conyugal se define como un intercambio entre los bienes (producto de su trabajo) que el varón aporta y los servicios sexuales y domésticos que la mujer provee.” (2004a, p. 127).

Estudos prévios (BANT; MOTTA, 2001; FULLER, 2004a) afirmam que as uniões conjugais neste contexto cultural seriam “frágeis” ou “instáveis”, o que resultaria em uma dinâmica de intensa circulação sexual. No caso das mulheres, isto corresponde a um padrão de monogamia serial: elas passam por várias uniões conjugais ao longo de suas vidas. Estes relacionamentos são consecutivos, sempre um após o outro, já que é esperado que elas, ao se comprometerem em um relacionamento, sejam fiéis ao parceiro.

[...] se fue también él [...] La misma historia se repitió en mi vida, la misma historia. Conmigo él tuvo su primer hijo, tuvo un hijo, ¿ya? Estuvimos así...él venía se iba, venía...venía todos los días a ver al bebe, le veía todo eso, le daba su plata todo eso, ¿di?, bueno eh...en ese transcurso cuando estaba, se conoce a una chica también [...] se embarazó la chica, cuando mi hijito tenía dos años [...] No le veo más, no sé nada. (Fátima/40).

Entre os homens, por sua vez, há um padrão de poligamia informal. Ainda que também seja esperada fidelidade por parte deles, tal conduta é considerada como muito improvável na vida cotidiana, dada a “natureza” sexual masculina (entendida como ativa e irrefreável). Além deste mandato de gênero, que promove o acesso sexual a várias mulheres, há alta mobilidade geográfica dos homens por questões laborais, de modo que eles estabelecem relacionamentos diferentes, de acordo com o ritmo de seus deslocamentos. As unidades familiares resultantes tendem a ser efêmeras, já que a precariedade dos proventos masculinos não permite o sustento de múltiplas famílias. (FULLER, 2004a). No entanto, em vários momentos de suas trajetórias, muitos homens se comprometem com mais de uma unidade familiar.

O padrão de monogamia serial feminino está vinculado, em grande parte, com situações de abandono masculino, quando as mulheres se vêm na necessidade de procurar outro parceiro. No entanto, em várias ocasiões, elas referem que o término dos relacionamentos decorre de sua escolha por romper vínculos em que suas expectativas não eram satisfeitas. Passar por várias parcerias está longe de ser um ideal cultural nem consiste em uma situação vivida tranquilamente pelas mulheres, mas é uma alternativa a se submeter a situações que coloquem em perigo sua sobrevivência moral e material. Fuller (2004a) considera este dado característico deste contexto cultural, em contraste com as outras regiões do país. De acordo com esta autora, nas áreas andina e da costa haveria uma tendência das mulheres a suportarem maiores sacrifícios, em prol da união familiar.

No contexto investigado, a monogamia serial parece ser um mal menor, o que pode ser ilustrado pelo seguinte depoimento, referente a uma conversa entre a entrevistada e sua filha:

[...] “Mamá ¿Cuántos maridos has tenido?”, me dice mi hija ¿Di?, yo le digo “Yo tengo motivos que les he dejado a ellos”, le digo, “No me ha dejado ellos, si no yo los he dejado, yo sé por qué”, le digo “No porque soy una loca, que me gusta los hombres, que por aquí tengo otro marido, no, yo tengo motivos hija”, le digo y “Ojalá que tú no seas así, y ojalá que tú no seas co... no seas cojuda como tus tías - le digo así le digo a mi hija - sé como tu madre, un hombre que te quiere abusar, déjalo no vas a dejar que el hombre te está botándote a ti” así le he dicho, así le digo a mi hija, porque mis hermanas, tengo dos hermanas que ellas le soportan el marido allí, su marido viene cuando quiere, le dan cuando quieren la platita, ni para tus hijos, ellas están vendiendo allí sea sol, lluvia, viento pero están ahí vendiendo, viene su marido a pedir comida y le dan, yo no soy así y no quisiera que mi hija sea así, así le digo a mi hija, no sé si estará bien o mal lo que hago, pero para mí eso es mi forma de mí, que yo les he dejado (risos). Tengo motivo por haber dejado a mis dos maridos después, tengo su motivo, no es porque soy una loca. (Telma/42).

Não se trata da existência de uma restrita tolerância aos problemas por parte das mulheres, há diversos depoimentos sobre humilhações e violência infringidas pelos parceiros, que elas dizem ter que aguentar. Por exemplo, Telma declarou que o marido expulsou-a de casa até dez vezes. Em cada ocasião ele pedia perdão e a convencia a retornar, até que, finalmente, ela se cansou e decidiu partir definitivamente.

Desse modo, geralmente, deixar o parceiro associa-se a situações consideradas limite, como violência extrema e infidelidade (no seu sentido de desvio de recursos para outras mulheres e não cumprimento das responsabilidades com o próprio lar). Em alguns casos apresenta-se uma combinação entre este tipo de situação e a disponibilidade de outro parceiro.

Cabe também considerar que terminar um relacionamento pode ser mais ou menos fácil, de acordo com a idade dos filhos. Quando são pequenos há maior dependência do suporte masculino e, portanto, dissolver o vínculo é mais difícil do que quando os filhos já cresceram e, inclusive, podem desempenhar o papel de provedor da família. Em geral, trata-se de uma sociedade com um sistema familiar em que as relações mais significativas são estabelecidas entre a mãe e os filhos.

As uniões conjugais descritas pelas mulheres não se caracterizam por sua homogeneidade, pois há circunstâncias variadas, sobretudo no que tange à permanência temporal do parceiro. Na maioria dos casos trata-se de uma presença permanente, desde que as obrigações laborais não acarretem deslocamentos dos homens para outros lugares – fato relativamente frequente. Em vários casos, a presença do parceiro é mais limitada, por tratar-se de “uniões visitantes”⁴³, geralmente associadas com situações de poligamia informal masculina. Contudo, na maioria das uniões há um denominador comum, a troca de serviços domésticos e sexuais, por bens materiais e dinheiro (com maior ou menor frequência). Nesse panorama é que se configuram as uniões conjugais aqui analisadas.

⁴³ Este conceito, tomado de Scott (1990), faz referência a uniões nas quais “a participação masculina regular é limitada e não co-residencial” (p. 39).

3.4.1 Particularidades regionais

Fuller (2004a) caracteriza a Amazônia urbana como uma sociedade com baixa taxa de nupcialidade, preponderância de uniões consensuais e famílias matrifocais, tipificação que corresponde aos setores populares do país em geral (FULLER, 2004b). Contudo, é possível considerar que o padrão matrifocal seja mais marcado no contexto amazônico, por se tratar de um espaço definido – comparativamente – como apresentando maior circulação sexual (de homens e mulheres), alto nível de deslocamento geográfico masculino e menor estabilidade nos relacionamentos conjugais.

Há escassa produção das ciências sociais sobre sistemas familiares no contexto peruano. No entanto, estudos sobre as relações de gênero e a masculinidade (particularmente Fuller, 2002, 2004) têm abordado em alguma medida o tema de família, e contam com informações comparativas relevantes acerca do mesmo.

No que concerne ao vínculo conjugal, por exemplo, Fuller (2004a) afirma a menor permanência do mesmo na região amazônica, em comparação com outras regiões do país. Este dado estaria vinculado, em grande medida, com certas particularidades da dinâmica socioeconômica deste contexto. Trata-se de um espaço no qual a economia se baseia majoritariamente em atividades extrativas, com grande mobilidade geográfica masculina (por exemplo: acampamentos de extração de madeira, projetos de exploração de hidrocarburetos, entre outros). Este aspecto, associado à forte interdependência dos papéis masculinos e femininos, promove entre os homens uma tendência “a establecer nuevas uniones al ritmo de sus movimientos migratórios.” (FULLER, 2004a, p. 127).

Por outro lado, trata-se de uma região que historicamente tem recebido contingentes de homens sós, por períodos limitados no tempo. Eles teriam chegado à procura de fortuna fácil, ou como funcionários / trabalhadores de empresas dedicadas a atividades econômicas, além do contingente militar estabelecido na região, dada sua importância geopolítica. Assim, tanto a presença de homens “passantes” forasteiros, como a alta mobilidade geográfica dos locais, tende a produzir vínculos de curta duração e pouco permanentes. (FULLER, 2004a).

Os modelos de masculinidade propostos por Fuller (2002), para os distintos âmbitos nacionais, é um bom indicador da maior circulação sexual e impermanência masculina na esfera doméstica na área amazônica, particularmente quando contrastada com o modelo andino. Para o caso da área andina, o modelo ideal vigente seria o seguinte:

[...] el varón cuzqueño es el que más se acerca al modelo de patriarca fuerte y viril pero controlado por su necesidad de trascender su condición animal y de cumplir con sus deberes domésticos y públicos. Su versión negativa sería el esposo y padre dominante y autoritario. (p. 471).

Este modelo remete a uma forte influência masculina no espaço doméstico. Em contraste, no caso de Iquitos, o estilo de masculinidade predominante, segundo a mesma autora: “se acerca más al de afirmación viril, que valoriza el desempeño sexual, la capacidad de competir con los pares y de conquistar mujeres.” (FULLER, 2002, p. 472). Tal quadro aponta uma maior disposição à circulação sexual entre mulheres e, portanto, uma tendência a uma restrita permanência no espaço doméstico ou vínculo de menor intensidade com o mesmo. A autora não apresenta um modelo equivalente para o caso de Lima, afirmando tratar-se de um contexto em que discursos moderno-igualitários de gênero têm maior influência no discurso dos homens mas não na prática, que continua seguindo padrões tradicionais assimétricos.

Mais adiante será retomado o tema das particularidades dos sistemas familiares da região para formular algumas hipóteses, referidas à articulação entre estas e as mencionadas particularidades da sexualidade feminina.

3.5 Sexualidade feminina: experiências e reflexões

Os relatos das mulheres investigadas em torno de suas trajetórias sexuais e afetivas forneceram um material extenso, com diversos temas. Assim, fez-se necessário um recorte. A escolha recaiu no enfoque de três temas: a primeira relação sexual, as experiências de infidelidade feminina e a importância do sexo na vida das pessoas.

Uma primeira razão pela qual optou-se por estes temas relaciona-se com seu lugar de preminência na representação tratada no capítulo anterior. Tal como percebida pelas próprias mulheres, a representação está associada principalmente com ideias como: precocidade na iniciação sexual, facilidade de envolvimento sexual com qualquer um e, em decorrência, frequência de práticas como a infidelidade feminina, entre outros. Dada a persistência dessas ideias, decidi tratá-las a partir das experiências e opiniões das próprias mulheres.

Além disso, a primeira relação sexual é uma experiência particularmente interessante para a análise aqui empreendida, pois permite o delineamento das expectativas e motivações que envolvem o ingresso destas mulheres na vida sexual ativa com parceiro, em que se destacam os valores estruturantes desta experiência.

O tema da infidelidade ou da existência de relacionamentos paralelos à união vigente foi considerado relevante pelo fato de pesquisas anteriores apontarem certas particularidades, em comparação com outras regiões do país. Esses estudos indicam uma suposta centralidade do prazer sexual entre as mulheres no contexto pesquisado, dado que merece aprofundamento e reflexão.

Por fim, apresentam-se as reflexões destas mulheres, acerca da “importância do sexo”⁴⁴. A questão foi abordada após a reconstrução da trajetória sexual da entrevistada, de modo que, embora tenha sido tratada por meio de pergunta impessoal, não resulta em reflexão fria e isolada senão que decorre do exercício retrospectivo sobre a própria experiência.

3.5.1 A primeira relação sexual

Todas as participantes desta pesquisa possuem uma vida sexual ativa.⁴⁵ Os dados referentes à idade por ocasião da primeira relação sexual não evidenciam diferenças entre adultas e jovens. Para ambos os grupos, a idade mediana da

⁴⁴ O tema foi abordado com a pergunta: “¿Crees que el sexo es importante en la vida de las personas?”. Onde sexo é entendido como atividade sexual.

⁴⁵ Cabe apontar que este não foi um critério de seleção das participantes.

primeira relação sexual é de dezessete anos⁴⁶, sendo que, do total de 20 entrevistadas, seis se iniciaram com 15 anos ou menos.

Em todos os casos o evento ocorreu no contexto de uma relação de namoro⁴⁷ e, na maioria, como conclusão de um processo no qual elas resistiram aos avanços de seus parceiros, até que isto não foi mais possível, ou, nas palavras de várias entrevistadas: *pasa lo que tiene que pasar*. Este evento evidencia uma interiorização generalizada do roteiro de gênero, de passividade e espera, enquanto corresponderia aos homens a iniciativa e ações sexuais afirmativas. Em alguns depoimentos de informantes jovens, seus atos de resistência são narrados com orgulho:

*(Risos) La primera vez fue romántico... pero yo no sabía, sólo él me dijo “vamos a ir a un cuarto donde que te voy a mostrar algo, te voy a dar una sorpresa, pero no va a pasar nada” pero también le hice sufrir, como se dice “la tercera es la vencida”; la primera me llevó todo bonito ¿dí? Una cena, bien bonito, pero no pasó nada, empecé a temblar y no pasó nada; la segunda igual, como te digo la tercera fue la vencida ya, **pero también le hice sufrir ¿no?** (Damaris/20)*

*[...] hasta que lo he experimentado, **pero sí...al chico le he botado más de veinte veces**...no quería...y un día ha pasado, tenía que pasar. (Daniela/23)*

O evento é descrito geralmente como marcado pela ambiguidade, por um lado, sentimentos de amor e curiosidade/vontade de experimentar, e por outro, temores, entre os quais se destaca a possibilidade de gravidez, a dor física, a reação da família se soubesse e as dúvidas sobre as “boas intenções” do parceiro (isto é, intenções de estabelecer compromisso sério).

A participação feminina na atividade sexual tem o caráter de “entrega”. Trata-se de uma dádiva, a partir da qual se espera um compromisso masculino como retribuição, sob a forma de um relacionamento estável. Esta expectativa feminina é explicitada no uso que os homens fazem de oferecimentos que envolvem este tipo de compromisso, para convencê-las a ter uma relação sexual. Este assunto é importante entre as jovens e adultas, mas as últimas se referem a ele de modo mais enfático:

[...] tanto que me molestaba, me molestaba [...] tanto estar molestándome... ¡ya! me ha convencido ya pues, señorita, hicimos el amor... ¡ay!

⁴⁶ O que coincide com os dados da “Encuesta Demográfica y de Salud Familiar” (equivalente ao DHS) do Instituto Nacional de Estadística e Informática (INEI, 2007) segundo o qual a idade mediana da primeira relação sexual na região da selva é de 17.1 anos, enquanto a mediana nacional é de 19.1.

⁴⁷ No caso de uma mulher adulta, a iniciação ocorreu com o homem que é seu marido, até o momento. Uma jovem foi violentada por seu pai. Depois deste fato, sua primeira relação sexual também se desenrolou em uma relação de namoro.

¿Cómo fue la primera vez, cómo te llega a convencer?

Me dice que quiere hacer el amor conmigo...o de repente, depende de mí, nos podemos quedar para siempre...según mi comportamiento, dice, yo tenía miedo señorita, tenía miedo, tenía miedo. (Bertha/43)

[...] yo me pongo a llorar.

¿Por qué te pusiste a llorar?

Yo me he asustado ¡qué cosa, qué cosa voy a hacer allí yo con él! Y... y él me habla ahí, me empieza a conversar primero, empieza a hablar.

¿Qué te decía?

Que...que la mujer cuando ya tiene ya... “no vas a pensar que yo solamente quiero abusar de ti...”, yo ¡más lloraba! “Y no vayas a pensar que yo te quiero utilizar o quiero abusar de ti, no - me dice - tú vas a ser la madre de mis hijos, yo voy a vivir contigo.” (Nancy/45)

[...] yo le quería bastante... yo había dicho nunca voy a enamorarme pero ya y me llevó pues a un hotel donde él se hospedaba con espejos por todos lados (risos) ahí me llevó y entonces me dijo “¿has tenido sexo alguna vez?” “¿qué es eso?” todavía yo le he dicho “¿qué, no sabes?” “no, ¿qué es eso?” y entonces el empezó a abrazarme a tocarme a acariciarme... “no te va a doler” me dijo “¿cómo que no me va a doler?” (risos) [...] y entonces me dijo “después de esto nos vamos a casar” me dijo, porque ya él era mayor que yo pues, tenía sus 25 años y me empezó a desvestir, y ahí recién cuando me empezó a desvestir ya no quise yo “no, no te va a doler, no te va a pasar nada, eso es parte de la convivencia que vamos a tener” me decía... y entonces como la señora⁴⁸ me decía que todo eso tiene que ser después que te cases yo le decía ¿no? “la señora me ha dicho...” “no olvídate de ella” me decía (risos) “olvídate de la señora” aquí has de cuenta que estamos los dos y yo te quiero bastante nos vamos a casar y todo, y entonces me desvistió todo y me empezó a manosear todo el cuerpo y ahí pues sentí una sensación “¿qué será?” (risos) o sea él lo único que sabía decir era “déjate llevar por mí” (risos) y, o sea, ya yo cedí a lo que él hacía (risos) y eso fue pues la primera vez. (Ursula/45)

Ah, bueno, este, nosotros nos encontramos y él me dijo que, él me hablo ¿dí? me dijo así que quería estar conmigo, que por acá, que él no me va a engañar, que siempre me quiere, que quiere ver más por delante una vida nueva conmigo, y yo no casi le, le quería saber porque yo tenía miedo

¿A qué tenías miedo?

Tenía miedo a él (risos) tenía miedo a eso que no haya, me dice “No”, me decía él “No, no, no tengas miedo, yo no me quiero atrever contigo a la fuerza y [...]”, me trataba de convencer, me dijo, hasta que por fin me convenció ¿dí? (Giovanna/44)

[...] y él me besaba y me abrazaba y me decía “no te voy a dejar, nunca te voy a dejar te quiero mucho de verdad que nunca te voy a dejar.” (Liliana/24)

Além dos argumentos verbalizados, constam os avanços físicos, como tocar e acariciar, cruciais no processo de convencimento. Cabe apontar que, no relato das jovens, esta dimensão tem maior destaque.

Él me convenció.

¿Cómo te convenció? ¿Con qué argumentos?

Con las caricias, con las caricias. (Nadia/24)

[...] yo le he dicho que tengo miedo, pero de, como te digo, él sabidazo (risos), ya pues empezaba con las caricias, todo eso, pero yo ahí tenía, no sé, como digo que a veces quería quitarme, pero quería saber, qué se siente. (Talia/20)

⁴⁸ Patroa para quem trabalhava em serviço doméstico.

Um caso particularmente interessante, da combinação de linguagem corporal com verbal, é o relato de Liliana.

[...] y yo me quedo conversando con él en su sala ¿no? y sus muebles eran grandes y ahí estábamos conversando y para eso, estábamos solos los dos y daba la casualidad que no estaban ni su mamá ni su papá y solamente él estaba ahí [...] y así conversando como un juego fue que se comenzó a acercar a mi [...] y me comienza a besar y empiezo a sentir más caliente mi cuerpo y me sentía bien caliente, mi corazón palpitaba bien rápido y sentía mi rostro tan caliente como si estuviera toda mi sangre en mi cara y todos mis oídos le sentía caliente y así jugando, él se echó en mi encima y sentí como su corazón le palpitaba tan fuerte sobre mis pechos ¿no? tan fuerte, y se hacía rojo su rostro, yo le miré y también él me miró y luego nos levantamos, nos sentamos y le dije que por qué sentía eso ¿no? y no me dijo nada, se rió, parece que le dio vergüenza y a mi también (risos) y de ahí ya era tarde ya creo que eran como las 8 de la noche y a mi me habían mandado a comprar a las 6, era tarde (risos) y después “ya me voy a mi casa” [...] “no te vayas” dice él, “no ya me voy, voy a pasar por tu huerta” por su huerta iba a cruzar, porque igual me iban a palear (risos) mi mamá, me voy y entonces él va y me agarra por mi tras, por mi espalda, y pone sus manos por acá y me abraza y así caminando juntos así, como quien acompañándome a la huerta, no hemos salido ni a la huerta, nos quedamos justo a la dirección de la puerta de su cuarto ¿ya? Y es ahí que él me abraza y me besa y con su otra mano abre la puerta del cuarto y me comienza a meter a su cuarto y es ahí donde yo me veo ya dentro de su cuarto, así caminando, caminando así para atrás y me hace entrar a su cuarto y cierra su puerta con su otra mano cuando estamos entrando recién ¿ya? Y me siento ya cerca al filo de la cama ¿no? y es ahí, donde ahí nos echamos, donde me hace echar, yo también le consiento y donde nosotros comenzamos a besarnos, nos comenzamos a abrazar y yo pensaba ¿no? o sea no estaba tanto en el momento, yo pensaba en la relación, porque yo decía si íbamos a tener relaciones sexuales, pensaba en lo que iba a sentir ¿no? y le decía, y él continuaba y me decía que me quería, cosas así ¿no? como para convencerme más

¿Como qué cosas te decía para convencerte?

Me decía que me quiere, que me deje llevar, que nunca me va a dejar, que lo que siente por mi es algo muy especial, me decía él, y es así donde [...] fue tan rápido su acción que solamente me sentí con las piernas abiertas ¿ya? Porque puso su pierna entre mis piernas y lo movió y se abrió mis piernas ¿ya? [...] y solamente yo miraba arriba y le miraba a él y me decía “no tengas miedo, no te va a pasar nada” y yo le decía “despacio por favor, despacio” y él me besaba y me abrazaba y me decía “no te voy a dejar, nunca te voy a dejar te quiero mucho de verdad que nunca te voy a dejar” y es ahí donde siento ¿no? que comienza a introducirme su pene ¿no? y no quería entrar (risos) y le comenzó a hacer entrar y me decía “espera un momento, espera un momento, ya vengo, ya está por entrar, sólo falta un poco” (risos) y yo que sudaba, sudaba y decía “despacio, despacio”. (Liliana/24)

A principal motivação para ceder aos avanços de seus parceiros e consumir o ato concerne aos sentimentos de carinho e amor. O sexo possuiria o estatuto de via de expressão de tais sentimentos.

Sí, quería [hacer el amor]; o sea, que me gustaba y le quería al joven pero tenía miedo, tenía miedo; o sea, que ese pedacito sen...tenía miedo ¿di? Bueno, yo le podía hacer que me abrace, que me bese ¿di? pero no quería que me haga el amor tenía miedo.

¿Tú sentías deseo sexual por él?

No sentía, no sentía porque, no sabía, no sentía, no sentía señorita, para nada, creo que me gustaba...de ahí le quería; pero por sexo, no, no, por eso no. (Bertha/43)

[...] yo me dejé, porque sí lo quería, sí lo quería, no digo que no, sí se siente algo especial por una persona, peor que ya está continuo contigo ¿no? ya pues algo emocionante, me sentía bien. (Fátima/40)

Embora a maioria descreva esta experiência como dolorosa, vivenciada com medo, a avaliação final é positiva, na presença de sentimentos de amor e carinho.

Bueno la primera experiencia yo viví lo sentí quizás satisfecho porque quizás ha sido pues una entrega con bastante caricias ¿no? de repente por eso

Entonces ¿sí te gustó?

Lo disfruté, aunque con dolor pero lo disfruté y eso ha sido mi primera vez. (Ursula/45)

Yo pienso que ha sido una experiencia bonita porque...estaba enamorada, y cuando te enamoras de una persona sí es una experiencia bonita, porque das todo...ambos, ¿no? Es una experiencia bonita (Beatriz/46)

Entretanto, quando o argumento do amor passa a ser uma exigência – a famosa “prova do amor” – é, então, avaliado negativamente. Via de regra, certa insistência é considerada como parte aceitável e esperada do jogo de negociações. Contudo, quando o nível de “insistência aceitável” é ultrapassado, tornando-se uma “exigência”, como no caso da “prova do amor”, os limites do respeito se rompem. Este é um valor muito apreciado e, portanto, uma condição que idealmente deveria ser cumprida nesse momento, considerado por elas de importância.

¿...quién fue que propuso...este...para tener relaciones?

De casualidad los dos (risos); porque, me daba cuenta, pues ¿no?, que...era un chico que me ha respetado...que nunca me ha dado esas indirectas con... “ay sabes qué vamos, si me quieres demuéstrame”, la lógica, como siempre saben decir: “Si me amas demuéstrame”. Y eso no es la cosa pues. Sí...y me he dado cuenta que...a ver pues, de repente, él me va saber valorar, decía yo. (Daniela/23)

A maioria dos depoimentos das mulheres não faz alusão a situações claras de coerção na primeira relação sexual. Contudo, há três depoimentos entre os das vinte informantes a vivenciaram como um estupro: em um caso o agressor foi o próprio pai e nos outros dois foram relações forçadas pelos namorados. Considerando-se o universo reduzido de entrevistas realizadas, este é um indicador importante que aponta para um contexto com um nível alto de violência no terreno da sexualidade.

O desejo sexual/prazer não é mencionado como motivo para a relação em nenhum caso, mas a vontade de experimentar e a curiosidade são referidas como elementos catalisadores da concessão, em face dos pedidos dos parceiros:

[...] él me decía “no, no te va a pasar nada, esto es parte de la vida que tiene un hombre con una mujer, tú lo único que tienes que hacer es dejarte llevar por mí nada más” y eso nomás

¿Y tú te dejaste llevar?

(risos) y yo me dejé llevar, quería experimentar (risos)

¿Tenías curiosidad?

Tenía curiosidad, cómo va a ser esto (risos). (Ursula/45)

Bueno, ¿cómo le explico? Bueno cuando yo... estuve con mi pareja, ¿no? O sea yo no quería, no quería pero...qué será pues, ¿no? de que tú estás ahí, te conversan, te hablan, te dicen tantas cosas bonitas, ya pues... **quería experimentar primero, ¿dí?** (Fátima/40)

Yo quería, tenía esas **ganans de experimentar**. (Nadia/24)

Me decía pues que sí, "Hay que hacerlo, tú me quieres, demuéstrame", me decía, entonces, aparte que yo, no sé, decía "Me va a doler o tengo miedo", y este, y **aparte de querer saber también, qué cosa, qué cosa se siente** (risos) ya pues, pasó. (Talia/20)

Entre as jovens, a necessidade de experimentar (de ambos) comparece, ao lado das promessas de compromisso, entre os argumentos de convencimento. Este dado poderia evidenciar uma certa mudança, no sentido da aquisição de legitimidade do discurso do sexo, como espaço de experimentação.

[...] nos quedamos solos, solos, mirando la televisión y hasta que él me besó y empezamos hablar de eso y yo le dije que no, que tengo miedo y de él también era su primera vez, eso es lo que él me dijo... (risos) sí...y pasó.

¿Qué, qué cosas decían, conversaban?

Él me decía, él me decía "¿Y cuándo lo vamos a hacer?", yo me hacía la loca, "¿Hacer qué?" "mira - me dice - ya estamos... - estábamos como dos años - dos años, me decía estamos dos años, y ya hay que experimentar, porque ni tú, ni yo sabemos, es lo que él me decía pero tenía diecinueve años...yo no sé si él sabía, pero no era...no se trataba de pasar conmigo, más solamente me besaba, me abrazaba, claro me tocaba las piernas pero nada más y hablábamos de eso hasta que ya pues lo habíamos hecho, lo hicimos. (Nadia/24)

Alguns casos revelam a influência do grupo de pares feminino no desenvolvimento desta curiosidade e em torno da vontade de experimentar relações sexuais. É interessante observar que – entre outros aspectos – tal curiosidade é incitada a partir da valoração positiva do prazer sexual, nos discursos de suas interlocutoras. Este elemento surge a partir da voz destas terceiras.

[...] yo lo hacía, cómo te digo, por querer saber cómo es, ¿dí?, si es verdad como mi amiga me contó todo eso, ¿dí? (Fátima/40)

[...] vine acá, encontré ese grupo de, de chicas, lo que vivían en ese mundo, qué ha pasado, me decían, "Noemí, Noemí", agarro, "¿Eres virgen?", me dice, me pregunta una de ellas, "Sí", le digo, "**Sabes qué ñañita - me dice - bien rico es la pinga - me dice - bien rico, no quieres probar, prueba - me dice - prueba, tal fulano, está enamorado de ti**", me dice, "Haga con él", ¿Te das cuentas? su negatividad de ellas ¿No? y al no ser yo, esto, aconsejada en ninguna persona mayor nadie por el estilo [...] he caído en su juego de ellas ah, eh, llegó un bello día [...] había fiesta y se, y se juntan ellas en grupo [...] y ahí se encuentra pues la rueda de esas chicas, chicas, había chicos ahí y ahí estaba el chico que me seguía, que me molestaba [...] después no les he visto y yo me quedé con el joven [...] me dice, no sé, este "Vamos a traer mi plata", me dice, "Tu plata y por qué", le digo, "Yo no tengo porqué seguirte", "No", me dice "Acompáñame nomás", me dice, "No te voy a hacer nada, vamos, me agarró mi mano, venido en una casa, pero yo veía una casa silencio, había una cama con colchón, pero es algo que no, yo decía "¿Aquí vives?", "Sí", "¿Tu mamá, tu papá?", "Sí, ahorita van a venir, acompáñame", me dice, "Acompáñame" y, y entramos a la casa, me comenzó a besar, a besar y a, y a, y entonces pienso la otra me había dicho, que

haga el amor, que rica es la pinga, oe caracho "Oye Raúl" le digo "¿No me puedes hacer un gran favor en hacerme el amor?", le dije (risos) (Noemí/36)

Tenía miedo de ahí, porque, a mí me contaban pues, ah que duele, que no sé qué...que te enfermas, que te hace doler todo y yo tenía miedo.

¿Quién te decía todo eso?

Ah mis amigas.

¿Del colegio?

*Que eran ya más...más, más vivarachas que yo. Ya me decían así que eso de ahí duele...pero, de ahí **es rico**, vulgarmente como hablan. Ay que de ahí **es rico, te va a gustar** [...] (risos). Ya pues, hasta que lo he experimentado...pero, sí...al chico le he botado más de veinte veces...no quería...y un día ha pasado, tenía que pasar. (Daniela/23)*

No entanto, a curiosidade / vontade de experimentar não consistem em motivação suficientemente legítima. O amor e o conhecimento do parceiro são referidos como condição necessária. Nesse sentido, por exemplo, Talia avalia negativamente sua primeira vez, justamente por se ter deixado levar pela curiosidade, embora seu parceiro fosse recente e ela não sentisse amor por ele. Estes fatores, segundo afirma, teriam sido determinantes da ausência de sensações em sua primeira relação sexual.

*... éramos enamorados ¿No? pero ha sido, no era mi enamorado de, pucha, un año o un mes ¿No? era quizás, eso ha sido un error que yo he cometido, a veces, me arrepiento, pero a veces digo "no, ya pasó pues, no hay que arrepentirse de lo que se hace" este, era que le conocí a un chico por parte de una amiga, ya a él le conozco y al tercer día creo, yo hago relaciones con él, pero **no ha sido porque yo he, o sea le quería al chico ¿No? o pucha, no sé, yo creo, yo siento que lo hice por querer saber, querer saber qué se siente***

Ya, tenías curiosidad

*Ajá, tenía curiosidad, ya pues, pero sí, porque, porque **no sentía nada al momento de que, no es como otros dicen estás enamorada de tu pareja, entonces ahí sientes ¿No? sientes, disfrutas de (risos) con él no era así, no era sí.** (Talia/20)*

No caso de Noemí, o fato de se ter deixado levar pela curiosidade, envolvendo-se em relações com quem não possuía qualquer vínculo de afeto, é apontado como causa de um trauma psicológico posterior. Cabe mencionar que Noemí é a única participante que assumiu a iniciativa da proposta de relação sexual.

[...] estaba mal, señorita, mal porque [...] yo nunca le he querido a ese chico, me sentía enferma, que no quería salir de mi casa, parece que psicológicamente así me habían traumatado, así. (Noemí/36)

Outro aspecto mencionado por algumas informantes, que influenciou a decisão de ter a primeira relação sexual, associa-se ao momento da vida ou à idade considerada adequada. Daniela (21), por exemplo, com dezoito anos por ocasião da iniciação sexual, referiu que *ya era tiempo*. O mesmo ocorreu com Olinda, que

também se iniciou sexualmente aos dezoito anos, justificando a experiência por sua curiosidade:

“[...] tenía ya un poco ya de edad ya también yo ya ¿No? ya quería, quería saber, porque hay personas que a los 15, 14 años ya hacen, ya tienen su primera ¿No? y en cambio yo no.” (Olinda/21)

Telma, quem também se iniciou aos dezoito anos, baseou a decisão na concepção de que, se não o fizesse, seu corpo poderia *malograrse*.

*Yo como he trabajado ahí en la en la Villa de la FAP⁴⁹, trabajaba pues, he escuchado que conversaba la señora ¿Dí? y yo estaba haciendo mis cosas en la cocina, cerquita ¿No? de donde conversaba la señora y escuchaba que decían, que, que las, que **las mujeres que no tienen relaciones cuando tienen ya 18 años para arriba, dice que se malogran dice**, escuchaba de una señora que conversaba con la señora ahí
¿Y por qué decían que se malograban?*

***Este, porque dice le baja como materia, expulsaba la flor blanca**, no sé qué decían pues ¿Dí? de ahí, entonces como yo todavía era niña, entonces yo tenía un chico, un enamorado tenía, pero no hacía nada todavía ¿Dí?, yo no sabía de esas cosas y como he escuchado eso pues que, que me iba a malograrme, por eso pues que me voy a hacer ¿Dí? sin saber, sin saber si por qué lo hago y como tenía mi enamorado y me dijo que quería estar conmigo, me ha explicado ¿No? y entonces yo pensando que he escuchado a la señora, “Pues voy a dejar que me haga pues, antes que me malogre” (risos) (Telma/42)*

3.5.2 Infidelidade feminina

O tema da infidelidade feminina é relevante, por ser mencionado em estudos comparativos, como um dos aspectos da sexualidade que expressam a particularidade da região, em contraste com os outros âmbitos do contexto nacional. Traço aqui as principais idéias que os ditos estudos tem desenvolvido a respeito do tema.

Cáceres et. al. (2002) indicam que o “potencial de infidelidade” da mulher constitui uma ideia corrente na região. Segundo estes autores, a infidelidade feminina, nas percepções nativas, seria explicada – entre outros - pela insatisfação sexual ou, nas palavras dos autores, por “mero apetito sexual” (p. 100). Esta noção, segundo afirmam, evidenciaria o estatuto da mulher como “sujeito sexual” (p. 102), o que converge com os achados de Fuller (2004a), que menciona que:

⁴⁹ Fuerza Aérea del Perú

[...] mientras que en Lima y Cusco las mujeres y los varones consideran que los hombres tienen una tendencia natural hacia la infidelidad y que las mujeres son recatadas, en la región amazónica se considera que ambos son potencialmente infieles. (p. 129).

Em ambos os estudos a percepção sobre o “potencial de infidelidade” feminina estaria diretamente associado ao caráter erotizado das mulheres. Esta percepção do potencial de infidelidade, tanto feminino quanto masculino, explicaria os ciúmes sexuais e a infidelidade como queixas frequentes de homens e mulheres neste contexto. De acordo com Fuller (2004a), se trata de “uno de los grandes temas en torno a los que se anudan las negociaciones entre varones y mujeres” (p. 129).

Os autores referidos discordam sobre as consequências da infidelidade feminina e as concepções a ela associadas, no que tange ao comportamento masculino. Segundo Cáceres et al. (2002), os homens oscilariam entre a agressividade em defesa da própria honra e uma atitude de ocultamento e silêncio:

Frente a la infidelidad de su mujer, algunos afirman que la resienten porque va en contra de sus valores, de su honor; mientras que otros opinan que al loretano le encantan los “cuernos”, y que siendo infiel, la mujer mejora su posición y su poder de negociación dentro de la pareja. Desde el punto de vista del hombre iquiteño, si la mujer me es infiel, me callo, me escondo, o la agredo para mantener el honor. (p. 109).

Além disso, Cáceres et al. afirmam que, neste contexto, haveria maior tolerância à infidelidade feminina, em comparação com as outras regiões do país. Por outro lado, Fuller (2004a) enfatiza a desconfiança masculina em relação a suas esposas: “Esta creencia justifica su reclamo de restringir enormemente la libertad de movimientos de sus parejas y a reclamar de ellas constantes pruebas de sumisión” (p. 129).

Os achados apresentados até aqui fornecem um panorama das representações que circulam em torno da infidelidade feminina neste contexto, que ressaltam o caráter erotizado atribuído às mulheres. De maneira complementar a estas representações, encontradas nos estudos prévios, nesta seção serão explorados discursos das mulheres a respeito do tema e também, de particular importância, experiências de infidelidade feminina referidas por algumas informantes.⁵⁰ Busca-se elucidar as motivações em jogo nestas experiências,

⁵⁰ Embora os discursos mais frequentes sobre as mulheres da região ressaltem sua facilidade para falar de temas de sexualidade, encontrei que a dita facilidade têm limites claros. Certamente, em comparação com outras regiões do país, há maior abertura na expressão desses temas de modo geral –, o que pude constatar em vários anos de trabalho em um projeto sobre saúde sexual e reprodutiva a nível nacional. Contudo, cabe lembrar que a

esclarecendo o lugar do prazer sexual. Trata-se de um aspecto especialmente relevante para o entendimento do lugar da sexualidade na construção de si, entre as mulheres neste contexto.

3.5.2.1 Discursos hegemônicos sobre infidelidade / relacionamentos paralelos

A fidelidade é um ideal estruturante dos relacionamentos neste contexto. Sustentar qualquer tipo de contato afetivo-sexual em paralelo à união vigente é objeto de censura por parte das mulheres participantes do estudo, seja este de curta ou longa duração. Os discursos de reprovação à infidelidade, em geral – para além das considerações de gênero – podem ser classificados em três tipos. Primeiro, e mais frequentemente mencionado, aquele que a define como atentado à estabilidade familiar; o segundo, a partir de uma perspectiva romântica, a considera como falta de amor e respeito com relação ao parceiro/a; e o terceiro, que se centra em uma tônica sobre a responsabilidade, baseia a censura em considerações higienistas, de prevenção de doenças.

*Cuando hay infidelidad en una pareja **ya no se vive bien, no vives bien, vives peleado con tu familia**, hasta llegas a separarte, mejor dicho se des... **se destruye el hogar**, ya no vale nada, porque de repente la mujer ha hecho, el hombre también lo ha hecho y la casa se, se destruye, ya no eres una pareja feliz, ya no lo eres, porque en cualquier momento tú te estás acordando y estás peleando por ese, por ese tipo de problemas. (Tatiana/37)*

Pienso que no se quieren, mejor dicho que no tienen sentimiento, no quieren... ¿a quién están queriendo? ¿A quién quieren? a ningunos. Porque, solamente están viviendo el momento. No piensan en el futuro, ni en el mañana, no piensan en el presente, en el hoy; ni siquiera en el mañana, sino en el hoy. En el momento nada más. Vayan en...en ese momento...noche de locura...como dicen...que...se pueden tener una ITS. Quién se está haciendo daño, quién se está perjudicando, una persona, nada más...uno mismo. Y eso debe de tener conocimiento y llevar...controlarse, pues. (Beatriz/46)

No entanto, para além das enunciações gerais de censura à infidelidade, diferenças se apresentam, com a inclusão da variável de gênero. Há uma censura mais intensa sobre a infidelidade feminina, fundamentada em uma concepção que diferencia a natureza da sexualidade masculina e feminina e os papéis esperados de homens e mulheres. O desempenho feminino deve ser modesto, enquanto o

masculino é tido como instintivo e ativo. Apesar da infidelidade masculina não ser desejável, é considerada, na prática, como dificilmente evitável.⁵¹

Bueno, como instinto los varones ¿Dí? los varones siempre son así, siempre son molestos y eso depende uno de mujer pues, tú cuando estás comprometida, tú tienes que, que hacer ver que eres comprometida, es igual el varón, si es un hombre que de veramente siente que está comprometido, él hace respetar su compromiso, pero, pero el varón por instinto es inquieto, siempre va a tener tropiezos en la calle y siempre va a estar con ese, con esas cosas malas que está haciendo. (Giovanna/44)

*[...] mayoría vas, vas a ver que es hombre que mujer, de la mujer escuchas rareza “Esa mujer se ha ido con otro chico”, dice, rareza escuchas, mayormente del varón
Del varón ¿Y tú por qué crees que sea así?
No te digo pues, porque dicen que ellos son varones puede hacer a la manera que quieren a la mujer y la mujer no puede hacer nada porque es mujer. (Tatiana/37)*

O depoimento de Bertha descreve uma discussão com seu parceiro atual, com o qual não coabita, pois ele é casado e reside com a esposa. Esta entrevistada mostra os ideais vigentes de fidelidade, a partir de suas queixas e das respostas do companheiro. Ela, cansada desta situação, acha que se trata de uma falta de respeito maior e o convida a ir para não voltar, enquanto ele insiste na manutenção do relacionamento, pelo fato de ela ser uma mulher que o respeita e não o trai. Observe-se que, ainda que ela proponha o afastamento, declara que ele não deseja deixá-la. Ela descreve este fato como uma espécie de fatalidade, que a obriga a permanecer com ele. Em outro trecho de sua entrevista, ela afirma que se acostumou com a situação, aceitando-a, apesar de ser insatisfatória.

[...] vete a tu casa, ya, vete, vete ¡qué quieres!, déjame a mí ya, déjame, déjame vivir con mis hijos, mi trabajo ¡ya!”; “Eso...nunca te voy a dejar, nunca te voy a dejar hasta el día en que me muera, nunca te voy a dejar, no te voy a dejar en...a tu libertad; porque, tú has sido la mujer que siempre me ha respetado, otras mujeres he tenido, le daba la espalda y ya estaba con otro, ni llegaba al trabajo y me dicen `oye, a tu mujer le he visto en tal sitio, con tal fulano, le he visto en tal sitio tomando, le he visto en tal sitio bailando, le he visto en tal sitio comiendo´...de ti nunca he sabido, nunca y ese es por eso que yo te tengo un respeto”; “Ah un respeto ¡¿Cómo es ese respeto?! ¡ah! el respeto ¡cómo se respeta! A ver...dime, dime”; “El respeto, pues, que yo te respeto; porque, te...te respeto”; “¡Ay! - le digo - tú no sabes ni dónde estás sentado, el respeto es no estar revolcándose con otra mujer, eso es el respeto, no tener otra mujer, no estar engañando, ¿ya?, solamente estás conviviendo conmigo y no hay otra mujer, pero no, tienes tu mujer...vete, vete, vete de mi casa”; “No” dice, nunca, nunca, nunca me va dejar, nunca me va dejar hasta el día en que se muera, según él. (Bertha/43)

⁵¹ Sem dúvida, o discurso de tolerância acerca da infidelidade masculina começa a perder sua legitimidade, a partir do discurso de prevenção de doenças ou “higienista”: *Del hombre no es algo novedoso. Pero, ya, ahorita sí podemos decir de que no...no es bueno; porque, tantas enfermedades ahora que están saliendo. (Nancy/45)*

Fatos como este têm sido constatados neste contexto e em outros, com moralidade análoga, por diversos estudos (no nível nacional, por exemplo: CÁCERES et al., 2002; FULLER, 2002), pelo que não mencionarei maiores detalhes. Contudo, cabe enfatizar que, de acordo com a maioria das informantes, haveria uma forte censura social contra a mulher infiel, que elas compartilham em grande parte.

Yo no veo bien.

¿No lo ves bien?

O no sé cómo se le puede catalogar a esa persona ¿no? Yo pienso qué...qué cosa; o sea, tener relaciones con el uno, el otro. Recibir al que viene, así sea verde, amarillo, negro, colorado, no, pues. Y el hombre también no te mira bien, no te tiene con buenos sentimientos...te mira ya, sírvame, ya lo como y lo dejó. Y quién queda peor es la mujer, te...te apuntan ya mal, te miran mal. (Nancy/45)

Bueno, en los hombres creo que es normal, veo que son más, hasta, hasta, son con su enamorada están molestando a otra chica, pero una mujer se ve bien... yo le veo algo feo.

¿Por qué se ve peor en una mujer que en un hombre?

Porque no pues, se supone que es, es una dama (risos), es una dama, o sea, no sé, da mala imagen pues, o sea que, una chica hace eso, ya, entonces los hombres dicen "Todas son iguales" o sea piensan que todas somos iguales, no, no me gusta. (Talia/20)

Além da censura externa e da possibilidade de conflito conjugal, são mencionadas motivações de carácter "interno", como justificativa da opção pela fidelidade. Fátima, por exemplo, refere os sentimentos de vergonha e culpa como uma barreira, enquanto Olinda se remete a um discurso em torno do amor romântico, afirmando que seria um atentado aos seus sentimentos e à própria auto-estima:

No porque...porque mira ve yo estoy con una persona, ¿dí? que sinceramente siento algo especial por...o sea siento que le quiero, que le amo no sé, ¿dí? entonces pues conozco a otro chico que me va a gustar, no tan sólo porque me va a gustar me voy a acostar con él teniendo mi pareja, ¿no? entonces pues, cómo me voy a sentir yo estando con mi pareja actual, yo tengo intimidades con él y me voy a...tener intimidades con él, o sea no...no, no puedo diferenciar, no puedo hacer eso y dios permita que nunca me pase esas cosas porque sinceramente no...no va conmigo eso [...]

Y...y...o sea, ¿qué es lo que te parece malo en esa situación?

Algo que cómo te digo no... me parece mal porque la persona con quien estoy, no sé... no me sintiera tan...o sea, no me sintiera tan...cómo te digo, con la cara... no sé qué cara pondría de verle a él después de estar con la otra persona, o sea me voy a sentir mal por qué porque se supone que él es mi marido, mi pareja y yo...le voy a ver continuo de repente [...] entonces me voy a sentir mal porque el, el otro, le puede decir tantas cosas a él, ¿no? por mi, por mi culpa por qué, porque yo soy la culpable, entonces no... para mi no, no...no está bien eso. (Fátima/40)

[...] yo soy una persona que a mí no me gusta jugar con los sentimientos de uno, no me gusta estar con uno, después con el otro, no me gusta, yo detesto esa clase de personas

¿Por qué, qué es lo que te parece mal de eso?

Que, que estés con tu, que estés con tu enamorado, estás con él, estás bien y al día siguiente o al tercer día sigues, estás con el otro, ya pues no me parece justo, estás jugando con sus

sentimientos de la persona, por eso a mí tampoco me gustaría que jueguen con mis sentimientos, si está con una persona, está con su chica, viene conmigo, otra vez se va con otra persona ya pues, yo me siento mal, me, me baja mi autoestima, no, eso no puede ser. (Olinda/21)

3.5.2.2 Discursos alternativos sobre a infidelidade / avaliações situacionais

Para além dos enunciados gerais a partir dos quais as mulheres participantes desta pesquisa censuram a infidelidade, apresentam-se discursos alternativos, com uma ótica compreensiva acerca do fenómeno, sobretudo das que se envolveram neste tipo de experiência. Sonia, por exemplo, a partir de sua vivência, elabora uma diferença na avaliação da infidelidade, segundo as razões envolvidas. Justifica sua experiência pela presença de valores superiores, como o estudo e a meta de se formar, em contraste com uma finalidade duvidosa ou sem legitimidade, como seria o caso se a motivação fosse a diversão:

[...] [a] mi el problema me llevó a ser infiel; pero, en otro aspecto...a ser profesional, a buscarme la otra forma de vivir. ¿No? a realizarme como persona, profesional, no me he trazado aún...a buscar, a ser infiel...a andar...pucha a divertirme ¿no?, no he llegado a ese extremo. (Sonia/38)

Noemí considera que a infidelidade é inadequada e um comportamento imaturo. Contudo, avalia tratar-se de um acontecimento imprevisível, de modo que não é possível saber em que momento irrompe na vida. Mediante tal caráter de imprevisibilidade do amor, ela justifica o fato.

Algo inmaduro señorita (risos), algo inmaduro porque a veces no sabes pues en qué momento te va a pasar eso, no sabes pues, si llegará, por ejemplo, yo soy una persona que trabajo, me dedicó a mis hijos y como un arte de magia, se llega a aparecer alguien que en toda tu vida nunca has planeado estar enamorada, tú dices "Sí, yo voy a trabajar por mis hijos, voy a luchar por mis hijos", pero en qué momento has dicho va a llegar un hombre, o te vas a enamorar de un hombre perdidamente, no sabes señorita, no sabes, eso es algo (risos) mágico ¿No? así es pues. (Noemí/36)

Liliana afirma que não seria algo censurável, mas uma *decisión de cada uno*. No entanto, aponta duas condições que deveriam ser respeitadas: proteção de doenças sexualmente transmissíveis (uso de camisinha) e discrição, para não acarretar sofrimento ao parceiro.

[...] yo veo que no es tan para condenar ¿no? sino que ya es algo que definitivamente es para pensarlo cada uno. Si nosotras, o los varones también ¿no? [...] pensamos en tener

más parejas es algo que tenemos que hacerlo quizás con mucho cuidado y sobre todo con protección pensando en la otra pareja que sí realmente tienes a tu lado, en su bienestar de esa persona porque tenemos que pensar también que esas relaciones paralelas que se tienen, como las llaman “aventuras” ¿no? si no te has cuidado adecuadamente con mayor seguridad con condón o preservativo puedes estar expuesto a tener infecciones ¿no? de transmisión sexual, y también tienes que pensar en tu pareja ¿no? porque tu pareja te espera, con tu pareja vas a tener relaciones sexuales y cuidarla también a ella, cuidarlo a él, protegerlo también, eso sobre todo tú porque no puedes dejar en el aire la idea de que eres intocable ¿no? que no te puedes contagiar de nada porque por lo general cuando somos jóvenes pucha, pensamos que lo tenemos todo y que nada nos va a pasar pero no es así realmente, por eso si los chicos y las chicas quieren tener más parejas ¿no? que se cuiden, se protejan y de esa manera se cuidan ellos y también cuidan a su pareja; y que lo hagan pues de una manera muy discreta porque, porque sino duele ¿no?. (Liliana/24)

A figura da mulher infiel por vingança também é referida. Ela retribuiria a infidelidade do parceiro com a própria infidelidade. Tania menciona este personagem, ao tratar das diferenças entre mulheres acerca da infidelidade, indicando que, efetivamente, algumas se comportam de modo semelhante aos homens.

Tú en general ves que quiénes son más infieles, ¿Los hombres o las mujeres?

Los hombres

¿Y por qué crees que sea así?

Porque, porque los hombres donde se vayan siempre van a hallar mujeres, siempre van a piroppear, siempre van a conversar y van a formar amistad, cada vez más, al final va a llegar a ser novios

¿Y con la mujer por qué no pasa eso?

Bueno, no todas porque algunas sí, algunas, algunas sí son así, incluso también que si dicen “Si mi enamorado ha sido así porque yo no voy a hacer lo mismo”, dicen ¿No? y se meten, tiene otra pareja, aparte de su pareja, de ahí vienen los problemas, “Que no, tú me has sacado la vuelta, él otro también ha sacado la vuelta”, al final los dos han sacado vuelta. (Tania/21)

A infidelidade feminina como castigo ao marido infiel é uma representação muito comum, mas é referida como uma conduta observada em terceiras, e não a partir da própria experiência – o que é compreensível, dada a moralidade prevalente. Contudo, entre os casos estudados, há uma mulher jovem que abordou o tema a partir de sua vivência, considerando-a legítima.

Es que de ellos mismos hacen que se los saque la vuelta.

¿Cómo así?

En la forma en que nos tratan a veces ¿no?, ellos se creen superiores. Se creen los hombres perfectos que nunca [uno] le va a sacar la vuelta y ya pues y creo pa darles su chocolate (risos). Su propio chocolate. Así se darán cuenta pues que si realmente como dice el dicho “nadie sabe hasta que lo pierde”. Ahí recién sabes si le ha querido o no le ha querido; ya pues. (Daniela/23)

Este tipo de posicionamento integra um roteiro de negociação que Daniela utiliza estrategicamente, para controlar determinadas atitudes do parceiro que a

desagradam, conforme será discutido mais adiante.

Finalmente, uma informante que possui uma visão do tipo “compreensiva” da infidelidade, considera que esta pode ser resultante de aspectos que não funcionam na relação. A partir de um ideal romântico de amor e de comunicação entre o casal, ela reivindica a possibilidade de discussão de problemas, para sua superação. Deste modo o lar seria preservado:

[...] muchas mujeres somos débiles y llegamos a eso...a ser infieles ¿no?, yo por eso saco mis propias conclusiones...yo no estoy para juzgar a nadie ni a un hombre o a una mujer...porque...no hay...nadies...sabe cómo vive esa pareja. Tanto el hombre y la mujer es infiel; porque, tengo experiencias hasta hoy que amigos...que me cuentan y tengo muchos amigos ¿no? [...] qué te digo...pretendientes ¿no? que tienen su mujer. Entonces, yo les pregunto “¿y ustedes por qué quieren una mujer en la calle si tienen su mujer?”; entonces, me dicen, “no es que mi mujer es así...que no...que mi mujer es amargada...que eso...no...llega siempre grita ¿con quién has estado, dónde has estado?... ¿no? y eso a veces uno ni siquiera uno tiene en mente viniendo del trabajo cansado. Y eso hace que nosotros salgamos de esa rutina... ¡ya! te dá ganas de buscar a otra mujer - me dice - el mismo problema que te hacen en casa. Entonces, yo también pienso y saco pues mis conclusiones... “sí eso es cierto”. ¿No?; entonces, por eso te digo, para la...las personas infieles hay muchos motivos. No, no viene así por así. ¿No? para mí pues...e...ese es una parte de la sociedad. ¿No?; porque, para...para alguien...para como te digo. Para mejorar esto...se tiene que empezar en pareja. Porque, sino hay esta...ese diálogo y todo eso...nunca va a mejorar, eso siempre yo le dí...yo le sé decir a mis amigos a mis amigas “si una relación no funciona, nunca va a funcionar y peor si no pone de su parte y para eso, para que pueda funcionar va de dos, no de uno, para que el amor se centre...sea algo productivo, tiene que ser de dos y el hombre tiene que ser detallista”; porque, a veces un hombre ni sabe qué le gusta a su mujer...ni nada por el estilo, un hombre tiene que ser detallista a cada día...a cada mañana...un beso, ¿qué se yo? ser romántico...qué ¿no? o con una flor o qué le gusta a mi mujer; y tanto, la mujer ¡ay no, sí mi marido! me ha dicho y ahí...y ahí entonces va naciendo el amor; pero, si no hay eso...ella te dice algo tú también le contradices y va muriendo el amor, se muere todo y cada uno hace su vida, busca otra pareja y así sucesivamente empieza el problema. Se acabó ese hogar...se destruyó. (Sonia/38)

3.5.2.3 Experiências de infidelidade feminina

Do total de entrevistadas (vinte), oito reportaram a manutenção de mais de um relacionamento ao mesmo tempo, em algum momento de suas vidas. Apresentam-se aqui as experiências destas mulheres, que iluminam valores importantes que estruturam o exercício da sexualidade. Trata-se de uma apresentação de casos individuais, com foco nos discursos a partir dos quais elas explicitam suas motivações e as circunstâncias em que ocorreram estas experiências. Cabe advertir que as narrativas sobre a questão variaram em extensão e profundidade, de acordo com cada caso, segundo a vontade de cada mulher de

falar a respeito do tema.

Os relatos de infidelidade – assim como outras circunstâncias que envolvem o exercício da sexualidade – encontram-se imbricados com diversos fatores, como filhos, família, necessidade de afeto, superação pessoal, carência material, atração, desejo, etc. Contudo, buscou-se aqui apreender as principais motivações relatadas e, a partir disso, separar os casos.

a. *O amante como salvador: “enviado de deus” / “anjo”*

¿Sabes cómo fue esto? un día con mi esposo discutimos bien feo, te digo que pensé en suicidarme ¡ya!; entonces, yo pensé eso, en ese tiempo mi hijita tenía, la última, dos años... “¡ay así! ya – dije – no me importa nada, no me importa, para mi dios no existe, no existe nadie” ¿no? yo me cerré en eso... Preparé todo las...las tonterías y a mis hijos les saqué...de mi cuarto, ya; pero, te digo...no sé qué...que yo iba hacer eso, que te digo que lloré tanto...tan...tanto que...que con el llanto quizás me...me hubiese ahogado ¿no?...me quedé dormida. Me quedé dormida y...en eso que me quedé dormida [...] no sé si bien dormida, semidormida; pero, la cosa yo... vi a un hombre que vino, me agarró la cabeza así yo clarito; pero, no le vi la cara sino que me dijo, “hija levántate cómo puedes hacer lo que tú estás queriendo hacer, mira”, me hizo mirar a mis hijos, “mira, cómo piensas dejarlos – y me dijo – tú eres fuerte, valiente, todo lo que tú te propones en la vida vas a lograrlo”, así me dijo ¿no?; entonces, así como una persona me aconsejara, me hablara, así, en la...realidad de la vida, yo le sentía así, pero yo no le dije nada y así; o sea, me habló; o sea...o sea, como que me indicó el camino que yo pudiera sentir ¿no? y verdad...cuando yo...yo me desperté asustada, asustada... ¡ah! me quedé pensando; pensé que alguien estaba y no había nadie. Yo dije ese rato “Perdóname yo renegué con usted; pero sí existes para mí; entonces, yo sé que mi vida va a cambiar”; de verdad pedí perdón a dios...todo y nunca más pienso eso...hacer esto y de verdad, como te digo, como que me quité todo el peso de encima que yo le sentía cargada, cargada que ya no podía [...]; pero, me levanté...como si nada, comencé a hacer las cosas; o sea, desde ese momento mi vida cambió y en ese lapso llega el señor (o amante) ahí y como te digo, como si alguien le hubiese mandado ¿no? “ayúdale” qué se yo. (Sonia/38)

Sonia e Noemí relatam histórias nas quais atribuem ao amante o papel de “salvador”. O depoimento de Sonia é particularmente enfático neste ponto: ela situa sua aparição imediatamente após a ocorrência de um momento crítico em sua vida, quando se debateu entre a vida e a morte. À época tinha ideias de suicídio, vinculadas à vida infeliz com o marido. A chegada do amante é descrita então como a de um “enviado divino”.

O caso de Noemí, sem ser tão dramático como o de Sonia, atribui ao amante o papel de “anjo” que promove seu bem-estar, em um contexto também descrito como insatisfatório. Ambas afirmam tratar-se de histórias de amor nas quais as necessidades afetivas, de reconhecimento pessoal, econômicas – entre outros aspectos – são satisfeitas. A seguir, uma aproximação de seus relatos.

Sonia

A cena de abertura da narrativa de Sonia destaca o contexto do relacionamento que vivenciava. O marido é apresentado como um bêbado, violento, que a maltratava e não reconhecia seu valor, fato sobre o qual – segundo seu depoimento – ela não teria plena consciência na ocasião. Em diversos momentos do relato o quadro é recriado, fornecendo uma justificativa legítima à acolhida do amante em sua vida. Desde o início da abordagem do tema, ela retrata o amante como uma pessoa preocupada com seu bem-estar e reconhecedor de seu valor. Cabe notar a referência positiva que faz à sua posição profissional:

[...] un día estaba vendiendo [comida] y [mi esposo] llegó...llegó mareado, me insultó en delante de los clientes y así y entonces...y entonces el...el señor (o amante) me miró y se fue, al siguiente día vino, me dijo, “Señora – me dice – ¿él es tu esposo?”, “Sí” le dije; “Y usted cómo puede permitir que le trate así su esposo – me dice – usted es una mujer que le ayuda a trabajar” me dice. Pero no... de verdad que...como le digo, mi autoestima...estaba bien por los suelos...ya...yo no tenía...ya...lo único que yo...yo pensaba era...este...en mis hijos, que crezcan, ya no pensaba en mí, no pensaba; entonces, también...“sabes qué ¿has terminado tu secundaria?”; “No – le digo – no tengo estudios”; “Uhm...pucha – me dice – si tuvieras, este, secundaria te pondría a trabajar - me dice - yo soy Ingeniero del Ministerio de Agricultura, tú eres una persona muy dinámica...que le gusta trabajar”; “Lo siento – le digo – además, mi esposo no, no, no, no quiere que estudie, además ¡cómo yo voy a estudiar! Ya yo tengo edad, ya...ya tengo mis hijos, ya estoy vieja” le digo así; ese tiempo tenía...veinticinco años. Y me dice “¡cómo! cómo vas a decir que eres vieja, sabes qué yo te voy ayudar, quiero que estudies, supérate, para que usted aprenda a valerse... para que ya sepas tú...para que nadie te diga de esa manera así; entonces, su esposo a usted no le quiere”; “No, sí me quiere...a su manera ¿no?”, como siempre toda mujer pensamos así.

O amante é apresentado como uma pessoa boa e admirável, que forneceu extenso apoio moral e econômico, sem esperar nada em troca, isto é, movido unicamente pelo interesse em seu bem-estar. Além disso, teria fornecido a ela uma nova perspectiva de vida, para além do mundo da casa, com a possibilidade de desenvolvimento pessoal, por intermédio da educação.

[...] al siguiente día volvió, no te digo, volvió como a las diez de la mañana...y me dice... “Señora una consulta ¿cómo está usted?”; “Bien” le digo; me dice “¡Cómo va a estar usted bien! Usted está mal...como mujer”; “Ay – yo digo – como mujer no soy nadie...pero ...solamente yo...por mis hijos no más” y me dice “Tú puedes, tú eres una mujer que luchas por eso te pregunté si usted tiene estudios”...le dije que no; “entonces, pues, ¿qué esperas?...la vida continua y tienes que seguir estudiando”; yo le digo “¿pero si no tengo posibilidad?”; “Yo te voy ayudar”; y “No es justo ¿no?” le digo; “¿Cómo usted me va a ayudar? – le digo – yo a usted no le conozco...como...este...qué es su intención para que usted me ayude” le digo yo; “Nada – me dice – simplemente que te quiero ayudar porque eres una buena persona y...y lo necesitas...para que tú puedas...salir como quien dice; porque yo sé que tú tienes, tienes la fuerza interior y lo vas a lograr”; o sea, me habló...así ¿no?...así. Qué te digo, me hizo entrar en razón, me dijo tantas cosas de la vida; porque...yo entendía la vida...sólo las cuatro paredes y no lo podía ver más allá; porque, tampoco lo quería ver ¿no?; o sea, yo me cerré en eso...yo no quiero ver más allá, simplemente quiero mi ámbito nada más...mis hijos y...trabajar y eso es todo, no quiero otra cosa más, así, eso fue que yo me cerré; pero, en la realidad pues la vida no es así ¿no? y ahora pues. Y gracias a esa

persona...pues, he superado muchas cosas...verdad, me dejaba plata y por una amiga yo le cuento, le digo "Diana", "qué", "yo no sé qué hacer", y ella me dice, "No seas tonta, si te quiere ayudar pues aprovecha que te ayude...no pierdas la oportunidad – me dice – toda la vida no llega esta oportunidad...qué vas a sacar con tu esposo que es un borracho, que nunca te va...te va a valorar, al contrario te hace problemas" me dijo,..."ah ya" y yo pues, fui, le acepté y ya...me fui a hacer mis papeles...todo...al colegio, ya y me puse a estudiar.

O amante oferece a ela um roteiro de negociação, no caso de uma eventual reação desfavorável do marido. Neste roteiro, a presença do amante seria um elemento a seu favor, em uma possível confrontação.

[...] y ahora para enfrentar a mi esposo era la cosa; yo le digo, yo le digo "¿Y qué le voy a decir a mi esposo?", "Qué vas a estudiar", me dice; "De repente, me pega" le digo; "Y tú también le pegas" (risos). Y así ¿no?; "Tú también le pegas" me dice; "Ay no, yo no, yo no puedo" le digo; "No, pero tienes que aprender a defenderte tú...y tienes que a...a...decir...que tienes quién te defienda y tienes que decir que solamente él no existe, hay tantos hombres que sí pueden...pueden apoyarte...pueden este...valorarte; si él no te valora...así dile y vas a ver" y de verdad cuando yo le dije "¿Sabes qué? voy a estudiar"; "¿Qué...con qué plata...con qué, cómo vas a estudiar?...¿tus hijos cómo le vas a dejar?"; "Ya mis hijos están grandecitos ya" le he dicho "y ya puedo dejarles solos, dándoles sus comidas y ellos pueden ya..."Así, así yo me fui a estudiar.

O relato de Sonia evidencia a empatia e desenvolvimento de sentimento de amor entre eles.

[...] yo de él me enamoré, te cuento. Sí, porque él...él estaba tan pendiente; qué hacía, qué no hacía también; pasaba por acá... "¿y cómo estás...y cómo estás?" así...de verdad que yo me sentía tan protegida por él. Que decía, nunca en mi vida me he sentido de verdad; de repente, yo digo que sí me enamoré de él.

[...] y así cuando vino uno su hermano...le trajo acá ¿no?...me vino a conocer "es mi amiga, mi amiga bien linda...que yo le quiero bastante, le aprecio"...él le dice así y su hermano le fastidia, "solamente le quieres, le fastidias o estás enamorado de ella" (risos). Se queda calladito él...no dijo, no dijo nada; "más me parece eso ah" le dice, "estás enamorado de ella entonces, yo me voy a llevar"; "oye qué te pasa, no te metas con ella" (risos) Y así...y así fue ¿no?; o sea, cualquier cosa él estaba ahí...para apoyarme [...] yo cuando le veía...yo de verdad me daba ganas de ir a abrazarle...pero, yo estaba mirándole así, ¡ay! y por eso digo, yo quizás me he enamorado de él ¿no?

No entanto, apesar do amor e da compatibilidade, trata-se de uma história impossível, pois ele possui uma família. Segundo Sonia, não se trataria de um mau esposo, avaliação que poderia ser decorrente da infidelidade, que significa o envolvimento com ela, já que seu comportamento se justifica pelo mau caráter da mulher em questão.

Ya después me contó ¿no? "tengo mi señora, tengo tres hijos"; "ay ya pues"...y...y yo le digo "y entonces porqué me quieres ayudar"; "porque te veo que eres una mujer que trabajas...luchas por la vida...el caso mío es lo contrario yo a mi mujer le digo que me ayude y ella no quiere [me dice:] 'para qué tengo marido...tiene que trabajar, tiene que mantenerme' y eso a mí me desespera y verte tú que quieres salir adelante...algunas personas nos casamos equivocadamente - me dijo así - ¿no?, imagínate si me hubiese casado contigo, los

dos trabajaríamos, saldríamos adelante...muchas cosas en común, pero, lastimosamente no puede ser, tú tienes tu familia, tus hijos; yo tengo la mía y simplemente es tratar de ayudar que tú superes...puedas sacar adelante tu familia...bueno, yo soy un hombre, para mí no hay problema - me dijo - porque, ya, mi familia está...yo lucho por mis hijos y ella se amarga, le dejo ahí que se vaya amargando, yo no le doy importancia... si le voy a dar importancia el problema se hunde más y más” y ya así...así me conversó pues ¿no?

A história narrada por Sonia não inclui um componente sexual, até sua menção explícita pela entrevistadora. A partir da provocação na entrevista, seu relato se refere a um relacionamento quase platônico, no qual o contato físico se restringe a “beijos e abraços”.

*¿Y alguna vez llegaron a tener algún contacto íntimo?
¿Con él? No. Simplemente fue eso...me invitó a salir...fuimos a bailar...me invitaba a comer y ahí cuando comíamos con él...conversábamos pues; o sea, siempre me conversaba cómo yo debo estar, sentirme bien emocionalmente ¿no?
¿Él alguna vez te propuso para tener...alguna...mayor intimidad?
No, no, no me propuso nada; al contrario, él siempre...él siempre sabía decir... “el día que te separes...búscate un buen hombre que te valore y te estime”. Él dice “Yo no te puedo proponer eso; porque, yo tengo mi familia y no te quiero hacer daño, con el daño suficiente que tú tienes, sería hacerte un daño más”. Así.
Y ah... ¿Y ni besos ni abrazos?
Eso sí (risos).*

A narrativa é concluída pelo distanciamento do casal. No entanto, o saldo desta experiência é considerado positivo, pelo estímulo a retomar as rédeas de sua vida, sobretudo os estudos. Ela avalia que sua vida mudou para melhor graças a ele.

[...] él me dijo “¿Sabes qué? yo no puedo estar acá ya yo ya me voy a ir, me voy a ir a trabajar allá, será lo mejor así; eh...porque [...] la verdad quiero alejarme de ti; porque, de repente, yo siento algo por ti y no quiero hacerte daño...ni a mi familia, me voy a alejar; pero, ya ahora me voy contento y feliz; porque te veo que has logrado, ya eres otra...has cambiado, ya no eres la mujer que yo conocí, eres diferente y sigue así y vas a triunfar y alguna vez cuando yo regrese te quiero ver mejor”. Y verdad pues ¿no?...en esa vez vino...en el dos mil tres, cuando él vino... “ah - me dice - está bonita tu casa...se ve que has mandado, me dice” (risos) [...] te felicito, ¡claro! Para que viva una reina, ni modo ¿no? - me dice - tenías que lograr algo”; “y gracias a ti - le digo - la verdad, estoy muy agradecida a ti; no sé qué hubiese sido sin tu apoyo moral - le digo - qué hubiese sido mi vida”; “¡no! de eso no te preocupes, yo sabía lo que estaba haciendo...he labrado bastante en ti, te he ayudado y eso...me siento feliz, me voy feliz y contento que estés bien...¿y cómo vas con tu pareja, sigues con él?”; “sí”; “ah ya, qué bien - me dice -¿ha cambiado o no ha cambiado?”; “ahí [...] la que ha cambiado soy yo - le digo ¿no? (risos) - él no”; “que bien - me dice - te felicito y sigue adelante ¿y sigues estudiando?”; “sí” le digo; “ah ya, termina, continua, haz la carrera que tú más quieras, ya te he abierto el paso y sigue adelante...y de ahí...ya, chau, me voy contento, alguna vez cuando regrese ya te quiero encontrar profesional” eh...sólo que... así fue...todo eso ¿no?. Pero, de verdad yo me sentí ¡tan! triste cuando él se fue...es que como que algo que me quitara que ya no lo tengo. Algo así. Estaba acostumbrada a verle...a que me conversara; o sea, quizás estaba enamorada yo de él como le digo.

Noemí

O caso de Noemí é análogo ao de Sonia, mas se distingue nos temas

“atração” e “gosto”. Tais elementos são referidos logo no início de seu relato como motivação para se envolver no relacionamento.

[...] tuve un amante

Cuéntame cómo fue eso

O sea que, yo vendía ¿dí?, estaba vendiendo mis jugos y mi, mis comidas [...] y entonces cada vez que se iba, él se quedaba al último, todos comían, él no más se quedaba, comía, comía, tenía una manera, una delicadeza, una coquetería de conversarme, algo que me atraía señorita y como a mí me gusta esto, ver sus dientes del hombre (risos) sí, soy muy, no sé como seré, pero es algo así, ah, me gustaba ya, cada... cada vez que ya iba yendo, iba un mes, iba dos meses, ya me iba enamorado, me gustaba, me gustaba, hasta que llegó un bello tiempo ¿dí?, un bello tiempo que nos quedamos solitos, la venta, tampoco él se iba a trabajar [...], y me dio un beso hermana, un beso bieeen rico (risos) sí, sí, sí, sí, sí, me dio un beso bien, bien, yo solo... años pues hermana, ya pues vivo con mi marido, como te digo ¿dí? normal, pero no hay esa química hermana.

Da mesma forma que Sonia, Noemí descreve as virtudes do amante, enfatizando sua preocupação com ela e sua família.

[...] y él muy, muy caballero, muy bacán, muy tranquilo, venía a trabajar con una sensibilidad tan bonita, “Hola Noemicita ¿Cómo estás? ¿Qué has hecho, has trabajado todito el día? ¿Has cuidado bien a tus hijitos?”, o sea, algo pues hermana que me cautivaba cada vez en tiempo ¿No?

A história de Noemí sofre uma ruptura, quando decide compartilhar a situação com sua mãe. Esta se coloca em posição de defesa da união familiar de Noemí e avisa o marido sobre o que está se passando. Ele resolve colocar um fim nesse relacionamento, enfrentando o amante de maneira violenta.

[...] pero mi error ha sido que, que no podía contenerme hermana en decir, que me fui y le dije a mi mamá, “Mamá - le digo - estoy enamorada de ese señor”, y ella sí, para qué hermana, para qué, viví una vida de, una vida bien martirosa (risos) mis hermanas le han llegado a odiar al señor al alma, mis hermanas, mi mamá este, incluso le llegó a pegar mi marido a él porque mi madre le dijo [...] le dijo que él dice me está haciendo brebaje, que él dice me ha echado puzanga⁵², que dice me han, no sé que, o sea, cosas negativas señorita, que no es, que no incumba a esa relación y que, que “¿Cómo es posible que ese hombre venga y le molesté a tu mujer, yo siendo tú ya le habría sacado la chucha!” lo cierto es que fue y le golpeó al señor, le golpeó, le llenó de sangre, que me siento muy culpable.

Frente à agressão, Noemí enfrenta o marido, em uma cena em que desqualifica sua atuação, baseando-se em uma avaliação negativa de seu relacionamento com ele. Noemí se queixa das falhas do marido, em contraste com as qualidades do amante.

“El no tiene la culpa - le digo yo a mi marido - él no tiene la culpa, tú no tienes por qué meter a terceras personas en nuestra relación, si tú sabes que esa relación hace tiempo se está terminando, él no tiene la culpa que tú no trabajes, que tú no ves las obligaciones del hogar,

⁵² Conhecido perfume regional, usado para atrair a pessoa pela qual se interessa sexual e/ou sentimentalmente.

*él no tiene la culpa, para decir: “Sí, sí él me está quitando mi mujer”, no es así, ¿es cierto o no es cierto?, **Él ha caído como un ángel**, quién me está dando una tremenda fortaleza, de que sí sirvo como mujer, que sí como mujer me debo valorarme”.*

Noemí desqualifica a intervenção de sua mãe e das irmãs, com fundamento na autonomia em relação à família de origem. Ela afirma que já seria uma mulher, sem a obrigação de prestar explicações sobre seus atos.

[...] pero él no tiene la culpa pues hermana, de esa manera y ha optado, mi madre, mis hermanas, de meterse porque hace años yo me he hecho mujer, no tengo que dar explicaciones, si tengo un amante o no tengo un amante y por qué lo hago, por qué no lo hago, ¿Sí o no?

Uma vez mais, como no caso de Sonia, apresenta-se a figura da divindade salvadora (*un ángel*), para descrever a posição ocupada pelo amante em sua vida. O tipo de salvação em questão é descrito em termos de uma recuperação do próprio valor e auto-estima. O apoio recebido é exaltado, sobretudo no que concerne ao aspecto “moral-emocional”. A dimensão material não foi abordada explicitamente até a menção ao tema pela pesquisadora. Quando se refere a esta dimensão, Noemí ressalta tratar-se de uma contribuição que não é destinada para as despesas que seriam de responsabilidade do marido, tanto para não levantar suspeitas como para que ele não se *malacostumbre*.

*¿Y te daba algún apoyo económico él?
Sí, me daba veinte soles (risos) no, es algo ¿no? pero eso era para mí, no para... era para mí, para comprarme mis aguajes así, yo no quería, prácticamente no quería... porque el otro (o marido) va a decir “¿De dónde ha sacado el dinero, de donde ha sacado el dinero?” y también a él, también le favorecía, si yo tengo dinero, él ya no trabaja y no tenía que ser así, yo le aceptaba sus veinte soles, sus treinta soles para mí, ponía para mí, compraba mi sostén, mi calzón, algo que me guardaba, ah, pero, una blusa, pero yo no tenía por qué... él, mi marido es lo que debe independizarse.*

A atividade sexual com o amante não constitui aspecto por ela mencionado espontaneamente, mas foi abordado pela pesquisadora. A partir da pergunta, Noemí não apresenta dificuldade de expressão sobre o tema, ao qual se refere positivamente.

*Y con él ¿Cómo era el tema de la sexualidad, de las relaciones sexuales?
Algo bonito, algo bonito porque era muy cariñoso, era muy, muy divertido, y comenzaba a besarme todito mi cuerpo, comenzaba a besarme (risos) sí, ahí estábamos y era bonito, bonito, bonito pues.
¿Y dónde se veían, dónde se encontraban para tener relaciones?
Él tenía que pagar un hostel pues señorita, ajá tenía que pagar un hostel, así escondida, le decía a una señora “quiero conversar un ratito con la señora, me puede hacer un favor [decirle] que la espero en tal sitio” decía, entonces [...] “Que te necesita tal fulano te espera en tal sitio”; “ya” le decía, tenía que hacer la merienda temprano de mis hijitos, arreglaba todo*

en orden, le decía “Ya regreso”, “¿A dónde vas mamá?”, “Voy a dar mi vuelta”, les decía, ajá y les dejaba en la casa,

[...]

Y este, y con él, digamos, ¿Tú tenías, a veces, la iniciativa o él siempre tenía la iniciativa?

Los dos señorita porque cuando nos veíamos nos alocábamos (risos) sí pues, entiende, que de tiempo, a veces, no nos veíamos, que pasa pues quince días, veinte días, él estaba con sus ojitos, preocupado

A experiência sexual é tida como positiva, pela possibilidade de exploração dos pontos de prazer de seu corpo, em uma atmosfera de carinho e diálogo.

[...] la relación es como un fuego señorita ¿No crees? eh, hay motivación, hay diálogo, eh, mira, “Mira mi amorcito, así me gusta que me hagas el amor, así ponte” estamos haciendo el amor, eh, “Ponte este hacia allá, o a ese lado o ven más acá yo te voy a besar tu tanto...” (risos) [...]

¿Y eso no ocurre con tu esposo?

No, él me besa normal, nos cariciamos y hacemos el amor y ya, normal, ya está, lo que él no, “ven...”, como dije “Tú ven que te voy a cariñar” primero me besa “Que, que te voy a mamar tu tetita, que, que te vas” (risos), ya tantas tonterías así, pero es algo original, para mí bacán.

Em ambas as histórias, para além das diferenças de ênfase em torno de algum aspecto, o dado destacado concerne ao papel de salvador do amante. Não é casual que, ao final das narrativas das trajetórias afetivo-sexuais, quando indagadas acerca da experiência mais importante de suas vidas, ambas tenham apontado esses amantes. O elemento privilegiado por ambas para explicar a grande importância desses homens em suas vidas é o papel por eles desempenhado na melhora de sua auto-estima e no reconhecimento de seu “valor como mulher”.

¿Por qué él?

No sé hermana, no sé, algo que me ha cautivado, no sé, no ves que, te he dicho que, que me ha hecho sentir como que sí soy una mujer, que sí valgo como mujer, que sí me ha subido la moral, la estima, de todo, de todo. (Noemí/36)

¿Por qué él?

¿Por qué? Porque me ayudó a superar de mi...mi problema. Qué te digo, me ayudó moralmente a cambiar...a cambiar lo que...de verdad yo me sentía una persona...que no servía para nada. Y él me ha hecho ver mi realidad, que sí yo valía...que sí yo puedo, que sí soy una mujer, me dice “eres una mujer joven, bonita... ¡qué más puedes pedir a la vida! (Sonia/38)

Ambas se referem a si próprias como tendo estado em situação de descuido consigo, uma espécie de adormecimento pessoal, do qual teriam tomado consciência e saído, a partir de suas experiências com os amantes. Noemí considera tratar-se de um processo resultante do enamoramento, quando começou a “sentir”.

[...] y al sentir en brazos de otro hombre como si, si yo me hubiera comenzado a... tú sabes que hay un objeto, estaba empolvado todo fea, ¿dí? toda que, está seco y comenzaba a limpiarme hermana, comencé a, a arreglarme, a arreglarme, a ponerme bonita, a sentirme que sí valgo, que sí soy mujer, que sí, que sí, sé que soy, qué lindo, me he comenzado a enamorar, me he enamorado, me he enamorado, ¡enamorado! ... (Noemí/36)

Entretanto, Sonia descreve a experiência como produto de uma reflexão motivada e conduzida pelo amante, em conversas entre ambos. O discurso do parceiro apela tanto para seu papel de mãe como afirma seu valor como mulher atraente e alegre. Características que ela não teria se atrevido a mostrar por estar limitada por um “marido mau”, que não a aprecia.

[...] ¿Sabes cómo yo me vestía?...antes yo me vestía con faldones...con faldones largos y me ponía polos y mi cabello era largo y así...es un...un desastre (risos). Así me conoció él. Así me conoció; me dice “detrás de todo eso hay una mujer bien bonita”, me decía. Tú tienes que superar todo eso. Él me dijo ¿no? “tú tienes que cambiar...la vida continúa, tú tienes que ver más allá, no solamente son las cuatro paredes, esta bien que tu esposo no te valore nada; pero, tú no te dejes...morir...tú estas muerto en vida...vive ¡vive la vida!, vive por tus hijos...tú...tú eres una mujer alegre; pero, no lo sacas ¿por qué?...tienes miedo a tu esposo” y la...y la verdad pues, de verdad yo le tenía miedo, yo tenía hasta miedo de conversar. Tenía miedo de conversar con un amigo o que alguien me visitaba. O sea, eso...y si yo vendía, así sería, normal, así les atendía...y él se dio cuenta pues eso... “tú no eres así, tú eres una mujer alegre, tú tratas de esconder lo que tú eres y entonces tú tienes que ser tal como tú eres...no tienes que aparentar lo que tú no eres, tú eres una mujer alegre...y sea como tú quieres ser”. Y de verdad pues...y...y yo le decía, “no, yo tengo miedo”, “y ¿por qué vas a tener miedo?... No tengas miedo... - decía - tienes que superar ese miedo...tu autoestima está hasta los suelos”; porque yo le decía “para mí ya no existe nada, nada - le digo - ya, ¡para qué voy a estar bien, para qué me voy arreglar!...si yo”...me decía “tú no necesitas arreglarte para alguien, tú necesitas arreglarte para ti misma...para que tú te sientas bien...tienes que dejar esa ropa...esas ropas...esos faldones, ¿por qué te vistes así?”; “para que nadie me mire” le digo, (risos) para eso; “pero, yo te miré” me dice (risos). Así me decía, “yo te miré” me dice, (risos) y así. (Sonia/38)

Finalmente, o elemento de maior importância que atravessa os relatos de ambas é a referência ao amante como o “parceiro ideal”, o companheiro desejado para suas vidas. Com eles a reciprocidade conjugal ideal – aquela que aparece como frustrada no caso de seus maridos – é recriada, embora sejam cientes de não ser uma situação definitiva.

b. O provedor-protetor: “padre y marido ideal”

Liliana descreve o amante a partir da figura do provedor – protetor. Ela declara que, a princípio, se aproximou dele em busca de suporte material. Cabe aqui referir que ele é seu tio (esposo da irmã do pai), com uma posição social superior e recursos suficientes para oferecer apoio econômico. Além disso, ele tem uma posição importante em uma instituição educacional, que conta com facilidades que

podiam ser de ajuda para o momento dos estudos em que ela estava. O relacionamento torna-se afetivo-sexual a partir da iniciativa dele. Ela aceita, por considerar que seria uma retribuição justa do que recebia.

[...] como en el instituto yo sabía que tengo un tío que trabaja ahí que es el director ¿ya? Porque mi papá me había presentado y como yo tenía trabajos que hacer y ahí tenía el Internet mucho más rápido y un día decido irme, decido irme al instituto, entro le digo quien soy “hola cómo estás Lilianita”, yo me llamo Liliana pero él me dice Lilianita, “hola Lilianita”, “hola tío” le saludo y le pido su servicios dónde queda la computadora “pasa nomás está en el segundo piso” y ya entraba, iba a verme “ya has hecho tu trabajo?” “sí tío” y le decía “tengo que hacer esto, esto y el otro tío” “¿Sí hija?” “sí y no tengo para hacerlo” y me decía “cuánto necesitas hija, yo te doy” y me daba y así cuando me iba había un momento que cuando yo me fui lo saludé a él ¿ya? Y me dio un beso en la boca o sea así cuando nos hemos saludado, y como él es alto, es bien alto, yo levanto siempre mi cabeza para darle su besito en su cara, y él tiene que agacharse porque es alto y al ir a darle un beso en su cara nos damos un beso en la boca ¿ya? Así de saludo y ninguno de los dos decimos nada, ni yo ni él, y lo pasamos así y seguí continuamente yéndome y él me ayudaba en mis trabajos y él me daba para pagar mis libros también ¿ya? [...] y cada vez que nos saludábamos ya me daba mis besos en mi boca, parece que se había hecho una costumbre los besos en la boca entre los dos Y hasta a veces me abrazaba ya de una manera diferente, que yo sentía que era diferente, cuando me abrazaba por atrás mi cuerpo sentía una sensación diferente no a lo que se siente por un tío ¿no? y siempre salíamos a comer juntos ¿ya? Salíamos a comer en la pollería, nos íbamos a pasear en su moto y un día yéndonos por la carretera, me va a dejar a la universidad y pasamos la universidad, pasamos al km. 8, 9 creo, pasamos por ahí y vemos un hospedaje y me dice “mira que bonito hospedaje” “ah sí, está bonito” le digo “¿no quisieras entrar un ratito?” me dice “no tío, gracias, no quiero entrar, no tengo sueño” yo evadiéndole porque más o menos sabía a donde van sus palabras. [...] Y era tanto que me ayudaba, ya comenzó a pagar mi tesis, pagaba mis libros para hacer mis investigaciones y nuevamente pasamos por otro hospedaje y me dice “te invito a entrar, ¿vamos?” y yo le digo “ya pues hay que entrar” o sea sentía como que si le debo algo ¿no? por todo lo que estaba haciendo por mí y decía “tengo una deuda con él” y sentía que le tenía que pagarle ¿no? y ya entramos a un hospedaje a un cuarto y tuvimos relaciones sexuales con él ¿no?

Liliana aponta não ter sentido atração sexual, mas valorização e admiração, já que o avalia como esposo e pai exemplar. Considera-o, sobretudo, um “protetor”.

*¿Tú sentías algo por él, te gustaba o algo?
mmm, sí me gustaba cómo era, sí me gustaba así como persona pero no tanto ¿no?
¿No te atraía sexualmente?
No, no me atraía sexualmente, más me gustaba como persona porque más le sentía como un este... como una persona que me cuida ¿no? más me sentía protegida por él, pero sexualmente no me atraía.*

Él pasa de los 60, pero es una persona, como te digo, que no parece de 60, te puedo decir que parece de 40, es un hombre alto, simpático, muy profesional, tiene toda una vida llena de logros, una familia linda, con todas sus hijas profesionales ¿no? y mi tía, que es mi tía verdadera, él la conoció también de muy joven la conoció a ella, de 16 años, comenzaban a tener hijos. Pero él, a diferencia de mi papá, le hizo estudiar a ella, ella es docente y ahorita está estudiando en la universidad, mi tía ahora es directora de un colegio ¿no? [...] y ahora está estudiando en la universidad Derecho y mi tío siempre la apoya, o sea mi tío siempre ha sido una persona muy buena, siempre defensor de los derechos de las mujeres también ¿no? y que le ha ayudado bastante a mi tía o sea bien lindo, ha tenido un muy buen hombre a su lado

Ela destaca a relação de afeto e diálogo desenvolvida entre eles, para além do contato sexual, que – embora considere satisfatório – seria pouco frequente. O mais importante é o papel de protetor, que acarreta apoio moral e econômico, além do cuidado pessoal, papel ao qual se refere por uma associação com a figura paterna.

[...] las relaciones sexuales que tenemos son este... muy lejos, muy lejos, o sea no son continuas. [...] son muy, muy pocas veces que tenemos relaciones sexuales

¿Qué es lo que más te gusta de la relación que tú tienes con él en general, o sea qué es lo que más los une desde tu perspectiva?

No sé, creo que tengo mucho cariño por él, porque es una persona que a parte que hemos tenido relaciones sexuales, que también he disfrutado con él, que disfruto con él ¿no? eh... me cuida bastante, conversamos bastante de lo que son nuestras proyecciones futuras, me da muchos consejos buenos a pesar de que estamos haciendo algo que no debe ser ¿no? o sea con él me siento como si fuera mi papá, me siento protegida a su lado, sé que con él voy a tener un respaldo si en algún momento me falta algo, necesito algo, de repente de un consejo, de repente dinero, sé que con él lo voy a tener y que siempre mantenemos una comunicación porque él me llama, yo le llamo, conversamos bastante y siempre está preguntándome “¿cómo estás?, ¿estás bien?, ¿cómo te tratan?, ¿estás sin trabajo?” o sea siempre me pregunta todas las cosas que de repente a veces no podemos estar juntos todo el tiempo, siempre me está preguntando “¿Cómo estás?, ¿estás bien?, ¿estás enferma?, ¿necesitas algo?, ¿cuándo vas a venir a visitarme?” siempre hablamos de eso. Más que todo, siento ese cariño especial por él ¿no? y cuando está mal me dice “estoy mal, estoy enfermo” y yo me voy a verle ¿no? le digo “cuidate, no estés saliendo mucho” es una persona que no... que no fuma, que casi no toma ¿no? toma su cerveza pero casi no toma mucho, o sea 2, 3 cervezas, no toma mucho. Es una persona que más ha dedicado su vida a ser profesional y a, a hacer cosas para su hogar ¿no? más que todo eso y me gusta ¿no? lo que él es [...] él si me ha contado desde muy chiquito su vida, cómo ha sido, que ha sido muy dura también, que todo lo que tiene es a base de esfuerzo y de estudio y me dice ¿no? “tú sigue estudiando, cualquier cosa que necesites si quieres seguir estudiando dime, yo te puedo ayudar si no tienes las condiciones para hacerlo, yo te puedo hacer estudiar”, o sea siempre está ahí detrás de mi viendo si algo necesito. Como un protector y eso me gusta de él ¿ya? Que hasta ahora no he podido dejarlo así definitivamente.

Ao descrever seu marido, um jovem com idade similar à dela, dedicado a trabalhos instáveis e mal remunerados, critica sua conduta, que avalia como própria de *chibolos*⁵³ ou adolescentes, como *perderse con los amigos*: frequentar bares à noite, embebedar-se e *olvidarse de su familia*. Neste ponto da narrativa, por contraste, surge novamente a figura do tio como modelo esperado de parceiro ideal: profissional sério e dedicado à família.

Él es una persona que te atiende muy bien, yo sé que me quiere, yo también le quiero a él, es muy divertido; sino lo que a mi no me gusta de él es que todavía se comporta como un adolescente, o sea, él cuando está solo y cuando quiere salir a un sitio, sale con sus amigos pero yo digo personalmente, no son buenos amigos; porque son chicos, en la mayoría varones, que tienen sus familias como nosotros, de parejas jóvenes... igual tienen sus parejas jóvenes esos muchachos; pero se dedican más a lo que son los vicios ¿ya? Se dedican mucho a lo que es tomar, a lo que es fumar, a lo que es pernoctar en las discotecas

⁵³ *Chibolo*: maneira informal, neste caso pejorativa, de se referir a um menor de idade ou a alguém considerado muito novo.

¿no? y son muy, muy machistas; son demasiado machistas todos esos chicos y eso, cuando él está con ellos se olvida que tiene una familia, se olvida que tiene su mujer y que tiene una hija; él puede amanecerse en la discoteca y venir al día siguiente y lo peor es que se escapa para que se vaya con ellos ¿ya? Y cuando él toma, él regresa uf! Regresa cuando él está este... la última gota de la cerveza de toda la discoteca terminada ¿ya?; pero sus salidas son también bien, bien este... muy lejanas o sea no sale frecuentemente. Pucha, te digo que para que salga con ellos, cada dos meses una vez o cada seis meses una vez o anualmente una vez; pero muy, muy difícil salir con ellos pero cada vez que sale con ellos, él no regresa a la casa. Regresa en la madrugada, recontra recontra mareado y regresa a vomitar; o sea cosas feas que no me gustan de un borracho ¿ya? Que vomita y está llorando, diciendo que me quiere pero no se va a pelear, no se va a pegarme, no se va a golpearme sino se va a querer abrazarme, se va a querer estar molestándome ahí y eso no me gusta a mí de él ¿ya? Y yo quisiera que él sea como mi tío, alguien profesional así como es él y que se dedique a su familia y que tenga pues sus espacios de diversiones con su familia y no así como es pues de estar saliendo con sus amigos como un chiquito, yo le digo "tú tienes tu familia, tú tienes tu mujer y tienes tu hija..."

Liliana parece estar ascendendo socialmente pela via educacional. O apoio de homens como o tio é fundamental na consecução dos estudos, pelo aporte econômico. No entanto, conjugado ao suporte material, o relato contém um forte componente de admiração, pelo estilo de vida familiar e profissional do tio, aspectos aos quais também aspira.

c. Marido provisório

Nancy manteve uma relação com um homem por três anos. Ele foi considerado como "marido provisório", já que, desde seu início, a duração do relacionamento foi combinada: o período de prisão de seu marido. Durante este tempo Nancy não rompeu o vínculo com o esposo (somente inicialmente), visitava-o e recebia uma certa soma, resultante de negócios que ele fez na prisão, por iniciativa e contando com a ajuda dela.

Ela afirma ter informado claramente a este novo parceiro sobre a qualidade provisória do relacionamento, além da manutenção do contato com o marido preso. Por outro lado, o esposo preso também foi notificado acerca da existência do marido provisório. Segundo Nancy, não houve aceitação plena de ambos da situação, mas uma atitude resignada num caso e de esperança no outro. O marido preso reconheceu seus limites no que tange à provisão de bens e, portanto, aceitou a situação. O novo marido teria concordado, por estar apaixonado, com esperança de ficar com ela.

Él (marido provisório) venía a la casa, me venía a dar para mi diario, le llevaba a mis hijos a la escuela y le recogía. A veces le decía "falta esto, falta el otro" me daba. Para qué, me

atendía. Ajá, pero, para eso yo le...cuando yo ya le había ido a ver a mi negro⁵⁴...yo he ido al tiempo... le contaba ¿no? como dice él “¡Ya qué voy hacer yo!, no te acostumbres mucho, nomás – me decía él – de repente, por ahí yo salgo de acá, yo tengo que regresar a mi casa, a mis hijos con mi mujer” me decía.

Ajá. ¿Pero, no se molestó?

Como dice él “Yo ¡qué te puedo hacer ya! pegarte no puedo...estoy preso, no estoy en la calle a veces te doy la razón, porque, no te doy yo nada ¿quién te va a dar?... pero, sepa hacer tus cosas, con quién” me decía él. Entonces, yo digo “Negro para que no estés sin hacer nada mejor yo te voy a traer para que vendas tu fruta, haz tu ensalada...en la mañana venda tu fruta...hay naranja, ahorita hay bastante naranja” le decía yo y yo le pedía a él y él todo me daba, “vamos” me decía a las cinco de la mañana acá en...en la hoyada nos íbamos a comprar para llevarle a él. Y él vendía y lo que vendía me daba, yo preparaba comida, le mandaba a él para que él venda dentro del penal.

Ajá. ¿Y tu nueva pareja...digamos...eh sabía que tú eh...digamos seguías en contacto con él?

Sí.

¿No, no le fastidiaba a él?

Sí, se ponía bien celoso.

¿Qué te decía?

Y a las finales él ha salido enamorándose de mí porque yo... no sé... por un compromiso quizás.

¿Ah tú no estabas enamorada?

No, no; porque, estando enamorada quizás ya ni hubiese vuelto con el padre de mis hijos, lo hubiese dejado ahí. Yo decía, ¿no? “prefiero al padre de mis hijos”, ya pues, lo que he hecho ya. Y como cuando ya iba a salir él, le digo “Sabes qué ya Julio, ya va a salir el padre de mis hijos, tienes que comprender...tú sabías, no vas a decir que yo no te he dicho. Tú sabías todo” casualmente la... la libertad de él... con él me iba a andar los papeles, todo. Y él ya se ponía triste ya.

¿Ah pero él te apoyaba?

Sí.

¿Para ver toda la papelería?

Sí, él pensaba que yo iba a quedarme con él, casualmente su mamá también me quería... pero no pues.

Nesta história a principal motivação de Nancy é a necessidade de um marido provedor, que se responsabilize por suas despesas básicas e de seus filhos. Além disso, ela destaca o bom caráter do novo parceiro. Interrogada sobre as coisas que a agradavam na pessoa dele, ela afirma:

Era alegre, era sociable. Ajá, no era un hombre así serio...no; era sociable, alegre, divertido, si yo le decía “vamos”, “vamos”. “¡Vamos! a pasear a Yarina”, “Ya...ya voy a venir trayendo para hacer pango, el ají de cocona, ya nos vamos y ya le preparas a tus hijos, todo ya”.

No entanto, declara que nunca se apaixonou por ele, de maneira que não sofreu ao deixá-lo, quando o marido saiu da prisão. Para ela, o vínculo com o marido era mais relevante, pelo fato de se tratar do pai de seus filhos. Assim, quando o marido foi libertado:

[...] le dije “Sabes qué ya va a salir...él tiene que venir por más que yo le prohíba, él tiene que venir ¿por qué? porque, tiene sus hijos, yo no le puedo prohibir – le digo – y además es mi marido, tú sabías, te he dicho”. ¡Cómo lloraba él!, ¡cómo tomaba! y eso a veces me

⁵⁴ “Negro” é o apelido que ela usa para se referir ao marido preso.

incomodaba...y yo decía “¡ay!”, de esa manera mi negro me saca de acá...de Pucallpa, me lleva a vivir a Huánuco.

Esta situação não pode ser qualificada como infidelidade, no sentido de ser um “engano” ou “traição”. Aparentemente as partes estavam informadas dos acontecimentos. Nancy justifica o arranjo a partir de uma demanda tida como legítima: a necessidade de um provedor para ela e seus filhos, na ausência do marido. Contudo, tal condição se encontraria nos limites do aceitável, o que pode ser avaliado pela forma como a entrevistada inicia seu relato sobre a experiência. Ela declara: *He tenido mi pasado*, uma frase que anuncia a revelação de um fato com o qual não se sente particularmente cômoda.

A atividade sexual não constitui um tema abordado em seu discurso em nenhum momento para explicar a necessidade do marido provisório. Quando o assunto foi introduzido pela pesquisadora, Nancy refere que as relações sexuais com ele não eram de seu agrado.

A situação coloca Nancy em uma posição difícil, no que tange ao estatuto de “mulher decente”. Tal estatuto poderia ser objeto de dúvidas. Porém ela se resguarda das mesmas (no caso do novo marido), por meio de uma *performance* sexual recatada. Assim, ela o faz esperar por um certo tempo antes de ceder ao intercurso sexual, declarando que desta forma conseguiu se assegurar de não ser tomada como um passatempo, garantindo a presença de um homem que *la sirva* nos três anos de prisão do marido.

Había un poco de temor...o sea, vergüenza. Algo decía yo, ¿cómo será?

¿Nunca tomaste tú la iniciativa?

No, no, más bien le hacía...le he hecho demorar yo, a los cinco meses que estaba recién [tuvimos relaciones sexuales]. Y a pesar... y de esa manera él me decía “Nunca hay mujeres así como tú y ya yo he tenido mis enamoradas; pero, no, no como tú y a pesar que tú eres una mujer que tienes sus hijos”.

¿Y tú... cómo eran tus estrategias para demorarte...?

No; porque, yo me quería sentir segura, pues. Ya y por el hecho que él me ve sola con mis hijos, y que necesito, ni modo que yo voy a dar a brazo suelto “ya ven” no pues. Yo decía “Tienen que hacerme valorar, así como él me ve, yo quiero que él piense bien de mí. Entonces, con ga...con gusto va a venir a apoyarme, a dar; sino pues, si yo también demuestro lo que... de repente él no le va a gustar lo que yo soy - todo eso yo pensaba - mejor no, va a llegar su momento” y cuando él me...me...me quería estar conmigo así íntimamente...yo decía “no, por qué te quieres apresurar, para que mañana me dejes, ya una vez comido el plato, ya, toma te devuelvo y te vas”, “no” – le digo, yo le decía así – no, yo tengo que ver tu responsabilidad, yo tengo que ver si de verdad me quieres ayudar a...a...a criar a mis hijos...durante el tiempo que mi esposo está ahí, todo eso tengo que ver, no por el hecho que yo tengo hi...hi...jos ya voy a ser presa fácil, no” le decía yo. Y no pues, no, no he caído así no más.

d. “Para que vea lo que se siente”: sair com outro como estratégia de negociação

Daniela relata seu envolvimento com outro homem como uma forma de castigar o namorado que tinha sido infiel. Após o episódio, sentindo-se vingada, busca a reconciliação.

[...] en estas este...ocasiones en que me contabas que tenías algunas aventuras así...cuando te peleabas con tus enamorados... ¿Alguna vez se llegaron a enterar tus enamorados de eso?

Sí (risos), hasta me han visto.

¿Ah sí? ¿Y cómo reaccionaban?

(Risos) Eh...Piero cuando me ha visto...yo salía y me ha agarrado mi mano el chico, ahí en el colegio ah. Yo sigo pues, dice que supuestamente no me quería ver; pero, estaba al frente ya él, cuando yo salgo él me llamaba...me silbaba, yo no le hacía caso. Me seguía, yo le decía “yo no te conozco ¡lárgate!” Le decía, pues.

¿A Piero, le decías?

Ajá, y me largaba con el chico. Y me iba con el chico. Y cuando yo ya no quería con el chico, le decía que no...que no puedo estar con él; porque, le quiero a él (a Piero)...me iba a decirle a Piero y él ya vuelta no quería nada conmigo (risos).

(Risos). ¿Y eso sucedió cuando te habías peleado con él por algún motivo?

Sí, pues. Yo le decía “ya pues Piero, así como yo te he perdonado, ahora te toca perdonarme a mí que no sé qué... ya ves no te gusta” [...] [él me decía:] “¡no! que a mí...” tú sabes que el hombre se cree ¡uf! (Palmada) Ya pues, yo le decía “dame una oportunidad”, ya ha pasado tiempos para que me perdone (riso).

¿Y esta vez...en esta ocasión; por ejemplo, tú te habías peleado con él por qué...él...él te había?

Me había engañado con una chibola...y...con quien tuvo su hijito, pues. Así.

¿Ah ya y a raíz de eso fue que tú te fuiste con este otro chico...lo hiciste a propósito?

Sí. [...] (Riso), para ver si le va doler (risos). Total le ha dolido (risos), le ha dolido bien feo. Hasta se puso a llorar ¿no?, no sé si eran lágrimas de cocodrilo, no sé.

Daniela, em diversos momentos do relato de sua trajetória, faz referência à sua capacidade de provocar o interesse masculino, sem necessariamente chegar a um episódio de infidelidade, como recurso a partir do qual negocia com o parceiro, aspectos concernentes ao comportamento dele que não a satisfazem. A seguir apresentam-se alguns depoimentos em que se evidencia este assunto:

[...] estaba andando con mi...con un amigo, un chibolo no más; “¿qué?” le digo; “vamos a la Restinga” me dice, por Yarina. Uhm, vamos, pues, le digo yo y...este...estaba peleando, estaba rabiándome con...con el chico (su pareja). Ya pues, le he seguido, nos hemos ido y cuando estamos regresando en la noche...de las seis de la tarde...regreso y no sé como volteo y le veo a él. A Segundo, ay ese rato yo no sabía dónde me voy a esconder...he hecho de cuenta que no le he visto. Y después de ahí... Ay...y después de una hora me manda llamar con su amigo, antes no llegaba a mi casa, me mandaba llamar con sus amigos...y me dice este... “Daniela, dice Segundo que te está esperando en la esquina”; “Sabes qué dile a Segundo que no voy a poder”; porque, yo ya sabía ya. Y ya pues, estábamos ahí y no me he ido, pues. Le he dejado ahí (risos), y al día siguiente me estoy yendo al mercado y...y siento que me dan...me hacen así y volteo y le miro a él; “¡súbate!”; “¿a dónde me vas a llevar?”; “te

estoy diciendo que subas”; “llévame al mercado ¿ya?”, le digo yo. Me mira... “¿por qué estás...estás rabian... por qué estás rabiando cholo⁵⁵ ah?” le digo; “¡qué cholo ni qué cholo!” (risos). “Pero, mi amor - le digo - ¿qué cosa tienes?” y me subo, pues, y nos vamos a conversar y me dice, “¡sí, que no sé qué, qué no sé cuánto!...te he visto con tu marido” [...] me ha dado un sermón. “**Ya ves no te gusta - le digo - no te gusta, así como tú lo que haces a mí no me gusta** y además yo no estoy haciendo nada de malo - le he dicho - sólo me ha invitado a salir”; “¡no!” que no sé qué, que no sé cuánto; “**entonces, pues, sácame tú también a pasear, pues**” le decía.

[...] a veces cuando había un tiempito cuando yo estaba embarazada me daba ganas de pintarme, paraba pintada todito los días. Y a él; ya pues, no le gustaba. Me sacaba así...me sacaba y yo otra vez venía a pintarme.

¿Y por qué te sacaba?

No le gustaba dice que nadie me mire (risos). No...no le gustaba que nadie me mire, él no más tenía ojos para mí, decía. “**Ah, bueno, pues - le digo - entonces si no quieres que nadie me mire, ponte bonito**” le digo. Y así le digo...por...ahí me dice “feísima, estás fea”; “está bien, pues, le digo, así me han de querer, cómo también soy chueca, tuerta, virola, un hombre me va a querer como soy con mi hija”; “eso ¡nunca!” me dice (risos). Porque, sabe que va a salir perdiendo, pues.

[...] salgo con su papá de ella (aponta para a filha), [él] dice, “ay ese culazo” (risos), “ay ese buchazo⁵⁶”, “ay eses pechos” y...yo pues le digo mala palabra “para ¡qué puta! Pues estás conmigo sí, si vas a estar mirando a otra, nadie te dice que no aprecies, pero, no sé, tú ya les vas a comer ya” le digo, pues. “Te metes con una culona no te gusta, te metes con una chuchona⁵⁷ no te gusta; entonces, qué clase de mujer, pues, quieres o te...o quieres un chico” le digo (risos) “No pues - me dijo - no te preocupes amor, tú para mí estás bien” me dijo (risos). Y...a lo que yo soy, él no me ha conocido así. Yo era más gordita, más rellenita. Y cuando antes que le tenga a mi hija, he tenido unos pechazos y ahora se ha achicado (risos). Y así... y así, pues, y dá cólera, a mí me molesta. No, no es...ni a él no le gusta, a veces pasa un chico guapo, me está mirando “qué guapo está este ¡cómo no quisiera ser su mujer!” Le digo.

¿Tú le dices?

Sí, así yo le digo, [él dice] “¡ya, ya, ya, ya!” ¡Po! me dá en mi pierna (risos); “Ya ves no te gusta” (risos). Y así; “Mejor me callo” dice; porque, sabe que va a perder.

Na última parte do depoimento anterior, a frase *sabe que va a perder* resume a posição de Daniela, como potencialmente vencedora nas negociações, quando sua capacidade de atração é colocada em cena.

e. “Desejo do corpo”

Liliana, ao descrever uma segunda experiência extra-marital na qual se envolveu, oferece um relato situado no terreno da atração e do desejo sexual, um desejo que é de tal magnitude que não consegue resistir, embora o homem em questão seja seu tio consanguíneo (irmão do pai).

[...] tiene que ver con mi familia... con una persona así que también es parte de mi familia, pero es de verdad ya es... tiene mucha más conexión con lo familiar ya ¿no? porque él si ya

⁵⁵ Neste caso a categoria “cholo” é usada de modo carinhoso.

⁵⁶ Seios grandes

⁵⁷ Mulher de vagina grande.

es... es el hermano de mi papá ¿ya? Él es el hermano menor de mi papá, el último, él está con 33 años tiene mi tío, es más joven y también es muy simpático y todavía su rostro es más juvenil y siempre él... particularmente siempre me ha atraído a mí. O sea yo siempre he sabido que es mi tío ¿no? pero yo siempre le veía... ya vuelta yo, yo le veía con otros ojos a él, pero nunca le he dicho nada, decía "pucha, es mi tío como voy a estar pensando esas cosas" ¿ya? Y yo siempre le veía así a mi tío diferente, no sé si él se daba cuenta o no ¿no? pero siempre le encontraba "¿y Lilita?" me decía, él me dice "Lilita" "¿Y Lilita cómo estás?", "Hola tío" le abrazaba, le besaba en su cara, pero yo le abrazaba de otra forma pues, yo sentía otra cosa cuando yo le abrazaba a él, pero él no sé ah... y así continuaba. Como él era siempre allegado con nosotros porque es nuestra familia, siempre se iba y le veía, le miraba, hasta que un día este... me lleva a comer, me lleva a comer cuando justo salgo de la universidad, como él trabaja haciendo pozos tubulares ¿ya? Él tiene su gente que le ayuda a hacer pozos tubulares para las empresas ¿ya? Y como él siempre se va por la carretera para que vea sus materiales que necesita y un día pasando por ahí me encuentra ¿no? y yo le paro "tío" y se para [...] me hace subir [a su moto] y nos vamos. Estamos yendo, yo me iba abrazándole, tocándole, jugando con mi mano con mi tío. Pero en ese momento no pensaba que era mi tío. Y en ese momento él, de lo que está manejando, con su mano – y como yo estaba con una falda corta – y su mano toca mi pierna ¿ya? Porque se notaba mucho mi pierna, toca mi pierna y se soba así en mi pierna sobando... y sentí una calentura en todo mi cuerpo que me gustó ¿no? y no me dijo nada y yo tampoco le dije nada; me dejó en mi casa, me dio mi beso y se fue "ya me voy" "ya tío, chau" como si no hubiera pasado nada... se va, yo me quedé pensando en lo que me había tocado mi pierna, me sentía diferente, caliente, me sentía bien diferente y lo volví a ver ¿no? lo volví a ver y como siempre teníamos nuestros teléfonos toda la familia me llama "Lilita – me dice – ¿donde estás?" "en la universidad estoy por salir" le digo "yo estoy por acá por el [km.] 6" ya estaba saliendo [...] "voy a pasar por ahí" "ya" le digo; se va y como siempre me llevaba y nunca pasaba nada ¿no? y me lleva ¿no? subimos... y para esto nuestros labios chocan juntos ¿ya? Nuestros labios chocan juntos y yo sentí... sentí gusto ¿no? cuando chocamos y al toque mi cuerpo se... se encendió como decirlo ¿no?; subí a la moto nos fuimos y no me llevó a mi casa, estuvimos dando la vuelta y me dejó en un parque... no me dejó sino que nos sentamos ahí, paramos y me comienza a contar, porque siempre me contaba sus cosas, como él también es joven ¿no? siempre me contaba sus cosas y yo siempre era la consejera ese rato y estaba haciéndole sus masajes tras de mi tío pues; él estaba sentado y yo estaba atrás en el parque y haciéndole sus masajes a mi tío "qué rico son tus manos hija" me dice "si quieres te puedo relajar más" le digo yo (risos) no sé cómo se me sale eso y él dice "ya pues, vamos a otro sitio" me dice él ¿ya? Y yo le digo pues "ya vamos" le digo al toque sin ponerme a pensar en lo que voy a hacer ¿no? Nos vamos, yo le abrazo y él me comienza a hablar despacio, me dice "¿A donde quieres ir?" "no sé, vamos a un sitio donde estemos solos" le digo; [...] "¿Estás segura?" me dice "Sí" y pasando por ahí nos hemos metido tan al fondo de esos lugares, llegamos a un hostel ¿ya? Llegamos al hostel y entramos y nos sentamos los dos en la cama, mirándonos, él me mira y me dice "¿Estás segura de lo que vamos a hacer?" y yo le digo "¿Qué vamos a hacer? Yo he venido acá para estar tranquilos, yo te he dicho que te voy a relajar un poquito con unos masajes" "ya pues" me dice, se saca su polo y comienzo a masajear su espalda y... pero él no estaba de espaldas yo estaba delante de él, él estaba sentado y le masajeaba para atrás. Y él ha comenzado a agarrar mi cintura... que en ese tiempo tenía (risos), y comienza a frotar su mano ¿no? ahí y yo me sentía más encendida, tenía deseo de estar con él ¿no? corporalmente y se levanta me comienza a besar y yo también le acepté ¿no? el beso, vamos, él me deja, me hace sentar en la cama, me deja y se va a bañarse; se baña y se echa en la cama, prende el ventilador y... y yo también me voy a bañarme y salgo en toalla, me baño, pero yo también pensando en otra cosa ¿no? yo también estaba pensando en las relaciones sexuales con él y me acerco a él y le comienzo a besar y él también me besa, se sienta, lo que está echado se sienta, me comienza a besar y yo le digo pues ¿no? yo le comenzaba a decir "me gustas tanto" le dije "me gustas mucho, me atraes bastante desde antes te he visto de otra manera, yo sé que eres mi tío, eres hermano de mi papá, pero me atraes tanto, yo te veo como un hombre no como mi tío" y él me dice lo mismo, me dice "Lilita yo siempre te he visto como una mujer, nunca te he visto como una sobrina yo sé que eres hija de mi hermano pero me gustas como mujer" me dice "yo siempre te he visto como eres, me encantas" me dice y como locos nos hemos comenzado a agarrar a besarnos y a tocarnos y no nos cuidamos pero nos besamos, nos tocamos y nos encendimos tanto que tuvimos relaciones... tuvimos relaciones sexuales y me gustó mucho ¿ya? Disfruté la relación

sexual con él. Él se quedó tan complacido, yo también que nos quedamos ahí y sí me gustó bastante.

De acordo com seu relato, ambos tinham sentimentos de culpa, vinculados ao fato de terem uma relação de parentesco (tio – sobrinha), e não pela infidelidade. A culpa seria maior nele do que nela, segundo afirma, já que ele se sentia responsável, por ser o tio. No entanto, o clima de segredo e vergonha de serem descobertos se apresentava para ambos.

Desde ahí tuvimos algunas que otras salidas juntos pero siempre terminábamos este... terminábamos culpables, siempre porque después que terminábamos eso él se sentaba y decía "pucha, qué he hecho, no es posible que te haya hecho eso tú eres mi sobrina, vámonos de aquí" y después ya yo decía "pucha, qué hice... ya lo hice ¿no? no puedo dar vuelta atrás"

¿Tú también sentías culpa o no tanto?

Sí, más o menos no tan culpa que bruto que me van a matar...

Él tenía más culpa que tú

Sí, ajá, él tenía más culpa porque me ha visto desde chiquita ¿no? me veía de chiquita porque siempre... como es el hermano de mi papá, siempre estaba con nosotros, se iba, nos llevaba a pasear y ahora que me veía como mujer se siente culpable ¿ya? Y peor que habíamos tenido relaciones sexuales se sentía más culpable. Yo le decía "pero qué podemos hacer, ya no podemos dar la vuelta atrás... ya lo hicimos, acaso no te gustó" (risos) "sí me gustó, eres perfecta, me encantas, me gustas" y le dije pues "ya pues a mí también me gustó pero qué más podemos hacer mejor vámonos" y nos fuimos y nunca le dijimos esto a nadie porque imagínate que lo sepa la familia! ¿ya?

Y así de vez en cuando porque son así muuuuy, muuuuy lejanas las ocasiones que nos juntamos... juntos los dos. Hay momentos que yo... en algún momento sí yo le he llamado porque tenía necesidad de verle, de sentir su cuerpo ¿no?, de tener relaciones sexuales con él y él sí aceptaba ¿no?, aceptaba me decía "¿dónde estás?", "estoy en tal sitio", "ya, nos encontramos en tal sitio, te voy a recoger" me recogía y nos íbamos a tener relaciones sexuales ¿no? y cada vez era menos su culpa (risos) cada vez era menos su culpa que ya pues también se había convertido en un secreto para los dos. Solamente me decía "si esto lo sabe alguien nos matan a los dos", "y más a mí" me dice "porque yo soy tu tío".

Embora ela tenha tomado a decisão de se afastar dele, enfatiza a persistência de forte desejo sexual, descrito detalhadamente na entrevista. Atualiza um discurso fiscalista em torno do prazer sexual como domínio autônomo, considerando-o uma força incontida, que ultrapassa a razão.

Eh... eventualmente todavía lo ves o ya terminó...

No, ya no, no, terminó... o sea nunca dijimos "ya terminó esto" ¿no? pero tampoco volvemos. Sí, él me ha llamado en algunas ocasiones para vernos, para estar juntos pero yo estoy tratando mucho de esquivarlo ya hace mucho tiempo, ya desde el año pasado que no salimos juntos pero siempre me llama, me dice... y cuando nos encontramos siempre nos besamos a escondidas ¿no? y a veces cuando nos encontramos en su casa y no hay nadie se va, se abalanza a mí, yo también, parece que nos encendemos tanto que no vamos... pero no consumamos el acto sexual, o sea nos damos cuenta donde estamos "no, pucha que" Y otras veces volvemos a lo mismo y terminamos mojados de deseo ¿no? y yo sí cuando estoy con él me siento mojada porque me lubrico y siento que quiero tener relaciones con él pero me aguanto ¿no? digo "no va a ser esto" y cada vez que me llama sí siento... me siento con ganas de estar con él pero digo "no, no puedo, sabes que estoy muy ocupada y no podemos

vernos” y él me dice “pucha, yo necesito verte, necesito estar contigo, te extraño” pero no, no me voy a verlo ¿no? porque yo quiero así desprenderme de él.

f. *“Infidelidades” de transição*

Existem outros tipos de casos em que acontecem relacionamentos entre elas e outros homens, em paralelo às que têm com seus parceiros, aqui designados como “infidelidade de transição”, por serem situações nas quais ocorre uma justaposição – por elas estarem com dois homens – mas como parte do processo de passarem de um a outro parceiro. Este fato ocorreu com Nadia e Giovanna.

Giovanna declarou viver uma situação de saturação em relação ao marido, já que sua vida com ele era insatisfatória por diversos motivos: envolvimento com outras mulheres, não cumprimento com obrigações econômicas, problemas com álcool, humilhações, etc. Portanto, decidiu se envolver com outro homem, para depois um tempo – e estando segura deste novo relacionamento – deixar o marido.

O caso de Nadia é diferente: ela tinha um parceiro quinze anos mais velho que ela, que conheceu na prisão, quando ia visitar seu irmão. Para ela, este relacionamento foi o mais importante de sua trajetória e todas as referências são positivas. No entanto, aponta que, em determinado momento, soube de episódios de infidelidade dele com outras mulheres, também presidiárias⁵⁸. A partir de então decide se envolver com outro homem, mais novo que o parceiro, referindo que o fez por atração e por se deixar levar pelos maus conselhos das amigas. Neste caso não se trata de interesse econômico, pois o parceiro preso é descrito como possuidor de um próspero negócio no interior da prisão, enquanto o outro era desempregado. Durante um tempo ela manteve as duas relações em paralelo, até que rompeu com o parceiro que estava na prisão.

Passado algum tempo, sua vida com o novo companheiro tornou-se insuportável pelas cenas de ciúmes, de maneira que decidiu terminar e voltar para o anterior. Ele mostrou-se disposto a retomar o relacionamento sem represálias, o que foi avaliado por ela como expressão de grandeza.

⁵⁸ Da mesma prisão, mas em setor diferente.

A história de Nadia é de idas e vindas entre dois homens, com a intenção de finalmente poder estabelecer o relacionamento conjugal considerado mais satisfatório. O mesmo ocorreu com Giovanna, de maneira menos complicada.

Os casos de infidelidade aqui apresentados evidenciam uma diversidade de motivações e de circunstâncias. Não é possível elaborar conclusões genéricas. Contudo, um aspecto merece atenção: a existência de um fator comum que, em maior ou menor medida, se apresenta em todas as histórias (menos a “e”). Trata-se da persistência de uma vocação relacional, seja porque nas experiências de infidelidade se recria, por certo tempo, o ideal de reciprocidade conjugal; seja por que através delas tenta-se encaixar a conduta do parceiro nos moldes de uma vida conjugal considerada melhor; ou porque se está num processo de mudança para um relacionamento entendido como de maior qualidade. Em todos esses casos o valor estruturante é a “boa” conjugalidade que, por alguma razão, não estaria funcionando em suas vidas. Somente Liliana (e) se refere à infidelidade em decorrência única, ou principalmente, pelo desejo sexual, com um discurso “fiscalista” de necessidade corporal, com uma urgência incontrolada.

3.5.3 Importância do sexo

Diferentemente das duas seções anteriores, nas quais foram analisadas as experiências das informantes, agora serão apresentados depoimentos que abordam suas opiniões sobre a importância do sexo na vida das pessoas. A escolha deste tema para concluir este capítulo se deve à avaliação de se tratar de uma síntese dos principais aspectos explicitados ao longo do capítulo. As declarações contêm discursos que possibilitam uma abstração em torno dos principais valores estruturantes das práticas sexuais, articulados às experiências relatadas anteriormente. A grande maioria das informantes adultas e jovens coincide em apontar que a atividade sexual é uma dimensão importante da vida.⁵⁹ Tal relevância

⁵⁹ Esta importância, reportada pela maioria de informantes, poderia ser questionada, uma vez que elas teriam sido instigadas a colocar o sexo em discurso de maneira explícita e dirigida. Mas, para além da avaliação – eventualmente superficial –, se a atividade sexual é ou não importante, destacam-se os significados e aspectos da vida que elas associam à atividade sexual, ao responderem. A abordagem deste assunto possibilita uma apreensão dos valores que estruturam a compreensão das entrevistadas do que seria atividade sexual.

se associa fundamentalmente a três discursos, não necessariamente excludentes, que podem se combinar de maneira fluida nos depoimentos das mulheres.

O discurso da maioria das entrevistadas adultas possui uma perspectiva relacional-hierárquica, no qual a mulher deve estar sempre disponível sexualmente para o homem, como modo de garantir o relacionamento conjugal e a manutenção do núcleo familiar. Uma segunda modalidade de discurso relacional foi referido majoritariamente pelas mais jovens, no qual a atividade sexual também é subordinada à estabilidade afetiva, conjugal e familiar. No entanto, contém uma ótica mais igualitária em torno do vínculo entre os parceiros. Há uma ênfase na necessidade de prazer sexual de ambos os membros do casal, como base para um bom andamento da relação e da vida familiar. O sexo constitui um canal de expressão de afeto/amor, além de relevante via de comunicação. Por fim, apresenta-se um terceiro discurso, fiscalista, que ressalta a importância da atividade sexual, como meio de satisfação de uma necessidade corporal, fundamental para seu bom funcionamento.

3.5.3.1 Discursos relacionais

Nas referências das informantes acerca da atividade sexual, esta geralmente tem como marco de referência, explícita ou implicitamente, relacionamentos estáveis, situada a serviço da harmonia conjugal e da estabilidade familiar.

Este, ¿Tú crees que el sexo es una parte importante en la vida de las personas?

Sí, yo creo

¿Por qué?

Porque dice que cuando, cuando no hay sexo, no hay felicidad, no sé

¿Y por qué, por qué no se encuentra felicidad sin sexo?

Porque, porque cómo vas a vivir pues... tú, me imagino que yo vivo con ese hombre porque yo quiero tener sexo con él y si yo de repente le, le niego, no, no, no le doy sexo a él, vas a vivir una vida peleada, de repente no me va a amar, ni yo tampoco y por medio de esas cosas que ocurren a veces con la pareja, esa pareja te quiere, te ama, no sé, no mira a nadie más "porque mi mujer me da a mí – dice – mi mujer es todo". [...] Es seguro de la familia. (Tatiana/37)

[...] realmente es importante porque uno también no se puede estar sola, no se puede vivir sola, hay que tener una pareja a nuestro lado, ya pues, si tienes una pareja ya pues, la sexualidad de una, de dos personas tal vez es normal. (Olinda/21)

[...] bueno para mí no es tan importante, ni tan...ni tan esto...necesario.

Ajá. ¿Podrías estar sin eso entonces?

Yo podría estar.

¿Sí?... ¿Y...y para una relación de pareja te parece importante?

Bueno, ya una relación de marido y mujer, sí...sí...eso sí podría ser importante; porque...porque, a veces; ya pues, uno de mujer no se tiene...el esposo se molesta o a veces el esposo no quiere...la, la, la mujer se molesta ya piensa otras cosas ya.

Uhm. ¿Como qué otras cosas?

“Ay que no, que ya no me quieres, que tienes otra”, igual la mujer, “ay que tú no me quieres que tienes otra”...que él... “tú también tienes otro” ay no! así y ahí empieza ya la...la pelea, la discusión y llegan hasta ya...a golpes ya. (Carla/22)

A ausência de relações sexuais satisfatórias é frequentemente mencionada como indício ou causa de infidelidade. Nesse sentido, trata-se de um fator de risco para o equilíbrio da união.

[...] tiene que haber compatibilidad en ambos ¿no? porque si no tienen una buena relación sexual entonces la persona empieza a experimentar en otras partes y lo que no encuentra en su casa pues encuentra en la calle, muchas veces se dice eso, porque si vas a acostarte con una persona fría que no te da, como te puedo decir, que no te da cariño que no te da ese afecto entonces ¿para qué? (Wendy/25)

[...] si hay una pareja joven y no...y no tenga ese interés [por el sexo]; tanto el hombre y la mujer, quiere decir si pierde ese interés en casa, quiere decir que tiene algo en la calle. Porque si en la calle está bien, en la casa ya viene...y empieza un conflicto, peor si la pareja es joven. Y sí, es importante. (Beatriz/46)

Em diversos depoimentos a viabilidade da harmonia conjugal está associada a relações sexuais satisfatórias para ambos os integrantes do casal, e consiste em um complemento (ou via alternativa) para uma boa comunicação e expressão dos sentimentos de amor e carinho.

¿Tú crees que el sexo es importante?

Claro.

¿Por qué?

O sea, yo pienso que es importante porque te entiendes... que te entiendas con esa pareja, con tu pareja al momento de tener relaciones. Y más que todo que sientas algo por esa persona. Sí.

¿Por qué...por qué te parece importante que se dé esto?

Claro; porque, ahí están los dos funcionando bien, pues. Están los...salen los dos bien complacidos. Salen felices. Yo pienso que sí es importante. (Nancy/45)

[...] personalmente no es lo más importante que está ahí primando en mi vida ¿no? para mí lo más importante es la forma como nosotros conversamos, como nos comunicamos, como la pasamos lindo entre nosotros, no tanto el sexo pero sí también forma parte ¿no? de la estabilidad de una pareja, las relaciones sexuales ¿no? pero no es lo que le da la vida a nuestra relación

No es lo principal

No, para mí hay otras cosas más principales en la relación que el sexo, pero también no la descartamos, siempre la disfrutamos ¿no? y la disfrutamos siempre juntos. (Liliana/24)

¿Y tú consideras que la sexualidad, tener relaciones, es una parte importante de la vida?

Creo que de la vida de pareja sí, porque todo... toda tu vida está en torno a eso ¿no? creo que en un momento estás, por decir en tu cama, conversas con tu esposo, conversas de muchas cosas, de tus planes, de lo que quieres hacer y en todo eso llega un momento en que

de repente quieres este... mejor dicho tu pareja te cariña te... cómo te digo, o sea te insinúa, y claro cuando se da el momento sí. (Gilda/24)

*¿Tú crees que la...que el sexo es importante en la vida de una persona?
Uhm...en algunos casos sí...a veces cuando uno se tiene problemas [...] se resuelven en...como se dice en la cama ¿no? Creo que sí...bueno a mi parecer sí ¿no? pero constantemente no pues, quizás una vez a las quinientas ah. (Daniela/23)*

No entanto, também constam depoimentos – entre as mulheres adultas, sobretudo – nos quais a atividade sexual é considerada a serviço do equilíbrio conjugal, sem envolver necessariamente algum tipo de gratificação pessoal, mas pela necessidade de satisfazer o parceiro. Para Giovanna, por exemplo, trata-se da maneira de manter seu marido tranquilo e com boa disposição para ajudá-la no que precisar.

¿Tú crees que tener relaciones sexuales es una parte importante en la vida de, de las personas?

Yo pienso que sí señorita, yo pienso que sí porque, yo en mi vida veo así ¿No?

¿Por qué?

Yo cuando estoy tranquilo con, con mi marido ¿No? le veo a él tranquilo, le veo a él alegre, le veo a él que tiene esas ganas de ayudarme, tiene esas ganas de hacer, de apoyarme, pero cuando yo así yo, yo le niego a él, él se pone otra clase, se amarga, se rabia conmigo, no sé qué debe pensar, ¿Di? pero algo mal le veo que se porta todo el día, toda, todos los días viene rabiando, viene de cólera, viene yo pienso que como dice ¿Di? como él me decía desde antes, él me decía “Todo lo que tú quieras puedes mezquinar, puedes mezquinar mi comida, puedes mezquinar... pero una cosa que es más, para mí es como una vida más, nunca me niegues, porque eso es lo peor que yo puedo pensar de ti”, me dice

¿Ah, sí?

Siempre me ha dicho así él

Para él es lo más importante y no le puedes mezquinar ¿Y por qué? ¿No te explica?

No sé, me dice que porque él prefiere dejar de comer y de hacer otras cosas que estar con, con [falta de] las relaciones. [...] Por eso un, un tiempo también tenía problemas con él cuando así duro me exigía, me decía un montón de cosas, yo decía “Entonces, váyase a buscar tu mujer que vas a parar todito el día sin despegarte” le decía (risos). (Giovanna/44)

Cabe apontar que apenas em um caso, Nadia (evangélica, por sinal), a importância do sexo foi colocada em associação à esfera reprodutiva propriamente dita, a partir de discurso religioso em que o sexo se subordina a uma ordem cósmica maior.

[...] no le veo como algo importante, yo le veo como una parte más de la vida, que dios nos ha puesto para eso para...para procrear (Nadia/24)

Tem-se proposto, sob a categoria de discursos relacionais, reflexões que apelam a princípios bastante diferentes. Uma primeira elabora o sexo como via de expressão de amor e fonte de bem-estar pessoal para os membros do casal, e nesse sentido trata-se de algo importante para a estabilidade do relacionamento e

harmonia familiar; a segunda formula que a atividade sexual não está associada à representação do amor como pilar do relacionamento, mas sim a uma lógica de prestação de serviço, em que a viabilidade do casal e da família não passa pelo bem-estar sexual dos dois elementos do par senão pelo cumprimento de um dever por parte da mulher; isto é, a ela cabe dar satisfação ao parceiro para garantir tal fim. No entanto, para além destas importantes diferenças, finalmente ambos os discursos colocam a atividade sexual como um meio para um fim considerado de maior importancia que ela própria, isto é a estabilidade do casal e da familia e nessa medida enquadro ambos sob a égide da relacionalidade.

Nesto ponto é preciso um esclarecimento importante. Os dois tipos de discursos colocados como princípios podem ser associados a lógicas profundamente diferenciadas: a do amor romântico e a da aliança que marcam momentos históricos e concepções de pessoa radicalmente diferentes na historia ocidental. (CASTRO; ARAUJO, 1977)⁶⁰. No caso do amor romântico os autores associam seu aparecimento com os primórdios de uma sociedade de indivíduos liberados de englobamentos dos grupos de parentela, na qual se impõe o contrato social como modelo político. Diferentemente da lógica da aliança, em que a pessoa estava subordinada aos interesses do grupo familiar extenso. Trata-se, na formulação supra citada, de um modelo de opostos ideais. No entanto, no contexto etnográfico estudado, encontramos um discurso sobre o amor conjuminado a uma lógica diferencial hierárquica de gênero em que a atividade sexual feminina subordina-se à entidade maior casal -família de procriação.

3.5.3.2 Discurso fisicalista

Neste tipo de discurso a necessidade corporal é enfatizada: a “sensação” e o prazer são considerados aspectos a serem satisfeitos, para o bem-estar pessoal. Contudo, embora a ênfase seja na pessoa (e não na díade ou na família) na maioria dos depoimentos, toma-se como fato óbvio que as relações sexuais ocorram no âmbito de relacionamentos estáveis. Bertha aponta que:

⁶⁰ Distinção também tratada por Foucault [1977] (2006).

¿Tú crees que el...el...el sexo, las relaciones sexuales son importantes?

Sí, yo creo señorita, sí es.

¿Por qué razón?

¿Por qué razón? Porque...bueno, yo digo que es muy importante, por decir, en un hogar, de qué sirve...por decir, si en casa no has sabido lo que es el sexo ¿di? Te importa un poco, tú vives por vivir nomás por complacer al hombre; pero, si has logrado conocer, saber lo que es el amor, saber de lo que es complacer... ¿di? y que venga otro hombre y que no te haga igualito. Entonces, para ti es mentira, **de qué sirve que tengas toda cosa en tu casa; pero, hay una cosa que te falta, en ese caso el cuerpo pide señorita, pide. Por eso [si] ese hombre te hace el amor [y] no te deja como debía de dejarte, satisfecha, no te sientes satisfecha, contenta, algo te falta algo, te quedas incómoda, intranquila, hasta como rabiando ya, así. Pero, si ese hombre te agarra, te deja satisfecha, tranquila, te pregunta “¿Te falta, quieres más, cómo te sientes, estás complacida?” “Ay ya no sé ni dónde estoy ay chau” (risos) Verdad; entonces, te sientes feliz contenta ya. Entonces, ese hombre te hace sentir mujer. [...] Una vez complacida del sexo ya de ahí; entonces sí tranquila quedas. Ese mismo cuerpo queda tranquilo...duerme...a...a...aunque sea toda la semana (risos).** (Bertha/43)

¿Tú consideras que tener sexo es importante para las personas?

Sí es importante en la vida del ser humano ¿por qué? Porque, porque creo que es una necesidad lo que el ser humano tiene y creo que es eso porque tú **puedes tener todo ¿no? pero tu cuerpo pide, el cuerpo desea estar con alguien**, por eso digo que es muy importante. (Wendy/25)

[...] dice que es bueno (risos) porque cada que sube dice se abre los poritos de tu cuerpo... (risos) bueno así es lo que yo veo, escucho ¿no? (Daniela/23)

¿Tú crees que, eh, tener relaciones sexuales es algo importante en la vida de las personas?

Sí, sí porque... porque no sé como que **te des... te despeja tu mente, algo o como un relajamiento**, no sé que las personas pueden tener, por eso. A veces porque son pareja, o sea tanto mujer y hombre necesitan tener pues ¿No? ya pues, eso. (Talia/20)

Vários depoimentos se referem ao sexo como fonte de tranquilidade e/ou relaxamento. Segundo este discurso, na abstinência, tanto o homem quanto a mulher fica *rabiando* ou *amargada*. No caso de Telma, este discurso está vinculado a instâncias psicológicas.

A veces me siento mal, me duele mi cabeza, señorita, por ejemplo en la tarde sentía que me duele mi cabeza, el año pasado estaba bien mal, además de los problemas que tenía de mi hija y me sentía mal, a veces me dolía, acá me dolía y cuando he tomado complejo B me ha pasado un poco el dolor, era un dolor acá y así pues, yo digo “De repente porque no tengo relaciones”, tengo relaciones pero uy, cuando mi marido me ataca a cada rato, no deja de molestarme, le acepto y más no pues, así me siento tranquila, pero aunque dicen, a veces mi marido me dice así, que las relaciones sexuales son buenas, dicen, dicen, yo escucho también pues, los doctores no sé que, una psicóloga, a una doctora que le he escuchado, que dice tener relaciones sexuales, este, es saludable, te sientes bien dice, pero como yo no tengo quizás vivo amargada ¿No? (risos). (Telma/42)

O sentido de bem-estar pessoal também foi mencionado por Noemí, enfatizando o sexo como fonte de energia vital:

¿Tú crees que el sexo es un parte importante para las personas?

Sí señorita (risos)

¿Por qué?

Porque esa es una energía más de la vida señorita, es algo, sin eso no se puede vivir, en el momento en que tú ya comienzas a tener la relación de intimarte con un hombre, eso no deja de quitarte, te da vida, energía, sin eso pues hermana no se puede vivir, ¿Sí o no? (Noemí/36)

Finalmente, nesta mesma linha, Fátima afirma que é importante como fonte de prazer e gozo na vida

*¿Tú crees que en general eh...tener relaciones sexuales, el sexo es importante en la vida?
A un determinado tiempo sí
¿En qué determinado tiempo?
O sea cuando ya por ejemplo tienes algo preparado de la vida que te viene encima, ¿no? entonces yo digo que sí, porque ya...ya eres una persona mayor entonces tú quieres saber tantas cosas de la vida más que todo del sexo, porque hay muchas cosas, ¿di? entonces para uno tener ese...sentir ese gusto, ese placer. (Fátima/40)*

De acordo com Damaris, a não satisfação desta necessidade poderia acarretar, em suas palavras, *transtornos* corporais, como tornar-se homossexual ou lésbica.

[...] los dos deseamos estar a veces juntos, porque yo creo que las personas sin... sin estar, sin tener deseo sexual por su pareja, no sé, a veces creo que los hombres se vuelven homosexuales, las mujeres... ¿no? a veces por eso pienso que se hace ese cambio en su cuerpo de ellos mismos. (Damaris/20)

Por outro lado, uma minoria das mulheres investigadas afirmou que o sexo não é importante. Tais depoimentos estão vinculados a trajetórias nas quais as relações são descritas como insatisfatórias. Assim, a partir de suas experiências, avaliam que outras dimensões da vida são mais relevantes do que o sexo. O caso de Ursula é exemplar: ela afirma sua identidade, sobretudo a partir da dedicação ao trabalho e aos filhos, de modo que não tem tempo para pensar nisso.

*[...] la realidad sinceramente, cuando nos dedicamos demasiado al trabajo no tienes ganas ni interés en eso, eso sí te digo porque la verdad yo creo que todo eso afecta mi relación sexual y yo le digo a él "sabes qué, yo no tengo ganas" le digo... para eso tienes que estar bien relajada, yo qué ganas voy a tener, me voy a trabajar el sábado temprano seis, cinco de la mañana para regresar nueve, diez de la noche, llego acá [...] a veces ya ni ganas de comer, me baño y a mi cama ya hasta el siguiente día
El trabajo te consume todas tus energías
Parece que sí, la realidad que no tengo deseos de tener sexo, no se si está bien o está mal, no sé.
¿Tú crees que el sexo es importante para la vida de una persona, una pareja?
Viéndolo mi trayectoria mía, no creo
¿Nunca ha sido prioritario?
No, para mí como le digo... cuando él me dice "si quieres también..." "Ah pues acaso me da algo bueno así, estar ensuciándome ahí" le digo (risos). (Ursula/45)*

Para Sonia o sexo não tem importância, o que é justificado pela experiência traumática que significou para ela iniciar e manter uma vida sexual com um homem que não queria. Trata-se de seu marido atual, este casamento foi combinado por sua mãe. No entanto, quando aborda o tema genericamente, considera que esta esfera da vida seria importante. Seu posicionamento se baseia no contato com discursos da psicologia.

[...] yo cuando me casé yo no quería vivir con él (risos). O sea, todo fue un caso... ¡no! para mí fue algo muy difícil esto y... pero... qué le digo; ya pues, cuando estaba con mi esposo... no sé... yo para mí el sexo, el sexo siempre le veía algo traumático. Uhm... así le veía siempre al sexo o de repente porque yo no sentía afecto, amor por esa persona ¿no?... siempre yo... estaba ahí, no, no deseaba. Y todo eso quizás, yo digo, yo me doy cuenta ahora... me haya llevado a... una relación que nunca empieza bien, nunca va a terminar bien ¿no? A eso voy, sí, como dicen, influye bastante el sexo. En una pareja, en un hogar. Y yo no... nunca creí eso; pero, sí analizándolo... uhm... sí estudiándolo bastante... porque me gusta leer ¿no?... libros de psicología... sí, influye bastante y peor cuando no tienes un buen trato, porque sí... siempre yo le... le voy a decir esto en... en cada hijo... yo siempre tenía... mi esposo me hacía sexo con violación... a veces cuando yo no deseaba, él me destrozaba la ropa y por eso quizás yo siempre el sexo lo tenía así.

¿Nunca fue satisfactorio el sexo para ti?

No, no, para mí no, y por eso siempre... yo lo veo como cualquier cosa el sexo; o sea, no sé; pero, analizándolo bien... no, no creo que todos los hombres te van a tratar así de igual ¿no?; pero... me da miedo. (Sonia/38)

No caso de Beatriz a desqualificação da importância da atividade sexual está diretamente associada ao momento de seu ciclo vital. Afirma ter perdido o desejo sexual na menopausa, fundamentando-se em um discurso da biomedicina. Nessa medida, o sexo não seria mais importante para ela, já que a relevância da sexualidade vincula-se à possibilidade de curtição.

Tal vez, siendo más adolescente opinaría otra cosa ¿no?; pero, ahora en mi vida adulta, sí que ya no ya, no ya.

¿Cuándo eras más joven, sí tenía más importancia esta parte de la vida?

Siendo más joven sí, todavía ¿no?; porque tenías que gozar de la vida, como dice es... va... juntamente con eso; pero, ya... a la edad que uno se tiene ya no ya.

¿A partir de qué edad empiezas a desinteresarte por... por el sexo, digamos, por las relaciones sexuales?

Porque ya... te diré... como a mis cuarenta y seis años que tengo, ya; eh será pues como este año. Un poco o nada. Ya porque como dice el doctor de repente porque me está dando la menopausia. Porque no me enfermo normal. Ya no es mensual. Después de cinco meses me enfermaba.

¿No sientes deseos sexuales?

No, al contrario me da rabia.

(Risos). ¿Pero... tienes... tienes relaciones con tu pareja?

Sí.

¿Es más porque él quiere que por qué tú quieres?

Es porque... más porque él quiere, no porque yo quiera. Por eso, pues. (Beatriz/46)

Telma também não considera importante a atividade sexual, por ter perdido o tesão.

Para mí, bueno (risos) para mí, para mí, para mí no, no. Es creo normal, no es importante (el sexo)

No es importante ¿Podrías vivir sin eso?

Ahorita sí ah, no me gusta, pero mi marido es, mi marido me dice, según él, me dice "A ti hay que rogarte", me dice, "Yo vivo rogándote, cuándo será ese día que tú me digas 'vamos a hacer', cuando será ese día que tú me pides", me dice, "Nunca", le digo, "Ni lo pienses" le digo, "Tú tienes, si quieres hacer, tú tienes que rogarme" [...] todas las noche, a veces le tengo miedo ya, dormimos en cama separadas, su cama es así, mi cama es acá

Ah ¿Por qué duermen en camas separadas?

Porque ya no quiero estar en su lado, porque él me friega pues, que todas las noches ahí, friega y friega, ya no puedo estar en su lado porque ya él quiere hacer, mejor me voy a dormir junto con mi hijo, mi hijito me abraza

¿Fue tuya la decisión de dormir en camas separadas?

*Sí, pero a veces él me llama, me dice "Ven, tengo frío", "No" le digo "Gracias, ahí nomás" le digo, me dice "Tú qué te debes creerte", me dice, te vas a amargar, "Ya amárgate pues", digo, **no me gusta pues, no siento ya nada por tener relaciones, parece que se me fue, no siento nada, me siento como una chiquita así, así señorita, no siento nada ya, de verdad, yo no sé por qué, qué me estará pasando, a veces me quiero ir al doctor a contarle** (Telma/42)*

a. Diferenças entre homens e mulheres

Os depoimentos de adultas e jovens não apresentaram variações significativas acerca das diferenças entre homens e mulheres. A maioria considera tratar-se, sobretudo, de assunto importante para os homens, enquanto para uma minoria seria igualmente relevante para ambos os sexos. A ênfase na sexualidade masculina é justificada por um discurso fisicalista, que atribui aos homens uma incapacidade de "control de instintos" ou "animalidade".

*[...] el hombre es un ser que te puedo decir ...que no, **no razona** al mismo tiempo que... que esa persona, pues, cuando está actuando en el momento de hacer ¿no? es brusco, brusco en su forma de ser ¿No?; entonces, ahí eh...por eso te digo y **simplemente satisface su yo animal y punto, se acabó.** (Sonia/38)*

*Más importante es para los hombres, porque a veces **los hombres son personas impulsivas, quieren, quieren agarrar a una, hacer con otra** y eso es, el hombre mayormente está en eso, en ese pensamiento. (Olinda/21)*

Para los hombres [el sexo es más importante], para ellos ¿no?

¿Por qué?

Porque, ellos paran pendiente en eso. Ven a una... una huambra y que tenga un bueno (faz gesto aludindo à bunda), ya están medio locos ya; en cuanto a una mujer no, uhm...se va y viene.

Uhm ¿Y por qué crees que los hombres tengan esta cosa más desarrollada?

*No sé, por ser hombre creo, me imagino que **su potencia le exige, le debe exigir, no sé o...o porque será loco ya pues (risos).** (Daniela/23)*

Além disso, a inserção e o pertencimento ao mundo da rua, como afirma Olinda (21), seria uma predisposição para este tipo de atitude: *porque el hombre*

está constante más en la calle, porque le... quizás sus mentes más, más abierto quizás de ellos.

O fiscalismo, tal como apresentado, também atinge as mulheres, no entanto é mais referido em relação aos homens. Além disso, há uma diferença importante: quando se trata de mulheres fica implícito que a dita “necessidade do corpo” deve ser satisfeita em um relacionamento estável, e não com “qualquer um”, como ocorreria com os homens.

*A veces porque son pareja, o sea tanto mujer y hombre necesitan tener pues ¿No? ya pues, eso
 Cuando hay una pareja ¿Por qué crees que es importante tener relaciones sexuales?
 O sea porque mira, como digo, todos tenemos necesidad a veces la mujer y el hombre ¿No?
 y bueno, para satisfacerse ambos, digo (risos)
 ¿Necesidad en qué sentido?
 De que la mujer y el hombre sienten, todos sentimos. (Talia/20)*

Para algumas entrevistadas, as mulheres possuiriam maior capacidade de gerenciamento das necessidades físico-sexuais e/ou estas seriam menos urgentes.

*[...] creo que la mujer se sabe contener más que el hombre
 ¿Por qué crees que será?
 Por que el hombre se deja llevar por el momento digo yo, por su instinto de varón que si no lo hace ya pues, se va a hacer menos no sé... tanto el varón como la mujer tienen deseos, tienen deseos, pero ellos no se saben contener ellos nomás te dicen como otros también que no te preguntan y te botan de una manera brusca ¿no? y así no debe ser. Pero de mi parte nunca, nunca hasta el día de hoy puedo decir que yo he propuesto hacer relaciones con alguien siempre espero a que me lo pidan. (Wendy/25)*

3.6 Reflexões finais

Os dados apresentados no presente capítulo apontam uma localização da atividade sexual feminina no interior de relações de reciprocidade, em que o eixo relacional é fundamental. Isto é claro desde a iniciação sexual, quando a maioria das mulheres “entrega” o acesso à sua sexualidade como parte de uma troca, esperando como retribuição um compromisso a longo prazo, baseado em sentimentos de amor e respeito – avaliados como de grande importância. Elementos como curiosidade e vontade de experimentar também se apresentam, mas subordinam-se ao requerimento principal, que é o carinho / amor e à expectativa de aliança duradoura.

O tema da infidelidade feminina é interessante porque embora, sob determinada perspectiva, atenta contra a estabilidade conjugal; paradoxalmente, pelo menos na maioria dos casos analisados, o valor da conjugalidade é motivação central. São experiências em que, de um ou de outro modo, os ideais conjugais são recriados. Só em um caso se justificou a infidelidade pela necessidade incontrolada de prazer. De modo que a infidelidade como busca do prazer fora dos marcos da relacionalidade, ou seja, como “domínio auto-referido” (SALEM, 2006, p. 421), constitui uma exceção mais do que uma regra entre as mulheres entrevistadas.

As reflexões explícitas sobre a importância do sexo apontam também nessa direção. A atividade sexual é considerada como aspecto relevante da vida, e esta importância é atribuída ao bom andamento da união e da harmonia familiar.

Por outro lado, embora não seja presente com a relevância do discurso relacional, nos três temas abordados há um discurso centrado na concepção fisicalista, que aponta a “necessidade corporal” como motivação da atividade sexual. Assim, uma das entrevistadas indica como razão da primeira relação sexual o temor de que seu corpo *se malogre*. Entre as situações de infidelidade, uma foi decorrente de desejo urgente e incontrolável do corpo. As respostas acerca da importância da atividade sexual ressaltam este discurso: várias informantes destacaram a necessidade de satisfazer esta demanda do corpo, para o bem-estar pessoal. No entanto, para a maioria das mulheres que declararam tal posicionamento, trata-se de um desejo que, idealmente, deveria ser satisfeito no âmbito de um relacionamento conjugal ou estável. Deste modo, a retórica fisicalista é englobada por um discurso que destaca os princípios da relacionalidade e do valor família.

4 SEXUALIDADE FEMININA COMO RECURSO: TROCAS ECONÔMICO - SEXUAIS

4.1 Introdução

A ideia de que a prostituição ou comércio sexual é amplamente generalizado na região amazônica forma parte do conjunto de representações mais correntes que existem sobre a dita região no país. Tal concepção, estreitamente vinculada com outras, como a iniciação sexual precoce das jovens, seu ardor sexual e a permissividade de suas famílias em torno do exercício da sexualidade, contribuem para que a região seja considerada como um “paraíso sexual”, conforme apontado no capítulo anterior.

Não se trata aqui de discutir a veracidade das afirmativas acerca da existência de uma extensa prática da prostituição neste contexto, comparativamente a outras regiões do país (o que, aliás, seria inviável, pela escassez de dados quantitativos sobre a questão)⁶¹. No entanto, este capítulo é iniciado chamando a atenção sobre o tema da prostituição, por ser o primeiro aspecto que é evocado, quando o tema das trocas econômico-sexuais se coloca, sobretudo em uma região conhecida por uma suposta liberalidade sexual. A intenção é deixar claro que o foco deste capítulo não será a prostituição, mas as trocas econômico-sexuais que ocorrem de maneira mais corrente, em setores amplos da população. Trata-se de assunto de importância crucial para o entendimento do lugar da sexualidade, no que tange à construção de si, entre as mulheres neste contexto.

Diversos estudos dedicados ao tema da sexualidade na Amazônia mestiça e/ou urbana do Peru (BANT; MOTTA, 2001; FULLER, 2004a; RUIZ-BRAVO et al., 1998) apontam, como relevante característica da sexualidade feminina heterossexual, o fato de ter lugar importante como recurso para alcançar fins específicos. A apresentação do corpo de maneira atraente e o desempenho sexual seriam atributos destacados de maneira explícita, em negociações em diversos

⁶¹ Apesar de avaliar que esta se trate de uma atividade econômica importante na região, por diversas razões, como por ocorrer em uma zona de fronteira e destino de frentes de trabalho de homens (CHIRIF, 2004). Além disso, a existência deste tipo de representação das mulheres locais poderia orientar os consumidores de serviços sexuais para este local, o que, por sua vez, contribui para o aumento da oferta.

registros de relacionamentos – desde os mais casuais até as uniões conjugais. O uso da sexualidade feminina tem sido apontado como tendo maior destaque nesta região, em comparação com outras do país. Assim, Fuller afirma que: “los dos rasgos que diferencian a las Iquiteñas [de las mujeres de otras regiones del país] son que ellas se percibirían como sexuadas y usarían sus habilidades eróticas para conseguir sus fines.” (2004a, p. 123).

Este estudo não é comparativo, de modo que não se trata de desenvolver uma discussão aprofundada sobre as diferenças em torno do uso da sexualidade como recurso, nos diferentes âmbitos culturais do Peru. No entanto, considero importante destacar, para além das diferenças segundo contexto – dentro e fora do país – que tal prática se apresenta na maioria das sociedades conhecidas. Assim, Tabet (2004), em estudo que considera dezenas de sociedades ao redor do mundo, em diferentes períodos históricos, afirma a ampla generalidade deste fato. O tema já foi, inclusive, abordado por Mauss [1924] (1971). Nesse sentido, partimos do princípio de que esta modalidade de prática não consiste em uma particularidade do contexto investigado. Contudo, o que parece ser particular, levando-se em conta o panorama nacional, é o caráter mais explícito que o dito fato tem nesta região.

Análises prévias (ARIAS; ARAMBURU, 1999) sobre o tema efetuam um deslizamento indevido, ao considerarem o tipo de troca aqui abordado como prostituição. Esta interpretação do que ocorre neste contexto parece ser inadequada, já que congrega sob a mesma denominação – prostituição – trocas com significados bastante diversos. Este esclarecimento não exprime uma posição moral que desqualifica o comércio sexual ou a prostituição propriamente dita. Assim, não se trata de uma “defesa” diante de “imputações desonrosas”. A presente análise não assume qualquer posicionamento moral, diante de trocas entre sexo e bens materiais /dinheiro. Trata-se aqui de apreender os significados culturais específicos que adquirem na região. Conforme será visto adiante, as concepções vigentes, para a grande maioria dos casos, se distanciam da lógica da transação comercial.

Neste capítulo são apresentados os achados da pesquisa sobre o tema das trocas econômico-sexuais. Parte-se do pressuposto de que, dado o destaque que tem sido atribuído à temática, e os maus-entendidos que emergem, é fundamental um aprofundamento acerca deste tema, como parte do objetivo de explorar o lugar da sexualidade para a construção de si, no caso destas mulheres.

Centrar a atenção sobre a dimensão econômica, como aspecto relevante para compreender a cultura sexual da região, possibilita o risco de um entendimento de que a dinâmica sexual, no contexto de estudo, se reduz a esta dimensão, como campo fragmentado. Tal não é o caso, a sexualidade é aqui tratada como um terreno complexo, no qual confluem questões de diversas ordens; o econômico, dependendo da situação, pode não surgir como um compartimento estanque da vida, mas entranhado no mundo dos afetos e da solidariedade.

Em primeiro lugar será apresentado um breve panorama transcultural, a partir do qual são desconstruídos os significados mais frequentemente associados às trocas econômico-sexuais, em sociedades modernas. A seguir, uma revisão de aportes teóricos de utilidade na abordagem do tema em questão para, finalmente, uma análise dos depoimentos das entrevistadas, à luz do referencial teórico.

4.2 Um olhar transcultural sobre as trocas econômico-sexuais

As trocas econômico-sexuais entre homens e mulheres (no sentido da provisão masculina de benefícios materiais e, em função disso, ter acesso à sexualidade das mulheres), no marco de relacionamentos heterossexuais (legítimos e ilegítimos, de curta ou longa duração, etc.) constituem uma realidade em grande número de sociedades, em diferentes momentos históricos. No entanto, os significados que adquirem em cada contexto é muito diverso.

A denominação “troca econômico-sexual” (TABET, 2004) é aqui utilizada por ser uma noção que compreende, além de qualquer significação específica, um terreno complexo e diversificado. Trata-se de uma categoria aberta, com a capacidade de albergar qualquer modalidade de troca que envolva sexo e benefício econômico, na qual a prostituição é um tipo, entre tantos outros. Tal desvinculação específica com a prostituição é relevante, já que consiste em uma categoria plena de conotações negativas, além de ser a mais frequente, no senso comum, quando se aborda o tema.

Tratar o tema das trocas econômico-sexuais sob uma perspectiva mais ampla requer, para começar, um esforço de desconstrução dos significados com os quais são geralmente vinculadas em sociedades modernas. Nesse sentido, serão revistos

brevemente os princípios que sustentam as noções modernas, que opõem categorias como amor e dinheiro. A seguir, serão apresentados alguns casos, que permitem uma relativização das ditas categorias e fornecem elementos para a análise aqui empreendida.

Em sociedades modernas, o ideal conjugal ou de relacionamento afetivo-sexual considera o amor como valor central para cimentar as relações entre as partes. Com base na argumentação de Salem (2007) sobre o tema da conjugalidade moderno-igualitária, é possível descrever este tipo de vínculo a partir de princípios estruturantes da configuração social da qual faz parte, como igualdade e psicologização.

O princípio de igualdade estabelece que homens e mulheres não deveriam estar encaixados em papéis pré-estabelecidos, já que “a indiferenciação valorativa de domínios, atributos e funções impõe-se como premissa.” (SALEM, 2007, p. 174). Em sintonia com este ideal, a divisão sexual do trabalho apontada por Lévi-Strauss (1969) como a base da reciprocidade entre os sexos, não teria aqui esta função⁶². Salem propõe que, em configurações sociais moderno-igualitárias, a reciprocidade conjugal se baseia no que denomina “complementariedade simétrica” (p.174), concernente a uma reciprocidade no plano subjetivo, esfera na qual são admitidas e, até enaltecidas, as diferenças. Assim, nos relacionamentos conjugais, “mais que um vínculo de deveres e direitos, os parceiros estabelecem um encontro psicológico” (p. 175). Idealmente, formar um casal deveria ser mais uma questão de “livre” escolha do que uma necessidade imposta por uma incompletude social inerente.

Por outro lado, a fragmentação de esferas própria da modernidade teria contribuído para a configuração de ideais, nos quais aspectos utilitários, próprios da esfera econômica, se distanciam do mundo dos afetos. O mercado é a instância na qual, idealmente, os indivíduos – homens e mulheres – deveriam satisfazer suas necessidades econômicas, na medida em que o relacionamento amoroso e o mundo doméstico consistiriam fundamentalmente em espaços para compartilhar experiências internas e afeto. Considerações de caráter calculista entre os parceiros,

⁶² Segundo Goudbout (1999) “[...] a sociedade moderna permite que todo indivíduo que assim o desejar viva só, sem filhos, sem relacionamentos familiares, sem amigos, “sustentado” exclusivamente, ou quase, pelo mercado e pelo Estado, pela remuneração que lhe propiciam suas contribuições como trabalhador. Poucos o fazem sem dúvida, pelo menos voluntariamente, mas é importante insistir nessa possibilidade que constitui o horizonte da relação social moderna” (p. 38).

referentes às questões materiais, não deveriam ser a motivação primordial do relacionamento.

A partir destas considerações, configura-se uma oposição entre amor e interesse econômico, tão presente na visão do mundo moderno-igualitária. Neste esquema ideológico, os relacionamentos nos quais constam explicitamente compensações econômicas ou benefícios materiais – vinculadas ao acesso sexual – são designados de maneira negativa, como prostituição ou, no mínimo, “interesse”.

Por outro lado, em sociedades nas quais predomina uma visão do mundo mais tradicional, em que os parceiros são tidos como diferentes e, portanto, a reciprocidade entre eles é instituída a partir de uma complementariedade de funções, questões concernentes ao acesso sexual, associadas a um caráter econômico, são possíveis e legítimas entre o casal. Neste panorama, aliás, as esferas econômica e doméstica não estão necessariamente separadas e podem contar com diversos níveis de justaposição. Alguns casos etnográficos são ilustrativos.

Os Sharanahua, uma sociedade de caçadores e coletores da Amazônia peruana, estudados por Siskind (1977), têm uma economia baseada em uma estrita divisão sexual do trabalho, produto da qual as mulheres só podem ter acesso ao produto da caça (a carne – bem muito apreciado neste contexto) por intermédio de um relacionamento com um caçador. Para os homens, por seu lado, uma das mais almejadas recompensas por serem bons caçadores é o acesso a esposas e amantes. Siskind nomeia este sistema de “*hunting economy of sex*”.

Malinowski (1922), ao descrever a sexualidade trobriandesa, aponta que os homens, desde jovens, entregam algum presente para as mulheres, após um encontro sexual, o que consiste em uma situação legítima e por elas esperada, tanto em relacionamentos casuais ou de curta duração quanto em vínculos mais estabelecidos, como o casamento. A dádiva ou recompensa entregue à mulher é qualificada como *mapula*, uma categoria geralmente usada nesta sociedade para nomear o pagamento por algum serviço prestado (como a construção de uma canoa, bruxaria, etc.), definida como sinal de reconhecimento e boa acolhida.

Zalduondo e Bernard (1995), ao abordar as trocas econômico-sexuais no contexto de uniões conjugais em áreas urbano-populares em Porto Príncipe (Haiti), referem que as mulheres demandam explicitamente compensações materiais aos maridos, pelos “favores sexuais” fornecidos. Estas retribuições, afirmam os autores,

não são equivalentes a pagamentos comerciais, que seriam considerados impessoais e insultantes, mas se trataria de demonstrações de consideração e gratidão pelo favor concedido, uma vez que, neste contexto, a atividade sexual da mulher é entendida como trabalho duro. Aliás, “Any woman who has sex with a man without requiring or being offered tangible benefits in return, is considered incosequential/frivolous/disreputable (*pa serye*), stupid (*bèt*) or deviantly/sensual/lascivious (*chanel*)” (p. 167). De acordo com estes autores, no Haiti, a demanda das mulheres por compensação econômica como retorno da atividade sexual:

[...] is no more (or no less) a form of commercial sex or prostitution than is the marriage contract in Western industrial societies [...]. **What is distinctive here is that women’s economic returns for sexual and conjugal relations are legitimated, and thus rendered ‘thinkable’,** by the cultural constructions of female and male sexuality. (p. 167, grifo nosso).

Os casos apresentados evidenciam que a solidariedade conjugal é construída a partir de um reconhecimento explícito da troca econômico-sexual, como importante aspecto da dinâmica do relacionamento. No entanto, isto não significa que, em toda sociedade hierárquica, com papéis diferenciados para homens e mulheres, exista uma tendência à visibilização do componente sexual da troca nas negociações conjugais. Conforme mencionado anteriormente, trata-se de um cenário possível.

Diversos fatores entram em jogo no que concerne ao nível de legitimidade de demandas abertas em torno das trocas econômico-sexuais. Por exemplo, ideais culturais sobre modéstia sexual feminina, mais ou menos desenvolvidos, desempenham um papel importante. Assim, por exemplo, no caso do Peru, a área cultural amazônica vem sendo caracterizada como aquela na qual a sexualidade constitui um relevante recurso a ser negociado, em comparação com outras áreas do país (Costa e Andes). Nestes contextos, o recato e a modéstia sexual feminina são mais enfatizados (FULLER, 2004a). A diferença se verifica, embora nos outros contextos – pelo menos nas camadas populares – também exista um forte ideal conjugal tradicional-hierárquico.

Cabe ainda referir o abismo que separa as categorias “mulher boa”-relacionamento afetivo, por um lado, da prostituta-comércio sexual impessoal, por outro. Abismo que obedece, em grande medida, aos discursos que separam

radicalmente os âmbitos do sexo-amor, do dinheiro-interesse⁶³. Tabet (2004) fornece um interessante panorama, desconstruindo estes opostos inconciliáveis, mediante uma análise transcultural de três aspectos das trocas econômico-sexuais: categorias de pessoas, temporalidade e tipos de serviços/remuneração.

No que concerne às pessoas, a autora indica como, em muitos contextos, as mulheres que participam de algum tipo de comércio sexual não são classificadas de maneira permanente. Elas não são prostitutas, no sentido de uma marca permanente de identidade, a prática da prostituição seria entendida como atividade temporal, que não é capaz de defini-las de modo integral. Tabet (2004) cita um estudo de Ardner (1962) sobre mulheres Bakweri, Camarões, como exemplo deste fato. Nesta sociedade é frequente que as mulheres – em suas trajetórias sexuais – intercalem períodos de prostituição, concubinato e matrimônio.

No que tange às modalidades de relacionamento, em particular, a dimensão temporal, a autora aponta diferentes situações intermediárias, entre o que é habitualmente conhecido como “matrimônios por toda a vida” e prostituição, no sentido de um relacionamento pontual, de caráter passageiro e remunerado de maneira imediata. Um caso interessante é o dos Amharas da Etiópia: ali há, além de diversas formas de prostituição e de outras tantas de casamento, a categoria “esposas-albergue”, mulheres com as quais os homens se unem por períodos limitados de tempo, geralmente em viagens. Neste tipo de vínculo o homem deve pagar uma remuneração à mulher, o que é objeto de negociações abertas. Por seu lado, a mulher deve prestar serviços sexuais e domésticos pelo tempo combinado, que pode ser uma semana, um mês ou, até, um ano. Trata-se de uma modalidade de união legítima e reconhecida por lei. Se a mulher não receber o pagamento acordado pode processar o parceiro e, aliás, um filho produto desta união tem direito à herança paterna.

Uma série de variáveis também se apresenta em torno dos serviços e do aspecto econômico. As relações prostituta-cliente entre os Bakweri são muito interessantes, pois não são impessoais nem anônimas, como em outros contextos. A prostituta fornece serviços domésticos, como a preparação de refeições, no caso de cliente regular. A partir deste dado, Ardner (apud TABET, 2004) postula que tais relações se assemelham a uma categoria de conjugalidade que denomina como

⁶³ Sem perder de vista que tal distinção também se vincula, embora em outro plano, às diferentes configurações de gênero que delineiam as sexualidades masculina e feminina.

“hiperpoliandria”. Por outro lado, no que tange ao valor da tarifa, também haveria uma situação intermediária, ao não ser esta definida com critérios rigorosos.

A apresentação deste panorama transcultural possibilita uma relativização da validade de algumas noções fortemente arraigadas em torno das trocas econômico-sexuais nas sociedades modernas contemporâneas.

Tabet (2004), que tem elaborado um dos estudos comparativos mais extensos sobre o tema, afirma que, além dos significados específicos que esta modalidade de trocas possa ter, a forma mais frequente em que acontecem – em se tratando de relacionamentos heterossexuais – é no sentido da oferta de favores sexuais pelas mulheres, enquanto os homens fornecem benefícios materiais. Afirma tratar-se de uma realidade amplamente generalizada e passível de ser rastreada, em alguma medida, na maior parte das sociedades conhecidas. Revisitemos brevemente a proposta explicativa da autora sobre este assunto.

Para Tabet, esta situação é o resultado da “mais complexa, sólida e durável das relações de classe da história humana, a relação entre homens e mulheres”⁶⁴ (p. 180) (tradução nossa). Esta autora define tal vínculo a partir de uma consideração de caráter universalista, marcada pela dominação masculina. A partir de uma perspectiva marxista, afirma que os elementos que permitiriam explicar este tipo de relação de classe seriam: “a divisão sexual do trabalho e o acesso diferenciado de mulheres e homens a recursos, aos meios de produção e ao conhecimento nas sociedades em estudo”⁶⁵ (p. 180, tradução nossa).

O trabalho realizado pelas mulheres é descrito, em termos gerais, como muito maior do que o empreendido pelos homens, o que permitiria a elas uma concentração de riquezas e, assim, o acesso ao serviço sexual das mulheres. A autora levanta a hipótese de que “é a mais-valia do trabalho das mulheres [...] que, somado ao abismo econômico (e técnico) entre os homens e as mulheres, possibilita, desde as sociedades mais simples, a troca econômico--sexual.”⁶⁶ (p. 181, tradução nossa).

⁶⁴ O trecho correspondente na tradução é: “più complesso, solido e duraturo rapporto di classe della storia umana, quello tra uomini e donne”

⁶⁵ O trecho correspondente na tradução é: “la divisione sessuale del lavoro e l’accesso differenziato di donne e uomini alle risorse, ai mezzi di produzione e alla conoscenza nelle società note”

⁶⁶ O trecho correspondente na tradução é: “È il sovrappiù di lavoro delle donne [...] con il divario económico (e tecnico) tra uomini e donne, que rende possibile, fin dalle società tecnologicamente più semplici, lo scambio sessuo-economico”.

Tabet chega à formulação desta tese contrastando situações de troca vinculadas a contextos com condições socio-econômicas e culturais muito distintas. A apresentação deste amplo panorama é uma contribuição extremamente relevante. Além de permitir relativizar pressupostos modernos sobre o tema, assunto que já foi antes tratado, permite ter uma ideia do amplamente estendido do uso do sexo como recurso. A partir desta constatação, é possível questionar os estudos que, no contexto nacional peruano, por exemplo, têm afirmado o caráter de recurso da sexualidade feminina como especificidade da região amazônica.

Contudo, as conclusões de caráter universalista da autora são passíveis de questionamento. Para chegar às mesmas a autora privilegia aspectos estruturais vinculados com os atos de troca (de sexo por dinheiro/bens materiais), deixando em segundo plano os significados culturais. Este aspecto é problemático, considerando que, desde uma perspectiva construtivista forte (VANCE, 1999), estes atos só adquirem realidade social a partir dos significados que os tornam inteligíveis.

Em outro plano ainda pode acrescentar-se que a tese da autora obscurece a dimensão mais micro dos jogos de poder sutis, que ocorrem entre os gêneros, embora trate-se das circunstâncias de maior dominação masculina.

A formulação teórica de Tabet é relevante, por se referir ao tema de interesse, mas seu caminho teórico dirigido à identificação de causas universais distancia-se dos propósitos que orientam esta pesquisa. Em convergência com a proposta construtivista, este estudo propõe explorar as diversas concepções que dão sentido às trocas econômico-sexuais, no contexto investigado. A seguir são apresentados alguns conceitos relevantes para tal fim.

4.3 Troca de dons: algumas aproximações teóricas

Tratar o tema da troca remete necessariamente ao clássico trabalho de Mauss [1924] (1971): *Ensaio sobre a dádiva*, pioneiro em destacar a importância central do dar, receber e devolver, na vida social de sociedades por ele designadas como arcaicas ou primitivas. Seu estudo se baseia em uma revisão comparativa de informações de três áreas: Melanésia, Polinésia e Noroeste norte-americano, além de dados acerca dos direitos indo-europeus (romano, hindu clássico e germânico).

De acordo com Mauss, nas referidas sociedades, os códigos de direito contratual e os sistemas de prestações econômicas – com grande diversidade e complexidade – encaixam-se no que nomeia “fenômeno social total”, instância na qual se expressam múltiplas instituições: religiosas, jurídicas, morais e econômicas. Nas palavras do autor, elas concorrem “a la vez y de golpe”. (MAUSS, 1971, p. 57). Trata-se de um tipo de configuração social complexa, com lógicas econômicas e contratuais específicas, diferentes daquelas que caracterizam as sociedades modernas, nas quais há uma clara segmentação de esferas. A troca de presentes é destacada por Mauss como um aspecto central destes sistemas sociais “totais”, particularmente revelador de sua lógica específica.

Ao investigar as trocas, Mauss constata que a entrega de presentes, aparentemente fruto da generosidade, contém, de fato, uma obrigação de devolução. A partir desta constatação coloca sua pergunta central: “¿Cuál es la norma de derecho y de interés que ha hecho que en las sociedades de tipo arcaico el regalo recibido haya de ser obligatoriamente devuelto? ¿Qué fuerza tiene la cosa que se da, que obliga al donatario a devolverla?” (p. 157). A partir destas perguntas, Mauss desenvolve uma multiplicidade de ideias, dentre as quais interessa, no que concerne ao estudo aqui desenvolvido, o que seria a diferença entre a economia da dádiva e a de mercado.

Para compreender as diferentes lógicas de funcionamento da economia da dádiva e a de mercado, segundo a proposta de Mauss, uma primeira diferença a ser considerada refere-se à relação entre coisas e pessoas. Segundo este autor, nas sociedades modernas, há uma clara separação entre o proprietário e a coisa que é possuída, que é alienável e pode ser objeto de transações comerciais impessoais. Por outro lado, em sociedades tradicionais, os objetos nunca são completamente separados de quem os oferece, são inalienáveis e, nesse sentido, guardam algo da alma da pessoa. Nestas sociedades, a troca de presentes enfatiza a relação que se estabelece entre os envolvidos na transação. Portanto, é, antes de tudo, uma afirmação de vínculos sociais. A diferença poderia sintetizar-se, nos termos de Gregory (1982), da seguinte maneira: “commodity exchange is an exchange of alienable things between transactors who are in a state of reciprocal independence” (p. 2); mientras que “gift exchange is an exchange of inalienable things between persons who are in a state of reciprocal dependence.”(p. 19).

A troca de presentes na economia da dádiva possui uma dimensão “espiritual”, capaz de gerar relações de diversos tipos, seja de solidariedade e ajuda mútua, como de rivalidade e competição. A força expressiva de um presente pode fazer com que este seja tanto uma manifestação de afeto, de modo a promover uma aliança entre as partes, como uma humilhação, acarretando ruptura de vínculos ou expressão de hostilidade.

A partir destas considerações, conclui-se com Coelho (2006) que: “é porque as coisas trocadas constituem veículos para a expressão das pessoas que as trocam que a dádiva deve ser entendida como um sistema de troca de natureza qualitativamente distinta do sistema mercantil, regido pela regra da impessoalidade.” (p. 24).

Em uma mesma sociedade ambas podem funcionar, uma vez que não se trata de lógicas excludentes. Desta maneira, Mauss aponta nas conclusões do “Ensaio...”, uma variedade de contextos nos quais a lógica da dádiva tem lugar, em sociedades européias contemporâneas. Afirma que “las cosas todavía tienen un valor sentimental además de su valor venal” e que “la invitación y los gestos amables han de devolverse” (p. 246). Godbout (1999) segue a pista de Mauss, aprofundando a análise da dádiva em sociedades modernas. Este autor afirma que, apesar do ideal de não precisar da dádiva e da tendência à sua substituição pelo Estado e pelo mercado, nas sociedades modernas, a dádiva – com as particularidades específicas impostas por estas configurações sociais – segue em vigor.

Por outro lado, não se observa, em todas as sociedades, que as trocas de mercado sempre contenham a mesma conotação moral. Nesse sentido, esta separação dos modelos de dádiva/mercado não é essencial, mas apenas uma referência, passível de marcar certas tendências. Sobre a questão, Bloch e Parry (1989), na introdução de uma coletânea sobre os significados associados ao dinheiro (por excelência, signo da economia mercantil) em nichos culturais, com diversas formas e graus de articulação à economia de mercado, afirmam que:

Where it is not seen as a separate and amoral domain, where the economy is ‘embedded’ in society and subject to its moral laws, monetary relations are rather unlikely to be represented as the antithesis of bonds of kinship and friendship. (p. 9).

Até aqui foram apresentadas as reflexões da teoria da dádiva de Mauss de maior utilidade para este estudo, sob uma perspectiva ampla em torno do tema da troca. No que tange especificamente às trocas econômico-sexuais entre homens e mulheres, o *Ensaio* de Mauss oferece poucas e breves referências. Contudo, nelas efetua afirmações de caráter contundente. Quando se refere aos achados de Malinowski nas Trobriand, particularmente acerca do *mapula* ou recompensa entregue pelos homens às mulheres com quem têm atividade sexual, Mauss considera este dado de suma importância:

[...] un descubrimiento que permite entender con mayor claridad las relaciones económicas y jurídicas de los sexos dentro del matrimonio. Los servicios de todo tipo prestados por el marido a la mujer se consideran como un salario-don por el servicio prestado por la mujer cuando presta lo que el Corán denomina todavía “el campo”. (1971, p. 192).

Mauss se surpreende com a afirmação de Malinowski, de se tratar de um caso de “dádiva pura”. Para ele tal noção não existe. Considera, antes, que, precisamente, uma das grandes contribuições de Malinowski “que aclara profundamente las relaciones sexuales de la humanidad, es el relacionar *el mapula*, el pago ‘constante’ del hombre a su mujer, con una especie de salario por los servicios sexuales prestados.” (p. 254). Desta maneira, para Mauss, as trocas econômico-sexuais entre homens e mulheres – na relação matrimonial – estão inseridas em uma economia da dádiva, segundo a qual os presentes de aparência mais desinteressada são, na verdade, “contraprestaciones, hechas no sólo para pagar un servicio o una cosa, sino también para mantener una relación beneficiosa.” (p. 254).

As referências de Mauss a este tipo de trocas centram-se na participação de homens e mulheres, como sócios nestas transações. No entanto, algumas trocas envolvem a participação de outros atores, geralmente da família da mulher, sobretudo quando ela é jovem e está iniciando sua trajetória afetivo-sexual. Sobre estas situações, cabe a menção à teoria de Lévi-Strauss (1969) sobre troca de mulheres.

Este autor propõe uma teoria geral do matrimônio, na qual retoma a ideia de Mauss sobre a dádiva como criadora de alianças, destacando que as mulheres consistem nas dádivas mais preciosas, pois sua troca, além de criar alianças, produziria vínculos de parentesco. Neste esquema, apontado pelo autor como

universal, os atores das transações seriam os homens, enquanto as mulheres seriam os meios, de forma que as relações de reciprocidade resultantes da união seriam fundamentalmente alianças entre homens.

Para além das críticas a esta teoria de Lévi-Strauss, sobretudo em torno de sua pretensão de validade universal e sua desconsideração por outros tipos de troca – de homens ou de homens e mulheres por grupos de homens e mulheres (TABET, 2004) –, trata-se de abordagem interessante, por iluminar as relações de reciprocidade criadas a partir do vínculo do casal (homem e mulher), mas que o transcendem. Tal panorama, apesar de não ser o caso da maioria de mulheres participantes desta investigação, é relatado por algumas delas.

O panorama teórico aqui apresentado refere-se apenas a uma pequena parte da vasta bibliografia sobre a temática da dádiva na história da antropologia, desde o trabalho pioneiro de Mauss. No entanto, trata-se de ideias fundamentais, que permitem realizar uma aproximação esclarecedora do tema em questão.

4.4 Trocas econômico-sexuais em Iquitos e Pucallpa

Ao reconstruir suas trajetórias afetivo-sexuais, as informantes se referiram, fundamentalmente, aos relacionamentos conjugais e de namoro. Estes serão os tipos de relacionamentos aqui abordados. Em outro plano e em seção diferenciada apresentam-se aqui os relacionamentos intergeracionais entre “mulheres jovens” e “homens mais velhos”. A escolha por tratá-los em separado obedece ao destaque atribuído neste contexto e sua utilidade na configuração da noção de relacionamento “por interesse” vigente. Os casos de relacionamentos intergeracionais aqui abordados incluem vínculo conjugal, de namoro e de amantes.

4.4.1 Homem como provedor

De acordo com as entrevistadas, os homens, desde as primeiras aproximações, em situação de conquista, deixam clara sua disposição para *servir* ou

atender a mulher e os filhos que ela possa ter, o que significa assumir a responsabilidade das despesas cotidianas. Nos depoimentos das informantes este argumento se repete de maneira constante, denotando tratar-se do principal roteiro de conquista masculino. Tais ofertas teriam por propósito a demonstração de sérias intenções, isto é: estabelecer um compromisso de longo prazo, sob a forma de um relacionamento estável, ainda que tais intenções não sejam necessariamente reais:

[...] como yo era sola...me...me dijo que me iba apoyar, como yo trabajaba ya, pero ya no estudiaba ya pues...ya se truncó ahí [...] ya no podía estudiar...que me va apoyar estando con él.

¿En qué se ofreció que te iba apoyar?

Que me iba a apoyar con el estudio, con mis hermanos... y lo cual no fue así. (Beatriz/46)

[...] bueno y ahí que me molestaba...que quiere hacerse de familia conmigo...que no tiene ni un hijo...no tiene mujer...que quiere hacerse de familia conmigo, no le importa así que tenga una hija...él se va hacerse cargo de mi hija, todo lo que falte, le va a hacer educar, todo, todo, todo como un padre, será de repente, mucho más mejor que su papá... no sé y tanto así que me calentaba la cabeza me ha llegado a...a convencerme a conquistarme. (Bertha/43)

[...] había una bodega en la misma esquina y un tronco de mango y a la dueña de la tiendita le digo “señora tráigame un par de gaseosas, pero acá” entonces ella me trae a la mesita entonces siento a mis hijos todo y él “¿pura gaseosa van a tomar?” entonces ha pedido él leche [...] en los vasos de gaseosa les ha echado leche “ya, su gaseosa con leche van a tomar” y mi hijita la finada la mujercita era bien habladora, bien habladorita era ella y ella pues le dice “¿Por qué me estás invitando leche?, tu no eres mi papá” le dice; “No, yo soy su amigo de tu mamá” le dice; “¿Sí, le quieres a mi mamá?”; entonces “No, es mi amiga” le dice; “Pero ¿no le quieres a mi mamá?” le dice (risos) le decía ella; “Sí, le quiero porque es una buena amiga” le dijo “ah ya”. Entonces ellos han tomado su leche con unos bizcochos con mantequilla, todo ha pedido él y se han ido pues a jugar tomando eso y yo me quedé sentada mirándoles ahí y él me dice “¿Verdad estás sola?”; “Sí, estoy sola”. (Ursula/45)

O último depoimento, além de ilustrar a importância da demonstração da capacidade masculina de prover a mulher e seus filhos na situação de conquista, é interessante por mostrar a ideia da dádiva como símbolo de interesse em uma relação, como fato que pode ser evidente até para uma menina com menos de dez anos⁶⁷, segundo o depoimento da mãe.

Para as mulheres é importante que o homem se mostre disposto a pagar as contas desde os primeiros encontros, já que, além de demonstrar sua capacidade para sustentá-las, isto é compreendido como sinal de compromisso.

Quando tú salías con él y comían algo y eso ¿Cómo era el, digamos, lo de pagar?

Él me invitaba, yo llevaba, yo tenía mi platita ahí, de lo que me pagaban ¿No? pero no, no me, nunca me ha gustado que yo le invite a los hombres, nunca, él me debía de invitarme a mí, no yo, algún día me dijo, este, que no tenía plata y me ha dicho “Invita tú” o “Paga tú” me ha dicho, “No”, le digo, “Yo – le digo – Yo no voy a pagar”, a pesar que era sonsa, pero yo, yo me daba cuenta ¿Di?, “Tú me has invitado, no te he invitado yo”, le digo, “Tú me has invitado a salir, así que tú tienes que invitarme y tú paga”, le digo, y nunca más, nunca más me dijo

⁶⁷ Em outro momento de seu relato, Ursula indicou que sua filha morreu aos dez anos.

que pague, él me tenía que invitar, yo llevaba mi plata para mi pasaje, para alguna cosa, de repente me deja botando ¿No? algunos te dejan botando (risos) sí pues.

¿Por qué te parece importante que el hombre sea el que pague la cuenta?

[...] bueno pues, de repente pues, algunos se quieren burlar solamente de usted ¿No? por ejemplo que te digan que tú invitas o tú pagas, eso no le veo bien yo, eso es malacostumbrar también al hombre, supongo yo, igual cuando usted tiene su marido o yo tengo mi marido, no sé, por ejemplo tengo una hermana que tiene su marido, ella le mantiene a su marido, entonces para qué tiene su marido, entonces para que ella le mantenga trabajando y él está echado en su cama, vago ahí y de yapa⁶⁸ viene borracho y le pega, y eso no me gusta a mí. (Telma/42)

Cabe apontar que estes sinais de comprometimento são muito importantes, sobretudo em contexto de uniões frágeis, como o aqui investigado. Há uma grande insegurança acerca das intenções masculinas.

Para todas as entrevistadas, uma vez estabelecida a união conjugal, seria um direito legítimo o usufruto dos bens materiais produzidos pelo parceiro. No entanto, não se trata somente de que o parceiro cumpra com seu dever de prover, mas a maneira como isto se dá também é de extrema relevância. O dinheiro deve ser entregue diretamente a elas, para que decidam como administrá-lo, o que é entendido como demonstração de confiança. Além disso, o ato de repassar o dinheiro permite um certo sentido de independência, sensação por elas avaliada como crucial. Alguns depoimentos de mulheres que passaram por situações em que isto não ocorreu, evidenciam o mal-estar então produzido:

[...] él me daba, me daba a veces ah, pero, este, más él hacía las compras, él traía así, el mercado [...] me daba para ir a cocinar, me daba a veces para comprar mi jabón o mi, lo que necesitaba ¿Di?, mis condimentos, eso me daba, pero no me daba tanto [...]

Ah ¿Y tú estabas satisfecha con eso o te sentías incómoda?

Me sentía incomoda porque parece que no tenía confianza de mí, que me dé ¿No? yo lo guardo o veo qué falta, qué compro, qué no compro, en qué voy a gastar, él me compraba hasta mi ropa, mis zapatos, nunca me daba a mí, en cambio él (aponta para seu filho no colo), su papá, me da, yo me voy al mercado con mis hijos, les compro lo que necesitan, él me da, ah por eso me siento contenta con él. (Telma/42)

[...] cuando a un principio, no le recibía nada, nunca le he recibido nada, cuando ya era pareja con él sí, pero ahí ya él sí se tomaba toda la... se creía con todo el derecho, de que yo le pertenecía, no quería que yo trabaje; yo no trabajaba, él nomás era el que aportaba todo semanal cobraba su sueldo y me decía "Acá está la plata" entonces él indicaba qué cosa tengo que comprar, cómo tengo que vestirme y así, y yo no me sentía bien así [...] yo no me sentía bien porque tenía que esperar de él o sea que yo no podía comprar nada mientras que él no me autorizaba y eso a mí me hacía sentir mal porque yo estaba acostumbrada a tener mi dinero, trabajar y comprarme lo que yo quería y al estar ya pues este [...] conviviendo con él, yo tenía que esperar de él, su voluntad de él, si él quería para comprar sino no me compraba "no, eso es para la comida, eso es para otros gastos" y siempre así [...] Él decidía por todo hasta qué cosa se va a comer al siguiente día, todo [...] yo trataba de... le decía a él que "no está bien lo que estás haciendo porque yo no me siento bien, me estás acostumbrando mal". "No, yo soy el hombre y te tengo que dar para eso me he comprometido contigo" y en la realidad no duró mucho

¿Y durante todo el tiempo que tú estuviste con él no trabajaste?

⁶⁸ Adicionalmente.

No, no trabajé. Él pues me daba la semana, la ropa, él mismo me compraba la ropa interior, brassiere, todo lo que tenía que usar o sea que ya como que yo fuera una hija para él y a mí no me parecía bien eso, porque cuando yo me comprometí con él yo tenía mis cosas, la ropa que yo quería me compraba ¿no? cosméticos, pero estando con él no podía comprarme nada. Él tenía que decidir si me voy a poner un labial o un perfume él tenía que elegir y eso no me gustaba a mí, yo reclamaba eso y él se molestaba y ¿qué hacía? “No tú has de vestirme, vas a andar como yo quiero para eso eres mi mujer – siempre decía así – y si tú no haces caso...” y un día le contesté “Acaso yo soy tu hija qué cosa para que me vistas así”, se amargó y me vino y me mandó una cachetada, de ahí empezaron los maltratos. Empezó a maltratarme yo decía “todo tu pobreza te puedo aguantar pero menos el golpe”; “Tú eres mi mujer y yo soy dueño de ti” me decía y eso era pues algo insólito ¿no? como él era mi mayor, pues 15 años mi mayor era y ya pues [ella tenía veinte años en ese momento] yo decía yo soy de su propiedad. (Ursula/45)

A incapacidade ou falta de vontade de um homem no cumprimento de sua responsabilidade constitui motivo legítimo para que sua parceira o abandone, embora nem sempre isto aconteça. Há casos de homens mantidos por elas, situação que carrega um estigma social, mas que não é tão rara. Além de não trabalhar, as causas mais frequentes relatadas de não cumprimento das obrigações econômicas com a família são: desvio de recursos para consumo de álcool e/ou o envolvimento e gastos com outras mulheres.

Más lo que le molestaba era que mi papá ni bien amanecía el día, ya estaba en la esquina tomando y hay veces que mi mamá le decía “¿por qué tomas, no me das para el diario? eh...vienes sin plata” [...]. Entonces, yo, lo que hacía, yo me iba al trabajo y le decía, papá déme lo que has hecho. Y yo me iba llevando a la casa. De ahí ya poco a poco, mi papá iba más metido en el alcoholismo...de ahí yo...yo ya le decía a mi mamá que mejor que no le digue ¡nada!, que no se...por eso mi mamá lavaba duro... ajeno en cantidad, mensual ese tiempo cobraba. [...] Y eso a mi mamá le aburría, a veces nosotros necesitábamos un cuaderno ya no hay... ya no era igual mi papá ya [...] Por eso es que mi mamá se aburre y se va; para qué, ella ha salido con buenas intenciones de la casa...de hacer una chacra y verdad lo ha hecho pues. (Nancy/45)

[...] él ya no regresaba a casa; él salía a trabajar, no regresaba dos, tres días, no dejaba nada para la casa, “Cómo voy a seguir con un hombre así” decía, conversé con mis hijos “¿Para qué le recibes?” me decían “bótale” y entonces eso era pues el problema que ya me... como una lección pues... como le dije “todo comienzo tiene un final y al fin y al cabo mis hijos están grandes, cómo también ya han crecido pero no puedo seguir más contigo” y ya pues él salió ya no estaba en casa, yo seguía trabajando. (Ursula/45)

[...] yo me estoy envejeciendo sin tener, ni siquiera arreglarle mi sala, mis hijitos están creciendo, ni una mesa, ni una cocina, te imaginas, qué he hecho durante mi juventud, dónde está, él no valora señorita, no valora ¿No? él no valora, el hombre debe ser creativo, aunque sea una tushpa, aunque sea un cajoncito donde pones, poner mis tazas, nada señorita, nada, por eso el otro día he dicho “No, así no es, no sé cómo voy a hacer, no sé cómo, no sé”, me siento cansada de ese señor. (Noemi/36)

O término de uma relação pode conduzir à busca de um novo marido para fornecimento de bens materiais para a família, mas a ausência masculina prolongada, embora o relacionamento não tenha terminado, também pode ser a causa da procura por outro parceiro. Por exemplo, Nancy decidiu pelo envolvimento

em outra relação conjugal nos três anos em que seu marido esteve preso, ainda que se considerasse unida a ele e tivesse a intenção de voltar para ele, quando saísse da prisão. Este caso ilustra claramente a condição imprescindível do parceiro, sobretudo sua contribuição, para a viabilidade da unidade familiar.

[...] yo le digo la verdad, que mi esposo está en la cárcel...tengo mis hijos. Y él me dice que me va apoyar...me va ayudar...ya [...] y tres años estaba con esa persona yo. Ajá. ¿Y él vivía contigo o...? No, él venía a la casa, me venía a dar pa mi diario, le llevaba a mis hijos a la escuela y le recogía. A veces le decía "falta esto, falta el otro" me daba. Para qué, me atendía. (Nancy/45)

Esta situação, embora não aceita facilmente pelo marido preso, foi tolerada por ele, dada sua impossibilidade de arcar com as despesas familiares.

[...] cuando yo ya le había ido a ver a mi negro...yo he ido al tiempo... le contaba ¿no? como dice él "¡Ya qué voy hacer yo!, no te acostumbres mucho, nomás – me decía él – de repente, por ahí yo salgo de acá, yo tengo que regresar a mi casa, a mis hijos con mi mujer" me decía. Ajá. ¿Pero, no se molestó? Como dice él "Yo ¡qué te puedo hacer ya! pegarte no puedo... estoy preso, no estoy en la calle a veces te doy la razón, porque no te doy yo nada ¿quién te va a dar?... pero, sepa hacer tus cosas, con quién" me decía él. (Nancy/45)

4.4.2 Trajetórias laborais femininas

Os dados fornecidos até o momento podem acarretar uma impressão de que as mulheres, majoritariamente, não trabalhariam fora de casa, quando contam com um parceiro. De fato, não é isto que se observa, pois o ideal cultural do homem como provedor único da unidade doméstica poucas vezes é alcançado. É verdade que, em vários casos, a narrativa de suas trajetórias laborais consiste em uma listagem de experiências de trabalho que vão sendo interrompidas, à medida em que se envolvem em uniões conjugais, passando a se centrar sobretudo no trabalho doméstico.

[...] yo me he separado de él, lo he dejado cuando mi hijita tenía 3 años, sola yo vivía, otra vez empecé a trabajar en casas, porque lo único que sabía hacer como no tengo, como no he estudiado, no podía hacer otra cosa más, tenía que trabajar para servirle a mi hija, hasta que ya otra nueva pareja me he encontrado (risos). (Telma/42)

Por vezes, o abandono de um trabalho não coincide com o ingresso em uma relação, na qual o parceiro assume o papel de provedor, mas se trata de uma estratégia para forçar um marido *irresponsável* a cumprir efetivamente seu papel.

Ya no trabajo señorita, no trabajo, he evitado el trabajar para que él vea por nosotros, no te digo yo que esto... yo vendo en cualquier cosa, cualquier cosa me meto aunque sea me voy a vender así en los locales, el cigarro, el chicle, mi agua, este, mis gaseosas, eso, me voy a cualquier parte a lavar su ropa, fines de semana, fines de semana a lavar, dos, tres lavadas, y aunque sea alguien que me diga "Limpia mi casa", pues me voy a limpiar su casa así trabajo y después esto, vendo jugo también en las mañanitas, desayunos, y ahorita he dicho "ya no", yo he optado por no trabajar, aunque me duela ahí, pero se va a acostumbrar pues señorita, ese señor le está viniendo más la edad, más la edad ya le he acostumbrado demasiado, por eso, no voy a trabajar, ahí me voy a poner, por más que esté de hambre, ahí voy a estar (risos). (Noemí/36)

No entanto, as idas e vindas da realidade cotidiana conduzem as mulheres, em múltiplas ocasiões, a exercerem tarefas remuneradas, inclusive quando envolvidas em uniões, seja porque o parceiro é um "mantido", seja porque, embora tenha a intenção de trabalhar, há uma escassez de oportunidades laborais para os homens ou, ainda, porque mesmo trabalhando, seu aporte material seja insuficiente – o que, mais do que uma exceção, é a regra. Além destes aspectos, não são poucos os momentos da trajetória de vida das mulheres em que elas não contam com um parceiro, tendo que assumir sozinhas a responsabilidade de se sustentarem e aos filhos. Os percursos laborais das mulheres entrevistadas indicam que todas, em algum momento, realizaram algum tipo de trabalho remunerado (como empregadas domésticas, no comércio informal, vendedoras de lojas, cozinheiras ou pessoal de limpeza em empresas madeireiras, petroleiras, restaurantes, entre outros).

Cabe apontar que, para as mulheres, a possibilidade de trabalhar fora do âmbito doméstico acarreta uma série de arranjos acerca dos cuidados com as crianças, quando a solidariedade entre mulheres é fundamental. Observa-se, com frequência, que a mãe, alguma irmã ou os filhos maiores, sobretudo as filhas, auxiliam no cuidado das crianças pequenas. Por vezes, algum familiar assume a responsabilidade de algum (ou mais de um) filho, por períodos relativamente longos, até por vários anos.⁶⁹ Em face da inexistência de redes familiares próximas são produzidas estratégias entre amigas, o que pode ser ilustrado pelo depoimento de Beatriz:

⁶⁹ Situação referida e nomeada por Fonseca como "circulação de crianças" (1990).

[...] le conocí a una amiga también que tenía una bebé, también era madre soltera y trabajábamos las dos juntas ahí; pero nos turnábamos, ella estaba en la mañana, yo en la tarde; o sea, el trabajo era de seis de la mañana a dos de la tarde y el segundo turno era de dos de la tarde a diez de la noche, ella estaba en la mañana, yo en la tarde; así que yo me quedaba con mi bebé y su bebé de ella, y les daba de lactar a los dos. Y cuando ella regresaba hacía lo mismo con mi bebé. (Beatriz/46)

Constata-se que muitas mulheres, seja porque devem permanecer na esfera doméstica, para o cuidado dos filhos pequenos, seja porque não conseguem trabalho, optam por estabelecer pequenas “vendas” nas próprias casas, gerando algum ganho, o que nem sempre é considerado como “verdadeiro” trabalho, apesar do tempo gasto e do dinheiro ganho com esta atividade. Estas “vendas” podem ser pequenas mesas com produtos, como balas, biscoitos, frutas ou refeições, constituindo um negócio informal, ou podem ser oficializados, como *bodegas*⁷⁰.

Para mulheres como Fátima e Ursula, que trabalharam por grande parte de suas vidas, o trabalho é uma instância que lhes tem permitido – de alguma maneira – uma melhor posição na negociação com os parceiros, possibilitando a ruptura com um relacionamento avaliado como insatisfatório ou um posicionamento ativo na tomada de decisões:

[...] yo tengo unas... ¿cómo te digo?, unas experiencias malas, buenas pero...no me he dejado, ¿cómo te digo? No me he dejado, ya pues, que alguien, [algún hombre] ya me humille, me diga tantas cosas, ya me voy a sentir mal...no, al contrario, “no” dije “Tengo dos brazos, veo bien, dos piernas, voy a trabajar” y así salía, no quizás tener tantas...tantas cosas o ganar tanta plata pero ahí, ahí me he ido y así estoy hasta ahora. (Fátima/40)

[...] a un principio le corté cuando él quería presionarme a algo ¿no? yo decía “tú no eres mi... en primer lugar tú no me sirves, tú no me das el diario como debe ser, yo tengo que trabajar, si tú me mantuvieras como debe ser, un hombre responsable tanto en la comida, en la educación, en la enfermedad de tus hijos cuando están, con mucho gusto te aceptaría lo que quisieras”, decía “no salgas”; “Si no quieres que salga manténgame pues aquí en mi casa, yo tengo que trabajar para dar a mis hijos, yo trabajo para mis hijos – le digo – no por ti, porque tú te largas y no apareces, entonces las cosas no deben ser así”; “No, ya voy a cambiar”; Ese plan que voy a cambiar, voy a cambiar y nunca cambié. (Ursula/45)

Sob a mesma ótica, algumas entrevistadas se referem à educação (entendida como meio que permite uma diversificação e ampliação das opções laborais) como importante alternativa das novas gerações de mulheres, no sentido de uma melhor perspectiva de vida, independente da presença de um parceiro. A analogia entre a profissão e um bom marido é expressiva deste posicionamento:

*¿Tú qué le recomendarías a una hija mujer en este...en este tema?
[...] En primer lugar, que debe de...empezar a crecer, a desarrollarse y estudiar para que sea alguien en la vida; porque, **la profesión como dice es...es el marido que nunca le***

⁷⁰ Estabelecimento comercial que oferece produtos, como: doces, alimentos, artigos para limpeza, etc.

va...nunca le va a reñir, nunca le va marginar, nunca le va decir “no tengo”, o “sí tengo”; su profesión es su profesión, cuando tiene una profesión a donde vaya ella misma es. [...] Estudiar y ser alguien en la vida y ser profesional, que de ahí recién pueda hacer su hogar...o qué se yo. No dejarse sorprender por nadie. (Beatriz/46)

Me he dado cuenta que una pareja sólo te da hijos y luego te hace sufrir, no te da lo que tú quieres, aparte de eso te pega, te insulta, eso es lo que hace la pareja, eso es lo que yo le digo a mi hija últimamente, que estudie, se llegue a ser alguien en la vida, su... tenga su profesión, que no tenga pareja, pero mi hija va a tener su pareja porque le encantan los hombres (risos) y así pues, ese, ese es mi pensamiento, eso es lo que yo pienso ¿No? en mí ¿No? los demás no sé que pensarán pues. (Telma/42)

A presença de um discurso sobre a relevância da educação concorre com a afirmação da necessidade de um marido para a construção de um bom futuro. Porém, se a princípio, estas retóricas parecem em oposição, educação e marido estão conectados, dada a pobreza das famílias de origem, que faz com que as mulheres percebam os maridos como possível fonte de financiamento para suas aspirações educacionais.

[...] a veces las señoritas, ya, quieren estudiar y sus padres no tienen posibilidades de apoyar, [...] que si hubiese el enamorado ¿No? que tiene dinero y está enamorado de ella, es como marido y mujer señorita, enamorado, marido, así, entonces yo vivo con él, mi enamorado, tres, cuatro años y por ahí sigo estudiando y él me sigue aportando, así, sigo yo progresando y si él me quiere pues me caso o vivo con él, pero si no, ahí no más queda, así, eso para mí es así, pienso yo así, que debe ser así. (Noemí/36)

A maioria das mulheres adultas entrevistadas que possuíram aspirações educativas e tentaram realizá-las com apoio do parceiro não o conseguiram.

En el trabajo yo nunca me negué al trabajo. Trabajé en restaurant, trabajé hasta en bar, trabajé te voy a decir, este, como dicen, buscando sustentarme ¿no? porque yo decía voy a estudiar pero a veces cuando uno se trabaja no te da tiempo ¿por qué razón? Ahí tus patrones, tus jefes que son dicen “tienes de tal hora a tal hora” entonces en qué momento puedes tú estudiar y de esa manera iba postergándome, postergándome, para terminar mis estudios y entonces dije “no, cuando tenga mi pareja él me va a ayudar” ¡el error más grande! (risos)

¿Por qué el error más grande?

Ego: Porque no es así porque el hombre, una vez ya que estás en su poder él cree que uno es de su propiedad, porque esa experiencia yo ya la he tenido. Él decía “ah ¿Para qué vas a estudiar?, ya estás vieja, ¿Para qué vas a querer estudiar, ¿Por qué no has estudiado en el tiempo?” yo le decía pues “Mis papás no me han podido ayudar, por eso creo que tú me puedes ayudar” “No, estás equivocada” me decía (Ursula/45)

Entretanto, algumas conseguiram atingir certas metas educacionais, o que é expresso como importante fonte de valorização pessoal.

[...] él decía “¡Qué sabes tú bruta, burra!” con esas palabras me menospreciaba, me sentía poca cosa, así me sentía, tenía que ser así porque prácticamente cuando tú no sales, vives ahí cohibido en las cuatro paredes, tú no vales nada, no vales nada, eres poca cosa, como ellos siempre dicen, con su boca te ofenden, te humillan, yo saqué mis garras, comencé a estudiar

¿Y cómo así se, este, eh, hubo esa motivación en ti para regresar, qué te dio fuerza para regresar al colegio, tomar esa decisión?

Esto, cuando me sentí, cuando le hallé a mi esposo con su, su amante, con su chica, me sentí la poca cosa, "porque él se había cansado de mí" decía yo, "Se ha cansado de mí, no sirvo para nada", o sea, o sea en mi mente venía negatividad, decía que por qué optaba tener otra muchacha porque, porque yo no sirvo para nada, decía, "no, no sirvo para nada", no sé, pero algo, sentía que el mundo se me venía en mi encima y así, pensando decía "¿Quién es él?, con sus humillaciones y, y ya no me respeta", bueno, sí, si trata de terminar esa relación, se termina, pero eso sí, digo, yo voy a estudiar, sacar así, o sea que te digo, saqué mis garras [...] "a mí nadie me falta, a mí nadie me va a humillar, a mí nadie, nadie, yo soy, voy a enfrentarme sola y, y voy a seguir adelante" y comencé a estudiar. (Noemí/36)

4.4.3 Significados culturais associados aos aportes masculinos no contexto conjugal

4.4.3.1 Para além da transação

Fuller (2004a), em análise comparativa que envolve, além de Iquitos, as cidades de Lima e Cuzco, referindo-se aos outros dois complexos culturais marcados do país, *criollo* e *andino*, respectivamente, afirma, acerca das relações conjugais, que:

[...] mientras en Lima y Cusco las mujeres y los varones tienden a acentuar los valores de respeto mutuo y solidaridad conyugal, **las mujeres de la región amazónica** parecen poner **mayor énfasis en el intercambio mutuo, y en la sexualidad** como la argamasa que los une. (p. 127, grifos nossos).

Nesta proposta de atribuir maior ênfase ao “respeito mútuo” e à “solidariedade” no caso dos complexos culturais *andino* e *criollo*, por um lado, e maior peso à lógica da “troca” e da “sexualidade” no contexto amazônico, por outro, apresenta-se, implicitamente, uma separação entre estes aspectos. Tal separação das esferas (respeito, solidariedade x troca), como pertencentes a diferentes ordens, é problemática.

De fato, o tema das trocas é muito presente na região amazônica. Contudo, não é possível afirmar que tal concepção possa ser entendida como questão separada e diferente das temáticas da solidariedade e do respeito. De acordo com as entrevistadas, respeito, consideração e afeto são princípios que deveriam estar associados e que, idealmente, se exprimiriam através do cumprimento adequado

dos termos da troca por ambas as partes, apesar de que, na prática, estes ideais culturais não sejam atingidos com frequência. Tal ideia, inclusive, converge com os achados da mesma autora, em estudo sobre masculinidade (2002), no qual afirma, em referência à cidade de Iquitos, que: “el hecho de que el varón retribuya los servicios sexuales de la mujer con bienes o regalos es una señal de su afecto y respeto por ella”. (p. 405). Em suma, considera-se aqui que a solidariedade (e o respeito), ao invés de ser uma questão de ordem diferente, em comparação com a troca, está contida nela. Cabe lembrar Mauss (1971), que indica que a troca é fundamento privilegiado na criação do vínculo social e da reciprocidade, o que necessariamente se aplica à solidariedade conjugal⁷¹.

Sob a ótica das mulheres, a generosidade é um aspecto muito apreciado em um homem e o fato de dar é compreendido não somente em termos de uma lógica transacional – no sentido do cumprimento de uma obrigação contratual. O fato de dar / prover está imbuído de significados de compromisso, responsabilidade, lealdade e carinho. Cabe reiterar, conforme apontado, que a racionalidade que separa a lógica do afeto daquela do benefício material é uma construção discursiva moderna, que não necessariamente pode funcionar como chave interpretativa em outros contextos sócio-culturais.

Segundo os depoimentos das mulheres, a dádiva de um benefício material, por parte de um parceiro, é apreciada abertamente. O ato de dar indica que se trata de uma boa pessoa, que sabe ser carinhoso e amável, que sabe *hacerse querer*, e, portanto, é merecedor de afeto e de consideração. Nesse sentido, Nancy descreve um parceiro avaliado como bom, com quem teceu laços estreitos de carinho e confiança, da seguinte forma:

Era bien bueno, cariñoso, amable, con todo lo que estaba a su alrededor. Era bueno ¿en qué sentido te digo? En que él daba. Él no veía si... si tú tenías o no tenías, yo te doy;

⁷¹ Proponho (como hipótese, já que este estudo não é comparativo) que, sendo a solidariedade conjugal um fim importante em todos os contextos culturais em questão, é possível a existência de diferenças quantitativas e qualitativas nas possibilidades de realização da mesma. No caso da Amazônia (dadas as circunstâncias que mantêm os homens mais afastados do núcleo doméstico), os aspectos mais indispensáveis da interação, como aqueles fatores associados à troca econômico-sexual, podem funcionar como vias privilegiadas para a expressão de valores importantes para a solidariedade e harmonia conjugal – como respeito, carinho, lealdade. Em outros contextos, a solidariedade conjugal (e os valores a ela associados) encontrariam, além da troca econômico-sexual, outros espaços para se expressar, dado que tanto os homens quanto as mulheres teriam – em teoria – mais tempo para compartilhar e, nessa medida, maior possibilidade de interações cotidianas e projetos conjuntos. A troca econômico-sexual, como via privilegiada de expressão da solidariedade conjugal na Amazônia, também poderia explicar (pelo menos em parte) a maior preeminência da sexualidade na vida social nesta região, bem como o destaque comparativo do tema de ciúmes sexuais e temor à infidelidade na dinâmica entre parceiros (FULLER, 2002, 2004a).

porque no tienes, él daba, ayudaba. Yo hay veces le impedía: porque, era demasiado, ya pues, ¿no? Bien bueno era él, cuando yo [todavía] no me juntaba con él, ya cuando mi mamá ha tenido su compromiso, yo me he quedado en mi casa con mis hermanos. Seis, seis hermanos. Y él me atendía con todo mis hermanos. Con todo... educación, comida, ropa, todo. Él veía por todo...él mandaba a la casa, todo... con la familia bien bueno, bien educado a donde iba. Sabía hacerse querer. Yo veía pues esa manera. No me controlaba, no me decía “¡Qué tanto estás gastando! Oye ¡qué cosa quieres ahí!”; pero, eso sí no le gustaba que esté andando de aquí, de allá...en mi casa. No me hacía faltar nada; porque quería que yo esté en la casa.

Ajá. ¿Y entonces, él se hace cargo de ti...?

De todos ya; entonces, yo le cuento a él ¿no? “mi mamá se ha ido”, llorando... yo lloraba por mi mamá [...] Todo ya le contaba yo; o sea, ya tenía confianza ya... ya tenía dónde conversar, decirle lo que pasaba dentro de la casa. Y le contaba yo a él, en confianza ya. (Nancy/45)

[...] para qué mi tía le quería bastante a él después, después se ha hecho querer en la familia todo eso, lo han visto bien

¿Cómo así se hizo querer?

Porque cuando se iba a verle a Damaris (su hija) llegaba... o sea se portaba bien, se ha portado bien con mi tía, este le... cómo te digo, o sea le faltaba una medicina, él se iba, sacaba de...de ahí de la base, traía todo lo que ella necesitaba, yo digo por eso porque se ha responsabilizado de...de mi hija, por eso. (Fátima/40)

¿Qué es lo que te gustaba de él?

Que era bueno

¿Cómo bueno?

Este, diría no era malo ¿No? no era malo, no era pegalón, era un señor, cómo te digo, bien sencillo, lo que sí, él me decía si yo quiero algo ¿Di? que le pida, que él no me va a negar, bueno [era]. (Olinda/21)

Cabe ressaltar, conforme observado na maioria dos depoimentos citados, que a dádiva masculina é particularmente apreciada quando se estende aos parentes da mulher, especialmente ao se tratar dos filhos de uniões anteriores⁷² ou de irmãos mais novos.

[...] ya no pienso separarme de él ya, porque me ha salido una buena persona y no me pega, a mis hijos les atiende como si fueran sus hijos, a, a los dos mis hijos, les da lo que les piden, como él es ebanista trabaja en un taller, es, es ebanista pues, trata en maderas, muebles, así, y él, les da a mis hijos, les compra ropa, zapatos, todo les da a mis hijos, a, a mis tres hijos y me siento contenta con él porque me ha salido una buena pareja, que los quiere a mis hijos, me quiere a mí y más que todo le adora a su hijo. (Telma/42)

Amor e benefício material não se opõem nem são excludentes. Neste contexto, os bens recebidos consistem em canal privilegiado da expressão deste sentimento. O relato de Noemí sobre o ciclo de ascensão e declínio do amor em um relacionamento é ilustrativo da maneira como este se articula com a dimensão material:

⁷² Inclusive do parceiro vigente, pois os filhos são considerados parte da esfera doméstica, que é responsabilidade feminina.

[...] para qué, **los primeros días, o los primeros meses o el año que convives con la persona te llevas súper bien, bacán, bacán, comes, tomas, te sales ¿No? pero a la medida que van yendo los tiempos, parece que se deteriora, parece que se cansa, no sé si yo estaré tan negativa, pero yo he visto así, pasó con una muchacha, mi cuñada, el hombre trabaja, es jubilado del Magisterio, eh, le vi que, que no le faltaba nada, que era su reina, que era su amor, que le compraba sus detalles, así, que incluso tuvo un hijo ¿No? pero con el tiempo que va pasando los años, el hombre ya no le optaba por amarle, ya no, ya era otro diferente que a ella no le quería, no le destinaba el dinero, le encerraba su plata en su cómoda y, y llevaba solamente a su hijito mas no a ella, a ella no le compraba ni la ropa, con esa ropa nomás que tenía, con esa nomás estaba, no le compraba unas sandalias, [...] es algo diferente por qué será o no se llegan a comprender, o no se entienden o no hay esa química de amor. (Noemí/36)**

O egoísmo e a mesquinhaaria de um parceiro potencial estão entre as características mais desqualificadas pelas mulheres.

[...] él me decía, “No, yo no puedo venir a estar en tu casa, vamos a vivir en mi casa, yo te voy a dar a ti, no a tus hijos, que tú vas a ser mi mujer y tú tienes que vivir conmigo y tus hijos ya son grandes, que por qué tienen que...que por qué tienes que estar tú con ellos” entonces, ¡dónde está!, ahí es el egoísmo ya. Entonces, yo digo ¿no? “yo no”. (Nancy/45)

Neste cenário não é de se estranhar que as descrições de casos de infidelidade sejam consideradas negativas e indesejadas, em grande medida, pela deslealdade que significa a derivação de recursos para outras mulheres.

[...] tengo mi amiga así que el señor tiene su mujer y ella está con él, aparte que está con él está con otro, yo cuando le digo “no hagas eso” le digo “que quieres que haga **si quieren gastar conmigo pues que gasten**” dice “al fin y al cabo la vida es una sola” me dice “para qué estar desperdiándola, **si ellos quieren invertir en mí que inviertan, yo no les pido**” [...] Así **no me parece**, porque, mira ve, ese hombre tiene mujer, tiene hijos y a veces **por darle a ella quizás les hará faltar a sus hijos y a esa mujer**, porque escucho decir “¿Dónde estará ese sin vergüenza desgraciado, a quién estará manteniendo?” [...] Cuando hay compromiso es difícil **tienes que quitar acá para dar acá**. (Ursula/45)

4.4.3.2 Comida: expressão de afeto e lealdade

A comida é um elemento central na análise dos significados associados ao aporte material masculino nos relacionamentos entre homens e mulheres. As mulheres utilizam uma linguagem narrativa que expressa claramente a posição privilegiada da alimentação, nas negociações com os homens. Entre mulheres de camadas populares, o papel de provedor é mensurado fundamentalmente a partir da capacidade de fornecer comida, sendo que outros bens materiais e serviços são posicionados em segundo plano. A principal obrigação do homem é dar dinheiro

para *el diario*, designação para o montante necessário para as compras do alimento do dia.

Esta prioridade da comida, embora conectada à preocupação pela sobrevivência, uma vez que se trata de setores pobres da população, ultrapassa o terreno da satisfação das “necessidades biológicas”⁷³, tendo adquirido uma forte carga de significados no terreno do convívio e dos afetos.

En tu caso ¿Tú qué sientes que es lo que te une a él sobre todo?
Su cariño, es bien atento siempre está “¿Qué has comido? ¿Qué quieres comer?” sí eso es lo que más me gusta. (Damaris/20)

Él se preocupaba por mí “¿ya has con comido?”, “Sí”, “¿Qué quieres?” y a veces con decirte...no ves cuando yo estudiaba, mi salón era así en la...en la calle ya daba a la...a la calle mi...la ventana, pues. Y él se iba, me silbaba sss...y se iba llevándome[me] queque, se iba llevándome[me] gaseosa...por la ventana no más me daba para que, dice, no me falte [...] me llevaba mi gaseosa, me llevaba mi refresco. Yo ya sabía que era él (riso), así que me paraba en la mesa...toma me decía. Ah...bacán, chévere (riso). (Daniela/23)

Carinho ou sua ausência, lealdade e deslealdade são expressos na chave da provisão, do recebimento, do compartilhar ou negar comida. Este dado afirma a presença ou ausência de vontade de criar laços sociais. Assim, por exemplo, Beatriz explica a má vontade de seu marido em relação a seu filho mais velho da seguinte forma:

Malo...es un...para mí es malo él; es egoísta, mejor dicho egoísta es conmigo y con mi hijo. Pero es bien bueno, bien hacendoso con otras personas, para con su familia no; con sus hijos sí; pero...hacia conmigo y con mi hijo mayor no, es egoísta. Y con sus hijos, no, con sus hijos...les da [...] él tiene su sueldo, compra ¿no?, le agarra a sus hijos, se va, come... come, toma, todo; pero...a mi hijo no le da, mejor dicho para él no existe él ¿No?, no existe, siempre no ha existido él [...] a mi hijo parece que le...no lo quiere, como que le odiara, yo por eso le digo, de repente le ha quitado una hembra, sólo así. (Beatriz/46)

Por outro lado, Gilda se refere ao convite para comer (negado a outra mulher e, simultaneamente, oferecido a ela) como o momento decisivo, no qual um homem demonstrou sua preferência por ela, frente a uma rival:

[...] la muchacha estaba sentada así, mi prima así y yo pues estaba casi en su tras, la muchacha se ha volteado a mirar y le dice “oye, ¿qué me vas a invitar?”; le dice “¿yo te voy a invitar?” – como aquí cuando tenemos nuestro enamorado decimos nuestro gallo ¿di? – él le dice “dile a tu gallo que te invite” le ha dicho y él me dice este “Fiore, qué vas a comer – me dice – pide qué vas a comer” yo nomás me incomodaba, tenía miedo, temblaba, yo decía “esa mujer se levanta, me peeega”... “Ay Dios mío” decía [...] (risos) y pues le dice “que te invite tu gallo” le dice y me dice “Fiore qué vas a comer, pide – me dice – qué te vas a servir” entonces yo pues le digo a mi prima “dame un chaufa” pues le digo así, “un chaufa y un

⁷³ Conforme Gow (1989), a ideia de uma necessidade biológica pura: “is a distinctively Western formulation where bodily function lies outside Society in the realm of Nature and Necessity.” (p. 581).

jugo”, “¿Está bien?” le digo; “Pide lo que quieras” me había dicho “entonces voy a comer igualito que tú” me dice él también ha pedido un chaufa y un jugo, iguales hemos comido y te juro que me sentía recontra, recontra incómoda, yo decía “esta mujer me halla en la calle y me pega.” (Gilda/24)

A capacidade expressiva do ato é tão eficiente em definir o desinteresse e, até, hostilidade, em relação à outra mulher (e ao mesmo tempo, carinho e interesse por ela), que Gilda chegou a temer represália por parte da outra mulher em questão. Como afirma Mauss (1971): “tanto negarse a dar como olvidarse de invitar o negarse a aceptar, equivale a declarar la guerra.” (p. 170).

Detalhes qualitativos da comida recebida são interpretados como indicadores da qualidade do trato e do nível de afeto dirigidos para a pessoa. Por exemplo, no depoimento citado anteriormente, o fato de ambos comerem a mesma refeição constitui uma expressão adicional de empatia; enquanto na declaração que se segue, a repetição constante da mesma comida é considerada como maltrato.

[...] me fui al monte; pero, pensando en mis hijos...en mi hija, a veces no comía por pensar a mis hijos, todos a mis hijos... “¿Cómo le tratará?”; porque, malilla, pues, mi ex suegra ¿no?, malilla “¿Cómo le tratará? Mi ex suegra”...decía ya...y dicho y hecho señorita les trataba mal a mis hijos. Todito los días arroz chaufa. Desayuno arroz chaufa, medio día arroz chaufa, la cena arroz chaufa; segundo día arroz chaufa, arroz chaufa...¡ay!. Y le daba de comer mientras que su papá no veía, cuando su papá estaba...preparaba otra comida, así es que mis hijos no querían comer lloraban miran...mirando la comida, todos los días eso, todos los días. (Bertha/43)

Na narrativa de Tatiana sobre um episódio de extrema violência por parte de seu parceiro para com ela surge a ideia de canibalismo, como total negação de afeto. O compartilhamento da comida com outras pessoas consiste em expressão de responsabilidade e carinho, afirmando o vínculo. Já a imagem do outro como a própria comida seria uma representação da recusa de qualquer sentimento positivo. Assim, este tipo de predação se torna o símbolo mais marcante de sua destruição.

[...] mi mamá le ha dicho llorando, “Mira tu hermano, lo que le ha hecho a mi hija, por qué no le ha muerto, por qué más bien no le mata a mi hija, si no le quiere que le mate, este, tu hermano a mi hija”, le ha dicho mi mamá a su hermano, “Y que le mate, y que le coma a mi hija” ha dicho, “Si no le quiere, ahí están sus hijos que le coma asada aunque sea a sus hijos”, le ha dicho. (Tatiana/37)

O alimento e seu (não) consumo consistem em símbolo muito efetivo para a expressão de sentimentos e dos estados de ânimo.

“¿Sabes qué, sabes qué Sergio? - le digo - yo no me he venido contigo, queriendo nos hemos unido, no para vivir así peleando como el perro, el gato y yo no siento vida, yo siento... para mí el día es como un...como un terror ya, amanece ya estamos discutiendo, amanece

estamos discutiendo, todito el día ¡qué vida!, para mí ya no es vida, mira cómo estoy". Bien flaquita me había puesto señorita...bien flaquita, no sentía sueño, no tenía apetito de comer; porque estaba pensando que ahorita cualquier cosa vamos a discutir...mi desayuno, mi almuerzo, mi cena era mis lágrimas. (Bertha/43)

A afirmação de laços sociais por intermédio da comida poderia ser uma reminiscência da centralidade e importância desta em culturas indígenas amazônicas, tema abordado por diversas investigações, como Gow (1989) e Siskind (1973).

Para além dos ideais culturais, que consideram os aportes materiais como imbuídos de significados associados ao terreno dos afetos, cabe apontar que nem sempre eles portam os ditos significados na vida cotidiana, já que diversos fatores podem atentar contra os mesmos. Por exemplo, embora o homem cumpra seu papel de provedor, se apresentam também certas condições, como alcoolismo e violência – frequentemente referidos –, cujo resultado é um quadro muito insatisfatório para as mulheres. De acordo com os depoimentos, elas mantêm o relacionamento pela urgência de cobrir as necessidades de sua própria subsistência e dos filhos.

[...] yo le tenía que seguir por mi hija pues, le seguía, le sucedía las cosas, tal vez de la borrachera, me trataba mal, otra vez me botaba, mi hermana me paraba riñendo me decía "Ya no le sigas, te hace igual", yo le tenía que seguir porque mi hija era chica pues, que me ayude y hasta que mi hija ha crecido, tenía ya 3 años y ya podía trabajar, le ponía a mi hija en un wawawasi ahí me cuidaban y me iba a trabajar ya, ya no necesitaba ya. (Telma/42)

Nesse sentido, é importante frisar que, ainda que a dádiva, em sua versão de bem material, seja uma via de grande importância para o estabelecimento da reciprocidade entre os parceiros e de expressão de sentimentos positivos, não é a única via esperada, pois há outros comportamentos que esperam do homem, para a estabilidade e harmonia do casal, como o trato amável, a fidelidade e a preferência por passar o tempo com a família, ao invés de estar com os amigos, consumindo álcool.

4.4.4 Relacionamentos intergeracionais e trocas econômico-sexuais

Nas cidades investigadas existe uma ideia generalizada sobre a frequência de relacionamentos entre mulheres jovens⁷⁴ e homens mais velhos⁷⁵ com maior poder econômico, em comparação com elas e/ou suas famílias de origem. Tais uniões são referidas como motivadas, sobretudo, pelo benefício material das jovens, o que foi relatado por quase todas as participantes deste estudo. Certa frequência deste tipo de relacionamentos foi por mim constatada, na permanência neste contexto, mas não é possível afirmar diferenças, comparativamente a outras regiões do país. Além disso, nas trajetórias das participantes, este tipo de experiência não foi referido com a frequência esperada⁷⁶, dadas as ideias correntes a respeito. No entanto, apesar de não ser possível uma quantificação desta modalidade de relacionamento, o tema merece atenção, pelo destaque a ele concedido pelas entrevistadas, além da aparente relevância assumida pela troca econômico-sexual neste tipo de relacionamento. O assunto também permite tratar, de maneira particularmente clara, a noção de “interesse” e oferece a possibilidade de analisar outros aspectos sociais, vinculados à troca econômico-sexual, para além do casal, como, por exemplo, quando há intervenção ativa de outros familiares da mulher, como seus pais.

4.4.4.1 O “interesse”

Conforme indicado, quando as participantes descrevem os relacionamentos entre mulheres jovens e homens mais velhos – seja pela própria experiência ou de terceiras –, a contribuição econômica aparece como a principal motivação. O aporte material está associado à possibilidade de fornecimento de bens referidos a necessidades básicas, como alimentação e, também, a aspectos vinculados com uma melhoria substancial do nível de vida, como o financiamento da tão almejada

⁷⁴ Desde adolescentes – 14 / 15 anos – até jovens com cerca de vinte anos.

⁷⁵ A partir de trinta anos ou mais (geralmente se referem a diferenças significativas, em torno de dez anos ou mais).

⁷⁶ Também é possível que as participantes tenham preferido não abordar este tipo de relacionamento.

educação superior. Esta meta foi especialmente enfatizada pelas entrevistadas jovens, como motivo para uma união com um homem mais velho.

¿Pero tú sí querías estar con él?

Quizás por las cosas que él me ofrecía

¿Qué te ofrecía?

Que me iba a ayudar a estudiar, que no me iba a faltar nada, que él se iba ocupar de mí, que mi mamá no se preocuparía nada de mí. (Damaris/20)

[...] Te puedo decir que aquí, particularmente aquí en Pucallpa... y creo que ya se está viendo mayormente en todos los lugares, que las relaciones de pareja de jovencitas con mayores sí hay mucho y más creo que es por la necesidad de... por la necesidad económica que tenemos ¿no? porque la mayoría de chicas somos de condiciones muy humildes y las personas estas adultas que vienen son personas que tienen una profesión y sí nos pueden ayudar y se ve en todo, en todo se ve que hay chicas que están con mayores así, que las ayudan, que las apoyan, más que todo para que les apoyen en sus estudios, en lo que necesitan ¿no? porque son chicas que a veces no tienen los recursos igual que yo ¿no? que no he tenido esos recursos para estudiar, así que me mantenga mi padre, mi madre ¿no? que me de. Ha sido una situación difícil porque he tenido que ser todo ¿no? mamá, hija, estudiante, mujer, todo lo he hecho en una sola. (Liliana/24)

A centralidade da educação como motivação para este tipo de relacionamento é evidenciada pelo fato de que as instituições de ensino superior são frequentemente mencionadas como espaços em que estas uniões adquirem visibilidade.

[...] yo últimamente estaba estudiando en un CEO⁷⁷, cosmetología estudio, este, ahí veo señoritas que se van con sus amantes, supongo yo que serán sus amantes ¿No? porque son señoritas, señores de edad de 45, algunos tendrán 50, se van a dejarlas a las señoritas en su moto y un día se fue un señor a preguntar “¿Se encuentra fulana?”, dice, y en costura estaba la otra, y la profesora dice “Señorita tu papá”, le dice, la señora ¿No? entonces, entonces la señorita dice “No es mi papá”, le ha dicho ella, entonces ya sabíamos pues su qué era ¿No?, si la señorita ha dicho que no era su papá, se ha reído el señor, de ahí y son varios que se van a dejar a las señoritas así pues, en moto, no solamente, o sea que no me ha sucedido a mí no más, estar con un viejo, si no son varias, hay muchas de ellas... (Telma/42)

[...] es muy común te puedo decir todas las salidas de las chicas con hombres mayores porque en la universidad donde he estado así como yo [...] había chicas que también en camionetas, en motos bajaban con personas adultas y que sí estaban con ellas ¿no? con ellos porque ellos les apoyaban también en sus estudios, en la universidad y siempre las llamaban, las encontraban y sí yo he tenido amigas que sí me decían eso ¿no? “sí, estoy con él porque me ayuda” y yo también le comentaba lo mismo ¿no? porque vivíamos igual, las mismas cosas. (Liliana/24)

Embora no discurso das entrevistadas o suporte financeiro e a meta de aquisição de diploma superior constituam razões importantes de inserção nos relacionamentos em questão, não são os únicos aspectos valorizados pelas entrevistadas. Por exemplo, tanto Damaris, que se encontra num relacionamento de caráter estável com um homem dezoito anos mais velho do que ela, como Liliana,

⁷⁷ “Centro de Estudios Ocupacionales”, um tipo de instituição de ensino técnico.

vinculada com um homem de cerca de quarenta anos a mais do que ela, descrevem o benefício econômico como parte de uma noção de *apoyo*, que inclui proteção, carinho (inclusive em sentido paternal) e satisfação sexual.

[...] tengo mucho cariño por él, porque es una persona que a parte que hemos tenido relaciones sexuales, que también he disfrutado con él, que disfruto con él ¿no? eh... me cuida bastante, conversamos bastante de lo que son nuestras proyecciones futuras, me da muchos consejos buenos a pesar de que estamos haciendo algo que no debe ser ¿no?⁷⁸ o sea con él me siento como si fuera mi papá, me siento protegida a su lado, sé que con él voy a tener un respaldo si en algún momento me falta algo, necesito algo, de repente de un consejo, de repente dinero, sé que con él lo voy a tener. (Liliana/24)

[...] era bien cariñoso, es cariñoso, te trataba bien, te decía si querías comer esto, o sea bien atento a mí, algo que me ha llamado la atención, y yo quería que alguien pues, sino tengo un cariño, el calor de un padre, quería que alguien me de esa atención; pero ya vuelta a veces me pongo a pensar “él puede ser mi papá” [...] y digo “qué error estoy cometiendo” cosas así me pongo a pensar, pero quizás por eso lo hice ¿no? (Damaris/20)

Estas relações com grande diferença de idade entre os parceiros tendem a levantar suspeitas. A sombra do “interesse” está sempre presente⁷⁹. Conforme referido, o papel de provedor do homem é explicitamente destacado como desejável e legítimo. Cabe então indagar como são construídas as noções de “interesse” e o momento no qual o benefício pelo fluxo de bens provenientes de um parceiro passa a ser avaliado como ilegítimo.

De acordo com os depoimentos, a ideia de temporalidade do relacionamento é central. A oposição fugacidade x permanência (ou a intenção de estabilidade por parte da mulher) parece ser determinante para qualificar se o vínculo é por interesse, mais do que o próprio ganho material. A permanência é relevante critério para avaliação dos relacionamentos em geral, destacando-se no caso de uniões intergeracionais, por serem consideradas propensas a serem fugazes.

[...] en mis tiempos, decían “prefiero ser flor de un viejo que esclava de un joven”; pero, ahora...

¿Qué significa ese dicho?

Más, en aquellos tiempos...años atrás todavía habían hombres de edad que sí te...te servían ¿no? De verdad que te querían dar, pues, lo que te deben dar. Pero, yo pienso que ahora...ya no. Así sea viejo, sea joven...uno...no hay ese...solamente todo es un querer estar en un placer, nada más, pienso yo en mi manera de pensar, porque se los ve un tiempo...de ahí se los ve con otro. O se los ve con otra. De ahí otro tiempo con otro, ¡oh! Entonces, qué cosa es eso. Entonces, no es...algo que puedas pensar bien y estar bien con esa persona, sentirte bien, es cosa que...que en este mundo, en esta vida de ahorita que...no pueden estar pues con uno, ni con un viejo, ni con un joven, el que viene puerta abierta que

⁷⁸ Pelo fato de ambas possuírem parceiros: ela em coabitação e a outra em casamento.

⁷⁹ Como afirmou Damaris (20): “... las personas te miran ¿no? te miran, piensan cosas, pero después ya pues vas agarrando la onda. (¿Piensan cosas como qué?) Que “sí, esa chica está con ese viejo por su plata” cosas así “porque le da regalitos” y no es así, muchas personas se equivocan”.

va yendo...que viene otro, ¡va!. Ajá, ya lo...lo...ya el tener relación es algo liberal, lo practican como cualquier cosa ya. (Nancy/45)

No depoimento de Nancy observa-se que as relações intergeracionais aqui tratadas são deslegitimadas pela alta probabilidade de serem passageiras e pela restrita probabilidade de alcançar o ideal de estabilidade. Verifica-se uma tendência à associação entre tal modalidade de relacionamento e o envolvimento com homens casados, interessados apenas no prazer. Para as mulheres, tratar-se-ia da meta econômica, pois o fato do parceiro estar inserido em um casamento eliminaria a hipótese de um relacionamento estável – e, portanto, legítimo. Nestas circunstâncias, a busca feminina pelo suporte material é considerada como interesse. Por outro lado, a procura de sustento financeiro em uma relação estável é entendida como direito de ser *servida* “como deve de ser”, direito de *vivir bien*.

[...] veo yo hombres de edad, tienen su familia y tienen su chibola como dicen, pero solamente porque es chibola. Les dan, les dan, de ahí viene un tiempo, de un tiempo [nomás] y eso, yo no veo que es [correcto] [...] y ese es meterse en un problema ya; meterse en un terreno de que...no debiéramos de estar, pero, hay casos así; pero, no es como debe ser, pues, con amor, todo al dinero, al interés, nada más. Ajá, pero en hombres chibolos con sus señoras de edad, sí he visto que viven y bien les sirven, viven bien. (Nancy/45)

Noemí também indica a volatilidade da união como indicador de falta de amor, de que tudo ocorreria por *interés* ou *negocio*.

[...] las muchachas están con las personas mayores, pero lo están haciendo por... todo por dinero, no por amor, y ahora todo es por interés, en esta, ahorita, ahorita, todo es por interés, ah ese hombre tiene un trabajo, ya yo voy a estar y me enamoro de él y, y es mi víctima y yo trato de, de comerle y estudio, pasan los años, tres, cuatro años y ya, [...] se va con otro hombre, así es, todo es negocio. (Noemí/36)

Para esta entrevistada, a noção de interesse seria dificilmente aplicável a uma união de longo prazo. Nesse mesmo sentido, Damaris, que tem um parceiro mais velho, defende-se das suspeitas de estar com ele por interesse, afirmando a estabilidade do relacionamento:

A veces veo chicas también que se meten con personas mayores por la plata o por salir de la pobreza pero yo soy pobre y me quedo con él; claro que me ha ofrecido muchas cosas pero no por eso yo me he metido con él, me ha dado lo que yo he querido y ya le he dejado, yo sigo con él (Damaris/20)

Este trecho evidencia que o aspecto criticável consiste em não criar as condições para que se fechem os ciclos de reciprocidade, entre as quais se destaca

a manutenção do vínculo no tempo. Assim, Damaris ressalta que recebe apoio e permanece. Em outras palavras, ela retribui.

Nadia se defende das acusações de querer *sacar plata*, sob a justificativa de possuir um filho do parceiro em questão, indicador privilegiado da intenção de um vínculo de longa duração. Para ela, trata-se de um fator que a posiciona em uma situação plenamente legítima de benefício dos favores materiais do parceiro.

[...] a él le decían que yo estoy con otro aquí afuera, que yo soy muchacha y le estoy sacando la vuelta porque él es un viejo...que más estoy por sacarle la plata, ¡pero yo ya tenía un hijo de él! (Nadia/24)

Olinda relata o caso de uma vizinha de dezenove anos, envolvida em uma relação com um homem de sessenta anos. A entrevistada avalia positivamente o vínculo, considerando a jovem merecedora de todos os benefícios econômicos recebidos, por ter levado o relacionamento a sério, pois é fiel, além de ter uma filha com o parceiro.

Mi vecina tiene venti... veintidos años, no, menos, dieci... diecinueve años tiene, ya tiene un bebé, una linda mujercita, tiene una bonita casita, él ha mandado a arreglar su casa, ella tiene, todo tiene ya [...], ya tiene sus, sus equipos, su televisor, su, todo pues tiene, todo lo que una, una persona quiere, quizás esa per... esa persona le ha apoyado a ella, porque, creo que, que, que esa persona, o sea mi vecina, la que es ahora, era pobre, parece que era pobre, porque son siete hermanos, ella es, es la mayor, ella es la mayor de siete hermanos, ya pues ella, ha sabido quizás valorarse también como mujercita ¿No? quizás ha estado con él solamente, no, no queriendo jugar con otras personas, ha sabido valorar al señor, por eso le ha dado lo que ella ha querido, ahora ya tiene una bebida ya, tiene 4 meses ya creo. (Olinda/21)

4.4.4.2 Sexualidade juvenil feminina como recurso negociado pelos pais

Várias informantes referiram envolvimento em relacionamentos intergeracionais nos quais os pais – em particular, a mãe – teve algum grau de ingerência em torno da decisão dos termos do vínculo. Entre as adultas, embora não se trate da maioria dos casos, houve diversos relatos de histórias concernentes à juventude, quando os pais combinaram uniões para elas, sem sua participação na escolha e decisão.

Le decía a mi mamá que cumpliera los quince años para casarnos. Él viajaba a guarniciones...venía trayendo toda cosa regalada a mi papá, mi mamá le daba; pero, yo

como te digo, a mí no me dejaban salir.

¿Y qué cosas traía?

A mí me estaban comprometiendo ya; cosas lo que es del monte⁸⁰...este...digamos, motelo... carne del monte, plátanos. De todo traía como viajaba a guarniciones [militares]. Y yo le veía que venía bien vestido del ejército con una tremenda moto. Mi mamá me decía “Adentro” yo entraba “¿Quién es?” Yo salía a mirar así yo... “ese joven negrito” decía yo. Y mi mamá me dice “Con él te vas a casar hijita, él va a ser tu novio”; “¿Sí?” le decía yo. (Nancy/45)

Entre as jovens não ocorreu qualquer referência a este tipo de situação. Contudo, há declarações acerca de negociação empreendida pelas mães, quando suas filhas demonstraram interesse por algum pretendente com mais idade. Nestas negociações o benefício material é a preocupação central.

Damaris estabeleceu o relacionamento sem a interferência de sua mãe, mas ao iniciar uma vida sexual ativa com o parceiro informou-a sobre o que se passava. Os três envolvidos se reuniram, para que ele esclarecesse suas intenções. A mãe de Damaris descreveu este encontro da seguinte maneira:

[...] hemos tenido una charla bonita

[...] ¿A qué se comprometió en esta charla?

A hacerle estudiar, que no le va a faltar nada, que le va a dar una... una... su platita todo esto, ¿no? de los cuales sí está cumpliendo, sí está cumpliendo le agradezco bastante de verdad porque es un señor que...al menos veo que... le quiere a mi hija. (Fátima/40)

Na narrativa de Fátima sobre a conversa com o parceiro da filha há, novamente, referência à responsabilidade material do homem, como sinal de compromisso e carinho com a mulher. Já Gilda afirmou seu envolvimento em uma relação com um homem de vinte e oito anos, quando ela contava com onze anos. Segundo seu relato, a decisão se baseou na atração que sentia por ele, apesar das circunstâncias indicarem a presença de elementos de pressão.⁸¹ A intervenção da mãe foi posterior ao início do relacionamento, com o vínculo já estabelecido. Neste

⁸⁰ O bosque, selva adentro.

⁸¹ *[...] cuando nos hemos sentado en la vereda de la posta ahí hemos estado conversando y me decía si tengo enamorado, pero no me preguntaba mi edad, me decía si tengo enamorado, yo le decía que no “todavía no puedo tener, todavía soy una niña” le decía yo, “ya tienes cuerpo de mujer” me decía “pero soy una niña” y me dice “Fiore...”, él me decía Fiore, “Fiore tú me gustas” o sea de esa persona, no sé, me gustaba su manera que era bien este... bien caballera, bien una persona delicada, bien, bien... una persona bien amable, más que todo respetuoso, educado y tiene una manera de hablar este, bien suave y me dice “Fiore – me dice – ¿de verdad no tienes enamorado?” me dice, “no” le digo, “¿Y en el colegio?” “Tampoco”, “pero nunca has tenido” “no” le digo “pero tu me gustas mucho” me dice, yo le digo “no te puedo gustar, yo todavía soy una niña” le digo así, y no me preguntaba mi edad “yo todavía soy una niña” “pero no pienses mal” me dice así “no pienses que de repente con decirte que me gustas crees que de repente me vaya a querer pasar contigo, no – me dice – yo le conozco a tu papá, le conozco a tu mamá y soy muy respetuoso de ellos”, “entonces qué pues quieres” le digo así “yo soy una niña todavía” le digo así “yo quiero que tú (risos) yo quiero que tú seas mi amorcito” me dice así (risos) no sé qué color me habré hecho cuando me ha dicho así (risos) yo le digo que no pues, que todavía era una niña “no me digas que no porque si me dices que no voy a pensar que si tienes tu enamorado” y yo le digo “no, no tengo para qué te voy a mentir yo soy una niña todavía para pensar en eso” “pero tú me gustas mucho yo quiero que tú seas mi amorcito – me dice – yo no te voy a hacer nada – me dice – solamente quiero sentir que estoy contigo” me había dicho, y yo de loca le dije “ya”, “ya pues” y solamente me acuerdo que me dio un piquito. (Gilda/24)*

caso, a situação foi informada pelo homem à mãe da jovem e houve um acordo. Ele então se comprometeu a financiar a educação da Gilda. De acordo com a entrevistada, tratou-se de um namoro sem intercurso sexual.

¿Y mientras estabas con él, él te daba algún apoyo económico?

Sí, no me daba a mí, le daba a mi mamá y por medio de ella, ella me daba a mí.

¿Y tú sabes más o menos de cuánto era?

No, le decía este: “¿Cuándo va Gilda al colegio?” “Mañana, sus propinas” le daba 5 soles, él venía preguntaba si tengo trabajos que hacer, le decía “Sí” le daba 10 soles, pero eso era así pasando un día [...]

¿Y entonces con él no llegaste a tener sexo?

Solamente ha sido una cosa de... una cosa así nomás, bien recontra super limpia, una cosa recontra sana, nunca él ha intentado de repente por la fuerza querer estar conmigo no, como te digo nuestra relación se ha basado en todo lo que era conversación, conversábamos, nos reíamos, me contaba, compartíamos de repente las cosas, cuando él llegaba de viaje, de mañanita, de mañanita, nosotros ni abríamos la puerta, él ya estaba tocando la puerta y le llevaba sus pescados a mi papá, le llevaba su plátano, eh... en las tardes o cuando ya acababan de vender venían, uuuy cerveza. (Gilda/24)

Neste caso observa-se que, pelo fato de se tratar de uma menor de idade sob tutela dos pais, os benefícios materiais oferecidos pelo parceiro estendem-se à família de origem, sob administração da mãe da jovem.

Além dos casos de negociação explícita entre as mães e os parceiros das filhas, há outros (mais frequentes), em que, sem acordos prévios, os homens oferecem presentes e/ou convidam a família da jovem. Estes dados revelam que a sexualidade feminina, no período juvenil, constitui recurso importante, tanto para as mulheres – e seus filhos, quando os têm – quanto para o grupo familiar de origem.

Él me ha ayudado en los momentos que verdaderamente pucha, estábamos⁸², vamos a decir, misios, en ese tiempo nosotros vendíamos con plata prestada, en eso pues él ha llegado, él también me ayudaba económicamente ha sido bien, bien su ayuda de él hacia mí, por decirte él venía... si va a venir dos días seguiditos me dejaba dando 20 soles, 15 soles y si va venir hoy día, mañana no y pasado me dejaba dando 30 soles y eso servía para mi comida, y cuando él venía mis hijos “Ricardo, Ricardo”, le decían ellos, él se había encariñado con mis hijos y mis hijos con él igual pues se trataban “Hola ..., hola Indira”, “Ricardo ya pues invita aguaje decía mi mamá” “anda compra tu aguaje le decía él” iba a comprar su aguaje, él también era bueno. (Gilda/24)

[...] nunca salía de mi casa, o sea él se iba a visitarme, rara vez cuando me invitaba a comer... difícil salíamos a comer, mandaba a comprar mas bien con mi hermano, con mi primo, comíamos ahí todos, todo invitaba pues él. (Damaris/20)

Todos os benefícios materiais resultantes para as famílias, provenientes de uniões entre filhas jovens e homens mais velhos, com situação econômica mais favorecida, são de especial importância para estes entornos familiares, dada sua

⁸² Nesta fala a primeira pessoa do plural se refere a ela própria, seus filhos e à sua família de origem. Todos coabitavam.

situação de carência econômica. Além das vantagens financeiras para as próprias jovens, as famílias de origem passam a ser liberadas de certos gastos. Tal aspecto seria enfatizado na argumentação utilizada pelos homens, para convencê-las do relacionamento, como ilustra o seguinte depoimento:

[él me ofrecía] que me iba a ayudar a estudiar, que no me iba a faltar nada, que él se iba ocupar de mí, que mi mamá no se preocuparía nada de mí. (Damaris/20)

4.5 Reflexão final: para além da prostituição

No início deste capítulo foi mencionado que alguns pesquisadores teriam descrito o acesso a favores econômicos ou a benefícios materiais por parte da mulher, no contexto de relacionamentos que envolvem atividade sexual, como parte de um código cultural que se caracterizaria por uma proximidade da prostituição. Assim, Arias e Aramburu (1999), em estudo com jovens das três regiões do país, concluem sobre esta questão que:

En el contexto cultural de la selva, la actividad sexual se presenta en el discurso femenino en términos de intercambio de favores, en el que el varón debe dar algo a cambio de la entrega (“favores sexuales”) de la joven (seguridad, recursos, posición social, etc.). Esta percepción de los vínculos entre hombres y mujeres está asociada con una construcción más tradicional de las relaciones de género y supone una visión prostituida de la entrega femenina. (p. 204-205).

Estas considerações derivam-se da informação sobre contextos de iniciação sexual apresentados pelos autores, em referência aos argumentos masculinos para convencer as mulheres a consumir o ato sexual. Nas palavras destes autores: “[...] argumentos, entre los que figuran no solamente el amor sino además supuestas mejoras en la condición de vida de las jóvenes.”⁸³ (p. 100).

Conforme referido neste capítulo, oferecer benefícios materiais explícitos, como parte do roteiro de conquista e após o estabelecimento da relação, é um tema avaliado como legítimo neste contexto, por significar demonstração de compromisso

⁸³ Afirmação baseada em relatos de suas informantes, como, por exemplo, o seguinte:

...te dicen cosas bonito pues. Te dicen que tú vas a ser para toda mi vida, ... lo que tengo yo te voy a apoyar. Y, uno de chica, muchas chicas se ilusionan y más que todo creo que son las chicas de... las zonas rurales, de las palmas, de las chacras, los pueblitos... son pues las niñas que no tienen orientación. Hasta yo, sería mi caso. Por querer sobresalir. (p.100).

e afeto. As mulheres se referem abertamente ao ganho material avaliado como justo, ao se inserirem em vínculo com atividade sexual. Não se trata de afirmar a necessidade de pagamento, em sentido “comercial” estrito, e, portanto, de estar em terreno próximo à prostituição. Em nenhum caso as participantes do estudo indicaram algo semelhante. Os benefícios são vistos, idealmente, como expressão de valor, carinho e consideração, além de uma justa recompensa, em troca do que elas oferecem, com sua participação no relacionamento.

Para além dos casos referidos majoritariamente pelas informantes, nos depoimentos acerca de suas trajetórias afetivo-sexuais – relacionamentos conjugais, namoros ou outras formas de relacionamento com certo grau de duração, estabilidade e legitimidade – vale examinar mais detidamente dois casos, nos quais foi referida a existência de compensação imediata por parte do parceiro, condição que, eventualmente, poderia levantar suspeitas de “interesse” ou de proximidade com a prostituição. As situações são interessantes, pois, ao se aproximarem da fronteira, possibilitam uma delimitação das diferenças.

O primeiro caso é relatado por Noemí. Ela descreve o comportamento sexual de amigas de sua adolescência, indicando uma situação limite, em que parece que o limite da troca no sistema dádiva teria sido ultrapassado, aproximando-se da troca mercantil. Este dado seria indicado pela variável temporal, dada a compensação imediata após contato sexual, denominada por ela como “pago”. Porém, aos olhos da informante, o caso não se enquadraria na categoria prostituição, pois ocorreria no marco do circuito de reciprocidade de um tipo de relação, ainda que o caráter da mesma não seja claro para ela.

[...] ellas se agarraban el espejo, como eran blanquitas, [...] me decían “Ay, tengo hambre”, decían, “¿Tienes hambre?”, “No tengo nada de comer”, “¿No tienes nada de comer? Ahorita va a venir tal fulano, ahorita va a venir tal fulano”, “Voy a ponerme bonita”, comenzaba a pintarse, a pintarse bonita, un rato estaba viniendo ya, el galán, su chico, un rato estaba sonando la cama ya, estaban haciendo sexo ya ellos, ya, un rato ya, como su marido, no sé, no entiendo, señorita, esa relación, pero era su enamorado pues, su enamorado, su enamorado le daba su plata y un rato estaban cocinando, estaban comiendo, y venía el otro de la otra, igual manera y así vivían ellos, se enamoraba de otro chico, el chico también le, le hacía el amor, le daba su plata y con eso comían, pero no eran prostitutas, eran solamente chicas así, no sé, fácil, eso, así vivían su mundo de ellas. (Noemí/36)

Para Noemí, trata-se de um estilo de vida pouco desejável, que denota um comportamento negativo das jovens, que considera “fáceis”. Trata-se de um mundo do qual se distancia, inclusive em termos de posição social e étnica, ao associá-lo, pejorativamente, ao estilo de vida rural ou indígena.

No eran prostitutas, no tenían, eran chicas de, que no tienen estudio, no tienen cultura, son chicas de pueblo, como si estarían viviendo en la chacra, en una chacra, crecen las niñas de 10, 12 años, ellas ya tienen relaciones, los mismos hombres de ahí de pueblo ellos les violan y toman sus tragos, y viven en ese mundo, es un mundo de, algo, ¿Cómo se llama señorita? algo, como parece de, de ignorantes, como unas, unos indígenas pues, que nunca se han relacionado con ninguna persona, yo pienso así, no sé si será cierto así y esas chicas habían venido de allá, de la chacra habían venido a vivir acá, tenían una casita y vivían, pero vivían pura ellas, su mamá [...] vivía en la chacra, ellas han venido acá a trabajar. (Noemí/36)

Outro caso ilustrativo que marca a fronteira com o tema da prostituição é o de Liliana. Ela, em determinado momento de sua trajetória, foi *dama de compañía*⁸⁴ e atualmente tem um amante, seu tio político, do qual recebe apoio econômico. A partir destas experiências ela efetua uma reflexão sobre as distinções entre os dois tipos de troca – dádiva e mercado – particularmente esclarecedora:

[...] ¿Cómo ves la diferencia entre la relación que ha surgido con tu tío y las otras que tenías... o te parece que es parte de lo mismo?
*No, no creo que sean la misma, porque **las otras eran solamente eventuales y muy cortas y sólo para un fin** ¿ya? Sólo tenía relaciones sexuales y me pagaban cada vez que tenía relaciones sexuales, es más con las parejas que tenía así... que tenía así por largo... por unos meses cortos ¿no? con esas personas que a mí me gustaban como hombre y que disfrutaba las relaciones sexuales también solamente era retribuida solamente por el momento en que teníamos relaciones sexuales ¿ya? O sea no eran parejas que salíamos a comer juntos... porque siempre definitivamente si igual salíamos a comer juntos terminábamos en la cama ¿ya? Y terminaba siendo pagada por ellos, por más que teníamos una relación de dos meses, cuatro meses... igual tenía que tener relaciones sexuales para que me den dinero ¿ya? Siempre era así con ellos **pero con esta relación que tengo con mi tío es muy diferente, yo le noto diferente porque con él no tengo que acostarme para que me de dinero, con él no tengo que estar diciendo “necesito tanto y vamos a la cama o vamos a un hotel”** porque él no me pide tener relaciones sexuales ¿no? **él no me exige tener relaciones sexuales** sino él está a mi lado, cuando yo más lo necesito **él está ahí para que me ayude, él está ahí para que me de un abrazo**, para que me apoye, para que me diga “¿Cómo estás?, ¿Estás bien?, ¿Te estás cuidando? ¿Te tratan bien? ¿Estás bien en tu trabajo?” siempre está ahí para que me ayude, como te he dicho antes, como un protector que está ahí a mi lado, cuidándome [...] **o sea hay más afecto con él no es tanto relacionado con el sexo con él ¿no?** es más diferente la relación que tenemos con él [...] no hay necesidad de que yo me acueste con él para estar bien o para recibir algo de él, siempre cuando me voy siempre tiene algo para mí o si me voy a visitarle, una cosa que tengo un problema “ya hija, tal día vienes y yo te doy” y siempre lo hace y no me dice “en tal hotel te espero ahí te voy a dar”, no me dice así, cosa muy diferente que sucedía con las demás personas. (Liliana/24)*

Um elemento central neste trecho concerne à variável temporal, o tempo decorrido entre a ida e volta do trocado. É isto que diferencia as modalidades de relacionamento. O pagamento imediato após a prestação de serviço sexual é a principal característica em encontros de caráter mercantil. Por outro lado, no caso do tio amante, ela afirma que não havia necessidade de devolução imediata dos

⁸⁴ Um comércio sexual muito discreto, o qual nenhuma pessoa de seu círculo familiar e social teria a possibilidade de conhecer. Ela justifica tal inserção para financiar seus estudos superiores.

favores materiais pela via do intercuro sexual. Esta condição é interpretada como ausência de obrigatoriedade de devolução, embora seja evidente que eles estão envolvidos em relacionamento que garante acesso sexual.

A diferença temporal e a forma com que Liliana a explicita remete às reflexões de Bourdieu (1996) sobre o tema. Para este autor, em uma economia da dádiva, é o intervalo de tempo entre a dádiva e a contradádiva que faz com que os participantes considerem este fluxo como livre e espontâneo, apesar de estar inserido em um sistema de trocas obrigatórias.

É o intervalo temporal entre o dom e o contradom que permite ocultar a contradição entre a verdade vivida (ou desejada) do dom como ato generoso, gratuito e sem retribuição, e a verdade que o modelo revela, aquela que faz do dom um momento de uma relação de troca transcendente aos atos singulares de troca. Ou seja, o intervalo que possibilita viver a troca objetiva como uma série descontínua de atos livres e generosos é o que torna psicologicamente viável e vivível a troca de dons, ao facilitar e favorecer a *self deception*, a mentira para si mesmo, condição da coexistência do conhecimento e do desconhecimento da lógica da troca⁸⁵. (BOURDIEU, 1996, p. 8).

Outra diferença referida por Liliana associa-se com os outros elementos presentes em seu relacionamento com o tio: o afeto e suporte moral, em oposição à situação de prostituição que, como ela afirma, possuiria apenas uma só finalidade: a troca de sexo por dinheiro, quando este bem é adquirido nos termos mais abstratos e impessoais, sem qualquer vínculo afetivo ou social.

Já no início do capítulo, a partir de alguns exemplos etnográficos, apontamos que a prostituição é um fenômeno complexo do qual a troca estritamente mercantil é só um tipo possível, no entanto para fins metodológicos interessa este tipo (quase ideal) já que permite marcar com clareza as fronteiras da troca que aqui se está tratando. Diversos estudos⁸⁶ tem mostrado que as trocas entre prostitutas e clientes envolvem, com frequência, uma série de elementos para além do dinheiro e do sexo (alguns serviços domésticos, certos níveis de afeto, etc.). No entanto, este é um tema que, embora se considere importante mencionar, não será desenvolvido.

⁸⁵ Bourdieu introduz a variável temporal para tentar articular, e ao mesmo tempo dissolver a contradição entre as teorias da dádiva de Mauss e Lévi-Strauss. A primeira se refere à "verdade vivida" ou fenomenológica, enquanto a segunda, "estruturalista", concerne ao modelo subjacente à experiência.

⁸⁶ Ver, por exemplo, Nieto (2009)

5 CONCLUSÕES

Este trabalho visou analisar a temática da sexualidade feminina na área urbana da região amazônica do Peru. Foi realizado um trabalho de campo intensivo, que combinou entrevistas em profundidade com observação participante. O material empírico produzido é bem mais amplo e diversificado do que esta tese pôde contemplar e espero dar continuidade à análise dos dados em breve. Diante das condições de tempo impostas à redação, optei por uma apresentação dos dados em duas partes.

A primeira parte desta tese é dedicada à *charapa ardiente*, representação hipersexualizada da mulher amazônica, de ampla vigência no Peru. Esta representação foi analisada em dois planos intimamente vinculados: no primeiro, o foco incide sobre a dimensão cognitiva, os conteúdos e significados associados à representação. O segundo plano concerne às interações ou, como aponta Laplantine (1991), à circunstância em que a representação consiste em instrumento para a ação.

O primeiro capítulo se refere ao primeiro plano, no qual é apresentada a maneira como os discursos de hipersexualização que marcaram a percepção sobre a região amazônica e sua população sedimentaram-se, ao longo do processo histórico de colonização desta região. Apresentam-se discursos de tipo religioso, naturalista, de racismo científico, saúde pública, etc. Para além das diferenças nos conteúdos desses discursos, observou-se que eles mantêm, como núcleo semântico, a sexualidade como assunto problemático. Esta representação da sexualidade faz parte de uma percepção colonialista, que marca a relação entre esta região e o restante do país, até os dias atuais.

No que concerne à ênfase particular na erotização das mulheres amazônicas, as explicações consideradas mais pertinentes são: o protagonismo de uma perspectiva masculina externa na definição da representação e, portanto, o estranhamento mais enfático, frente aos códigos sociais em torno da sexualidade feminina. Estes seriam particularmente diferentes daqueles em vigor nos lugares de origem desses personagens. (CHIRIF, 2004). Há, também, outro elemento relevante nesta configuração: o papel possível da representação, como fator de controle da sexualidade de outras categorias de mulheres. (MANNARELLI, 2004). Finalmente,

um elemento de particular importância constitui o tipo de inserção econômica da região na dinâmica nacional, por duas razões.

Em primeiro lugar, por se tratar historicamente de uma economia extrativista, caracterizada pela mobilização de grandes contingentes de trabalhadores do sexo masculino – de diversas origens – para a região. Eles teriam um tipo de aproximação sexual predatória com as mulheres nativas. (CHIRIF, 2004). Assim, a representação referente à ardência delas convergiria como uma possível mediação justificatória de tal conduta. Neste contexto histórico, a mulher teria se convertido em símbolo do lugar da região, na dinâmica econômica nacional mais ampla: um “espaço de usufruto” periférico, mas pleno de riquezas e disponível para os que nela penetrem.

Considera-se como hipótese plausível que a representação tenha ganho uma força particular no *boom* da borracha, período de grande importância no processo de constituição das regiões urbanas amazônicas. No entanto, a carência de estudos sobre o tema no momento histórico mencionado não permite asseverações definitivas. Considera-se que os estudos das relações de gênero e sexualidade sobre esta época sejam escassos, de modo que apontamos a necessidade de investigações sobre o tema, o que permitiria um entendimento mais contextualizado sobre o momento atual.

No final do primeiro capítulo desta tese efetuou-se uma reflexão, com caráter de ensaio, sobre o lugar da representação da *charapa ardiente* para a nação peruana. A figura da mulata brasileira foi tomada como referente comparativo. Ambas as personagens são mulheres subalternas, cuja caracterização de hipersexualidade é produto de relações específicas de poder, em que considerações étnicas e de gênero imbricam-se com os processos colonialistas locais. Apesar dessa semelhança inicial, há uma diferença crucial: as elaborações em torno do tema da reprodução são centrais no que concerne à mulata, o que não se observa para a *charapa*.

No caso da mulata, as elaborações em torno do tema reprodutivo ocupam um lugar central nos debates sobre a mestiçagem no Brasil, pensado como uma totalidade, conforme documenta a historiografia clássica deste país. Já para a figura da *charapa*, proponho que, por sua circunscrição a uma área periférica do país, a representação estaria desligada de preocupações qualitativas, referentes à reprodução dos cidadãos do conjunto da nação.

Contudo, embora não exista maior elaboração em torno da prole, produto da atividade sexual “desordenada” da *charapa*, ela tem sido pensada como um perigo para a “boa” reprodução da nação, por ser considerada como “rouba maridos” de mulheres de outras regiões. Do mesmo modo que a mulata, em algumas das versões aqui apresentadas, desempenha o papel de “solvente da família”. No entanto, diferentemente da mulata, não conta com versões alternativas⁸⁷. A partir de seu lugar periférico, ela tem sido configurada de maneira menos ambígua e mais claramente como ameaça à “boa” ordem da família. A análise aqui desenvolvida ainda é preliminar e demanda maior aprofundamento, mas consiste em pista de investigação para futuros estudos.

Além dos olhares externos, que são, sem dúvida, os que deram origem à representação, esta pesquisa explora – no segundo capítulo – as opiniões e experiências das mulheres acerca desta representação e os significados a ela atribuídos. Nesse sentido, os principais achados são:

Primeiro, que se apresentam pontos de vista diversos, com convergências e divergências, relativamente aos olhares externos. Assim, os posicionamentos das informantes frente à representação foram três: negação, aceitação, resignificação, não necessariamente excludentes. Em vários casos observam-se posicionamentos flexíveis, com variações, de acordo com a circunstância de enunciação.

Para além destes posicionamentos, cabe observar as concepções que surgiram sobre a sexualidade na região. Estas ideias configuram um campo semântico comum, no qual coincidem tanto aquelas que rejeitam a representação como as que a aceitam. Tal campo semântico inclui, de um lado, noções de liberdade/espontaneidade/autenticidade e, por outro, concepções de libertinagem/perdição.

Na maioria dos discursos das informantes apresenta-se uma oscilação entre concepções gerais, associadas a todas as mulheres, e noções particulares às mulheres da região. De acordo com os significados em jogo, tais identificações podem se alterar. Da mesma maneira há, também, uma variação entre elas, como indivíduos, e o coletivo feminino da região, noções que se acionam de modos flexíveis, de acordo com os significados. Assim, quando ser mulher “ardente” significa ser “fácil” e “rouba maridos” (associação mais recorrente), não se admitem

⁸⁷ Sob a perspectiva de um olhar externo.

diferenças entre as mulheres desta região e de outras. Sem negar a existência deste tipo de mulheres, afirmam sua presença, tanto neste âmbito quanto no restante do país. Nesta argumentação, a diferença individual entre as pessoas é central. Muitas entrevistadas referem que depende “de cada um”, “da personalidade”, etc. Contudo, os argumentos defensivos por vezes se desdobram em afirmações que acentuam as características da região e se remetem às mulheres deste âmbito como um coletivo. Diferenças são então efetuadas, com afirmação de certas qualidades, como serem mais livres, sinceras e “sem hipocrisias” – de preferência, sem que isto se passe no terreno da sexualidade. Os atributos individuais se dissolvem no contraste entre nós (livres, sinceras, etc.) e eles (hipócritas, reprimidos, etc.). Uma minoria inclui a sexualidade nesta versão positiva, operando uma resignificação deste tema, o que possibilita afirmá-lo como parte integrante de sua identidade. Há, ainda, outro movimento: a passagem de um nós “bom” (livres, sinceras, etc.) a um nós “mau” (libertinos e perdidos). Neste processo verifica-se um cuidado de efetuar um distanciamento das enunciantes como pessoas, dos significados negativos, ao mesmo tempo em que estes são afirmados como uma particularidade da região como coletivo.

No que tange às experiências de vida associadas à representação, as entrevistas contêm grande número de cenas de confronto, que se alinham com a posição de negação defensiva. No entanto, esta não é a única forma em que a representação comparece em suas experiências. São mencionados, também, significados positivos, em situações nas quais elas detêm o controle. Nestes casos, é acionada como um elemento de sua identidade, enquanto aspecto passível de produzir algum benefício, seja econômico, seja de diversão.

Os diversos posicionamentos das mulheres em torno da representação e a maneira como estes e seus significados são recriados de acordo com as circunstâncias expressa que, embora se trate de um regime de representação marcado por relações de poder, no qual os melhor posicionados colocam os significados em vigor, as pessoas nomeadas pela representação encontram as maneiras de manipular estes significados, atribuindo distintos sentidos. Trata-se de uma dinâmica – como apontam Poutignat e Streiff-Fenart (1998) – em que definições endógenas e exógenas estão em oposição dialética.

Tanto no que concerne às opiniões quanto às experiências em torno da representação da mulher amazônica como *ardiente* não se registram diferenças

relativamente ao aspecto geracional, pois as declarações das jovens e das adultas são convergentes.

Cabe destacar que a representação de *charapa ardiente*, caso de hipersexualização de uma categoria subalterna de mulheres, não consiste em uma particularidade da Amazônia peruana. Este se insere em um panorama mais amplo de processos colonialistas, em que traços étnico/regionais, estilos de sexualidade e gênero se imbricam, como parte de configurações específicas de poder mais amplas. No que tange à América Latina, por exemplo, estão bem documentados casos na Colômbia e no Brasil. No entanto, cabe também mencionar que, geralmente, estes casos se referem à população afro-descendente. Considerando a restrita visibilidade do tema, no que concerne a outras populações, avalio que as reflexões apresentadas na primeira parte desta tese constituem um aporte relevante.

Já na segunda parte deste trabalho o foco de interesse recai sobre a análise do lugar da sexualidade na construção de si, entre mulheres da região, no terreno vivencial, tomando como base aspectos de suas trajetórias sexuais e afetivas. A partir da análise das experiências de iniciação sexual e infidelidade das informantes, além de seus discursos sobre a importância do sexo, evidencia-se uma preeminência do contexto relacional e de reciprocidade conjugal (ou de relação de namoro) como o marco ideal para o exercício sexual ativo.

Diferentemente das ideias correntes sobre a sexualidade feminina, em que se destaca o prazer – na versão de campo autônomo, dissociado de outras considerações – como eixo estruturante do exercício sexual das mulheres, nas trajetórias das informantes a atividade sexual está claramente subsumida aos ideais de relacionalidade, em vínculos regidos pela reciprocidade. Ainda nas situações de infidelidade, campo sobre o qual existe – inclusive localmente – a representação da satisfação do desejo como motivação privilegiada (CÁCERES et al., 2002; FULLER, 2004a), esta pesquisa indica que as expectativas relacionais são centrais. Cabe lembrar que a bibliografia brasileira sobre a temática da sexualidade feminina também assinala com vigor este traço, como estruturante das relações amorosas-sexuais. (DUARTE, 1987; HEILBORN, 1999; HEILBORN; GOUVEIA, 1999; SALEM, 2006).

Embora não sejam concedidos o destaque e a importância do discurso relacional, também foi identificado um discurso fiscalista, que aponta a “necessidade corporal” como motivação da atividade sexual. No entanto, na maioria dos casos que

referem este elemento, trata-se de um desejo que, idealmente, deve ser satisfeito em um relacionamento conjugal ou estável. Em grande medida, o discurso fiscalista é englobado por aquele que destaca os princípios da relacionabilidade e da família.

No caso dos três principais temas abordados com as informantes no terceiro capítulo: a iniciação sexual, a infidelidade e a importância do sexo, não se apresentaram diferenças expressivas entre mulheres adultas e jovens. No entanto, surgiram algumas distinções.

No que se refere à iniciação sexual, observou-se que ofertas de compromisso a longo prazo, como argumento dos parceiros para persuadir as mulheres a se engajarem sexualmente foram mais destacados nos discursos das adultas. Por outro lado, entre as mais jovens, o tema dos avanços físicos dos parceiros, como fator que precipitou a aceitação do ato sexual, foi bem mais acentuado.

A “vontade de experimentar” como motivação para a iniciação sexual foi assunto mencionado com maior frequência pelas jovens, mas em ambos os grupos é considerada como razão não muito legítima, quando não ocorre no âmbito de um relacionamento, sem envolvimento afetivo.

O prazer não comparece nos discursos sobre a experiência da iniciação sexual em nenhuma entrevista. No entanto, de algum modo, está implícito, quando as mulheres se referem aos avanços no plano da corporalidade, como beijos e carícias, o que acontece majoritariamente entre as jovens. Já no que tange aos casos de infidelidade, apenas uma jovem informante se referiu ao desejo como motivação central da experiência.

Sobre a importância do sexo, a maioria, tanto jovens quanto adultas afirmou que se trata de assunto importante na vida. As falas mais frequentes destacam a relevância da atividade sexual, na medida em que ela é englobada por valores relacionais de harmonia entre parceiros e estabilidade familiar. Estes discursos relacionais apresentam duas vertentes. Uma primeira, mais centrada no valor da aliança, na qual o acesso sexual apresenta-se como serviço prestado ao parceiro, em prol da estabilidade familiar. Este discurso é referido por uma minoria, dentre as adultas. Uma segunda vertente enfatiza a importância do sexo como via de comunicação, gratificação mútua e expressão de amor que, finalmente, também conduziria à harmonia entre os parceiros e da família em geral. Este é o discurso majoritário entre as adultas e é unânime entre as jovens.

As informantes que consideraram o sexo como aspecto pouco ou nada importante na vida (uma minoria) são majoritariamente adultas. Os motivos pelos quais elas descartam sua importância consistem no fato de terem vivenciado experiências insatisfatórias e/ou terem perdido o desejo, por se encontrarem em uma idade considerada avançada (as duas mulheres com este posicionamento possuíam em torno de quarenta e cinco anos).

Finalmente, a tese abordou o tema das trocas econômico-sexuais em relacionamentos sexuais referidos como mais correntes, e não naqueles categorizados como prostituição. Este assunto foi considerado de interesse, dada a importância a ele atribuída por pesquisas precedentes, por consistir em aspecto chave para a compreensão do tema da sexualidade na região (em comparação com as outras regiões do país). A preeminência da sexualidade feminina como recurso para acesso a bens – entre outros – também é um dado da presente investigação, apesar de se tratar de estudo centrado na região amazônica, o que não permite efetuar afirmações de caráter comparativo a nível nacional. Neste contexto, constatou-se que a oferta de benefícios materiais explícitos, por parte dos homens, como parte do roteiro de conquista e, ainda, após o estabelecimento do relacionamento, é um tema relevante e legítimo. As dádivas materiais estão associadas a demonstrações de compromisso e afeto. As mulheres se referem abertamente ao benefício material considerado justo, ao ingressarem em um relacionamento que envolva acesso sexual.

Este fato conduziu alguns pesquisadores (ARIAS; ARAMBURU, 1990) a afirmarem que, neste contexto, a sexualidade feminina teria um caráter *prostituído*. Os achados desta pesquisa contradizem estas afirmações. O fato de que a oferta e o recebimento de bens ou de favores econômicos estejam presentes em relacionamentos que envolvem acesso sexual às mulheres não significa que se trate de pagamentos no sentido “comercial”. Portanto, não há evidências de uma proximidade com a esfera da prostituição, pois os benefícios são entendidos idealmente como demonstração de valor, carinho e consideração, além de uma justa recompensa pelo que elas oferecem. Trata-se de uma economia doméstica de troca de benefícios materiais por serviços sexuais e domésticos.

Contudo, neste contexto apresentam-se condutas identificadas como “interesseiras”, definidas a partir da ruptura dos circuitos da reciprocidade: receber e não retribuir, em condições consideradas adequadas. Os casos paradigmáticos de

relação por interesse identificados pelas informantes ocorrem entre mulheres jovens e homens mais velhos. A suspeita de “interesse”, frequentemente associada a este tipo de relacionamento, se vincula à tendência a ser “passageiro”, de curta duração, o que indica ausência de condições temporais necessárias ao estabelecimento de uma relação de reciprocidade apropriada. Assim, aquelas que estão inseridas nesta modalidade de vínculo, ao narrarem suas experiências, apontam o fator temporal de permanência neste tipo de relação como argumento de defesa, frente a imputações de serem “interesseiras”. Por outro lado, menciona-se também o fato de que os homens mais velhos envolvidos com mulheres jovens sejam geralmente casados, o que evidencia a inviabilidade de oferta de uma união estável, condição central para a reciprocidade. A partir destes dados, é possível suspeitar que a mulher está apenas por “interesse” e/ou que ele só quer “se aproveitar”.

A sexualidade da mulher, especialmente quando jovem, além de ser recurso importante para sua sobrevivência e bem-estar (também de seus filhos), com frequência também acarreta certos benefícios para a família de origem. Isto acontece, sobretudo, nos casos de relacionamentos intergeracionais, quando o homem mais velho é, geralmente, melhor posicionado economicamente, em comparação com a jovem e sua família de origem. Nestes casos, é frequente que as mães participem dos termos em que se estabelece o relacionamento. Elas são as figuras frente às quais o potencial parceiro assume certas responsabilidades econômicas com a filha. Nos casos aqui tratados os benefícios para a família de origem não integram os acordos, mas ocorrem no decorrer da relação.

No que concerne à intervenção da família da mulher nos arranjos de parceria das filhas jovens, apresenta-se uma diferença, marcada pelo grupo de idade. No caso das mulheres adultas, embora se trate de uma minoria, há situações com maior participação dos pais: duas informantes descrevem histórias em que os casamentos foram arranjados pelos pais, com homens que elas não conheciam, o que não foi mencionado entre as jovens.

A educação e a busca por um parceiro concorrem, nos discursos das informantes, para assegurar um bom futuro, o que não significa que sejam circunstâncias excludentes, pois o parceiro é percebido como um potencial financiador das aspirações educacionais das mulheres. A ênfase na educação é mais marcante entre as jovens, mas não é ausente nas adultas. Este dado, apesar de estar associado a diferenças geracionais, pela importância crescente da

educação, pode ser mais preeminente, em virtude do momento do ciclo de vida das entrevistadas. Para as jovens, trata-se de uma preocupação/aspiração muito atual, enquanto para as adultas é assunto que já consistiu em preocupação no passado. Entretanto, cabe destacar que duas adultas possuem trajetórias com conquistas educacionais recentes. Dentre as jovens, várias afirmam terem recebido apoio dos parceiros para fins educacionais. Entre as adultas isto é mais limitado, pois somente uma mulher conseguiu estudar com suporte de um amante. As restantes que afirmaram aspirações educativas indicaram a existência de oposição dos parceiros, no que se refere a esta meta.

Para finalizar as conclusões da segunda parte desta tese, apresento uma hipótese acerca do plano comparativo nacional. Destaca-se o caráter de hipótese das associações de ideias aqui mencionadas, uma vez que este estudo não possui caráter comparativo.

O terceiro capítulo contém achados de pesquisas precedentes, que sugerem particularidades da região amazônica, em contraste com outros contextos nacionais, no terreno da sexualidade. Dois aspectos são fundamentais: primeiro, o fato de que esta dimensão conte com uma marcada preeminência na dinâmica social, e segundo, o fato de se constituir como relevante recurso feminino. A presente pesquisa demonstrou a centralidade do marco relacional (valor família) na configuração da sexualidade feminina neste contexto, há um vigoroso englobamento desta pela dinâmica relacional-familiar. Portanto, considera-se que, se a sexualidade na área investigada possui tais características específicas, elas deveriam estar associadas, de algum modo, a particularidades dos sistemas familiares regionais. Conforme mencionado, uma característica distintiva deste contexto concernente à organização familiar consiste na presença de um padrão matrifocal mais acentuado do que no restante do país, segundo os estudos mencionados.

A maior presença deste modelo nesta área pode iluminar a preeminência da sexualidade na vida conjugal e a concepção desta como importante recurso feminino. Dois motivos podem ser aventados acerca desta afirmativa: o primeiro se refere à frequência de uniões conjugais nas quais o homem se ausenta por longos períodos (por razões laborais) ou quando sua presença é intermitente, por se dedicar a mais de um lar. Deste modo, há menos espaço para trocas com o parceiro, de forma que a solidariedade conjugal pode se centrar mais na troca sexual do que em outras dimensões da vida ou em projetos conjuntos.

Além disso, contar com maior número de parceiros sexuais na trajetória biográfica⁸⁸ feminina significa, potencialmente, a existência de maior diversidade de situações nas quais há negociação em torno da atividade sexual. Tal condição ensejaria a maior visibilidade da atividade sexual como recurso neste contexto, comparativamente às outras regiões do país. Cabe aqui enfatizar que tal manejo da sexualidade não é exclusivo da região amazônica urbana no Peru, consistindo em aspecto presente em outros contextos⁸⁹.

A relação entre matrifocalidade e preeminência da sexualidade feminina como recurso é uma pista a ser considerada em estudos comparativos sobre família, gênero e sexualidade, no plano nacional. Considera-se um aspecto chave, capaz de propiciar uma compreensão mais profunda das referidas diferenças regionais.

⁸⁸ Com os quais a atividade sexual seria um eixo de interação relevante, conforme referido.

⁸⁹ O destaque aqui apontado tem como base comparativa apenas o contexto nacional peruano.

REFERÊNCIAS

AGURTO, G. Iquitos: Bangkok latinoamericano. *Caretas*, n. 1705, 2002. Disponível em: <<http://www.caretas.com.pe/2002/1705/articulos/iquitos.phtml>>. Acesso em: 9 fev. 2010.

ARDNER, E. *Divorce and fertility: an African study*. London: Oxford Univ. Press for the Nigerian Institute of Social and Economic Research, 1962 apud TABET, P. *La grande beffa: sessualità delle donne e scambio sesso-economico*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2004.

ARIAS, R.; ARAMBURU, C. *Uno empieza a alucinar: percepciones de los jóvenes sobre sexualidad, embarazo y acceso a los servicios de salud: Lima, Cusco e Iquitos*. Lima: Redess Jóvenes: Fundación Summit, 1999.

BANT, A.; MOTTA, A. *Género y salud reproductiva: escuchando a las mujeres de San Martín y Ucayali*. Lima: Movimiento Manuela Ramos, 2001.

BARLETTI, J. Sexualidad en la Amazonía: la construcción del imaginario social. In: ELIAS, E.; NEIRA, E. (Ed.). *Salud reproductiva en la Amazonía: perspectivas desde la cultura el género y la comunicación*. Iquitos: Minga-Perú, 2004. p. 99-115.

BARRIG, M. Pitucas y marocas en la nueva narrativa peruana. In: RUIZ-BRAVO, P. (Ed.). *Detrás de la puerta: hombres y mujeres en el Perú de hoy*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1996.

BARTH, F. Introdução: Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. (Ed.). *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

BOURDIEU, P. Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 7-20, 1996.

CÁCERES, C.; SALAZAR, X.; ROSASCO, A. M.; FERNANDEZ, P. *Ser hombre en el Perú de hoy: una mirada a la salud sexual desde la infidelidad, la violencia y la homofobia*. Lima: Redess Jóvenes, 2002.

CANESSA, A. El sexo y el ciudadano: barbies y reinas de belleza en la era de Evo Morales. In: WADE, P. (Ed.). *Raza, etnicidad y sexualidades: ciudadanía y multiculturalismo en América Latina*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2008.

CARRARA, S. Estratégias anticoloniais: sífilis, raça e identidade nacional no Brasil do entre-guerras. In: HOCHMAN, G.; ARMUS, D. (Ed.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2004. p. 427-454.

CASTRO, E. V.; ARAUJO, R. B. Romeu e Julieta e a origem do Estado. In: VELHO, G. (Ed.). *Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 130-169.

CHIRIF, A. El imaginario sobre la mujer loretana. In: ELIAS, E.; NEIRA, E. (Ed.). *Salud reproductiva en la Amazonía: perspectivas desde la cultura el género y la comunicación*. Iquitos: Minga-Perú, 2004. p. 59-79.

COELHO, M. C. *O valor das intenções: dádiva, emoção e identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2006.

DE LA CADENA, M. The political tensions of representations and misrepresentations: intellectuals and mestizas in Cuzco (1919-1990). *Journal of Latin American Anthropology*, v. 2, n. 1, p. 112-147, 1996.

DEAN, B. Introducción: El Dr. Máxime Kuczynski-Godard y la medicina social en la Amazonía peruana. In: KUCZYNSKI-GODARD, M. (Ed.). *La vida en la Amazonía peruana: observaciones de un médico*. Lima: Facultad de Ciencias Sociales/ Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2004. p. 17-20.

DUARTE, L. F. Pouca vergonha, muita vergonha: sexo e moralidade entre classes trabalhadoras urbanas. In: LOPES, J. S. L. (Ed.). *Cultura e identidade operária: aspectos da cultura das classes trabalhadoras*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987. p. 203-226.

_____. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Ed.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 39-80.

DUMONT, L. La conception moderne de l'individu: notes sur la genèse, en relation avec les conceptions de la politique de l'État à partir du XVIII^{ème} siècle. *Esprit*, v. 2, n. 4, p. 18-54, 1978.

_____. *Homo hierarquicus: le système de castes e ses implications*. Paris: Gallimard, 1966.

ECPAT INTERNATIONAL. *¿Mercancía sexual?: cómo hemos creado la demanda para explotación sexual comercial de niños, niñas y adolescentes en el Perú*. Bangkok, 2005.

ESCOBAR, A. *La invención del Tercer Mundo: construcción y deconstrucción del desarrollo*. Traducción de D. Ochoa. Santafé de Bogotá: Norma, 1998.

FIGUEROA, F. *Informes de Jesuitas en el Amazonas*. Iquitos: CETA, 1986 apud CHIRIF, A. El imaginario sobre la mujer loretana. In: ELIAS, E.; NEIRA, E. (Ed.). *Salud reproductiva en la Amazonía: perspectivas desde la cultura el género y la comunicación*. Iquitos: Minga-Perú, 2004. p. 59-79.

FONSECA, C. Crianças em circulação. *Ciência Hoje*, v. 11, n. 66, p. 33-38, 1990.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2006.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1933 apud MOUTINHO, L. *Razão, "cor" e desejo*. São Paulo: Unesp, 2004.

FULLER, N. Contrastes regionales en las identidades de género en el Perú urbano: el caso de las mujeres de la baja Amazonía. *Anthropologica*, v. 22, n. 22, p. 119-136, 2004a.

FULLER, N. Identidades en transito: femineidad y masculinidad en el Perú actual. In: _____. (Ed.). *Jerarquías en jaque: estudios de género en el área andina*. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2004b.

_____. *Masculinidades: cambios y permanencias*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2002.

GERBI, A. *Viejas polémicas sobre el Nuevo Mundo*. Lima: Banco de Crédito del Perú, 1943 apud CHIRIF, A. El imaginario sobre la mujer loreana. In: ELIAS, E.; NEIRA, E. (Ed.). *Salud reproductiva en la Amazonía: perspectivas desde la cultura el género y la comunicación*. Iquitos: Minga-Perú, 2004. p. 59-79.

GODBOUT, J. T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

GOW, P. The perverse child: desire in a native Amazonian subsistence economy. *Man*, v. 24, n. 4, p. 567-582, 1989.

GREGORY, C. *Gifts and commodities*. London: Academic Press, 1982.

HEILBORN, M. L. Construção de si, gênero e sexualidade. In: _____. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999. p. 40-58.

_____.; BRANDÃO, E. R. Introdução: Ciências sociais e sexualidade. In: HEILBORN, M. L. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999. p. 7-17.

_____.; GOUVEIA, P. F. Marido é tudo igual: mulheres populares e sexualidade no contexto da AIDS". In: BARBOSA, R. M.; PARKER, R. (Ed.). *Sexualidades pelo avesso*. São Paulo: Ed. 34, 1999. p. 175-213.

HENRIQUEZ, N. Imaginarios nacionales, mestizaje e identidades de género: aproximación comparativa sobre México y Perú. In: DE LA CADENA, M. (Ed.). *El hechizo de las imágenes*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2000.

HERDT, G. *Beyond sexual dimorphism in culture and society*. New York: Zone Books, 1996.

HERNÁNDEZ, J. *Relación del nuevo descubrimiento del famoso río Grande de las Amazonas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1955 apud RIVERA, E. *Antología de la Amazonía del Perú: 1539-1960*. Lima: Fundación Manuel J. Bustamante De la Fuente, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y INFORMÁTICA (Peru). *Encuesta demográfica y de salud familiar*. ENDES continua 2004-2006. Lima, 2007.

_____. *Encuesta demográfica y de salud familiar*. 2007-2008. Perú. Lima, 2009. Disponible em: <<http://desa.inei.gob.pe/endes/endes2007/Publicación%20ENDES.html>>. Acceso em: 17 abr. 2010.

JORDANOVA, L. *Sexual visions: images of gender in science and medicine between the eighteenth and twentieth centuries*. Madison: Univ. of Wisconsin Press, 1989. (Science and Literature).

KEMPADOO, K. *Sexing the Caribbean: gender, race and sexual labor*. New York: Routledge, 2004.

KUCZYNSKI-GODARD, M. *La vida en la Amazonía peruana: observaciones de un médico*. Lima: Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2004.

LAPLANTINE, F. Anthropologie des systèmes de représentations de la maladie: de quelques recherches menées dans la France contemporaine réexaminées à la lumière d'une expérience brésilienne. In: JODELET, D. (Ed.). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

LÉVI-STRAUSS, C. *Las estructuras elementales del parentesco*. Buenos Aires: Paidós, 1969.

MALINOWSKI, B. *Argonauts of the Western Pacific*. London: Routledge & K. Paul, 1922.

MANNARELLI, M. E. Comentario. In: ELIAS, E.; NEIRA, E. (Ed.). *Salud reproductiva en la Amazonía: perspectivas desde la cultura el género y la comunicación*. Iquitos: Minga-Perú, 2004. p. 116-123.

MARONI, P. *Noticias auténticas del famoso Río Marañón*. Iquitos: CETA, 1988 apud BARLETTI, J. Sexualidad en la Amazonía: la construcción del imaginario social. In: ELIAS, E.; NEIRA, E. (Ed.). *Salud reproductiva en la Amazonía: perspectivas desde la cultura el género y la comunicación*. Iquitos: Minga-Perú, 2004. p. 99-115.

MAUSS, M. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção de eu. In: _____. (Ed.). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974. p. 207-239.

MAUSS, M. Ensayo sobre los dones: razón y forma del cambio en las sociedades primitivas. In: _____. (Ed.). *Sociología y antropología*. Madrid: Tecnos, 1971. p. 155-263.

- McCLINTOCK, A. *Imperial leather: race, gender and sexuality in the colonial contest*. New York: Routledge, 1995.
- MOLINA, H. *Vigilancia epidemiológica: VIH-SIDA*. 2008. Disponível em: <http://www.disavlc.gob.pe/portal/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=362&Itemid=34>. Acesso em: 17 abr. 2010.
- MOUTINHO, L. Raza, género y sexualidad en el Brasil contemporáneo. In: WADE, P. (Ed.). *Raza, etnicidad y sexualidad*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2008.
- _____. *Razão, "cor" e desejo*. São Paulo: Unesp, 2004.
- OLIVAR, J. M. N. *Sexo, género, predação e família: pela vereda de uma prostituição beligerante: região central de Porto Alegre, anos 80*. Trabalho apresentado no 33. Encontro Anual da ANPOCS em Caxambu, MG, out. 2009.
- PAREDES, S. *Reporte 2004: invisibles entre sus árboles: derechos humanos de las mujeres indígenas amazónicas en el Perú*. Lima: Centro de la Mujer Peruana Flora Tristán, 2005.
- PARRY, J.; BLOCH, M. *Money and the morality of exchange*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1989.
- PIZARRO, A. Imaginario y discurso: la Amazonía. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, v. 31, n. 61, p. 59-74, 2005.
- POLANYI, K. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- PORTOCARRERO, G. Introducción: tensiones y (des)encuentros. In: ELIAS, E.; NEIRA, E. (Ed.). *Salud reproductiva en la Amazonía: perspectivas desde la cultura el género y la comunicación*. Iquitos: Minga-Perú, 2004. p. 13-27.
- POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1998.
- PRADO, P. *Retratos do Brasil: ensaios sobre a tristeza brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1931 apud MOUTINHO, L. *Razão, "cor" e desejo*. São Paulo: Unesp, 2004.
- RIVERA, E. *Antología de la Amazonía del Perú: 1539-1960*. Lima: Fundación Manuel J. Bustamante De la Fuente, 2007.
- RODRIGUEZ, N. *As raças humanas e a responsabilidade penal*. Salvador: Progreso, 1957 apud MOUTINHO, L. *Razão, "cor" e desejo*. São Paulo: Unesp, 2004.
- RUIZ-BRAVO, P. et al. *Prácticas y representaciones de género: informe final presentado a Reprosalud*. 1998. Trabalho não publicado.

SALEM, T. *O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2007.

_____. Tensões entre gêneros na classe popular: uma discussão com o paradigma holista. *Mana*, v. 12, n. 2, p. 419-447, 2006.

SANTOS, F.; BARCLAY, F. *La frontera domesticada: historia económica y social de Loreto, 1850-2000*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2002.

SCOTT, J. El género: una categoría útil para el análisis histórico. In: AMENLANG, J.; NASH, M. (Ed.). *Historia y género: las mujeres en la Europa moderna y contemporánea*. Barcelona: Alfons El Magnim, 1990. p. 265-302.

SISKIND, J. *To hunt in the morning*. London: Oxford Univ. Press, 1977.

_____. Tropical forest hunters and the economy of sex. In: GROSS, D. R. (Ed.). *Peoples and cultures of native South America*. New York: Doubleday: Natural History Press, 1973. p. 226-240.

SLATER, C. *Entangled edens: visions of the Amazon*. Berkeley: Univ. of California Press, 2002.

TABET, P. *La grande beffa: sessualità delle donne e scambio sessuo-economico*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2004.

VANCE, C. Anthropology rediscovers sexuality: a theoretical comment. In: PARKER, R.; AGGLETON, P. (Ed.). *Culture, society and sexuality: a reader*. London: Univ. College London Press, 1999. p. 39-54.

_____. El placer y el peligro: hacia una política de la sexualidad. In: VANCE, C. (Ed.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad femenina*. Madrid: Revolución, 1989. p. 9-49.

VARGAS LLOSA, M. *Pantaleón y las visitadoras*. Madrid: Alfaguara, 2004.

VIANNA, O. *A evolução do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956 apud MOUTINHO, L. *Razão, "cor" e desejo*. São Paulo: Unesp, 2004.

VIVEROS, M. *Dionisios negros: sexualidad, corporalidad y orden racial en Colombia*. p.1-18, 1998. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/ViverosVigola.pdf>>. Acesso em: 9 fev. 2010.

_____. Más que una cuestión de piel: determinantes sociales y orientaciones subjetivas en los encuentros y desencuentros heterosexuales entre mujeres y hombres negros y no negros. In: WADE, P. (Ed.). *Raza, etnicidad y sexualidad: ciudadanía y multiculturalismo en América Latina* Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2008. (Lecturas CES).

WADE, P. Debates contemporáneos sobre raza, etnicidad, género y sexualidad en las ciencias sociales. In: _____. (Ed.). *Raza, etnicidad y sexualidades: ciudadanía y multiculturalismo en América Latina*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2008. (Lecturas CES).

WEEKS, J. Discourse, desire and sexual deviance: some problems in a history of homosexuality. In: PARKER, R.; AGGLETON, P. (Ed.). *Culture, society and sexuality: a reader*. London: Univ. College London Press, 1999.

WEISMANTEL, M. *Cholas and Pishtacos: stories of race and sex in the Andes*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 2001.

WERLICH, D. *Admiral of the Amazon John Randolph Tucker: his confederate colleagues an Perú*. Charlottesville: VA University Press of Virginia, 1990 apud RIVERA, E. *Antología de la Amazonía del Perú: 1539-1960*. Lima: Fundación Manuel J. Bustamante De la Fuente, 2007.

ZALDUONDO, B.; BERNARD, J. M. Meanings and consequences of sexual-economic exchange: gender, poverty and sexual risk behavior in urban Haiti. In: PARKER, R.; GAGNON, J. (Ed.). *Conceiving sexuality: aproaches to sex research in a post modern world*. New York: Routledge, 1995.

GLOSSÁRIO

Aguaje	Fruta regional de amplo consumo na Amazônia peruana (ver fotografia em anexo 3)
Aguajera	Pessoa que vende <i>aguaje</i> (forma feminina)
Aguajina	Refresco feito de <i>aguaje</i>
Arrecha	Excitada
Asentamiento humano	Lugar de moradia de pessoas de baixa renda, geralmente situadas na periferia das cidades (equivalentes das “favelas” no Brasil)
Bacán	Bacana
Brebaje	Preparação para beber. Este termo usa-se, sobretudo no âmbito da magia
Bodega	Mercearia
Buchazo	Peitos grandes
Cachar	Ter relações sexuais
Cojuda	Tola
Cocona	Fruta regional usada, com freqüência na preparação de um tipo de pimenta
Cremolada	Gelo picado misturado com polpa de frutas
Comer	Da mesma forma que no português, é usado como gíria referida ao ato sexual
Chibolo/ Chibola	Pessoa muito nova
Cholo	Categoria étnica que faz referência às pessoas da área urbana, mas com características próximas do indígena
Culo / Culona	Cú / Mulher de bunda grande
Chacra	Chácara
Charapa	Pessoa originaria da selva
Chaufa / Arroz chaufa	Refeição de origem chinesa (arroz <i>chau fan</i>) de muita popularidade e grande consumo em todo o país

Chévere	Bacana
Chicle	Chiclete
Chucha / Chuchona	Vagina / Mulher de vagina grande. “Sacarle la chucha” é uma expressão usada no relato de uma informante para referir-se a bater fortemente em alguém
Dama de compañía	Mulher envolvida em comercio sexual de tipo discreto
“Darle de su próprio chocolate”	“Pagar na mesma moeda”. Maneira de afirmar a seguinte idéia: “para fazer com que eles experimentem a mesma situação”
¿Di?	Expressão usada muito freqüentemente na fala local, tem o sentido do “né?” em português
“El diario”	Quantidade de dinheiro usada diariamente para comprar os alimentos de uma família
Flor blanca	Categoria nativa que designa uma doença que, entre outros sintomas, inclui secreção vaginal
Gallo	Namorado
Hembra	Fêmea
Huerta	Quintal com árvores frutais ou outras plantas
Huachafa	Mulher considerada de mau gosto, que pretende aparentar posição social superior a da que realmente dispõe
Huambra / Huambrilla	Mulher muito nova
Huánuco	Cidade da serra central do Peru
Huaraz	Cidade da serra norte do Peru
Huevear	Usado por uma informante no sentido de aproveitar de uma mulher sexualmente. No entanto, o uso mais comum é o de enganar, desviar ou “enrolar”
Joder	Perturbar, incomodar
Lima	Capital do Peru
Loreto	Departamento mais extenso da região amazônica do Peru

Loretana	Mulher nascida em Loreto
Machacar	Moer
Mareado	Bêbado
Martirosa	De muito sofrimento
Misio	Pessoa carente de recursos econômicos
Monte	Área de floresta
Mototaxi ou motocar	Tipo de triciclo motorizado com cabine fechada, cujo funcionamento é similar ao táxi no Brasil, onde o motorista conduz, a princípio, até 3 passageiros – na prática podem ser mais. Trata-se do serviço de transporte público mais usado na Amazônia urbana do Peru
Mototaxista ou motocarrista	Motorista de mototaxi
Ñaña(o) / Ñañita(o)	Maneira carinhosa de se referir a uma pessoa
Palear	Bater
Pango	Forma local de preparação do peixe
Pinga	Membro sexual masculino
Pishcota	Mulher “fácil”
Piura	Cidade da costa norte do Peru
Pucha	Poxa
Piropo / Piropear	Cantada / Cantar
Puzanga	Conhecido perfume regional, usado para atrair a pessoa por quem se interessa sexualmente e/ou sentimentalmente
Queque	Bolo
Sacar la vuelta	Trair
Shambo	Tipo de aguaje
Tirar	Ter relações sexuais

Tonear	Divertir-se numa festa
Trujillo	Cidade da costa norte do Peru
Tushpa	Prateleira pequena
Vacilar	Divertir-se
Vivaracha	“Experta”
Wawawasi	Termo da língua quíchua que significa literalmente: “casa do bebê”. É a designação para as creches mantidas pelo governo peruano
Yarinacocha / Yarina	Lugar de lazer na beira de uma lagoa, muito freqüentado os finais de semana, próxima da cidade de Pucallpa
“Lágrimas de“ cocodrilo”	“Lágrimas de crocodilo”

APÊNDICE A - Perfis das informantes

Mulheres adultas:

Sonia (38): Do conjunto das mulheres adultas entrevistadas, Sonia é a única que possui nível superior, cujo curso estava para ser concluído no período da entrevista. A depoente mantém-se casada com o mesmo cônjuge há 21 anos. Com ele teve quatro filhos, os quais se encontram na faixa etária entre 14 e 21 anos. Sonia reside com o esposo e os filhos.

A sua trajetória de trabalho se iniciou aos 10 anos de idade, quando a depoente trabalhava como ajudante da mãe, que comercializava comida informalmente. Posteriormente, Sonia deu continuidade ao negócio, mas de forma independente da progenitora. Entretanto, pelo fato de causar desgosto no marido, a informante abandonou a atividade com alimentos, passando a se dedicar aos serviços oferecidos por um salão de beleza, onde está vinculada até o momento presente.

Sonia descreve o seu casamento como insatisfatório e relata que deseja se separar do esposo. Os principais motivos da sua insatisfação são: o perfil bastante violento do marido, os maus-tratos que tanto ela quanto os filhos sofrem e a constante oposição do homem às suas metas educacionais.

Os recursos financeiros da família vêm da contribuição de Sonia, do seu parceiro (que trabalha em empresas de extração de madeira) e, em menor proporção, de um dos filhos.

Bertha (43): Concluiu o primeiro grau, e iniciou a sua trajetória de trabalho aos 13 anos. Desde então, tem se dedicado a diversas atividades: empregada doméstica; cozinheira em um acampamento de extração de madeira; fabricação de carvão; costureira, etc.

A entrevistada morou com três parceiros e possui oito filhos das duas últimas uniões, que encontram-se na faixa etária entre 3 e 26 anos. Atualmente, Bertha reside com seus quatro filhos mais novos, que têm entre 3 e 18 anos de idade.

Seu atual marido não fica permanentemente em casa, a partir do que o casal pode ser denominado como o que tem sido descrito como “união visitante”, esquema com o qual ela se sente insatisfeita.

Os proventos da família são produto do trabalho de Bertha na costura, do filho mais velho que mora com ela e que trabalha na extração de madeira e, eventualmente, da contribuição do parceiro atual, que trabalha na comercialização de madeira.

Nancy (45): A informante possui o segundo grau completo e começou a sua vida profissional aos 17 anos, tendo se dedicado, desde então, a diversas atividades: vendedora em loja, em farmácia, e em agência de viagens, etc. Desde a sua primeira união com um homem, Nancy abandonou os trabalhos remunerados e se tornou dona de casa.

A depoente teve dois parceiros com os quais residiu. Atualmente, encontra-se sem companheiro e mora com os seus seis filhos, que estão na faixa etária entre 7 e 20 anos.

Os rendimentos da unidade familiar advêm dos filhos mais velhos, que trabalham na exploração de madeira. Além disso, é recebida ajuda por parte das duas filhas que não moram mais com Nancy.

Ursula (45): A escolaridade de Ursula é o ensino médio incompleto. Sua trajetória profissional tem sido bastante diversificada. Ela já trabalhou como: atendente de um bar e restaurante; empregada doméstica, fotógrafa, tanto de rua como de eventos. Atualmente, a informante possui uma micro-empresa cuja principal atividade é a elaboração de alimentos, bem como dedica-se à fabricação de sucos.

Ao longo de sua vida, Ursula teve dois parceiros com os quais morou, a partir do que teve quatro filhos, sendo que uma faleceu. A faixa etária dos descendentes varia entre 14 e 23 anos. No momento presente, a depoente diz sentir-se insatisfeita com o esposo e pensa em se separar dele. A sua principal queixa refere-se às modestas contribuições do sujeito para o sustento da família. Ursula mora com o parceiro e os filhos, e a renda dirigida ao lar é quase toda gerada por ela, já que os jovens ainda dedicam-se aos estudos. Quanto ao parceiro, ele trabalha como fotógrafo de rua e possui uma gráfica, mas os dois ramos da sua vida profissional encontram-se num momento bastante desfavorável.

Beatriz (46): Completou o segundo grau e possui uma trajetória de trabalho bastante diversificada. Iniciou sua vida profissional como empregada doméstica, depois foi vendedora em lojas, atendente em bar, e teve uma venda de frutas em

sua residência. Atualmente é dona de casa e aluga dois *mototáxis* que são de sua propriedade.

A informante possui três filhos na faixa de 14 a 22 anos. Residem com ela os três jovens, a parceira do filho mais velho e o parceiro atual, que corresponde ao seu terceiro relacionamento afetivo-sexual com moradia comum.

Os recursos que provêm o lar advêm tanto dela quanto do parceiro, que é professor em uma escola. O filho mais velho e a esposa se sustentam independentemente do restante da família.

Noemí (36): Concluiu o segundo grau e realizou estudos de nível técnico durante 1 ano. Atualmente, ela trabalha como vendedora ambulante e na atividade de faxineira.

Até os dias de hoje teve um único marido, com quem reside junto dos seus três filhos, com idades entre 3 e 14 anos. Noemi expõe que tem problemas com o marido, pelo fato dele não trabalhar de maneira estável, o que a levou a abandonar suas atividades de trabalho, a fim de forçá-lo a se responsabilizar pelo sustento da unidade doméstica. A informante descreve a ocupação do marido como “*todista*” e “*mil ofícios*”, já que realiza trabalhos esporádicos e diversificados, como encanador, eletricitista, carpinteiro, etc.

Tatiana (37): Estudou até o quinto ano do ensino fundamental, e tem sido dona de casa. Em época de temporada, costuma vender um tipo de peixe chamado *carachama*. O lar é mantido pelo parceiro que trabalha como carpinteiro e dedica-se à construção de botes, principalmente. A entrevistada mora com o companheiro e com quatro dos seus cinco filhos, uma vez que o mais velho já se ausentou do lar. Seus filhos encontram-se na faixa etária entre 5 e 20 anos, que são do seu atual e único esposo. Mora com a família, também, a mãe de Tatiana, que é proprietária da casa.

Fátima (40): cursou até o terceiro ano do segundo grau e há vários anos trabalha como assistente numa empresa de exploração de petróleo. Atualmente, não está casada, mas está iniciando um namoro. Já passou por dois relacionamentos afetivo-sexuais com moradia comum, a partir dos quais teve três filhos com idades entre 9 e 20 anos.

No momento presente, Fátima mora com os três filhos na casa de um dos irmãos. Não recebe ajuda econômica dos ex-maridos, cabendo a ela a responsabilidade com o sustento do lar e dos dois filhos mais novos. A filha mais velha possui um parceiro que cobre a maior parte das suas despesas.

Telma (42): cursou até o primeiro ano do segundo grau e a sua trajetória de trabalho tem sido como empregada doméstica. Ela interrompe suas atividades de trabalho sempre que atinge um relacionamento estável, indo morar com o parceiro. Ao longo de sua vida passou por três uniões com residência comum. Atualmente mora com o companheiro e os três filhos que têm idades entre 4 e 15 anos. O parceiro atual é quem arca com as despesas do lar. Ele trabalha na fabricação de móveis de madeira. No momento da entrevista estavam todos morando na casa da sogra de Telma, pelo fato de a cheia da maré ter inundado sua casa.

Giovanna (44): cursou até o primeiro ano do segundo grau. Desde pequena, até o momento presente, tem trabalhado na venda de comida na porta da sua casa. Teve dois parceiros com quem morou. Atualmente, reside com um desses parceiros e com as duas filhas mais novas, que têm 6 e 11 anos. Além delas, tem um filho mais velho, com 23 anos de idade, que não mora com eles. Os recursos mantenedores da família provêm do comércio de comida desenvolvido pela informante e do salário do companheiro que trabalha como agente de segurança.

Mulheres jovens:

Nadia (24): Possui o segundo grau completo. Trabalha desde os dez anos em atividades diversas: na venda ambulante; como empregada doméstica; como garçonete, e atualmente tem uma mercearia em casa. Possui dois filhos, com 3 e 5 anos, que são frutos de dois relacionamentos anteriores. No momento presente está solteira, iniciando um namoro. Nadia reside na casa dos pais, com eles, os irmãos e os filhos. Os recursos financeiros que mantêm o lar são provenientes do irmão mais velho, que é técnico de celulares, do pai, que trabalha como estivador e dela própria.

Wendy (25): Possui o segundo grau completo. Posteriormente, iniciou estudos de secretariado, mas os interrompeu por falta de dinheiro. Atualmente trabalha como

babá e, além disso, tem uma venda de frutas em casa. Possui um filho com 4 anos de idade, com quem mora na casa da mãe. Lá reside também um sobrinho, que é filho de sua irmã. A renda do lar provém, na sua maior parte, do aporte de Wendy. Não recebe ajuda financeira do pai do seu filho, de quem se separou pelo fato de sofrer violência doméstica. Ele foi o único parceiro com quem morou.

Daniela (23): Possui o segundo grau completo. Posteriormente, iniciou os estudos de nível técnico em computação e informática, mas não deu continuidade por impossibilidades financeiras. Daniela tem um problema na perna que prejudica a sua locomoção, que é seqüela de uma poliomielite que teve quando criança. A informante não trabalha fora de casa e se dedica aos cuidados dispensados a sua única filha, de 1 ano e seis meses. Atualmente mora na casa de uma tia paterna, com a própria e a filha. Mantém um relacionamento tipo “visitante” com o pai da filha, uma vez que ele possui outra família. Daniela está insatisfeita com a situação vivida com o parceiro, devido ao pouco tempo dedicado a ela e à filha e, também, pela escassa e irregular ajuda financeira dele recebida. O lar onde vive é fundamentalmente mantido pelo salário da tia, que trabalha em duas funções: como atendente em uma loja de peças para automóveis e como manipuladora de remédios à base de ervas, que são comercializados.

Carla (22): Possui o segundo grau completo. Não tem trajetória de trabalho remunerado, sendo, atualmente, dona de casa. Carla tem dois filhos com 2 e 4 anos, e vive com o pai dos seus filhos, sendo ele o único homem com quem morou. Reside na casa da avó com a própria, o seu esposo, um tio, o companheiro e os filhos. O esposo trabalha como motorista de *mototaxi*. Os recursos destinados ao pagamento das despesas de Carla e dos filhos advêm, em sua totalidade, do montante recebido pelo parceiro.

Liliana (24): Cursou Educação na faculdade. Possui título de professora, mas trabalha como assistente administrativa numa ONG. É importante ressaltar que, embora Liliana tenha origem numa família de baixa renda, ela atravessa um momento de ascensão social, devido ao nível de escolaridade atingido recentemente, a partir do que vem surgindo oportunidades laborais para a entrevistada. O financiamento dos seus estudos foi possibilitado pelo seu trabalho

no comércio sexual, esta atividade tem sido a mais permanentemente desenvolvida ao longo da trajetória de trabalho de Liliana.

A informante mora com o parceiro há 7 anos, na casa dos pais dele. Este foi o único homem com quem morou. O casal possui uma filha de 7 anos. As despesas com a unidade familiar, limitada à Liliana, o companheiro e a filha, são salgadas, na maior parte, com os recursos do parceiro, que trabalha como *mototaxista* e, também, do salário dela.

Talia (20): Possui o segundo grau completo. Posteriormente, estudou *Costura*, em nível técnico, durante dois meses num CEO (*Centro de Estudios Ocupacionales*), mas precisou interromper o curso por falta de dinheiro. Atualmente ela não trabalha, mas esteve prestando serviços como babá e como atendente numa mercearia. Não tem filhos e as suas relações amorosas limitaram-se a namoros. Mora com a família materna: avó, seu marido; os tios e as suas respectivas famílias; a mãe e o seu parceiro. A unidade familiar é totalmente mantida pela renda da mãe, que vende legumes no mercado. Talia assinala que o parceiro de sua mãe, anteriormente, contribuía com as despesas da casa, mas, no momento, encontra-se impossibilitado de fazê-lo, devido à doença de um de seus filhos provenientes de relacionamento anterior, a quem são destinados todos os seus recursos financeiros.

Damaris (20): Possui o segundo grau completo e depois iniciou os estudos em secretariado, que foram interrompidos por falta de dinheiro. Atualmente não trabalha, mas teve uma breve experiência como empregada doméstica, que é a sua única experiência de trabalho. Mora com a família materna: avós, tios, a mãe e os irmãos. A mãe de Damaris é uma das mulheres entrevistadas anteriormente, de nome Fátima (os recursos financeiros mantenedores do lar devem ser verificado no seu perfil).

Damaris passa grande parte do tempo na casa do namorado, que provê algumas de suas necessidades.

Gilda (24): Estudou até o segundo ano do segundo grau, e trabalha desde pequena ajudando a mãe na venda de comida na rua, depois preparando sucos num restaurante e, atualmente, tem uma pequena mercearia em casa. Possui três filhos com idades entre 10 meses e 9 anos. Além do companheiro atual, teve outro

parceiro com quem viveu. Esses dois homens são pais de cada um dos seus filhos. Gilda mora na casa dos pais com o parceiro e os filhos, e também com os irmãos. As despesas correspondentes à unidade familiar de Gilda são providas pelo parceiro, que trabalha num restaurante como *pizzaiolo* e, em menor medida, pelo lucro obtido com o comércio desenvolvido em casa.

Tania (21): Possui o segundo grau completo. Trabalha com venda desde os nove anos. Inicialmente, ajudava a mãe no mercado e, posteriormente, na própria casa. Atualmente possui uma pequena venda de frutas e balas. Tem uma filha de 2 anos de idade, e não tem parceiro no momento atual. Viveu maritalmente uma única vez, com o pai de sua filha. No presente, Tânia mora com a sua família de origem – mãe, pai e irmãos – e a filha. A principal renda do lar resulta do aporte do pai, que trabalha como pescador. Em menor medida, os recursos financeiros advindos do comércio desenvolvido por Tânia e dos serviços prestados por um dos irmãos, como assistente de comércio de aves, ajudam nas despesas da família.

Olinda (21): Possui o segundo grau completo. Nunca realizou trabalhos com remuneração e, atualmente, é dona de casa. Não tem parceiro e tem um filho de um ano de idade. A informante nunca viveu maritalmente com um homem. No momento atual, Olinda mora com a mãe, com três irmãs, que encontram-se na faixa etária entre 11 e 18 anos, com uma tia materna e seus cinco filhos, que têm entre 1 e 14 anos. Os recursos financeiros mantenedores do lar advêm da mãe, que trabalha como vendedora de suco, da tia e de um tio materno que, eventualmente, lhes dá alguma contribuição.

APÊNDICE B - Representações hipersexualizadas de mulheres amazônicas

GOBIERNO REGIONAL DE JUNÍN, MINISTERIO DE AGRICULTURA. *Propaganda para feira de produtos agrícolas*. 2008.
Poster, color.

Warmi-boa - Mujer boa (mulher serpente): Fotografias de performance de dança de mulher com serpente realizada na inauguração da exposição da obra de artistas plásticos amazônicos: "Poder Verde", na cidade de Lima, no *Centro Cultural de España*, em março de 2009. Este tipo de performance é comumente realizada, na cidade de Iquitos, em contextos turísticos.



MOTTA, Angélica. *Warmi-boa*. 2009.
3 fotografias, color.



Fotografías de populares mulheres do mundo do espectáculo no Perú (izquierda: Paola Ruiz, derecha: Claudia Portocarrero) que sendo de origem na região amazónica usam este elemento para a afirmação da sua sensualidade



La charapa caliente. 2007.
2 fotografías, color.
Disponível em:
<http://ferd2104.blogspot.com/2007/04/la-charapa-caliente.html>. Acesso em: 07 jun. 2010.



La charapita. 2007
1 fotografia, color. Disponível em:
<http://ferd2104.blogspot.com/search/label/claudia%20portocarrero>. Acesso em: 07 jun. 2010.

As imagens hipersexualizadas de mulheres amazônicas em fusão com a natureza são tema privilegiado na obra de pintores amazônicos contemporâneos. Aqui alguns exemplos representativos:



SAKIRAY, Luis. [sem título] 2008.
Oleo sobre lienzo



BENDAYAN, Christian. *Gracias*. 2007.
Oleo sobre lienzo

APÊNDICE C - Aguaje



MOTTA, Angélica. *Vendedoras de aguaje em rua da cidade de Iquitos*. 2009.
1 fotografia, color.